LUIZ MURAT

(DA ACADEMIA DE LETRAS)

POESIAS ESCOLHIDAS

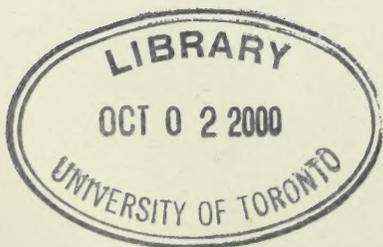
RIO DE JANEIRO
Jacintho Ribeiro dos Santos
EDITOR
82 — RUA S. JOSÉ — 82
1917

POESIAS ESCOLHIDAS

LUIZ MURAT
(DA ACADEMIA DE LETRAS)

POESIAS ESCOLHIDAS

RIO DE JANEIRO
Jacintho Ribeiro dos Santos
EDITOR
82 — RUA S. JOSÉ — 82

1917

PREFACIO

Era mister ser amavel com alguns moços que me escreveram de diversos pontos do paiz pedindo-me a reedição das minhas obras poeticas. Entre elles devo mencionar, com especial agrado, Jackson de Figueiredo, que me dizia, em uma attenciosa carta, remettendo-me os seus trabalhos: com profundo desgosto sou forçado a lhe não citar o nome entre os maiores poetas do Brasil, por não ter conseguido nunca um só dos seus volumes. Conheço-o muito através a critica, mas não através a sua poesia. E, rogava-me, então, o já notavel escriptor, tirasse uma nova edição das *Ondas*.

Esse rogo, tão expontaneo, quanto gentil, partido de um homem a quem não tinha o prazer de conhecer, pessoalmente, ainda, mas cuja attitude, em face dos problemas mais abstractos de critica, de philosophia e de religião, eu sinceramente admirava, devia por força, calar no meu espirito, obrigando-me a cogitar no assumpto.

Foi, por isso, que resolvi dar á publicidade este volume, composto de poesias do primeiro, do segundo, do terceiro volumes das *Ondas*, de quatro trechos do poema *Sarah* e de mais duas poesias ineditas.

Antes, porém, de outras considerações, vejamos se é, de facto, um livro inedito o que se vai ler.

E', e não é.

A mór parte das poesias colleccionadas, agora, são conhecidas da minha geração e faz parte dos quatro volumes de versos, já exgottados.

Mas, como foram cuidadosamente corrigidas; como muitas dellas houvessem sido submettidas e um demorado trabalho de esmeril, julgo-as quasi ineditas.

Era preciso que assim fosse.

Depois, tendo sido subtrahidos os meus originaes da mesa de Alcides Maya, que m'os pedira, para emittir um juizo critico sobre mim, e não sabendo todas as poesias de cór, fui forçado a reconstruil-as como pude, isto é, fazendo cousa nova, em grande parte.

No volume que se vai ler, composições ha escriptas aos desenove annos.

II

Não havendo muito que retocar, comtudo, algo havia a que era mister imprimir um relevo mais notavel, emprestando ao artefacto traços mais incisivos, mais fortes, e, por isso mesmo, mais simples.

A imaginação, na juventude, prejudica, ás vezes, a expressão. Nem sempre esta é escorreita e adequada. Ora, a estrophe deve ser a manifestação de um pensamento, á cuja luz refuljam todos os refolhos e recortes da roupagem.

A plenitude do ideal suppõe um campo vastissimo de opeia-ções etymologicas. A vida que reside na idéa quer expandir se até á palavra, de modo que uma seja rigorosamente o campo de perspectiva da outra. Aos desenove e vinte annos não se podem obter esses resultados deslumbrantes. A forma vem com o tempo. Ora, aos cincoenta, querendo, de novo, publicar impressões que se foram, era necessario escolher a palavra, modificar mesmo o rythmo e attenuar os effeitos de um lamentavel e perigoso scepticismo.

Sem prejudicar o contexto, inspirado n'aquelles verdores, em que tudo era exhuberancia e louçania, figurou-se-me imprescindivel retocar a fórma em alguns lances mais descurados.

Oh! a plastica! Em que consiste ella? Como entendel-a e conduzil-a na obra d'arte?

As imagens surtem de planos invisiveis aos olhos materiaes. Surtem e consolidam-se no vocabulario. E este que é como representativo da fórma ideal? Um plano inferior, tão sómente. E' mister, porém, tornal-o apto a revelar o conteúdo, ou a essencia.

D'est'arte, o orgão que vai servir á natureza immaterial da idéa, deve comportar um plano a que ella se adapte, sem grandes perdas da sua energia essencial. D'ahi, a necessidade do conhecimento da lingua para que se possa achar o molde áquella projecção.

Feita a descoberta, tudo o mais irá bem.

Portanto, a arte não se depara só na força da imaginação ou no colorido com que esta reveste as nuanças indecisas, mas no modo como descobre o elemento que deve attrahir a substancia que lhe vai dar vida.

Se o substantivo é a alma do estylo, a fórma é o adjectivo, a que aquelle se apoia, para o fim de desenvolver todas as energias avigoradas pelo contacto ou reforçadas pela acção do elemento material que se intensificara no acto da conjuncção.

Da acção e da reacção do centro jorra um outro elemento que vai constituir o espirito de cooperação assignalado pela interferencia de um terceiro, destinado a prestar ao caso o valioso auxilio da sua admiração.

Esse elemento, porém, só se obtem pela formação de um ambiente especial, no qual encontre as condições necessarias á combinação definitiva.

Temos, pois, a idéa, a palavra, o auditor. A essas tres fórmas da actividade intellectual deve o poeta attender. Attender e submetter-se, sem descontinuar, sejam quaes forem as circumstancias que o rodearem, as vicissitudes que procurem absorver a sua personalidade.

Na juventude, não é possivel observar uma disciplina que conduza áquella solução. Falta-nos o bom senso, falta-nos o gosto

mesmo da expressão lapidar, o criterio para a escolha das tintas, necessarias á perfeita visão do quadro, o qual, estando na nossa imaginação, admiravelmente feito, precisa, entretanto, de reflectir-se no elemento graphico e palpitar nelle, como na esphera em que as fórmas do pensamento só têm colorido e attitudes para os olhos do espirito.

Assim parava diante dessa minha phase literaria, como Lamartine diante da poesia de Byron. Sentia-a mui viva, é certo, nos seus arroubos e conceitos, mas pouco expressiva, ou cuidada, aqui e ali; defeito este de que se resentem, mais ou menos, todos os poetas da minha geração, aliás, no meu juizo, os maiores do Brasil.

O bom senso que crescera em mim, não lhe podia perdoar certos louvores e hediosyncrasias. Por uma rigorosa selecção da leitura não se me corrompera.

Não recuei, pois, diante da idéa de retocar algumas poesias, de as tornar capazes de satisfazerem as minhas exigencias literarias, de hoje.

Como Lamartine, via, através desse requinte da fórma, e desse amor á substancia, de que são formados os modelos visiveis, uma poesia que eu comprehendo ser a da verdade, da razão, da adoração e da coragem e que o leitor hade encontrar, estou certo, no *Novo Templo.*

A da razão, porque sem se perturbar com as contradicções que Pascal parecia encontrar na fé, redul-a a um instrumento desta, não fazendo distincção entre ella e o calculo, entre ella e o raciocinio, entre ella e a sciencia.

A fé, como a entendo hoje, é a demonstração, é a reivindicação de um systema logico de acquisições, proprias a informar os estudiosos e a aplainar as irregularidades ou accidentes do caminho a percorrer pela consciencia humana. O ponto de vista exegetico da doutrina que Pascal tentára introduzir, ao demonstrar a superioridade da fé sobre a razão, modifico-o á luz de uma nova interpretação da Biblia, fixando, dest'arte, os dados de um novo systhema, sem contradicções e percalços.

Cette cloaque d'incertitude et d'erreur, como á duvida chamava aquelle grande espirito, posta, entretanto, á luz da verdadeira interpretação dogmatica do methodo swedenborgeano desapparece, deixando a certeza em seu logar. Os pontos principaes, em torno dos quaes se accumulavam os protestos, as duvidas, e as invectivas aclaram-se e deixam o argumento penetrar, sem offensa á philosophia e ao bom senso.

Fui como toda a gente um escravo da duvida. D'ahi, certas poesias que se vão ler neste livro . Naturalmente, o pensamento que lhes deu vida não serve hoje ás conclusões philosophicas do autor, tão pouco á sua consciencia, profundamente religiosa.

Mas que phenomeno extranho fôra esse que assim transformara uma tão solida convicção, amassada no que o negativismo possue de mais intransigente, de mais irreductivel, de mais impenetravel?

Preso ás falsas noções religiosas e scientificas; imbuido da primasia destas sobre aquellas; mal esclarecido no tocante aos textos biblicos, que o genio inexcedivel de Moysés creara para tornar mais grandiosos os cyclos em que se accentuam as crises a que esteve sujeito sempre o principio religioso, não podia fugir á lei geral da submissão da cosciencia á duvida e á negação.

Pascal previra o triumpho da fé christan; comprehendera bem que era pelo conhecimento da quéda que o homem procuraria o remedio na redempção. Mas, com franqueza, não esclarecera o ponto em que precisamente devemos assentar a nossa moral para o fim de reivindicarmos a prerogativa que perdemos.

Fallei-lhes de uma poesia da verdade, da razão, da adoração e da coragem.

Que vae ser o *Novo Templo*? O espirito esclarecido do Genesis; a lucta travada entre o bem e o mal, mas consoante uma collisão de elementos religiosos, insuflados na alma humana por um erro que se tem transmittido de pais a filhos. A concepção desse livro assenta: 1°, na humanidade gloriosa e perfeita do Eden; a raça adamica; 2°, acceitando o primeiro schisma, como uma consequencia do primeiro desvio da consciencia religiosa, esclarece o episodio de Caim e Abel.

Não cessa o trabalho de reconstrucção da Verdade pelo Bello. A poesia encontrou ahi novos horizontes; e, de mãos dadas com a sciencia, demonstra que a fé é a sabedoria, a qual, unida á graça e á belleza, que são o amor, prepara o advento do verdadeiro christianismo que os padres, ha tantos seculos, vêm deturpando e vilipendiando.

A poesia, da coragem, é, pois essa que, congraçando o verdadeiro a todos os episodios, traçados com mão de mestre por Moysés, estabelece uma profunda relação entre elles e os factos historicos e religiosos, occorridos na successão das edades.

Nenhuma seita tem sido mais nociva á humanidade que o catholicismo, embora sobre elle chovam as bençãos do positivismo.

Não póde nunca merecer a apologia dos homens sinceros, justos e sabios, quem, como o catholicismo, se occupou em defender tão mal a verdade e correr com explicações falsas para justificar um erro que elle proprio havia engendrado, cego pela ambição, desvairado pelo fanatismo, surdo aos reclamos da sciencia.

Se houvessem interpretado convenientemente os ensinos do Christo não teriam os homens chegado ao ponto a que chegaram: as leis mais santas foram violadas; os templos da virtude arrasados; a palavra da justiça deshonrada; os principios scientificos abolidos; heresias collocadas no logar da fé, cuja base não podia ser outra senão a que nos é fornecida pela razão.

Essa poesia pois, que Lamartine chamou da coragem, nelle inabalavel, pela justiça que encerrava, pelo influxo que recebia de uma força superior que não póde deixar de agir, uma vez que a nossa esphera moral se approxime da sua, essa é a do *Novo Templo*. E, sendo a da coragem, é a da verdade, da razão e da adoração.

Da adoração, porque os nossos sentidos se retraem para dar aso á que uma nova concepção do destino venha desobstruir o campo das relatividades tacanhas. Da adoração, ainda, porque, firme no principio superior do bem, revoca a Edade de ouro da fé, em que a Egreja, revendo um mundo, hoje inaccessivel, em geral, ás nossas forças intellectuaes, prescindia das leis dos homens para se inspirar nos preceitos da moral divina.

Essa foi a Egreja adamica, a Egreja de onde se originára o primeiro schisma, e de onde o grande Moysés, extrahira o admiravel episodio de Caim e Abel.

Exaltar o homem como Epicteto ou rebaixal-o como Montaigne, não cabe á musa do *Novo Templo*, ao qual ha de dar o melhor do seu esforço, da sua experiencia, do seu amor.

Adoração da verdade é a maior prova que podemos dar a Deus da nossa reverencia.

O commodismo de Montaigne, fazendo da duvida um reclinatorio de privilegios não assenta no conceito do *Novo Templo*, nem exalta um estro inspirado nas arrojadas investigações de Swedenborg.

Apalpar, por assim dizer, esse lado da esphera, na qual se desnudam as forças que têm de elaborar o pensamento nas camadas inferiores da vida, é um dos pontos visados por aquella tentativa poetica.

Quer-se a noção alevantada da lei, agindo de uma maneira conforme em todos os planos da Creação; e pelo amor de Deus não me venham dizer que ella começa e termina na estreita zona de um planeta, que é, sem duvida, um dos mais insignificantes que existem.

Não; a plenitude da existencia abrange successivas regiões, e ninguem sabe, nem póde saber onde ella começa e onde acaba.

Sabe-se, sim, que a evolução tem a sua origem em um ponto qualquer, destinado a ser o eixo invisivel de todos os actos cosmologicos, quer se resolvam em espheras de grande transcendncia, quer se fixem em centros secundarios de reacções.

Que é, porém, real a sua existencia, não ha duvida alguma.

O prestigio dessa noção emana da propria redistribuição das espheras.

A fórma evolutiva é espiroide. E é em virtude dessa correlação de elementos, a agirem por esse modo que a idéa da divindade parece adquirir mais força. De facto, a conclusão a tirar-se do conceito acima é que as emanações, nascendo do fluxo luminoso precisam assentar sobre proporções mais vigorosas, e estas só a espiroide possue. Ao demais, — levemos mais longe a generalização — que é a espiral se não a vorticalidade menos precipitada, a vorticalidade que constitue o caracter, ou a condição insita do poder absoluto?

No vortice acham-se as energias em constante ebulição; é a cratera de onde se precipitam os vapores: — vapores-pensamentos, vapores-emoções — vapores, em uma palavra — vida, e vida como vontade e como idéa.

Eis, pois, em rapido escorço, a Palavra, tal como a comprehendera Moysés, tal como a interpretara Jesus.

Nada mais lamentavel do que assistir a esse espectaculo de incertezas e de erros a que chamais o espirito de Montaigne.

O scepticismo é a sua diversão, o disco que lhe apraz arrojar a distancias immensas com uma força verdadeiramente extraordinaria.

Mas que adiantam essas acrobacias que levam o delirio aos espectadores?

Outras deveriam ter sido as razões por elle apresentadas da duvida do homem. O estudo que faz da sua natureza, approximando-o dos animaes, mostra que elles não lhe são inferiores, mas eguaes: o exame das suas faculdades tão ambiciosas, entretanto, tão limitadas; a historia das sociedades e das religiões em toda a parte cheia de contradicções e de loucuras; a opposição por elle levantada, da philosophia contra si mesma; o desmentido da sciencia,

e levando ao extremo o orgulho humano, a collocação dos contradictores da religião na impotencia de melhor provar suas objecções que seus apologistas seus argumentos, é uma obra de destruição universal.

Vê-se que lhe faltara a orientação precisa para reconstruir esse monumento, cujas ruinas ahi estão, e que necessitamos reerguer, para que o principio fundamental do bem e do verdadeiro assuma a mesma importancia e o mesmo prestigio que em outras épocas. Não foi essa a obra de Montaigne. Seu scepticismo não teria existido se elle estivesse convenientemente esclarecido em relação á queda e ás suas consequencias.

Mas até então as cousas estavam tão embrulhadas que não era possivel exigir mais do que elle fez.

A sua obra, até certo ponto, demolindo, reconstruia, como acontece, em geral, a todos aquelles que se rebelaram contra os sophismas, as incongruencias, os disparates da Egreja de Roma.

A duvida não é um tormento para Montaigne, mas um praser. E' o bom travesseiro sobre que se adormece ou se sonha despertado, sem cuidados do presente, nem inquietações do futuro. Pende assim para uma como que philosophia epicurista. Nada o assombra e é por isso que se embala nessa ataraxia, a que os gregos alludiam.

E' interessante a luta de Pascal em face desse demolidor amavel.

Montaigne começava apenas a sua popularidade quando o espiritualismo christão, reconquistando com a philosophia cartesiana a autoridade dogmatica, tomou-se de uma altiva indignação contra o scepticismo personificado no autor dos *Ensaios*. Descartes crê tel-o destruido. Pascal, que o sente renascer em si, máo grado seu, exorcisa-o como ao seu máo genio; quer maldizel-o e invoca-o. Sorprehende-se pensando o pensamento de Montaigne. Todo o Port-Royal o anathematisa. E' um inimigo contra o qual é preciso constantemente voltar á carga. Não supportam essa ostentação do *eu*, contraria á piedade christan. Irritam-se com a libertinagem de espirito de um homem que depois de ter exposto seus vicios e suas desordens, declara não se arrepender de nada, estando prompto a tornar a viver como viveu e *a mergulhar, cabeça baixa, estupidamente na morte* e outros tantos descrimes a assignalar a extincção completa do sentimento religioso.

A alma, a serenidade desse espirito, não é o que convem á humanidade, interessada em descobrir as phases em que melhor se fez sentir a acção de uma religião incomprehendida e muito menos praticada. O povo necessita vêr a imagem da redempção exposta na fragancia das suas attitudes sublimes, emergindo desse magestoso martyrio em que todas a dores estão condensadas. A força viva da paixão, cumulando no inverosimil, extrae dos orgãos mais rudimentares da sensibilidade gritos de admiração e protestos de solidariedade. A puresa de uma vida, sem exemplo, illumina-se, de modo a irradiar até os mais intimos recessos da nossa natureza moral.

Foi a vehemencia apologetica desse sacrificio que creou em torno da figura serena de Montaigne uma athmosphera de rancor e de protestos.

Os synopticos, embora obscuros e alheios á verdade, tal como deve desprender-se da acção incontrastavel do mais puro e melhor dos homens, não bastavam á propaganda, nem serviam ao espirito critico de certas épocas, caracterisadas singularmente pelo veso de

uma irredutibilidade a exceder-se muitas vezes no modo como atacava o que, convenientemente escoimado, podia perfeitamente contrabalançar os desvios da nossa natureza moral, sempre combalida, sempre disposta a acolher com sympathia homens como o autor dos *Ensaios*.

Atravéz dessa ironia serena e desse *laissez faire* contradictorio e radiante, andou, tambem, o meu espirito, e não foi difficil sahir delle para lançar-se no materialismo mais grosseiro.

Faltava-me a consciencia de uma doutrina que sobrelevasse a todos esses elementos de critica e que, reunindo a fé á razão, mostrasse que o que se quer em religião é a verdade, e que aquella, ao envez de contrariar o nosso surto, era até um auxiliar prestimoso e indispensavel, uma força de expansão relativa, cujo dominio augmentava á medida que se desenvolviam as faculdades superiores.

Dahi, as vacillações, as apostrophes, o scepticismo, senão a mais ferrenha e abstrusa negação, toda a vez que o coração se sentia violado no seu desejo, angustiado por um desses incidentes tão communs na vida.

A mór parte das poesias, contidas neste volume, ressuma um profundo descrer, uma innenarravel inquietação, uma vehemencia esteril, que hoje, realmente, me contrista, se cotejo as razões da negação de hontem com as da affirmativa de hoje.

Passaram-se os annos... Os trabalhos, as vicissitudes, os soffrimentos não me envelheceram. Posso dizer á geração que vem substituir á minha: "remocei". A alma abriu-se a um novo influxo; carreou luz para os seus angulos obscuros; rasgou horizontes ás suas aspirações; medio sem assombro os espaços que nos acabrunham com a sua immensidão. Tudo reviveu e fulgurou ao mesmo instante que uma indisivel harmonia penetrava os caminhos desertos do incognoscivel para tornal-o mais accessivel ao meu anceio, mais adequado ao meu ideal.

Felizes os que não envelhecem e sentem transudar-lhes dos labios, não a ironia sceptica de Montaigne mas a convicção inabalavel de um crente.

A esse fervor licito é addicionar um elemento novo — a philosophia irrefutavel daquelle a quem meu espirito deve a sua transfiguração, o seu rejuvenescimento — Emmanuel Swedenborg.

Recapitulando paginas esquecidas, quasi, de uma mocidade irriquieta e turbulenta, como poderia, agora, que o meu estro se animara aos raios de uma nova fé esquecer o mestre a cujos conselhos se me vão delindo as manchas que um derisorio conceito philosophico assentara como uma chaga no meu organismo espiritual?

Sim; derisorios foram todos esses annos escoados ao peso de enormes difficuldades; foram todos esses caprichos que me resequiram os labios e me esterilisaram o coração, foram essas visões que, por serem primaveris, nem por isso deixavam de trazer já os sulcos das vigilias e das preoccupações mortaes.

Tudo passou, felizmente, e um novo sopro de vida agita estas paysagens que pareciam sepulchraes: esta natureza que parecia insensivel á minha evocação, esses horizontes que pareciam fechados aos meus pensamentos.

Bem haja a arvore que produziu taes fructos; o refuste que engendrara taes primicias; o elemento superveniente no qual se enraisaram taes emoções.

Lendo-se os seus trabalhos sobre methematicas, sobre o reino mineral e animal, sobre o crystal (Swedenborg foi o fundador da crystalographia) sobre o cerebro e, mais tarde, sobre a Fé e a Caridade, verdadeiros ensaios de Sociologia e de moral, tem-se a impressão de que estamos diante do maior pensador que já veio á terra.

A harmonia das suas faculdades destaca-se admiravelmente em meio á desordem mental da sua época e de outras que a succederam, e visa, principalmente, pontos doutrinarios, ainda desconhecidos, os quaes, trazidos pelo illuminado ao exame dos competentes, não só deram grande impulso ás sciencias, como reflectiram essa sabedoria que os seculos inhumaram e que Swedenborg interpretou, arrancando-a do esquecimento para a tornar o elucidario, o guia, a força reconstructora dessas épocas milenarias que o genio de Moysés maravilhosamente esboçára.

De facto, quanto não lucrariam os nossos physiologistas, os nossos philosophos, os nossos medicos, se lessem as suas obras, as quaes, evidentemente, descortinam novos horizontes á Biologia, á Moral, á Sociologia.

Transfigurado, dest'arte, o campo das minhas preoccupações systematicas e refeito o impulso que descontinuára no plano dos meus ensaios poeticos, sentia-me mais forte para sorprehender o mysterio nas suas jazidas luminosas e a vida nas suas espheras mais altas.

Não abdiquei a razão como parecia querer Pascal, mas, ao contrario, fiz, com Swedenborg, da Fé o baluarte da minha consciencia e assentei nella a segurança do meu destino.

Com ella veio a certeza, não pela revelação, mas pela comprehensão do grande livro que todos lêm, mas poucos comprehendem — a Biblia.

Swedenborg deduziu o criterio philosophico da Fé demonstrada e adduziu do postulado aprioristico de um mundo, succedaneo deste, o imperativo cathegorico ao qual as existencias terrestres estão subordinadas.

Destruindo todas as objecções que, por assim dizer, me pulverisavam a intelligencia, levantou um novo templo á minha fé e descerrou uma nova idade aos meus olhos attonitos.

Que espectaculo magnifico não é esse que decorre de uma convicção, segura de que a vida não soffre solução de continuidade e que o progresso humano é uma adaptação continua do pensamento a novas camadas heterogeneas, a novos obstaculos sempre vadiaveis, a novos elementos cada vez mais apropriados á nossa compleição e á nossa conducta.

O instante material evolve para uma phase menos rude, e esta para outras formas menos accessiveis ainda, á penetração do fluido crasso que servira um momento ás exigencias da evolução.

Como é bella uma synthese que, assim vae poupando ao homem o sacrificio da imaginativa, mas, ao mesmo passo, concentrando em todos os pontos sobre os quaes apoiamos a inducção, a prova dos sentidos, não já materiaes, mas espirituaes. Que lindo que não é, tambem, entrever nos lances formidaveis da Palavra, descrevendo o Paraiso terrestre, a expansão da vida na gloria suprema de uma reencarnação, apenas para servir a um grão da intelligencia, occasionado por um desvio do orgão projector da vida,

á cuja efficiencia se furtara, condensando-se em uma massa menos ignea.

Em todo o caso, é o periodo por excellencia, no qual as primicias do amor terreno não necessitavam combater, porque eram galernos os ventos, e puros os mananciaes em que a fé ia haurir a inspiração e o conselho.

O espirito que aviventou a geração a que pertenço, foi energico e decisivo. O seu heroismo, a sua comprehensão das cousas, deram como resultado esse relativo progresso em que estão assentes as bases politicas da nossa Federação.

Alumiada por tantos fócos, a que podemos dar o nome de — santelmos invisiveis do bem — arregimentara-se para a lucta, pondo em contribuição todos os elementos, não coordenados, ainda, dessas influencias hereditarias, que, muita vez, deixam no organismo de cada um de nós uma sentelha, sufficiente a desviar-nos da rotina para conduzir-nos a um escopo mais alevantado.

Não são forças despresiveis essas que fizeram o seu estagio em um momento de luctas, nos fastos de uma nacionalidade.

Não julgamos se hajam imposto á nossa constituição moral. O que é verdade é que ellas assumem, em um momento dado, uma tal preeminencia, que, negar-lhes a efficiencia no preparo do futuro, fôra redobrada estultice. Não, ellas agem tão superiormente no nosso destino que, em verdade, se póde dizer que os vivos são cada vez mais governados pelos mortos.

A accepção, porém, do vocabulo, é que não nos parece acertada, tal como os positivistas a tomam.

A irradiação da vida exerce-se por espheras de correspondencia. Essa solidariedade universal das intelligencias e das vontades é que deve constituir o lemma.

Restringil-o á uma area tão restricta, é diminuir o raio de acção do poder supremo.

A vida opera por emanações. São estas que apertam ou ampliam o esforço da conducta. A area do bem possue contrastes nos quaes é licito entrever o trabalho de dissolução do mal. Toda a esphera, por mais elevada que seja — possue uma base em que se infiltrara o elemento antagonico e de onde efflue a desordem, como um desvio da vontade omnipotente.

As creaturas são centros de reacções vitaes, verdadeiras massas luminosas que podem ser affectadas, como as athmospheras, pelas explosões de correntes contrarias que se chocam. Taes apparelhos precisam fixar-se em equilibrios estaveis, e não permanecerem constantemente em condições, cujas origens possam acarretar perigos á ordem, emanada do supremo arbitro dos nossos destinos.

A permanencia, pois, de um certo pensamento, como coefficiente da conducta no emaranhado das nossas acções, determina a nossa direcção. Saber como elle age é que é. Saber, para acceitar ou não, o rumo que elle nos quer impor. Toda vez que repugnar á nossa consciencia, devemos oppôr-nos á sua vontade; toda a vez, ao contrario, que sentirmos ser a direcção favoravel a um certo numero de razões que predominaram sempre no nosso proceder, devemos obedecer-lhe.

Ora, no periodo em que a minha geração foi chamada a intervir, forças contrarias e indisciplinadas procuravam reagir e impôr-se á natural expansão das energias civicas que vinham pôr um paradeiro á dissolução completa do caracter nacional.

Eram, porém, taes, o prestigio e ascendente de alguns elementos exteriores e pessoaes que haviam amalgamado as correntes do bem que impossivel fôra desvial-as do seu objectivo por mais que o conservantismo teimasse em manter intacta a situação.

Bem sei que posso ser acoimado de espirita, affirmando certos principios de que essa escola philosophica se tem servido para esclarecer textos duvidosos ou obscuros.

Sabe já o leitor que sou um discipulo de Swedenborg e que este sabio viveu cem annos antes do fundador daquella philosophia.

O pensamento é uma força geral a que estão sujeitas todas as correntes subsidiarias dos mundos. quer visiveis, quer invisiveis. O modo como opera, tão obscuro até aquelle philosopho, esclarece-se admiravelmente ao seu influxo de reconstrucção dogmatica.

Estudando-se profundamente as obras do grande sueco, desde o ensaio da fibra, como expressão real da força nos dominios da unidade organica, até ás explosões subterraneas, apparentemente indefiniveis no plano das fórmas, immobilisadas pela fálta de apparelhamento dos factores visiveis do movimento, tudo enaltece a idéa e transforma-a maravilhosamente para subordinar todas as experiencias, todos os tentamens, todas as classificações á sua attitude occasional.

Eis ahi, o motivo que me leva a classificar as crises sociaes como consequencia de um conflicto entre a ordem e a desordem, conflicto effectuado em um lanço da creação que não nos é dado attingir com os recursos de que dispomos, emquanto sob o jugo da materia.

Se nos fôra licito, ao contrario, observar a zona conflagrada pelas correntes que collidem com o fim unico de restabelecer a vida no seu espirito de verdade e de amor, pondo termo ás ficções mentirosas de que o symbolo se reveste, então é que nos espantariamos da fórma como a natureza espiritual opera para o fim de transmittir aos seus apparelhos physicos uma noção mais exacta da liberdade.

E foi por esta que pleiteiou a minha geração. Dir-se-ia que ella tinha a paixão da idéa, livre das pêas do symbolo; que queria sorprendel-a na perenidade do seu antagonismo contra tudo que não exprimisse a livre manifestação da nossa vontade. Era admiravel, sim, nos seus impetos cavalleirescos, nos seus lances heroicos nos seus excessos mesmo. Que abnegação, que coragem, que temeridade ! Fallo della com os olhos em agua; com o coração cheio ainda do seu estoicismo, do seu desinteresse, do seu maravilhoso espirito demolidor, certa, como estava, de que obras ha cuja construcção consiste apenas em arrasal-as.

Meus olhos seguem com indisivel prazer a marcha desses vultos a que o Brasil tanto deve. Não se nos apagaram da memoria. Eil-os aqui, vivos, erectos, luminosos, transmittindo a estas paginas um calor de immortalidade, um sopro revelador da presença delles em todos os actos da nossa vida moral, intellectual e civica.

Com que dor d'alma não a vêm esphacelar-se, seu sonho reduzir-se a cinzas, seu trabalho miseravelmente destruido por mãos, que, além de improprias ao manejo dos negocios publicos, se deshonraram no modo como cuidaram dos thesouros que a Republica, — obra delles — lhes havia confiado.

Cultores da liberdade, apaixonados pelo que a natureza humana encerra de mais santo, promptos a obviarem a todas as difficuldades que, acaso, se interpuzessem á sua missão, elles não podem coadunar-se com a degradação a que chegamos, tão pouco complanarem os obices que se nos antolham pela fatalidade da interferencia, em massa, de agentes puramente negativos que a falta de educação civica attrahira ao nosso meio politico.

Reagir como, se elles se sentem peados nos movimentos pela immensa molle de circumstancias eventuaes que, abatendo sobre o nosso paiz interceptara a penetração do que Myers chamou — o sublimal — nos negocias da Republica.

Eu não vejo a causa entre os homens, mas em uma esphera mais elevada. Não vejo as circumstancias que se desenvolvem a contento do nosso egoismo, mas attribuo todas essas anomalias á intervenção directa de forças intelligentes que abusam do nosso estado para imporem a sua vontade aos encarregados de administrarem as nossas riquezas, de dirigirem a nossa actividade, de proverem as nossas necessidades.

No computo dos valores relativos com que entramos para o progresso do nosso paiz, que encontramos? Quem governa? quem manda? quem designa os nossos representantes? O povo? Oh! o povo! esse víve sequestrado de tudo, e a nossa Republica é uma mentira que offende a moral, um achincalhe á face da justiça e do direito. Ninguem podia adivinhar o que sahiria do nosso esforço, do nosso sacrificio, do nosso desinteresse. Ao brilhantismo da propaganda abolicionista e republicana succedeu essa hecatombe das forças vivas da nação, de onde só póde sahir a revolução ou o protectorado.

E' incrivel como supporta este povo os erros dos seus dirigentes. Ainda até ha bem pouco, a voz de protesto se fazia ouvir nas praças publicas.

Agora, nem isto.

Dizia-se ao tempo do imperio, que o Imperador havia corrompido o caracter nacional. Não. Quem o corrompeu foi a Republica — a Republica, não digo bem, porque seria confundir uma fórma de governo, que tem por base a justiça e a verdade, com essa mentira que é a nossa vergonha e a nossa desgraça.

Quando Deodoro a proclamou, surgiram homens cheios de coragem, de abnegação, de ardor civico. O primeiro Congresso foi um alfobre de intemeratos paladinos que trasiam o ardor das pugnas liberaes para a tribuna parlamentar, e não foram poucos os brasileiros que se salientaram naquillo que chamaram a defesa dos principios republicanos.

Foram grandes na paz e grandes na guerra. A opposição ao Marechal Floriano foi tenaz, energica, heroica. E era elle, a quem a natureza dotara de uma fortaleza e inquebrantabilidade de animo admiraveis, elle que não dava quartel aos seus inimigos, elle que via na opposição uma arma capaz de derrubal-o.

E hoje, onde estão essa coragem, essa intrepidez, esse baluarte, prompto sempre a resistir, se a ordem não obedece a um principio superior.

Não; tudo se desfibrou, se annullou, se desfez, ao guante de um poder que tende a augmentar ao compasso que sentimos diminuir a acção democratica nos negocios publicos e deixamos que a violencia, a felonia, o mercantilismo invadam as fontes de conservação da nossa antiga fé nos destinos do Brasil.

E para essa decadencia moral, para esse estado de apathia e marasmo do nosso povo muito contribuiram os diversos estados de sitios com que nos affrontaram.

Essa medida excepcional, de que os governos raramente se devem servir, dá aso á uma depressão geral do organismo, preparando-o á uma abordagem, em regra, desses agentes invisiveis, mas inexhoraveis, á cata sempre de uma opportunidade para intervirem.

Como, agora, fugir ao captiveiro; como desapressar-nos do elemento maligno que multiplicou as fórmas de intervenção, fazendo que cada um tirasse da sua propria miseria moral o recurso á resistencia. Sim, resistencia, digo bem, pois a resignação é um dos modos de resistir. Mas não é esta, certamente, a resistencia que o ideal christão quer que cada um manifeste nas occasiões opportunas.

Quando se nos quer encampar o christianismo como uma pregação destituida do conceito superior que manda oppôr á violencia ou á força a reacção compativel com a dignidade humana, vejo que se faz uma idéa erronea do pensamento daquelle que foi a inteireza moral na sua maior perfeição.

Responder á insolencia ou ao ultrage com a humildade indecorosa e aviltante não podia ser o criterio mais consentaneo com o gráo de moralidade do homem em cuja natureza espiritual se encontravam já bem postas todas as forças vivas da razão, ligadas as da consciencia, que, em si mesma, revia o apogêo da cultura e da moralidade, resultantes de um longo passado de sacrificio e competições.

A ordem em que o christianismo assenta se revoltaria contra essa degradação do caracter, e opporia systematicamente á oppressão ou ao desmando a represalia correspondente.

Portanto, quando o Christo nos dá o exemplo da maior humildade elle quer com isto mostrar que na pasciencia e na resignação reside o poder absoluto do homem, capaz de todas as energias e que a reacção tanto póde estar no revide ou no desforço, como em uma extrema submissão a um acto, cujo objectivo seja provar ao offensor que a superioridade da virtude não se encontra somente na revolta contra o predominio ou a força, mas no poder de refrear os nossos proprios impulsos.

A serenidade com que Jesus soffreu os maiores ultrages serviu apenas a affirmar a grandeza da sua hierarchia espiritual e para desfechar um golpe terrivel no orgulho e na prepotencia. Mas esse proceder não nos veda de repelirmos a affronta quando esta tiver por fim desmoralisar-nos perante os nossos semelhantes.

"Eu não vim trazer a paz", que quer dizer? Acaso resurtem actos de conciliação apenas dessa affirmativa tão justa em face

dos acontecimentos que se iam desenrolar? Não. Se era a guerra o que elle trazia, a feição principal da doutrina por elle encarnada resultava, só e só da lucta, e quem lucta, reage ou se revolta contra um elemento que se quer impôr pela força.

Assim, pois, o christianismo deve ser interpretado consoante o que fôr conforme á nossa dignidade, de accôrdo, portanto, com a austeridade moral e os principios racionaes, que, naturalmente, decorrem de um profundo conhecimento da nossa propria capacidade de agir segundo o momento. A resistencia, pois, pela passividade, é uma estagnação da conducta, uma deturpação de todos os factores aptos a accelerarem a marcha do progresso, ou a sobrestarem nas razões de ordem moral que, muitas vezes, por si só, enfream ou alarmam os caprichos do poder.

Essa attitude não tem sido a nossa; não é a do homem virtuoso, não é a do republicano. A paciencia tem um limite, e o Governo do Marechal Hermes da Fonseca foi um aggravo á nossa dignidade de homens livres, um desrespeito, um escarro ás nossas faces.

Essa situação precaria se não determinou, manifestações explosivas e revolucionarias da minha parte, pelo menos suscitou um relanço que a imaginação procurou effectivar, traduzindo em verso um estado d'alma que não póde deixar de retratar a mais absoluta, a mais completa, a mais dolorosa miseria moral de um povo.

De maneira que uma situação de fraqueza geral, suggeriu em um livro, como é o *Novo Templo*, um episodio que se consubstancia perfeitamente na ordem evolutiva e historica a que obedece. Pudemos, dest'arte, derivar para a imaginativa, o que quer dizer, para a arte, um ponto obscuro do problema que não lográmos nem lograremos resolver, attendendo-se á nossa incapacidade para enfrentar as difficuldades que a impericia e a deshonestidade dos nossos *republicos* crearam em quasi seis lustros de regimen democratico.

As obras dos máos estadistas sempre servem para alguma cousa. Senão fossem os erros do segundo Imperio não teriamos os *Chatiments* e *L'année terrible*.

Eis, pois um lance a que não poderiamos deixar de alludir, visto como esse livro, na sua mór parte, incide na moral republicana, no dogmatismo politico que o seu autor pregara nos primeiros annos da sua carreira, aliás, tão contradictoria, tão accidentada, tão difficilmente permeada, attendendo-se á sua indole, aos seus principios e á sua educação philosophica.

Muito bem; agora um ponto essencial que releva notar, ainda, para que se comprehenda quão proficua e predominante foi a minha geração na marcha dos acontecimentos para a solução politica do 15 de Novembro de 1889.

O enthusiasmo, a coragem, o desinteresse pessoal, a solidariedade de idéas e sentimentos entre os que com maior destaque pleiteavam a liberdade do homem, em o nosso paiz, eram o traço principal de um pugillo de heroes para cujo ideal não havia obices insuperaveis.

Nenhum de nós viveu para si mesmo; antes dividiamos igualmente a nossa affeição pelos que soffriam e, em meio ás luctas

vigentes em que nos empenhavamos, era sempre a piedade o movel principal do nosso heroismo. Essa esphera superior do caracter conduzia-nos, naturalmente, a considerar as letras como o apanagio supremo do esforço que a unidade de vistas em todos os assumptos, apontava á nossa galhardia. Todos os poetas, todos os romancistas todos os oradores, todos quantos, em summa, manejavam a palavra com eloquencia e talento, se associavam á mesma idéa, viviam do mesmo sonho, fatiavam o mesmo pão. Uma grande parte da campanha abolicionista foi travada pelos poetas, cujos nomes não appareciam nos artigos de fundo, mas que as necessidades do momento, e a perfeita consubstanciação das nossas vontades e do nosso escopo, tornaram aptos a manejar a mesma penna.

O episodio de Tirtheo tem se reproduzido muitas vezes na historia dos povos.

O que Olavo Bilac está fazendo, agora, não é mais do que a consequencia de uns restos de enthusiasmo que lhe ficaram do passado esforço na conquista da liberdade. Podem descordar da sua maneira de pensar; podem mesmo atacal-o por não comprehenderem que as virtudes civicas não se formam nos exercicios de campanha, mas na submissão á uma lei que todos nós banimos do coração, e que se soubessemos pratical-a, certo lograriamos preparar mais convenientemente a mocidade que julgamos destinada á defesa do nosso territorio.

Portanto, licito é, descordar das suas idéas. Mas affrontal-o com doestos e julgar mal das suas intenções, só poderá fazel-o quem o não conhecer.

Nunca nos inflammámos por dinheiro, nem elle serviu nunca aos nossos esforços, quando nos empenhavamos em batalhas campaes.

Não nos vendiamos; o alvo do nosso empenho reduzia-se, tão sómente, em ver realizado o nosso sonho, sonho que nos transportava e nos alheava do mundo, constituindo, por assim dizer, a parte principal da nossa existencia.

Estou certo de que outro movel não levou o illustre poeta a tentar a remodelação do caracter nacional pela disciplina militar senão a observação do estado de depressão moral a que chegára o nosso povo.

E' effectivamente alarmante. Todos, sem excepção, deviam applaudir-lhe o gesto, animal-o na propaganda, admiral-o na tentativa. Feril-o tão injustamente, é desconhecer os serviços que a sua geração prestou ao Brasil, serviços indiscutiveis, quer sob o ponto de vista politico, quer sob o das nossas letras, que, ao tempo em que surgiram, tão descaroaveis e alheadas de si mesmas se mostravam, e isto pela razão muito simples de que não n'a haviam ainda transformado em uma arma de reconstrucção social. Não; façamos justiça a quem está, antes se sacrificando do que tirando proventos, numa hora de constrangimento para todos os brasileiros que olham com inquietação para o futuro que se nos annuncia pejado de ameaças.

Não me filiei, nem podia filiar-me ao Parnasianismo por achal-o frio, indeciso, materialista, e estreito. Valeria á pena aterme, exclusivamente, ao sentimento da expressão plastica? E o parnasianismo, acaso, o obtinha sempre?

Por certo que não. O que elle fazia era pintar, e nem sempre com talento, retratos, paysagens em livros. A obsessão do pittoresco attrahia-lhe constantemente a attenção.

Nos poetas do seculo XV e XVI, em França, havia o gosto dos rythmos harmoniosos, das rimas ricas — *os tours* de pensamentos rebuscados e preciosos, o amor do archaismo que constituira o seu principal enlevo, senão a sua constituição basica.

Dizia alguem, com referencia a Theophilo Gauthier: "Suas tendencias materialistas levando-o a preoccupar-se,sobretudo, da fórma e do contorno, puzeram-no a procurar as palavras que lhe pareciam feitas, precisamente, para pintar os objectos exteriores.

Estudou profundamente o diccionario, mobiliou a memoria de uma multidão de expressões novas , de *tours* archaicos, fez a caça aos adjectivos de toda a especie, fabricou para seu uso um glossario opulento por cujo intermedio poude dar ao seu estylo a originalidade que elle ambicionava."

A preoccupação da palavra, esta é que é a verdade, estraga o proprio contorno, ao em vez de o tornar limpido e perfeito, pois toda a preoccupação é já por si, uma deformação da intelligencia. O verdadeiro gosto literario é sempre o producto de uma fórma ideal, que o artista vislumbra nas obscuridades do scenario interior.

A sua resistencia á luz, ensaiando o assedio do espirito ou annunciando-se, sob matises diversos, á sua natural esthesia, acaba por debuxar planos incompletos e por desfazer o contorno a irisar-se-lhe á retina qeu persiste em conservar fechada.

Disse-o bem o escriptor: *tendencias materialistas*. E outro não é o ensaio tão pobremente arcabouçado no pittoresco que se quer alumiar com uma falsa perspectiva ideal.

Não se sae da plastica que a preoccupação deturpara, sem se conseguir mesmo todos os effeitos do desenho, a transluzir no vocabulario, cuja opulencia trae a pobreza, e cujo rythmo artificial, cujo colorido incompleto acabam por destruir o que, acaso, lograssse ainda prevalecer no quadro.

O conhecimento do diccionario util é, sem duvida, ao poeta. Mas é mister, possuir o gosto da escolha do vocabulo, isto é, não rebuscal-o, mas sentil-o immediatamente, como uma prerogativa da nuança ou um quilate do rythmo. A sentelha que se annuncia, deve revelar logo a sua origem e consubstanciar todos os predicados, agglutinados á cada propriedade essencial, predicados que tendem a avivar-se cada vez mais, uma vez posto sob a egide da imaginação. Portanto, pôr de parte o prisma, evidente á visão interna, é fugir á ordem sobre que se deve ampliar a maravilhosa gamma das impressões, suscitadas por um mundo desconhecido.

Sobrestar no perigo das rimas ricas, no vocabulario mal amanhado é de bom aviso. Geralmente, não se comprehende o mal que ha na rebusca do termo. O vocabulo só por si nada vale. O que é mister é que elle seja, effectivamente, o representativo de um certo estado do espirito que deseja manifestar-se ou fazer sentir alguma das harmonias occultas no vasto theatro de uma natureza, muito mais viva e original que a nossa. Não deve permanecer o poeta unicamente no facto, tal qual nol-o apresenta o diagramma, aliás, tão deturpado, do mundo natural. As palavras são, sem duvida, verdadeiras pedras preciosas que o escriptor escolhe como o ourives, habituado a lidal-as e a acommodal-as aos braceletes, aos collares, aos

anneis. Ha palavras diamantes, saphiras, rubis, esmeraldas e outras que luzem como phosphoros, se as attritarmos. O conceito do eximio burilador da phrase, que foi Theophile Gautier, é real.

Não conseguira, porém, ver mais fundo no caso. Uma pedra não é um phenomeno á parte, no mundo dos effeitos physicos, como o não é a côr, o som, a folha, o caule, o raio de luz perdido no ambiente embalsamado da campina.

Tudo isto é a resultante de combinações anteriores; adaptações coloridas; gammas perfeitamente accentuadas que ao tombarem sobre uma esphera mais obscura e grosseira, tomaram essas fórmas rijas ou trocaram a harmonia scintillante do recacho por essa apparente immobilidade, em que tudo, de facto, não sendo outra cousa que a luz, na sua origem, de tal modo se modifica que ninguem suppõe estar vendo um objecto transformado de uma esphera superior.

E' precizo, pois, que o artista não veja tão sómente a pedra, mas alguma cousa além della. No eterno circulo da vida os movimentos tomam formas e formas que se degradam até constituirem objectos physicos.

A pedra preciosa, a que alludio Gautier, que fôra antes de estar no bracelete ou no colar? Um simples movimento. Penetrar nesse mundo, e extrahir delle o que melhor se coaduna com o nosso intuito é o que deve fazer o artista. Pedra só é pedra para os olhos materiaes: quando comprehendermos que ha uma correspondencia entre o objecto material o o que agiu na esphera anterior para o produzir, outra será a arte, outra a inspiração, outro o fundamento da creação literaria.

As poesias que compõe o presente volume, em muitos pontos, aliaram as duas proporções de equilibrio que julgo indispensavel ao rythmo da idéa, na sua dupla manifestação — como causa e como effeito.

Não era eu ainda versado nesses estudos que tanto realce podem dar á imaginativa; tão pouco havia comprehendido a relação existente entre os dous polos extremos da vida, intimamente associados ao equilibrio e perpetuidade dos elementos que formam a base sobre que repousa a creação.

Todavia, em diversos logares se póde notar essa propensão que julgo indispensavel ao fim, a que se propõe toda a obra d'arte. O pensamento, eis tudo: pensamento — flor, pensamento — Sol, pensamento — Motanha, pensamento — Planuras, de onde se descortinam outros pensamentos que o movimento creara no seu attrito constante com as energias, já derrancadas, da sabedoria infinita.

Eis-nos, pois, chegado ao fim desse preambulo, sem fallar quasi do que espera encontrar o leitor no livro, que veio a lume para attender, principalmente, ao pedido de alguns moços, a cujo interesse pelos meus trabalhos literarios sou profundamente reconhecido.

Não é este o meu livro definitivo, é bem de ver. Encontram-se aqui como já disse, poesias escriptas aos desenove annos. A disposição das peças não obedece a uma ordem chronologica rigorosa; pois assim não foram publicados nos tres volumes successivos das "Ondas", que incidentes diversos me forçaram a adiar, quando logicamente deviam fazer parte do primeiro volume.

Mas, como o fundo nebuloso de todos elles é o mesmo; como é a duvida que constitue o seu caracter philosophico; como é, ainda, muito fluctuante e incerto c pensamento que devia exaltar-se mais

tarde e adherir ao conjunto das forças que põe em destaque a alma de tudo, não me parece erronea a ordem escolhida.

Póde-se vêr bem nitidamente a marcha de um pensamento que vai pouco a pouco, desabrochando, ao calor de uma philosophia, a enaltecer-se, á medida que os annos passam, as ambições cessam e a luta pela verdade parece tomar novo aspecto.

Sendo outro o homem, outro tambem, deve ser o poeta. A cryzalida fez-se borboleta; a alga desenvolveu os seus orgãos para respirar mais amplamente o ar que vem dos espaços infinitos... Bemdicto o influxo que assim transforma os seres.

A crença, em verdade, é uma força contructora.

As obras da falsidade, do egoismo, da negação não podem durar muito. E as que ainda duram é porque os homens não atinaram bem com a estrada que vai ter a esse Paraiso terrestre, no qual a cegueira das seitas semi-barbaras, como o catholiscismo e outras, não menos irrisorias, têm visto na genese do mundo physico, uma concepção philosophica a colidir com as descobertas da sciencia e o bom senso moderno.

Se quizermos ver no Genesis uma synthese cosmogonica, realmente é um disparate. Mas não foi isto o que Moysés tentou fazer, para mostrar, num bello symbolo como se dera a regeneração espiritual do homem.

Nesse episodio, é que se entronca todo o espirito philosophico do *Novo Templo*. Sem ser um debate em torno da Biblia, é, comtudo, a resultante do seu espirito, esclarecido por uma exegese sobranceira aos ataques dos materialistas. E' uma obra poetica banhada no esplendor do que a natureza espiritual contem de mais elevado pela harmonia das linhas, pela belleza do symbolo, pela força insita do pensamento, colorindo-se, misturando-se a todas as maravilhas da luz.

Eis o que me competia dizer, satisfazendo a um pedido que tanto me penhorou. Que este livro, pois, em tudo, corresponda á generosa iniciativa dos moços, aos quaes, em ultima analyse, deve a sua publicação.

O autor.

Atravez do passado

> Les années viennent et passent, les generations descendent dans la fosse, mais jamais ne passe l'amour que je porte au cœur.
>
> (Henri Heine.)

Pedes-me versos? Mas que versos póde
Fazer-te quem nas trevas vive e móra?
Se queres versos sobre mim sacóde
As tuas asas, fulvas como a aurora.
De sombras faço-os, e, para fazel-os,
Para lhes dar um pouco de calor,
Eu precisava desses teus cabellos,
E de um bocado desse teu fulgor.
Porque, para que versos sejam lidos
E apreciados por tão nobre dama,
Bem comprehendes, devem ser sentidos,
Já que a poesia o coração reclama.

Vês esta flor? Guardei-a em vaso de ouro...
Vinha beijal-a ao despontar do dia...
E enchia-se de aroma esse thesouro,
Como a minh'alma de illusões se enchia.
Era, como eu, alegre e, como eu, tinha
Uma existencia placida e modesta...
Eu era o rei da casa e ella a rainha:
Dava-se alli melhor que na floresta.
No seu pequeno leito ella passava
Pensando em mim como eu pensava nella...
E o sol por uma frincha penetrava
E ia furtar um beijo á minha estrella.

Como adorava aquella creatura,
Tranquilla, como um cysne, á flôr das aguas!
Não precisava de outra formosura
Para na terra consolar-me as maguas.

Possuia o seu amor, e essa athmosphera,
Em que vivia, estava d'ella cheia...
Notei, porém, que após a primavera
Foi ficando mais pallida e mais feia.
— Que tens, querida? estás tão branca e triste!
Quem te afogou nesse receio vago?
Acaso em alguma aza te feriste
Ha dias, quando te levei ao lago?

Acaso, algum brutal insecto, vindo
Beijar-te o calix, te manchou n'um beijo?
Acaso, o sol, os raios desferindo,
Para abraçar-te, te cobriu de pejo?
Conta-me o teu romance, ó magoada,
O' casta imagem dos passados dias,
Rosa, mais do que as outras, desgraçada,
Flôr, que em aroma, ás outras excedias.
Conta-me, conta-me essa triste historia
Que as desbotadas petalas te ensombra,
Já que te vejo afflicta e merencoria,
Como da noite a merencoria sombra.

. . . .

A flôr morreu por fim... Aquelle raio
De sol, aquelle raio, que a beijava
Soffregamente nas manhãs de Maio,
Sem que o soubesse, aos poucos, a matava.
Linda, como nenhuma flôr na terra,
Parecia soffrer, como eu soffria.
A sepultura que seu corpo encerra
Com sentidas endeixas affligia.
Ella m'a havia dado. A' toda a parte
Levava-a, fosse, embora, o rumo incerto.
Minha acerba paixão, como provar-te?
Como nas trevas te sentir mais perto?...

Era uma docil e gentil menina,
Que nos meus braços muita vez trouxera...
Parecia uma aurora pequenina,
Ou uma pequenina primavera.
Parti... Quando voltei, o sol morria
No occaso. O atrio luzente e purpurino
De seu aureo castello resplendia...

Entremos, disse: — Cumpra-se o destino.
Com pasmo vi, porém, que extranho lume
Em derredor de mim se reanimava:
Em toda casa havia esse perfume
Que a sua alcova exhala e ella exhalava...

Quando eu a vi apparecer na sala,
Pisando o solo, como pisaria
O rutilante throno de ouro e opala,
Minerva — a deusa da sabedoria,
Minh'alma aos pés lhe foi cahir de joelhos,
Tremula, como um raio do sol posto...
E, emquanto ella beijava-lhe os artelhos,
Eu não tirava os olhos de seu rosto.
Dava-me vida aquelle rosto amado:
Su'alma, em flôr, abria-se em minh'alma...
Gozava-a... e era um prazer tel-a ao meu lado
Risonha, altiva e immensamente calma!

Meu sonho, á noite, meu olhar, de dia,
Fallavam só de tudo o que era d'ella!...
Se o sonho era uma nuvem que se abria
Para que os olhos meus pudessem vel-a!
Rindo, com uma das mãos tomando a sua,
Disse-lhe um dia: "Crês? o mar profundo,
A terra, o céu, a noite, o sol, a lua,
Os passaros, os leões, todo esse mundo,
Que ora, fulge, e ora, timido, rebrilha
No oceano, ou por detraz de uma colina,
Pódes conter, sem muito custo, filha,
De tua mão na palma pequenina.

Tal a força do amor, tal a violencia
Da chamma, em que arde a tua virgindade.
Que poder é maior do que a innocencia?
Que estrella brilha como a mocidade?
Seu vôo as auras matinaes dirigem,
Pelo alto e descampado firmamento...
Ah! quem pudera descobrir a origem,
O núcleo, a essencia desse irradiamento?
A luz que em tua mão brota e scintilla
Teu rosto aclara, teu cabello innunda,
E é differente dessa da pupilla
Que é mais mysteriosa e mais profunda..."

Ella sorria... e, emquanto ella sorria,
Mais versos me brotavam, de improviso,
E perfumava toda essa poesia
Seu seio aberto como um paraizo.
E assim continuava... continuava
Baladas e sonetos produzindo,
E, vendo-os juntos, eu os comparava
A diversas estrellas reluzindo.
Quando na curva eburnea de seu collo
Foram morrer meus versos, distrahida,
Com a alma no céu e o olhar no solo,
A' margem de uma lagrima pendida,

"Amas-me mesmo?", disse-me de chofre.
"Se te amo?!... Mais do que o pastor a estrella,
Mais do que a joia o pequenino cofre,
Mais do que a fronte a virginal capella."
Recolhe, pois, ás sombras da tu'alma,
Como beduinos, os meus vãos desejos,
E, após, do nosso amor a florea palma
Acautela do sol, rega de beijos.
Como os primeiros raios que despontam
Da madrugada e vêm dourar as flôres,
Nella os meus sonhos por milhões se contam
De varios cantos e de varias côres.

Como os sahís n'uma arvore se aninham,
Aos pares, juntos, mas em varios ninhos,
Assim, as minhas illusões se apinham
No coração, como esses passarinhos...
Guarda-m'as todas, e que a aurora as veja
E as ouça, quando vier pintar as rosas,
E que na leira de ouro, em que viceja
O amor, sempre ache as flôres perfumosas.
Porém um dia, antes que a aurora viesse
Da Egreja em trevas accordar as naves,
Como a estrella que, aos poucos, esmaece,
Como ao nascer do sol, partem as aves,

Assim ella partiu, tendo nos labios
Um beijo de minh'alma, quasi louca.
Ah! ainda guardo os ultimos resabios
D'aquelle beijo que lhe dei na bocca!...

Mas antes de partir, ella me disse:
"Toma esta flôr, que tem o meu perfume,
Toma-a", e chorava.-. Ah! quem chorando a visse,
Nimbada já de um resplendor de nume,
Como um iris de paz prendendo a terra
Ao céu, um astro ao outro, a luz da vida
A' luz da morte, que o mysterio encerra,
E a alma revoca tremula e abatida.

. . . .

Bem vês, Senhora, que me falta aquelle
Enthusiasmo proprio dos poetas:
A poesia o coração reclama.
E' como o sol e como as borboletas...
O seu clarão ainda este azul percorre,
E a sua imagem — baço luar funereo,
Corre-me dentro d'alma, como corre
O fogo fatuo pelo cemiterio...

A' minha mãe

Pourquoi devant mes yeux revenez-vous sans cesse,
O jours de mon enfance et de mon allégresse?
Qui donc toujours vous rouvre en nos cœurs, presque eteints
O' lumineuse fleur des souvenirs lointains,

VICTOR HUGO — *Les Rayons et les Ombres.*

Para cantar-te, mãe idolatrada,
Foge-me a fantasia e o verso foge...
Que mãe tem, como tu, a fronte orlada,
Como hontem tinhas e como tens hoje ?
Que maior goso ou que maior ventura
Do que sentir que a tua luz me baste;
A tua luz, mais do que as outras — pura!
A tua luz, mais do que as outras — casta!
Nada é maior que o teu desinteresse,
O' santa, ó minha mãe, meu sol primeiro!
A mão que me abençôa, resplandece
Como o luar nas franças do salgueiro.
O' minha mãe, ó santa, neste mundo,
Só ha um dia para mim, é o dia
Em que, como uma estrella em céo profundo,
A tua mão me afaga e acaricia.
Só o teu coração recebe e acalma
O soffrimento do meu coração...
E o teu amor cresce-me dentro d'alma,
Como uma flôr cresce na solidão!...

De noite, ás vezes, em meu sonho errante,
Vejo-te a imagem — pallido arrebol, —
E, tal como contempla o viajante,
Entre as nevoas da tarde o pôr do sol,
As longinquas montanhas colorindo,
Ella, tambem, vai desapparecendo
Por entre as nevoas, como o sol, sorrindo.
Por entre as nevoas, como o sol, morrendo!...

Teus cabellos, já brancos, eu contemplo,
E beijo a tua mão — lyrio sagrado! —
Beijo-a, porque recorda como um templo,
A minha religião e o meu passado.
Beijo-a, porque a tu'alma beijo e aspiro,
E está occulta nesse santuario,
Como um anacoreta em seu retiro,
E uma oração dentro de um relicario.
Beijo-te a mão, beijo-a, como ao ciborio,
Que é o vaso da fé — sagrado vaso, —
Porque foi ella o meu genuflexorio,
Antes de a illuminar o sol do occaso.
Beijo-a porque recorda a minha infancia
E as tardes longas e primaveris...
Ah! com que amor aspiro ainda a fragrancia
D'aquelles tempos, quando era feliz!
Beijo-a por que me traz a luz, a bençam
E o lenitivo se me vê chorar.
Os beijos, mãe, que a tua mão incensam,
São como o fumo em torno de um altar...

Nunca me esqueças, nem me desampares,
Porque ficando sem os teus carinhos,
Eu ficarei como o albatroz nos mares,
Ou o arvoredo sem os passarinhos...
Quando caminho pelo meu passado,
Tão cheio agora de recordações,
E vou por esse mundo constellado,
Alvorotando as minhas affeições,
Apenas uma contra o seio aperto,
E essa affeição, ó minha Mãe, é a tua,
Que, na minh'alma, como n'um deserto,
Cada vez mais augmenta e se accentua!...

Canção das perolas

I

Desperta, céu profundo, acorda, céu maldito!
São horas de levar o gado para o aprisco.
Então, para dormir, vestes o sambenito,
E amarras á cintura o cordão de um corisco?

A Humanidade viu-te, outr'ora, formidavel,
Investir contra a luz, desembainhar alfanges.
Dourava-te o cabello a myrrha inalteravel
Que subia do Hebron ou das margens do Ganges.

Hymnos do Syloam, vasos da Ionia, cheios
De incenso; voz solemne e mystica do Eleuses;
Boccas como o heliocriso, entumecidos seios,
Attestados do vinho espumante dos deuses;

Volupias os balsões nas tendas desfraldando;
Venablos, onde o amor sorria, adormecido,
Ora o cactus abrindo, ora a naide embalando
Dos zéphiros brunaes no rapto enternecido,

Escutae-me. Este céu, golpeado de epigrammas,
A oblata de Gebal, ou do Libano, em festa,
Viu crescer e subir numa columna, em chammas,
Quando o estio incendiava os pampanos e a giesta.

Altivo torreão de principes nefarios,
Adorado dos reis, dos padres e das féras,
Róem-te o craneo glabro os mundos planetarios,
Como a videira, em flôr, chusmas de phyloxéras.

Fuzila-te na dextra um gladio incandescente;
Cobre-te a face esquerda uma larga ecchymose,
Mas, apesar da edade, assistes diariamente
Das janellas do Occaso á tua apotheose.

Fóra da Egreja, a fé mede o espaço, abre as azas,
E arremette e transpõe esse infinito oceano,
Que se estende entre nós e o teu próstylo, em brasas,
Perturbando e opprimindo o pensamento humano.

Debalde semearás as estrellas no estío
Sobre o immenso paúl de teu seio infecundo,
E hão de te ver errar, como um cadaver frio,
De sol em sol, de mar em mar, de mundo em mundo,

Mudos phantasmas, hoje, os antros te povôam,
E de constellações o infinito accumulas.
Debalde! Pelo abysmo intérmino, revôam
Sombras, como avejões, astros, como faúlas.

Dos crentes já não és o aureo genuflexorio,
O braço que brandia o relampago e o raio:
Não te queimam a face os fumos do ciborio,
Nem as louras manhans esplendidas de Maio.

Indifferentemente, o horrivel porte elevas
Sobre a Terra esmarrida e a alma poeirenta e exangue.
Que puzeste em logar da revelação? — Trevas!
Que fizeste jorrar dos teus altares? — Sangue!

Que te importa que o Hebreu erga os olhos tristonhos
Do negro Apocalypse, onde a alma nos sepultam?
Cada chaga de Job vale mais do que os sonhos
Que as tuas mãos senis em cada estrella occultam.

Não passas de uma velha e esplendida chimera,
Que, ao mesmo passo em que produz o sol, a lua,
O opulento docel azul da primavera,
A endecha que adormenta, a vaga que fluctua,

De leve, balouçando um berço de creança,
Forja, tambem, o raio, a noite e a tempestade!
Para uns — és o planalto ignoto da esperança,
Para outros — a planicie immensa da saudade...

Taes cousas meditava e taes cousas dizia,
Seguindo a ondulação mansa das ondas cérulas...
Eis que, a fôlla amainando, estranha melodia
Os ouvidos prendeu-me — era a Canção das Perolas.

II

CÓRO DAS PEROLAS

Nós, em choréa, vamos sobre as vagas,
Levadas pelas virações marinhas:
Percorremos do mar todas as plagas,
Como as gaivotas, como as andorinhas.

Se alguma espuma nos envolve e passa,
A' flôr das aguas, tremula, cantando;
Se alguma garça, sobre nós esvoaça,
Das suas azas rimo-nos, passando.

Se, acaso, um seio, como um niveo pomo,
Vae fluctuando, descuidosamente,
Agarramo-nos todas a elle, como
A parasita a um roble viridente.

Assim, juntas, vogando á flor das aguas,
Longe dos homens, longe dos abrolhos,
Os nossos sonhos não conhecem maguas,
Nem lagrimas de amor os nossos olhos.

A estrella mora na azulada esphera,
Mas só póde brilhar, quando anoitece;
E o olôr que accende e espalha a primavera
Foge, logo que o inverno reapparece.

No entanto, andamos pelo mar á fóra,
Como ligeiras nymphas erradias,
Quer anoiteça, quer desponte a aurora,
No seu coche de ricas pedrarias.

Se de uma praia nos approximamos,
Na aza errante de prófuga andorinha,
Colhem-nos logo, e todas fulguramos,
Num diadema de rei ou de rainha.

UMA PEROLA, cantando

Uma na trança de Hero rutilava,
Ouvindo-lhe os queixumes e os temores:
Se ella sorria, a moça perguntava:
"Por que te causam riso as minhas dores?"

"Porque, disse-lhe a perola, nem sei
Porque me rio, quando choras tanto!
Nunca meus olhos humedecerei
Com essas maguas e com esse pranto."

O CÓRO, continuando

Outra adornou o collo de uma dama
Das mais faceiras e das mais formosas,
Que tinha o coração como uma chamma,
E as pomas quentes e voluptuosas...

Uma outra...

O POETA, interrompendo

Qual de vós alvoroçava
Seu casto seio de esplendente alvura?
Perolas, qual de vós a acompanhava
Por esta estrada tortuosa e escura?

Perolas, qual de vós conhece aquella
Que me levava em sonhos pelo espaço,
E, caminhando no ar, como uma estrella,
Como uma estrella, não deixava traço?

Perolas, qual de vós, ornando esteve
Sua mimosa e pequenina mão,
E viu-lhe os pés mais alvos do que a neve,
E ouviu os hymnos de seu coração?

Perolas, qual de vós ao firmamento
Subiu com ella, ao clarear do dia?
Tenho-a nos olhos e no pensamento,
Mas como a estatua da melancolia.

Trazem-me as virações, ainda, a fragrancia
Daquelles castos e infantis enleios...
Primavera gasil da minha infancia,
Por que não voltas aos meus devaneios?

Meu pensamento, os vôos distendendo,
Vae abruptos rochedos escalando,
E, emquanto as velas no oratorio accendo,
Passam por mim os urutáos gritando.

Uma por uma, as illusões morreram,
Como de um galho as folhas arrancadas,
E pelo azul as nevoas se estenderam,
Melancolicas, tremulas, magoadas...

Deus sorria-me em toda a natureza,
Que se evolava em festivaes novellos,
Emoldurando a historica nobreza
Dos meus palacios e dos meus castellos.

Visto, através das luzes, que o cercavam,
Meu coração era um solar em festa,
Onde bandos de passaros pousavam,
Fartos do campo, fartos da floresta.

Como um religioso me abrigava
Nesse cenóbio feito com capricho,
E a sua imagem se me afigurava
Uma madona dentro de seu nicho.

Das persianas pelas frinchas vinha
Dourar-lhe o sol o rosto merencoreo;
E o templo em que habitava, o aspecto tinha
De um majestoso e esplendido zimborio.

Hoje, se entrarem nessa velha ruina,
Alluida pelo inverno e pela idade,
Verão nella uma sombra peregrina,
Rompendo as trevas com difficuldade...

....

Perolas, qual de vós ao firmamento
Subiu com ella ao despontar do dia?
Tenho-a nos olhos e no pensamento,
Mas como a estatua da melancolia.

III

PRIMEIRA PEROLA

Numa concha embarcada, percorremos
Todo esse espaço, sem estardalhaços.
Não precisamos nunca de teus remos,
Nem de teus braços.

SEGUNDA PEROLA

Para outras praias, rapidas, vogamos,
Por deleitosos ventos conduzidas;
E, assim, sem medo, ás ondas atiramos
As nossas vidas.

Se um esqualido monstro sobe á tona
Do Oceano, só para nos ver passar,
Diz á alguma de nós: "Bom dia, dona,
Vae passear?"

TERCEIRA PEROLA

Como um phantasma, vens pedir ás aguas
Paz e repouso para as tuas dores.
Perolas, poeta, não conhecem maguas,
Nem dissabores.

QUARTA PEROLA

Lagrimas brotam de teus olhos tristes
E amargurados como os de uma estatua.
Da sorte aos golpes mil, em vão, resistes...
A vida é fatua...

QUINTA PEROLA

Por que resistes e por que te deixas
Levar por estas ondas mentirosas?
Debalde! A noite não te entende as queixas
Mysteriosas.

A tua historia, monge solitario,
Contas ao vento e ás nuvens peregrinas;
E ficas debruçado como Mario,
Sobre essas ruinas.

Ao céu subia, em louro fumo ondeado,
Teu coração, numa espiral de incenso...
E embebia-se nelle o teu passado,
Como o perfume embebe-se num lenço.

SEXTA PEROLA

Vamos, irmãs, o nosso barco é leve,
Depressa! remos n'agua; o mar se anila.
O poeta é a chamma que, apezar da neve,
Ao pé de cada lápide scintilla.

IV

E, como um grupo de gentis crianças,
Foram fugindo, foram se afastando...
E' assim que fogem d'alma as esperanças:
— Rindo e cantando...

Palavras á morte

Em teu olhar, que eu sigo, a esperança fluctua
Como nos mares da India a placida champana;
E no céu, onde fulge uma extensa balsana,
Um sacerdote a Deus levanta esta hostia — a lua.
E' noite. O valle sonha. A viração sussurra.
Crio extranhos paineis, estatuarias extranhas.
E, rasgando, de chofre, a nevoa das montanhas,
Vejo ao clarão do luar a ossada de Suburra,
O esqueleto de Tyro, a carcassa do Eleuses,
Reconduzindo ao templo os seus idolos torvos,
Em cujo altar pythons revoam como corvos,
Em cujo atrio hieropheos flammejam como deuses!

Morte, vejo-te, então, de pé, sobre as muralhas
De treva das prisões, de cinza das cidades,
Hasteando o gonfalão pristino das edades,
Ainda sujo do pó de tresentas batalhas.
Morte, vejo-te bella, horrivelmente bella,
No marmore que encobre a cinza aos Capuletos,
Ankilosando á bocca o esgar dos esqueletos
Na ruga de um desvão, no fundo de uma viella.
Morte, vejo-te a lingua immunda e apodrecida,
Lamber esse impoluto e sublime monturo,
— Job — que no seu algar e no seu catre escuro,
Tinha sangue de sol a escorrer da ferida.

Morte, lanças ao vento, atropellado e ardente
O verbo — juba, o verbo helépole. Do fundo
Da Biblia, ourando, irrompe, e inexoravelmente
Desaba em maldições tremendas sobre o mundo!...
Esaias! E o valle e o monte e a terra inteira,
E os filhos de Gebim e a matança do Oreb,
Reduzem-lhe o clamor a um desgarrão de poeira
Que a agua do mar salgada e a agua dos rios bebe.
Nos geleiros do inverno ergueste o teu palacio,
No marmore esculpiste os lençóes de teu leito;

E pávidas deixaste as virações do Lacio,
Ao tocarem-te a fronte, ao roçarem-te o peito.
Do Eden a que subira a linda Thisbe, espuria
Pendes a fronte ao poste infausto, a que agrilhôas,
Com o mesmo ar zombador, a innocencia e a luxuria,
Com a mesma ancia infernal, as doninhas e as leôas.
Esgrouvinhado e abjecto, o teu vulto apparece
Na onda, que, á noite, o remo ataca e o barco impelle!...
Augmenta a rigidez da tua espadua, e cresce
A chamma em teu olhar, o inverno em tua pelle.
Morte, por que levar-m'a, assim, tão bella, agora?
Como as portas forçar á habitação cimeria?
Não se lança um sudario aos hombros de uma aurora,
Nem ao aspide o corpo olympico de Hesperia!...
Cós accenda-lhe á fronte a sempiterna chamma;
A alma embeba na prece, o vôo, após, desfira,
Sempre na meia luz que o pôr do sol derrama,
Nunca na labareda em que Marozia expira.

Paysagem africana

Tardo, pisando o grosso areal dormente,
O dromedario vae beber ao Nilo;
E, aos rubros raios do cariz do Oriente,
Resomna o bronco e molle crocodilo.

A agua morna do oasis não refresca
A ardente bocca ao nómade sequioso,
E, emquanto a voz do vento cavernoso
O rio empola na estação da pesca,

A sphinge, a eterna sphinge do deserto,
Num deliquio monotono de pedra,
Estende o olhar, idiotamente aberto,
Pelo areal onde o tojo ruivo medra.

De sangue o sol, á noite, o saibro embebe,
Porém, ao meio-dia, quando passa
Pelo Equador, faz da Africa uma taça
E o proprio sangue, em longos golos, bebe.

Laís

Laís — o vinho das orgias gregas —
De sumptuosa e fulva cabelleira,
Tinha nos dedos para as almas cegas,
Espinhos, como os galhos da roseira.

Reis da Sicilia, moços de Corintho,
Um logar em seu leito disputavam,
E ao entrarem o esplendido recinto
Vacillantes e pallidos, entravam.

Dous eunuchos, em bronze cinzelados,
Montavam guarda á porta do palacio,
E, entre faunos, de pampanos coroados,
A lyra de ouro que empunhara o thracio.

De Apollo o carro, aqui, no mar se lança,
Nas Metópes, ali, pugnas sangrentas,
E em tudo o fausto, a insania, a intemperança,
— Ménades núas, deusas temulentas.

O igneo carro veloz de Proserpina,
O odio de Juno, a força de Promacho,
De Meleágro a cithara argentina,
Calmando os tigres e os leões de Baccho;

Toda a orchestra infernal das côres fortes
Que nas grutas do Ménalo explodiam,
Féras do circo, em rábidas cohortes,
Pelo seu corpo olympico bramiam.

Caro custava ao moço namorado
Uma noite de orgia e de loucura:
Laís — o amor, Laís — o sonho alado, —
Era a escada da sua sepultura.

A hydria, cheia de um vinho capitoso,
Vinha-lhe á bocca e embriagava o amante...
Ah! desejado e appetecido goso!
Ah! do prazer o appetecido instante!

Na voragem da febre em que revôa
O verso, a musa errante do infortunio,
Como Laís, os poetas agrilhôa
A's rodas de ouro de seu plenilunio.

Espuma ao freio dos corseis a lava
Tempestuosa das paixões supremas:
Em côro, as settas rugem-lhe na aljava
E espirram-lhe do olhar lascas de poemas.

Laís, que importa que o veneno estille
O teu soberbo e luminoso engaste,
Se ao relampago ordenas que fusile,
Se ao turbilhão ordenas que devaste?

Os refolhos da clámyde que vestes
Levam pintadas todas as luxurias;
E nós estremecemos como Orestes,
Ouvindo em Táurico o tropel das furias.

Teus seios nús, freneticos, estrugem
Como clarins num campo de batalha;
As carnes gemem, os cabellos rugem,
Do sangue á rubra e rábida metralha.

Confundidos na bocca os beijos rolam,
Confundidas no goso as almas passam,
E, num sorriso, tremulos, se collam
Dois labios, dois oceanos que se abraçam!

Que importa o ninho ao passaro erradio?
Que importa a morte, se o guerreiro a pede?
A poesia é como a agua de um rio,
Que desaltera, sem matar a sêde.

Laís, Laís, sobre meu seio pousa
A tua loura e esplendida cabeça...
Que tem que ao lado dessa pobre lousa,
Um triste pé de lagrima floresça?...

Penas perdidas

Perguntas porque meus versos
Choram, em vez de sorrir...
E' que elles são universos
Que estão quasi a se extinguir.

Tristes d'elles, minha filha,
Tristes d'elles, minha irmã,
Raro é aquelle que brilha,
Quando desponta a manhã.

São pequeninos fragmentos,
Pedaços da minha cruz,
Errando ao sabor dos ventos,
Como planetas sem luz.

As lagrimas que vieram
Humedecer este chão,
Num coração estiveram
Que já foi meu coração.

Pobre estrella desgarrada
Foi essa estrella de amor,
Hoje de todo apagada
No seu fumeiro de dôr.

Irrompa, embora, no Oriente,
Qualquer aurora, qualquer,
Quem tem o Occaso, sómente,
Não vê a aurora nascer.

Houve uma dama formosa
Que meu coração colheu,
Como se colhe uma rosa
Mal o dia amanheceu.

Que quadra feliz foi essa!
Que meninice ideal!
O sonho que assim começa,
Quasi sempre acaba mal!...

Um dia, a dama querida
Para outro paiz partiu...
Não cicatriza a ferida
Que uma ingratidão abriu.

Ella sumiu-se entre os astros,
Sem que a pudesse alcançar...
Quem é que, andando de rastros,
Póde um passaro apanhar?

....

O que hoje faço, portanto,
E' fazer o que não fiz:
Enxugar, a furto, o pranto,
E fingir que sou feliz.

Concertante nocturno

O LUAR, sonhando

Nuvem, que rumo é o teu? Por onde andavas
Hontem, quando desci da excelsa triga?
Em que sonora lympha perfumavas
De teus cabellos a fluctuante estriga?

A que fagueiras illusões, sorrindo,
Ias, entregue entre amorosa e esquiva,
O undoso manto de teu collo abrindo
Ao vento leve, á catadupa altiva?

Em que leito de perolas dormiste?
Que travesseiro te amparou a fronte?
Que melopéa á estrella d'alva ouviste
Na silenciosa curva do horizonte ?

Qual foi o sol que te envolveu nos braços?
Quaes as estrellas que te acompanharam?
Quantos foram os beijos e os abraços
Que a flava trança te desenrolaram?...

Quem sentiu o perfume inebriante
Dos pés que moram nesses sapatinhos,
A esparzirem na esphera rutilante
O murmurio das folhas e dos ninhos?...

Que estro andou em teu seio gorgeando
Uma ligeira e alegre cançoneta,
E com um venablo de ouro atravessando
Teu nublinoso olhar como uma setta?

Quem te a poma osculou túmida e quente,
E a espadua núa te cobriu de beijos?
Quem te levou, allucinadamente,
Oh! nuvem! de desejos em desejos?

Que phantasia, ao perpassar do vento,
Te enleiou os braços, te opprimiu o seio?
Que Deus te arrebatou ao firmamento,
Formosa Eloá, quando ias a passeio?...

A GOTTA D'AGUA

A violeta já não tem perfume.

A VIRAÇAO

A rôla foge para aquellas grotas...

O ROUXINOL

E nenhuma de vós ouve o queixume
Que ha nos meus sonhos e nas minhas notas...

Sou o orgulho do bosque; a urna encantada,
A febre, o anhelo, a alacridade, o aroma...
— Rêde de sons, a um ramo pendurada,
Onde sonha uma Oreade embalada
De niveos seios, de luxuosa coma.
Sou o orgulho do bosque, a alma que canta,
A alma que o ouvido prende e a amar convida.

A FLÔR

E eu, rouxinol, sou simplesmente a planta
Numa hastesinha tremula pendida...
Ah! quando caio, fria e emmurchecida,
Cascateiam-te as notas na garganta...

O ROUXINOL

Ama-me a aurora de olhos rutilantes,
Que o ouro do dia trincoleja e espalha;
De cujos flancos, largos e ondulantes
Jorra a luz que o horizonte e os mares coalha.
Por entre as folhas luridas, farfalha,
E amaina o vento e as ondas sussurrantes...

O LUAR, *despertando*

Este demonio de palrar não cessa...
Oh! rouxinol, não viste, acaso, a minha...

O ROUXINOL, *interrompendo-o*

Vi-a passar no céu a toda a pressa,
No bico de uma prófuga andorinha...

O LUAR, *encolerisando-se*

De quem fallas, maroto? Espera e escuta.
Ella...

O ROUXINOL

Já sei, ha poucas horas vi-a
Deitada com um satyro na gruta...
E um ruido de ais e beijos no ar se ouvia...

A FLÔR

Cala-te, rouxinol, volta ao teu ninho...

A GOTTA D'AGUA

Que bello luar!

A VIRAÇÃO

Quem é que está cantando?!

O ROUXINOL

Beija-me as plumas de cheiroso arminho.

O LUAR

Dos sonhos guardo o luminoso bando...

O ROUXINOL

Então, sê tu, a amphora prateada
De meus sonhos... arruma-os a teu gosto:
Que elles se deitem com a tua amada
E adormeçam ás horas do sol posto...

DOIS NOIVOS, passeando

O NOIVO, dirigindo-se á noiva

As flôres dormem... De teus cylios rolam
Olhares longos e phosphorescentes,
Que pela solidão se desenrolam
Como estrellas cadentes...

A tua imagem canta-me ao ouvido
Um lyrismo aromatico e mavioso;
E é feita a tua mão desse tecido
Indefinivel e mysterioso,

Que veste a sombra, o azul, o iris, a espuma...
Teu leito nupcial é um céu risonho;
E, como a luz passa por uma bruma,
Assim, tambem, passas pelo meu sonho...

Por entre as sombras dos rosaes penetram
Do plenilunio os pallidos fulgores,
E de teu nome as syllabas soletram
Os rouxinoes e as flôres...

O ROUXINOL

E' uma noite de amores esta, creio
Que o sol das minhas lagrimas rutila:
Traze-me a taça de ambar de teu seio,
Minha estrella de argila!

Quero embrenhar-me em teu cabello louro,
Perder-me nessa esplendida floresta,
E ver-te d'alma o fulgido thesouro,
Como se vê o céu por uma fresta.

O LUAR, absorto

Quando seus pés pisam o azul sereno
No passo de uma dryade ligeira,
Insinua-me um lubrico veneno
Pelos anneis da sua cabelleira.

O ROUXINOL, imitando a voz do luar

Os deuses offerecem-lhe banquetes,
E os leitos de topasio do Levante;
Automedonte punge-lhe os ginetes,
E Eolo faz de cavalleiro andante.

O LUAR, sem lhe dar attenção

Quando ella passa os ares embalsama
E amaina o choro ás aias de Amphitrite;
Sobe-lhe á fronte uma celeste chamma,
Como a aurora ao Zenith.

O ROUXINOL, chasqueando

Tremulo, ás vezes, beijo-lhe o alvo flanco,
Que imita o cheiro e a ruiva côr do alhambre;
Quando passeiamos, ella vai de branco,
E eu de *roble de chambre.*

A FLÔR

Quem falla?

A VIRAÇÃO

E' a noite.

A GOTTA D'AGUA

E' a noiva.

A NOIVA

E' o mar.

O NOIVO

E' o sol
Que agora esconde a sua face loura...

O ROUXINOL

Sou eu, o rouxinol,
Emquanto o mar entre os parceis estoura...
Sou eu que com meus cantos, de elo em elo,
Prendo á minh'alma, á noite, a alma das flores,
E envio a Deus, n'um lucido novelo,
Todas as maguas e todas as dôres.

O NOIVO, dirigindo-se ao rouxinol e apontando para umas flôres que adornam os cabellos á sua noiva

Vê, rouxinal, como lhe ficam bem
Estas rosas que traz como um enfeite;
Ainda é mais branca do que uma cecem,
E tem na pelle a maciez do leite.

O LUAR

Mas não é como a nuvem tão formosa,
Nem tem os pés tão brancos, nem tão leves...

A VIRAÇÃO

O seu sorriso tem o olor da rosa,
E os seus passos são rapidos e breves...

UM SATYRO, espiando de um tojal

Ai! que collo macio! Uma pennugem
Envolve-o todo n'um cheiroso véu...

O ROUXINOL, ao ver o satyro

Não alcança do pantano a salsugem
A face azul do céu.

O SATYRO

Os cabellos espumam-lhe nos braços
Em douda, alegre, lucida cascata...
Pedem meus beijos, pedem meus abraços...

O ROUXINOL, com ar de nojo

Que figura caricata!

A VIRAÇÃO

Tanto tem de immoral como de tolo.

A FLÔR

Que capro sórdido e horrendo!

O SATYRO

Chega mais perto o apetitoso collo,
Emquanto a rêde na ramagem prendo...

UMA VOZ

Separa-te della, bruto,
Uma invencivel muralha;
Se tocares nesse fruto,
Quebro-te os cornos, canalha.

O SATYRO, lambendo-se todo de lascivia

Eu sou deus e rei dos campos,
Neto de Dœmorgogon;
Colho á noite pyrilampos
Com as dryades e com...

A MESMA VOZ, interrompendo-o

Este monstro capripede e cornudo
Cuida estar vendo a caça fugitiva,
De pelle branca e de olhos de velludo,
Que do Fauno infeliz foge e se esquiva.

A lingua espicha e os grossos beiços lambe
E unta-os de uma babugem peganhenta.
Que lhe importa que o casco esbrugue e cambe,
Que tenha a bocca esqualida e nojenta?

No seu olhar a cupidez fagulha
N'uma phosphorecencia de nateiro;
Ouçam-n'o: a sua lingua cascabulha
Como uma cobra dentro de um boeiro.

Latem-lhe á bocca os cães de Acteon, ferozes;
Uivam-lhe á sanha os monstros de Teutates;
E em meio desse côro de mil vozes
Rufa o tambor frenetico de Orates!...

O SATYRO, mostrando uma flôr á moça

Olha esta flor, Minerva deu-m'a um dia...
E' a mais formosa irman de Philomela;
No rochedo de Tenedos vivia
Entre os salsos tritões, lasciva e bella.

Hero cheirava-a, á tarde e á noite, quando,
Célere, o amante as ondas vinha abrindo.
Toma-a! Pelos teus dedos perpassando,
De uma tinta mais quente os colorindo,

Hade levar-te ao coração a flamma
— Irman de Venus e do amor irman —
Que sobe ao rosto como sobe a chamma
Aos salgueiros, em flôr, pela manhan.
Toda essa via-lactea que se enrama
Na tua fronte limpida e louçan,
Que o cabello de perolas recama,
Dando-te o porte de uma castelan,
Fará de teu sorriso outros sorrisos,
De um paraiso muitos paraisos.

O NOIVO

Vamos, ha muito o sol desceu do occaso
As espelhantes, rutilas escadas:
Enche teu seio — cristalino vaso —
Do aroma destas flores orvalhadas.

O ROUXINOL

E das minhas canções...

O SATYRO

E dos meus beijos...

O NOIVO

Vamos, é tarde! As serras se ennevoam;
Abrem as azas de ouro os meus desejos
Por entre o luar que esses teus olhos coam.

A NOIVA, caminhando

Que frio! Tenho as mãos tão frias e a alma
Tão quente! Como póde isto se dar?
Que deliciosa paz! Que eterna calma!
Vive-se aqui para sorrir e amar...
Como um passaro as azas no ar espalma,
Cançado de batel-as a cantar,
Eu vou pela existencia fóra, ouvindo
Arias, que o azul murmura refulgindo.

O NOIVO

Que linda que és!

O SATYRO

Não cheira tanto a rosa,
Nem mesmo Venus, tem a voz tão bella,
Nem a cabeça mais esplendorosa,
Quando chega á janella...

O ROUXINOL, ao longe

Meu ninho é quente, minhas pennas quentes...

O NOIVO

Vamos.

A NOIVA

Que frio!

O ROUXINOL

Que calor!

O SATYRO

Gozemos...

O NOIVO

Despregam-se do azul as estrellas cadentes...

O LUAR

Nuvem!...

O SATYRO

E a sua voz...

O NOIVO

Sonhemos, pois...

O ECO

Sonhemos...

Barcarola do olhar

Senhora! o vosso olhar languido e terno,
Mal o percebe, o espirito de um doente,
Exgota-o, como um copo de falerno,
Aos goles, abundantemente.

O caçador que, ao romper d'alva, passa
Para ir os cervos perseguir, na matta,
De vossos olhos na floresta, caça
Aves de bicos de ouro e azas de prata.

Contam as lendas poeticas, de outr'ora,
Que pelos raios do luar andavam,
Tagarelando, Willis da côr da aurora,
Que os circumfusos bosques habitavam.

Pois, como essas volateis creaturas,
Pisando as sedas de um luar de Maio,
Um grupo de curiosas miniaturas
Percorre os vossos olhos, raio a raio.

O pegureiro escuta, deslumbrado,
A symphonia d'esse olhar, que imita
A cadencia de um mundo illuminado,
Rolando pela abobada infinita.

Mas, num ponto em que a luz se lubrifica,
E, subtilmente, o luar se desenrola,
Um vulto de mulher, cantando fica
Uma queixosa barcarola...

Nupcias de Amphitrite

Foge Amphitrite pelas vagas cerulas
Numa barquinha de coral e neve.
As oceanides, humidas de perolas,
Seu alvo collo vão beijar, de leve.

Neptuno ordena que os delphins a tragam,
(Porque Amphitrite é noiva de Neptuno).
Tres longos mezes pelo oceano vagam,
Entre os templos de Sabba e de Fortumno.

Manda forrar de preto o seu palacio
O desgraçado noivo de Amphitrite,
E na escamosa casca de um cetaceo
Do oceano foi ao ultimo limite.

De outro rosto mais poetico e mais bello
A bella deusa estava enamorada;
Acompanhava-a como um pesadello
Do vagalhão na crespa espumarada.

Na equorea e longa barba salitrosa
Do filho de Saturno o mar bramia;
E, quando uma nerine lacrimosa
Ás vozes do éco, ao longe, repetia,

De Egêo na harpa os tritões chorando vinham.
O plenilunio se afogava n'agua,
E, em côro, as ondas múrmuras continham
Do deus dos mares a profunda magua.

Das neptunalias festas o esplendente
Symbolo em torvo pélago se apaga,
E o mar, de continente em continente,
Do salso amante a colera propaga.

Dos monstros foi tamanha a dôr, que, um dia,
Tornou a deusa ao leito abandonado...
Tinha as faces pisadas, a alma fria,
Incerto o olhar e o coração maguado.

Delphins de asperas crostas reluzentes
Escoltavam a deusa fugitiva,
E as ondas, ternas, molles e dormentes,
Vinham, chorando, atraz da noiva esquiva.

Neptuno espera-a, tremulo e queixoso.
Traz no cabello ricas pedrarias,
E o longo torso, mobil e esquarroso,
Recamado se mostra de ardentias.

Beija-lhe a polpa túmida do seio...
Beija-lhe a testa, o collo, a perna, o flanco...
E, entre um sorriso lubrico e um meneio,
Na espadua entorna-lhe o cabello branco.

E a gaze abrindo á tunica fluctuante
Da noiva, as tenras fórmas examina.
E palpando-lhe a carne exhuberante,
Exclama: "Como é perfumada e fina!"

Emtanto, a moça o vôo de uma garça
Acompanha, a sorrir, de espaço a espaço;
E a viração na cabelleira esparsa
Traz-lhe do amante o derradeiro abraço.

Assim, tambem, emquanto, indifferente,
Matas de um outro os lubricos desejos,
Para o meu leito, voluptuosamente,
Vôa a tu'alma e cobre-me de beijos.

Em meio do caminho

Quando á varanda de ouro e nácar da poesia
Chega o phantasma negro e triste de meu verso,
Que nos olhos, outr'ora, a duvida trazia,
Como as ruinas de ignoto e lugubre universo,
Paira, branca, no azul, a sua imagem fria.

Minha estrophe soluça, a lagrima murmura,
Timidamente ao meu ouvido um ai queixoso,
Deixando atraz de si aberta a sepultura,
Onde — coveiro máo — vou enterrar o gozo
Da primeira saudade e da ultima ventura.

A demencia, enroscada aos meus cabellos, ruge,
Desatrellando os seus mastins e as suas furias.
Arreminado o vento, entre os parceis estruge:
E eu venço a preamar de todas as injurias,
Apesar de seu lodo e da sua babuge.

Porão escuro e vil, de mortos carregado,
Vai minh'alma sulcando oceano fóra. Rudo,
Rebenta o temporal ás nuvens agarrado.
Debalde ao mar o horror dos meus nervos sacudo,
Debalde ao céu num ai subo aterrorizado!

Onde estaes, onde estaes, chimeras fugitivas?
Onde estaes, onde estaes, fugitivos amores?
Vejo-vos, sem clamor, nas sombras redivivas
Que vêm em procissão regar as minhas dôres
— Desbotadas cecens, pallidas sempre-vivas!

A antiphona queixosa onde até hoje mora,
Como em carcere de ouro, um astro prisioneiro,
Minha pobre e infeliz alma de poeta, agora,
Ao ouvir da saudade o verso derradeiro,
Com o verso delira e com o verso chora.

Olgas e torrentões trajaram-se de lucto;
Seccou-se o rio, a voz das arvores calou-se.
Um rumor tumular erriça o monte abrupto...
E o fruto, a sazonar no coração, mais doce
Que o mel, por que ficou tão amargo esse fruto?...

O que se vê na terra, e se entrevê no espaço
E' uma projecção do que se passa n'alma.
Ah! tivesse-a ao meu seio, ah! tivesse-a ao meu braço,
Que voltaria a luz resplandecente e calma
A' estrophe, onde ainda escuto o ruido de seu passo.

Seu nome tem a côr de um céu triste e remoto:
Tem nas lettras azues um arco-iris aberto;
Quando o ouço pronunciar, em cada lettra noto
Um rio que parece entrar por um deserto,
Buscando a esphera ideal de algum paiz ignoto.

Seu nome, sua voz, tudo me encanta o ouvido,
E, em idolos, consagra a ancia desse transporte,
A luz dessa visão, o éco desse gemido...
E quando julgo entrar os penetraes da morte,
Eis-me á roda fatal, de novo, restituido!

E a isso chamam viver! Que suprema ironia!
Dorme a estrella no céu, como qualquer carcaça
No fundo de uma valla ou de uma galeria
De mortos, onde o mocho um epitaphio traça,
Quando num craneo pousa ou sobre um sonho pia!...

A luz de que nos serve? O sol que nos aquece,
De que nos serve o sol, se andamos solitarios,
Sem teu bordão, ó fé, sem teu Calvario, ó prece?
A religião da infancia, o incenso dos santuarios,
Bem depressa se esvae, bem depressa se esquece!...

Ironia do coração

Como estavas formosa entre o mar e a minh'alma!
Ias partir... no céu vinha rompendo a aurora.
Eu te pedia — luz, tu me pedias — calma;
Eu te dizia: — "Crê"; tu me dizias: — "Chora"!

Beijei-te as mãos, beijei-te os pequeninos pés,
Como os labios de um padre um assoalho sagrado.
Longe, ouvia-se ainda, entre os caramancheis,
A melodiosa voz do luar apaixonado.

"E' a voz do nosso amor, nos esponsaes das flôres.
Não chores mais, acalma a tua anciedade.
Assim, como hei de eu dar treguas ás minhas dôres,
E recalcar no peito esta amarga saudade?"

Partiste... Sobre mim cerrou-se a escuridão.
E eu não ouso subir aos meus sonhos agora,
Porque, ironico e máo, me grita o coração,
Quando não creio: "crê!", quando não choro: "chora"!

O chaletzinho

I

Longe, á beira de um corrego, descia
Por um outeiro, pendurado á gramma,
Um chaletzinho, que me parecia
Um ninho feito de algodão em rama.
Das janellas que abriam para o Oriente,
O firmamento se descortinava,
Impressionando deliciosamente
O viajor que por alli passava...

A agua de ao pé, tinha um arrulho brando,
Que é o preludio da orchestra dos canarios,
E, descendo a colina e serpenteando,
Se bifurcava por caminhos varios...
Approximei-me e perguntei quem era
Do chaletzinho a dona mysteriosa,
E se sahia delle a primavera
Que orvalha o campo e faz abrir a rosa.

Mora alli, responderam-me, a mais linda
De quantas deusas já o céu sonhara.
Seu ninho agreste é um canto que não finda...
Sua existencia uma corrente clara...
E que, quando apontava a madrugada
Na janellinha fulva do Levante,
Ella, d'outra janella debruçada,
Punha perplexo e pasmo o viajante.

Eu esperei que o dia amanhecesse,
N'um sitio, perto, mas um pouco ao lado.
Bem podia chover, e se chovesse,
Ella decerto não veria ao prado.
Nunca o aspecto risonho da paysagem
Do alvorecer me pareceu mais bello.
Via-a já a sorrir pela folhagem
Avelludada como o seu cabello.

Como o bambual, que a viração sacode,
Sacudia-me a febre o corpo todo:
Feliz d'aquelle que, esperando, póde
Conter-se para não passar por doudo.
Rompeu o dia... Uma revoada de ouro
Zuniu chilrando pelo espaço fóra...
A terra ouviu um religioso côro...
Vinha passando o séquito da aurora...

Eil-a, emfim! Que formosa creatura!
Simples, modesta e ingenuamente calma!
E' tão rara a pureza e ella tão pura
Na sua meiga virgindade d'alma!

....

Nada te vem marear o brilho, estrella,
Porque teus raios são para a floresta:
Na aldeia, quando uma mulher é bella,
Raro deixa tambem de ser honesta.

II

Sete annos se passaram de uma doce
Felicidade sem igual na terra;
Todo o meu ser, sorpreso, illuminou-se,
Como, ao romper do dia, o alto da serra.
Vivemos nesse mysticismo vago
Dos que não têm nem dôres, nem peccados;
Seu coração me parecia um lago
Onde boiavam cysnes encantados...

Disse-lhe, então, quem era e de onde vinha;
Fallei-lhe do retiro em que morava,
E do seu ar modesto que não tinha
O que nas outras moças encontrava.
Que era, de certo, alguma divindade,
Que os austros ouvem nos pragaes maninhos,
E que era eterna a sua mocidade
Como a dos anjos ou como a dos ninhos...

Ella comprehendeu que eu não mentia,
Pois não se mente aos olhos de uma santa,
Que o esplendor da belleza reunia
A' virgindade agreste de uma planta.
Então contou-me a historia perfumada
De seu gracioso e branco chaletzinho.
A sua voz subia immaculada
Por este claro e sideral caminho...

Com que fervor o espirito, colhido
Nos seus mais puros e intimos amores,
Absorto, ouvia aquelle ser querido,
Que tinha a voz, e a hesitação das flôres.
Feliz tempo de amor e de esquivanças!...
Sete annos, de uma alegre convivencia,
Correram como um grupo de crianças
Pelo jardim da nossa adolescencia.

Sete annos, desfolhando, dia a dia,
Na ebriedade de um sonhar, sem termo,
As flôres dessa ephemera alegria
Do amor, nascido e cultivado no ermo.
Sete annos em que ouviamos no prado
Um ruflar d'azas timido e medroso,
E dentro d'alma o rythmo prolongado
De um sentimento vago e mysterioso...

Sete annos de um romance interminavel
Ao pé dos rios e dos castanheiros,
Que nos lembrava a musica ineffavel
Dos camponezes e dos pegureiros...
Sete annos de uma adolescencia, toda
Repassada da sua virgindade.
Passaros mil vinham cantar em roda
Dessa encantada e pequenina herdade.

No céu, nos astros, no cahir da folha,
A' hora em que o sol descamba no Occidente,
No colibri que a ponta da aza molha
Da undosa lympha na brumal corrente,
Na alva bonina entrecerrada e fresca,
Attenta do Euro á musical fragrancia,
Em tudo eu lia a historia romanesca
Que as auras trazem de remota estancia.

De esconsa gruta a carinhosa sombra
Cahindo sobre touças de amarantos,
E humedecendo a avelludada alfombra
Nos mais ermos e placidos recantos,
D'aquella embalsamada natureza,
A alma de aroma e sonhos nos enchia,
E o chaletzinho pela correnteza
Vagarosa do corrego descia...

III

Tudo partiu... Como um solar em ruinas
Só me ficou esta saudade infinda,
E o vago olor das suas mãos divinas
Que em toda parte julgo achar ainda.
Que noite horrivel foi aquella noite!
Eu acerquei-me de seu casto leito;
E, como a ave que encontra onde se acoite,
Ella acoitou-se, tremula, em meu peito.

"Tenho medo da morte! disse. Extranha
Aza de crepe no horizonte vejo!
Como é ingreme e abrupta esta montanha
Por cujos antros horridos rastejo!"
Pobresinha! no olhar que me não via
O paraiso se delineava...
Tomei-lhe a mão, de lagrimas cobri-a;
Beijei-lhe as faces que um luar banhava.

Nunca se soffreu tanto, nem mais forte
A dôr n'um coração cravou as garras!
E, assim mesmo, velada pela morte,
Tinha na voz citharas e guitarras.
Jasmim cheiroso que cahiu do galho,
Quem no meio das flôres te pudera
Dar á corolla secca o fresco orvalho,
Fresco dos beijos d'outra primavera?

Quem conservar pudera o teu perfume
Dentro do coração, como n'um lenço?
E as illusões soltar como um cardume
De pyrilampos nesse bosque immenso?

E sonhar como sonha o peregrino
Que leva a cruz aconchegada ao seio;
Como o murmurio de uma folha, o trino
De um pintasilgo e o deslisar de um veio?...

E contemplar o teu retrato santo,
E a memoria sómente abrir áquelle
Sorriso, áquella graça, áquelle encanto,
A'quelle olor que te acendrava a pelle.
Respirar só a tua ondeante coma
E vêr-te, extraordinariamente bella,
Através do crystal de uma redoma
Ou do regaço branco de uma estrella?

Ah! quem pudera ter na mente occulta,
Como n'um tabernaculo silente,
A tua imagem candida, sepulta,
E adornada de um nimbo refulgente!

. . . .

Não accordemos essa creatura
Do meu passado o mystico amuleto;
Ella pertence agora á sepultura
Purificada pelo nosso affecto.

Para o teu tumulo estas flôres trago...
Gemem lá fóra as auras nas escarpas!
As aves hão de vir ao pé do lago,
E as nossas almas vibrarão como harpas...
Pelas portas abertas da lembrança
A tua imagem rútila penetra,
E o amor, sorrindo, como uma criança,
De teu nome ainda as syllabas soletra.

Vela-te o somno a derradeira nota
De teu garrulo e terno gaturamo,
Que anda agora a cantar uma aria ignota
De pomar em pomar, de ramo em ramo.
O coração se me constrange todo
Quando elle passa no ar, trépido e brando,
Fazendo tudo o que fizera um doudo
Se pelos ares perpassasse voando.

Julga, talvez, o pobre que te deram
Por sepultura a flôr do jasmineiro,
E que das tuas lagrimas fizeram
A orvalhada de Março e de Janeiro.
Tristes de nós o gaturamo e o poeta!
Ambos ligados pela mesma sorte,
Vamos gemendo a nossa dôr secreta,
— Fecho da vida, prologo da morte!...

....

Longe, á beira de um corrego, ainda desce
Por um outeiro, pendurado á gramma,
O chaletzinho, mas já não parece
Um ninho feito de algodão em rama.

A arte

L'esprit que comprend l'art, comprend le reste aussi.

(VICTOR HUGO — *Les voix intérieures.*)

Num acroterio de ouro, em cima, a lyra ao hombro,
Olha em torno. Um clarão do céu lhe bate á fronte.
Sorve o Oceano n'um hausto e apparelha o horizonte
Para a viagem sem fim da lagrima e do assombro.

O mar lhe ruge aos pés, raussissono e lascivo,
Faz-lhe um ninho á cabeça um par de rouxinóes,
E, de côro com elle, em rythmo fugitivo,
Passam cantando, ao pôr do sol, os arrebóes.

Entorna-se-lhe a coma em cachos pela testa;
Um resplendor de santa envolve-lhe a cabeça;
E, antes que a folha caia, e antes que a noite desça,
Para sonhar melhor, vai sonhar na floresta.

Como os selentas vão, de lyra a tiracolo,
No leito de marfim a lua adormecer,
Ella faz rebentar, d'um pantano, o Pactolo,
E d'um seio de rola, um seio de mulher.

A arte é o fruto do loto, acalma n'um minuto
A dôr, a grande dôr dos annos que perdemos,
E o vinho que ella põe na taça em que bebemos,
Tem mais cheiro e sabor que o vinho desse fruto.

Atorçalando de ostro e topasio o remate
Da abobada, onde canta a pedra, o stello, a côr,
Atravessa um pomar de coifa e de açafate
Sem que o perceba o olhar malicioso da flôr.

Palestrina, que faz do rumor de uma queda
D'agua e da folha um hymno ou do lyrio uma prece;
Que na colina azul da musica adormece,
Depois de dar á estrophe um luar e uma alameda;

Beethowen, que ao bramir das trompas, o Austro amarra,
E ao rufo do tambor acorrenta o trovão,
Que fez sorrir a flauta e gemer a guitarra,
Como se ella tambem tivesse um coração,

Essa força latente, esse desejo eterno
De amar tudo o que póde e deve ser amado;
Desde a rosa, em botão, ao berço immaculado,
Desde os olhos de um filho ao cabello materno,

Tudo isso a Arte possue, tudo isso a Arte acairella
Nas tintas do pincel, na ponta do buril,
Deixando em cada verso o iris de uma aquarella
E em cada barcarola um busto feminil.

Voz de Marina, olhar de Anticléa, em que as fadas
Andam rindo e brincando em bandos innocentes,
Para desabotoar-lhe as palpebras dormentes,
Para desamarrar-lhe as azas fatigadas.

Desde o sol — esse enorme e fulvo escapulario,
Ao beijo — esse canoro e alado bogari;
— Um, que o marmore incende ao mudo estatuario,
Outro, que imita a côr e a fórma de um rubi;

A Arte lança-as em bloco á mesma caçoleta:
A massa estrinca, explode e um novo rythmo a invade;
E do sol faz o amor, e do beijo a saudade
— Aves que vão cantar ao balcão de Julieta.

Ciris que, ao despontar do dia, accorda os valles,
Que vôa e anda a gemer de pomar em pomar,
Com que estrella diluida amassaste o teu calix?
Com que myrrha odorante ergueste o teu altar?

No pincel de Rembrandt ha rufos de baquetas;
As suas tintas são a carne da pintura,
E estalam no painel, como n'uma armadura,
Os musculos dos seus corpulentos athletas.

Giotto é o hymno da tela, a alegria italiana,
Vibrante em cada traço, audaz em cada tom;
E' a bondade, a esperança, a força sobrehumana,
A filtrar-se na luz, a diluir-se no som.

Na poesia, a arte, então, concentra-se. O percurso
Ora, é turvo e revesso, ora, placido e breve...
Crêa Pantagruel, e dá-lhe um ventre de urso,
Sagra a velhice, e dá-lhe um resplendor de neve.

A's suas mãos, o mundo outra estructura toma.
A creança é para ella um alveolo de mel:
Desfaz o ambar e a opala e verte-os n'um poma,
E vê n'um simples beijo um oceano e um batel.

Que marinheiro teve a intrepidez e a calma
De ajoujal-o ao tufão, sem remos e sem velas,
E ir pelo oceano fóra, assustando as estrellas,
E a alcatéa feroz das salsas ondas? A alma.

A Arte examina a côr e a plumagem do sonho;
Pesa a luz e gradua a força aos turbilhões,
E agita o coração — esse lago tristonho —
Onde vai desaguar o rio das paixões.

Por isso que ella tudo analysa e interpreta,
Por isso que ella dá vida ao que não tem vida,
E' que deixa a sangrar no verso uma ferida,
E uma fagulha arder na alma de cada poeta.

O idéal e o mundo

Poeta! Tudo é silencio ao longo destes muros...
Que nos podem dar, falla, estes ecos tristonhos,
Estas vozes que vêm dos páramos escuros,
Gemer com os nossos ais, chorar com os nossos sonhos?...

Profanaram-te a fé em que pousaste a fronte;
Deixaram-te sem Deus, riram da tua magua,
E o encapellado oceano e o sitibundo monte,
De mãos postas, á terra imploraram mais agua.

Agua é crença, agua é fé, agua és tu, mocidade,
Desabotoando ao sol a tremula corolla.
Como aplacar esta anciedade ?
Como encher de ouro a mão que nos pede uma esmola?

Calae-vos, rouxinóes; calae-vos, gaturamos!
Ninguem ouve, ninguem, vosso piedoso accento.
A primavera, a rir, anda a toucar os ramos...
Qu'importa, si no fundo é tudo soffrimento?...

E tu que julgas ter encontrado em meu peito
Ancoradouro ás tuas maguas,
Com sorpresa, o verás, em vagalhões desfeito,
Irromper, como um mar, por escarpas e fraguas.

Pobre santa! Esse amor vale mais que o universo.
Vale mais do que eu mesmo, a quem teu beijo anima.
Colma com o teu carinho a choupana do verso,
Em cuja porta, á noite, ouço cantar a rima.

Desce por esta escada ao abysmo em que móro;
Desce ao meu coração, onde o teu vulto abraço!
A velha magua, que devoro,
Por escuros desvãos, segue-me passo a passo.

Gesticulam na treva hediondos esqueletos,
Vejo a sombra de Atreo esgrouvinhada e glabra:
Alighieri escreveu aqui os seus tercetos,
E Plowmann poz em scena a comedia macabra.

Não poder eu sonhar, não poder eu aos astros
Gritar: "Volvei de novo ao limbo de onde viestes,
Porque tambem andaes de rastros,
E conspurcaes no lodo as refulgentes vestes!"

Cada estrella, ao nascer, traz, como qualquer verme,
O destino fatal de chafurdar na lama
A luminosa fronte, a dourada epiderme,
Offegando ao calor de um coração de chamma.

Mundos que o vacuo encheis com a vossa luz tristonha,
Volvei ao nada, e vós, serras e mares tristes,
Onde a aguia plana e o albatroz sonha,
De que óvulo bastardo e colossal sahistes?

O sol do estio, enleado ás arvores e aos montes,
Mata-nos, como o olhar de um velho basilisco,
E um corisco, através dos negros horizontes,
Passa, a todo galope, atraz de outro corisco.

Espirra o sangue fulvo e astral das nuvens, quando
Larga a tropa infernal desses corseis alados.
Quem é que os vai acaudilhando?
Respondei-me, tufões e orbes amotinados!

Guerra de destruição contra tudo o que existe!
Espantosa inversão dos destinos humanos!
Natureza orgulhosa e má, porque pariste
Tão esplendidos céus, tão soberbos oceanos?

E o amor? Sim, que ha de ser do amor piedoso e casto,
— Cysne que adormeceu sobre um lago sereno?
— Senhor! o ideal humano é muito vasto,
Para circumscrever-se a um mundo tão pequeno!...

Cordelia

Cordelia, anjo infeliz, Cordelia, hymno celeste,
Que a Grã-Bretanha ouviu, extatica e surpresa;
Cheirosa mangerona, entre ortigas nesceste,
Para veneração de toda a natureza.

Em que divino olor, em que amphora ou caçoula,
Foi feita a tua casta e immácula doçura,
E o teu collo a offegar, como uma pomba rôla
Que pousasse na cruz de alguma sepultura?

Levas n'aza a illusão, partida em mil bocados,
Um beijo á bocca, um nimbo á fronte, um lyrio á trança.
Ah! Cordelia! Cordelia! os ninhos espantados
Não cessam de fallar de ti á vizinhança:

— Ao rio, que ainda guarda a voz do octogenario,
Rôto, esqualido, a errar por montanhas e valles;
Ao mar, que ainda repete a voz do chantre vario,
N'uma antiphona, a entoar seus redobrados males.

Um hostiario não guarda a hostia com mais carinho,
Nem a vaga o rumor, nem a brisa o bafejo...
Esse velho é o seu templo, esse amor é o seu ninho,
Que á arvore da oração acorrentou com um beijo.

Com que meiguice affaga o pobre rei! O espanto
Gela-lhe o olhar, a dôr apunhala-lhe o peito,
E dos olhos lhe corre um copioso pranto
Sobre o rosto do velho, exanime e desfeito.

As campinas do Douvre, attonitas, deploram,
Com piedosa ternura, o desfecho do drama.
O mar geme, a luz sangra, os arvoredos choram,
E a viração da noite as selvas embalsama.

Vão os dois: — um occaso encostado á uma aurora.
Ella, com o olhar no céu, elle, com os olhos n'ella:
Elle falla, ella scisma, elle ri, ella chora,
Quando lhes vem abrir o carcereiro a cella.

....

Majestade infeliz! Cordelia já não sente.
A' morte o frio véu pelos seus olhos corre...
Aperta-a contra o seio, abraça-a loucamente,
Atrôa os ares, morde o solo, beija-a e... morre.

Dies Iræ

Que saudade, formosa! A chuva cáe lá fóra...
Cáe lá fóra minh'alma espedaçada e morta.
Soluça o Parahyba, e o vento, em torno, chora
E, uivando, como um cão, me vem bater á porta.

"Quem és?" pergunto. "Acaso, uma palavra trazes,
Uma palavra só? Acaso, alguem procura
Conhecer-me de perto, ouvir as minhas phrases,
Rindo do meu vestuario e da minha figura?"

Inquieto, o coração bacoreja-me: "Poeta,
Vai partir o teu sol, vai partir o teu sonho,
O teu unico amor, a tua Julieta,
Para um outro paiz, para um céu mais risonho!"

Cedo o peito ao clamor. O ar da noite suffoca...
Vejo-o como um oceano, erriçado de abrolhos!...
Monologos de Hamleto, estorcem-se-me á bocca,
Lagrimas, em tropel, atropellam-me os olhos!

Que tormento infernal! Desvaira-me o desejo
De ajoelhar-me aos seus pés, de repetir-lhe que a amo,
E vel-a esvoaçar em torno de meu beijo,
Como se fôra uma ave e o beijo um fragil ramo.

A loucura em que embarco e por onde navego,
Faz-me perder a fé, faz-me perder o rumo.
Por isso, vou, tacteando, alquebrantado e cego,
Sem ver o sol de Mantua amortalhado em fumo.

Minha acerba ambição, ninho das minhas penas,
Eco da minha voz, berço dos meus pesares,
Vem regar em minh'alma as brancas açucenas,
Os meus parques em flôr, os meus ricos pomares!

Vem com a tua cabeça, engrinaldada e casta,
Por este valle azul, por esta varzea extensa...
A planicie do amor é mais triste e mais vasta
Do que esta noite triste e esta planicie immensa.

Como soffre quem ama! A sombra de Lysandro
Junto do cyprestal pranteia, e Hérmia não volta.
E no meu coração, — caudaloso Scamandro, —
Teu rápido batel passa de vela solta...

Werther! Quantos degráus tem a escada da morte?
Werther! A ingratidão com que paiz confina?
Por que havemos de estar presos á mesma sorte,
A' taça em que bebeste a ambrosia divina?

Quantos gritos de dôr não gritam num só grito,
Nesse infinito azul, solto pelas espheras?
Porque, ó numes, lançaes á fronte do proscripto
Outonos sepulchraes, em vez de primaveras?

Sorvo o candente areal, mordo a propria caveira,
Que a um tragico negror meu destino acorrenta,
E grasna-me na voz — ave treda e agoureira, —
A paixão de Thebaldo atra e sanguinolenta.

Os olhos

Que olhos, meu Deus! O céu entre por elles dentro
E, de joelhos, contempla os seus salões brilhantes!
A um lado, um cysne canta, e o meu amor, no centro,
Abre o olhar espantado e as azas flammejantes.
Os cantos de Leilá colmam as grutas, cheias
De escassilhos de sol, de louras cytharistas;
E, emquanto tudo dorme, ó meu sonho, passeias
Sobre um rico tapiz de prásios e amethistas.

Ha em Veneza um quadro, em que se vê São Marcos
Das nuvens irromper, para salvar das chammas
Um pobre escravo, nú, que entre abobadas e arcos
Candentes, treme e alonga as mãos ao juiz e ás damas,
Piedade aos corações e aos olhos implorando.
Nisto o rijo segur, erguido sobre o escravo,
Biparte-se. No azul, passa o sol, derramando
Na toga de ouro fluido o amplo cabello flavo.
A alma de Tintureto, alma quente e sonora,
Na tela reproduz, em tintas multicores,
O milagre que assombra e a todos apavora,
Entre gemidos, heus, lagrimas e estertores...
As couraças de ferro, as dalmaticas brancas,
As cimitarras de aço, á luz secca e polida;
Os fogosos corceis, encolhidos nas ancas,
Com plumas de avestruz sobre a cabeça erguida.
Tudo ondula e flammeja... Após, o escravo estende
As mãos ao céu, e chora... E S. Marcos, ferindo
O espaço, como um anjo, ao firmamento ascende,
A parelha de sóes do coche astral pungindo.

Teus olhos são assim. Quando as chammas cruentas
De meus ais minha carne e minh'alma torturam;
Quando as chispas do incendio, ávidas e sangrentas,
Como presas de lobo, assanhadas, procuram
Morder-me o coração, cheio da tua imagem,

Teu olhar me apparece, e da fogueira brota
Um brando arroio, a escoar-se em limpida paysagem,
— Recordação, talvez, de uma patria remota.

Nunca de uma palheta ou de um verso sombrio
Caio sobre um painel, que o mar calçou de abrolhos,
Uma esphera mais alta, um inverno mais frio
Do que o inverno que cáe da esphera de teus olhos.
Por isso, elles, o Averno execrando em que habito,
Gelam — anfracto a anfracto — os pendores da serra,
E não podem ouvir o estertor de meu grito,
Porque elles, como o céu, estão longe da terra.

Resposta do violino

Sua voz parecia uma arvore frondosa,
Subindo para o céu carregada de ninhos,
Enamorados, como a alma de Cimarosa.

Em noites de verão, cheias de borborinhos,
Arrulavam no azul espiritual dos sonhos
Pela relva macia e glauca dos caminhos...

Macerados fakirs, corybantes risonhos,
Gemiam-lhe na voz, vibravam-lhe na arcada,
Entre rulos gazis e canticos tristonhos.

Como a agua de Damasco, alegre e perfumada,
A cascata dos sons jorrava em chilros de ouro,
Com as virações do Sul, na noite embalsamada.

O Libano, banhado em lagrimas, ao chôro
Do divino instrumento, o ouvido, attentamente,
Aguçava, e, de longe, acompanhava o côro.

Os cedros, embuçando o torso viridente
No copado burel das folhas, suspirosos,
Quedavam, a escutal-o, á margem da corrente...

Uma vegetação de templos fulgurosos
Repontava-lhe em ais das comprimidas cordas,
Como a vegetação dos rios caudalosos.

Approximei-me, então, das soluçantes bordas
Desse oceano e clamei: "Não vês que com teus gritos,
Revolto mar, tritões e nayades acordas?

Não vês dentro dos seus compridos sambenitos
Sinistros jacobeus, allucinando tudo,
Entre velhos muphtis e tulapões malditos?

Não vês vultos de emirs, de turbante e de escudo,
Empunhando yatagans, galopando ginetes
Do rythmo grave ao rythmo estrepitante e agudo?

Não vês, banzo, um kalifa ao pé dos galhardetes
De myrrha e cinamomo, o narghilé fumando,
E arvores sacudindo os verdes capacetes?

Não vês o Oriente em peso e as palmeiras calando
A viseira, e o Sahil com as tranças desgrenhadas,
Quando passa o tufão de teu arco, ullulando?

Não vês que o Ganges vem com as ondas encrespadas
Saudar o novo deus, explodindo do lotus
Ou de um lyrio do Hedjaz, gorgeado de baladas?

Por que has de, genio errante, os sonhos mais remotos
Em minh'alma acordar — sombrio cemiterio
De atras recordações, de epitaphios ignotos?

Por que vens animar as ruinas de um imperio
Decrepito e amontoar montanhas e montanhas
De lagrimas no humbral do meu solar funereo?"

Contraveio o instrumento: "Arde em minhas entranhas
O fogo das paixões, o estridor dos embates,
Que, em vão, por verde atalho, insensato, acompanhas.

E, após, o impeto, o fumo e o sangue dos combates,
Eil-o, o Hermon a exalçar a alma de Cesaréa
E Babylonia aos pés dos magicos do Euphrates!...

A's vezes, no silencio absoluto, a epopéa
Grega, jocosamente inflamma o firmamento,
E esporeia o corsel, como Penthesaléa.

A alma genial de Gluck — sarça em chammas, que o vento
Impetuosamente accommette e fustiga,
Sorri no meu clamor, brilha no meu lamento.

Bellini, a soluçar — harpa que o incendio abriga, —
Arborisou, tambem, de supplicas o solo
Do arco que a escura terra á Via lactea liga.

No meu carro triumphal percorro, como Apollo,
Do zodiaco, em fogo, a estrada rutilante,
As grutas do Darfour, as margens do Pactolo.

E quando ouço gemer algum pastor errante,
Prendo a minh'alma á sua e acompanho-a na treva,
Como o clarão do luar a sombra do viajante.

Se passo, á noite, o monte as mãos de pedra eleva,
Na attitude de um monge, ao amplo céu profundo
E exclama: "A' propria pedra o teu soluço enleva!"

Como sei encordoar as lagrimas do mundo
Para dellas fazer um solo ou uma volata,
— Hóstia que a Arte confere ao genio moribundo! —

Em ridentes festões meu arco se desata,
Mal me accende no seio as notas em repouso,
Mal as faço jorrar em rôlos de cascata.

Do amor, ainda no berço — o rio harmonioso —
Levo-o a cantar, por entre arbustos e collinas,
Ao valle azul que fica entre a esperança e o gozo...

De agua fresca e sonora as fontes argentinas
Destas cordas estão profusamente cheias
Para desalterar as noivas e as campinas.

Risonhas, á flor d'agua, agrupam-se as sereias,
Quando, ó lua, os sertões e os monolithos douras,
Placida, chuchurreando o favo das colmeias...

Nuvens de araçarys, rebanhos de pastoras,
Vêm beber nesta lympha e vogar neste oceano,
As velas enfunando ás finas tranças louras.

E, se, acaso, vão ter juntos ao mesmo engano,
Que ineffavel prazer, que amorosa loucura,
Lhes não dou a provar, á hora do desengano!

Sou, finalmente, poeta, o allivio na amargura,
O queixume no riso, o riso no queixume,
Se á grande dor da estrophe outra dor se mistura.

Sou Romeu — a paixão; sou Othelo — o ciume,
O grande astro que sobe ao céu tragico, e volta
Para no caule haurir a essencia do perfume.

Se meu arco flammeja, a colera e a revolta
Flammejam no painel, e bimbalham no verso,
— Canzoada de Hacteon pela floresta solta!..."

....

E calou-se o instrumento. Havia no ar disperso,
Um olor de canção sob um luar de piedade.
Por que partes, clamei, deixando no Universo
Essa Niobe afflicta, a quem chamam saudade?...

Volta ao Eremiterio

Aves do bosque, ouvi-me. Ouvi-me, claras fontes,
Beirando a relva fresca, as balsaminas calmas,
Embuçadas no seu gabão de espumas.
Arvores virginaes, pendei as vossas frontes,
Soltae o vosso canto, abri as vossas almas,
Sob estas frias e alvacentas brumas.

Ella não veio ainda ao jardim de meus beijos,
Casta e meiga, com o olhar e as mãos cheias de estrellas,
Ouvir do arroio a voz timida e mésta...
Não veio, Eros, ainda entre aromas e harpejos,
Constellar o caminho e espantar as gazellas,
Tontas de somno, em meio da floresta.

Chusmas de aves que o vento arremessa, cantando,
Ao céu sereno e escampo, o seu nome psalmeiam
Numa linguagem perfumosa e quente.
E, ferindo a amplidão num surto, largo e brando,
As sete lettras de ouro ao espaço encadeiam,
Como um feixe de raios do nascente.

Arreminado e crespo, o oceano escuta-os, e olha
A amplidão que se arqueia, o vento que lhe assanha
Os vagalhões de feia catadura...
Mas, ao ouvir-lhe o nome, em mimos se desfolha
E agrilhôa-o, a cantar, á alheta da montanha
E aos rudos hombros de apartada lura.

Por estes valles, onde a luz se desenrola
Em fulvos e triumphaes gonfalões desfraldados,
A écloga virgiliana chilra e esvoaça...
Perto, solemnemente, um rio as ondas rola,
Reflectindo na areia os membros abrazados,
Pelos rombos da liquida couraça.

E, gottejando suor, a toda á brida, vejo
Um ginete veloz atravessar o espaço,
A' garupa levando um cavalleiro.
E exclamo: "Esse corsel de fogo é como o beijo
Que percorre, nitrindo, a curva de seu braço,
Abandonado sobre o travesseiro.

Ah! pudesse amarral-a ás roscas de meu verso,
E o comoro de gelo aquecer com meus cantos,
E com meu sangue — caudaloso rio!...
Pudesse abrir-lhe o peito e mostrar-lhe o universo,
Para onde vão meus ais, para onde vão meus prantos,
— Nevoeiros do inverno em pleno estio! —

O sangrento pincel de Ticiano, ferindo
A ampla tela, onde, nús e ensanguentados, gritam
Os valles e as montanhas de Lepanto;
As violetas gemendo, as magnolias sorrindo,
Todos os corações que, em silencio, palpitam
No velho alcaçar lugubre do pranto;

Os remoques de Falstaff, as duvidas de Hamleto,
As ternuras de Ovidio, as caricias de Horacio,
Tudo nesta paysagem se reflecte.
E o meu beijo atravessa o seu cabello preto,
Como o heroe de Balbec o parque de um palacio,
Ao galope do tartaro ginete.

A agua estremece, o azul palpita, os remos gemem,
Quando soletro, á noite, o teu nome querido
E lhes fallo da tua indifferença.
Se me queixo de ti, todas as folhas tremem,
E sae de cada mouta um profundo gemido,
E do arvoredo uma tristeza immensa!

Ah! meu unico amor, balsamo que ambiciono
A tanta dor, a tanta illusão desfolhada,
Antes do outono, em plena primavera,
Como pedir um sonho á alma que não tem somno?
Como pedir asylo á cupola gelada,
E luz, quando só tem ossos a esphera?

Sim, voltarei, de novo, estatua, ao meu retiro,
Ao silencio feral do antigo eremiterio,
Onde tu, velho sol, trillando, pousas.
Não sei que odor de morte ha neste ar que respiro!
Engulhos de sepulchro, ascuas de cemiterio,
Escorrem dos cyprestes e das lousas!

Vamos, esquece a dor, espera-nos a ermida
Branca, no alto de um monte arborisado e fresco,
Cheio de aves, de flores e de ninhos.
E ouvirás, de manhã, no meio da avenida,
Um cantico de amor, terno e cavalheiresco,
Rouxinolado pelos passarinhos.

Ao pessimista Apemanto

Astro, vive em teu céu; alma, vive em teu fosso.
Anda, busca outro rumo; anda, busca outro norte,
Razão, atraz de um deus; mastim, atraz de um osso,
Que vos lançou, passando, a bacchanal da Morte.

Insensatos, que o sol julgaes reter nos braços,
Miseros, que correis em torno dos cyprestes,
Porque cegaes, fitando, a luz destes espaços,
E entre as covas rasgaes as funerarias vestes?

Apemanto, que côr tem a tua ironia?
Que rictus tem o cahos, que rosto tem a sêde?
Com que brocha de lama hei de sujar o dia?
Com que mão hei de dar a esmola a quem m'a pede?

Para onde vão a terra e os seculos poeirentos,
Este vozeiro, esta ancia, estes espectros torvos,
As covas, em repouso, os mares somnolentos
Pela praia a grasnar — negros bandos de corvos?

Gelarão os vulcões, dormirão as crateras;
Os sepulchros, por fim, sorrirão como boccas,
E do amago do solo e do alto das espheras,
Virão gemer e rir as Julietas loucas.

Solemnes, tua mão e tua catadura,
Velho e triste Apemanto, hão de sahir da lousa,
E assim que apparecer a colossal figura
Do limbo, onde a miseria universal repousa,

Velho e triste Apemanto, ao céu dirás: Que importa
Ao verme — o pó, á dor — o grito, á entranha — o lodo,
Se a fé, com o perpassar dos tempos, está morta
E a religião do amor, esquecida de todo?

E o pranto escorrerá pelas gretas da lagem,
Porque não morre o amor e a mulher não se esquece.
Ah! não se apaga n'alma a derradeira imagem
Do derradeiro olhar, da derradeira prece.

Ouve, dir-te-hei, então, velho e podre Apemanto:
"O esqueleto que amei, hei de amar em segredo;
Pertence-lhe esta flor, pertence-lhe este pranto,
E o meu crime, maior que o crime de Manfredo..."

Esquecel-a, jamais. Nas sombras de minh'alma
Nunca se ha de extinguir a dolorosa chaga,
Que me faz caminhar, sem repouso e sem calma,
Como na selva o luar, como no oceano a vaga.

Pulverise-se a luz, que é a esperança da terra...
Viva sempre será a estrella tresmalhada,
Que, comnosco subindo ao planalto da serra,
Nos disse: "Eil-o, afinal, o termo da jornada."

Esperança — illusão — com que ardor te abençôo!
Dorme sobre este chão, sonha sobre esta alfombra.
Sabes tão bem voar... dirige, pois, teu vôo
Para o meu coração de phantasma e de sombra.

Pallas

Devastar! Devastar! E' a senha, é o moto. Arrastas
As almas, ainda em flor, ao luto e ao desespero.
Um vozeiro infernal enche as planicies vastas...
E' o banquete de Turno, o festim do entrevero.

Intermino escaleiro as sombras vão descendo,
Tragicas, aos maineis soturnos agarradas.
Não ha castigo, não, para o teu crime horrendo,
Nem dique a contrapor ás tuas enxurradas.

Quanta allucinação nesses ossarios frios!
Com Attila e Genserico os povos ajoelhados
Lança-os de escantilhão pelos covões sombrios,
Como bando de cães ou leva de forçados.

Tua consciencia, cega ao seu proprio contacto,
Allucina-te e faz de cada anjo um tyranno!
Que morticinio, aqui, neste pequeno trato,
Que hecatombe, acolá, na imprecação do oceano!

A onda que se approxima, espantada recua:
A treva faz-se branca, a aurora faz-se preta,
E a mão que as flores planta e ergue no espaço a luz,
E as espheras sustêm, e arrebata o cometa,
Pela amplidão sem fim, esconde-se entre as brumas,
Mergulha como o sol na escuridão immensa,
Se a alma te vem á bocca em gorgolões de espumas
E num candente obuz teu riso se condensa.

Andromacha pranteia o esposo que roubaste:
Vejo em torno de Troya Heitor nú e em pedaços.
Da framea o ferro, em riste, em seu flanco enterraste,
E as rodas de teu carro esmagaram-lhe os braços.

Deusa! Quem te amassou em fumo e em sangue o peito?
Quem te orchestrou a voz de clarins e tambores
E a fronte e as mãos e o olhar. de relampagos feito,
Armou de batalhões torvos e ameaçadores?
O odio que em teu punhal cyclopico flammeja,
Não attinge em seu surto olympico a alma humana.
Como um globo inflammado o seu olhar lampeja
No azul de onde ella sae, no azul onde ella plana...
Em chispas infernaes saltam-lhe da pupilla
Sobre o mar, a rugir, na crista dos escolhos,
Essa hallucinação — Mario, esse raio — Scylla.

Ha serpes em teus pés, ha gryphos em teus olhos.

A manhã que desponta, a orvalhada que desce;
As rosas que abrem, rindo, as boccas purpurinas;
O valle que palpita, o gnomo que estremece,
Como um rei voluptuoso, á noite, entre as boninas;
A noiva que o seu noivo entre os braços aperta,
E beija-lhe o cabello e as mãos e a fronte e a bocca;
A abobada estrellada, a campina deserta;
A alma de Hecuba, a errar em torno de Illion, louca,
A ouvir o ritintim dos capacetes de ouro,
Dos piques, dos corceis, ajaezados de ferro;
Brados de imprecação, longo e sentido choro,
Que a voz triste do mar levou de cerro em cerro;
Tudo isto e o vento e a poeira e os seculos e o grito
Que vem de geração em geração ecoando,
Repete, com terror, o teu nome maldito,
Repete, com terror, o teu nome execrando.

Teu ginete veloz vai de um mundo a outro mundo:
Os cedros collossaes manejas como clavas,
E accommettes, de golpe, o inimigo iracundo,
Em cujo coração os ferreos dentes cravas.
Ao teu grito, o tufão mette-se pelas ondas
E o oceano aos teus pés ronca e os teus pés beija e affaga.
Sondas a morte e a treva, a dor e o crime sondas
No proprio chão que empapa o cruor da veniaga.
Onde deixas um rastro uma geração surge
De esqueletos senis que olham e gesticulam.
Um, contra ti pragueja, outro, grita e se insurge,
Uns, arranham o solo, outros, tombando, ululam!...

Se entre um lance e outro, acaso, a tua voz se cala
E' que sinistramente outro Clotario incubas.
De subito, teu nome ecôa e se propala
Pronunciado por mais de tres milhões de tubas!...
Agora mesmo escuto, aterrado, o galope
De teu negro corcel pelo horizonte escuro!...
Rasga como um punhal teu olho de cyclope
O azul, e vens dar leis outra vez ao futuro.
Tomam um outro aspecto o Somme, o Mosa, o Loira,
Ruge o Rhodano, ao longe, e do Occidente a estrella
Se obumbra. Um clarão fulvo os altos cumes doira:
Treme o solo, o Ebro fuma, o Weser se encapella!...
Estendes sobre a Europa — antiga hecatonshira —
Teus braços collossaes que vão do sul ao norte,
E com a pata revel o teu cavallo atira
Tragicos esquadrões, hordas de homens á morte.

Sim, é mister tolher-te o impeto. Acaso tentas
Vencer a lei, arpoar o sol, domar o vento?
Em que Moral, responde, o teu Direito assentas?
E' moral conquistar á força o pensamento?
Não te basta Tolbiac, Beaugé que o fogo assanha?
O tumulo a grasnar como um corvo; a espingarda
A dar ordens a Deus na sua lingua estranha;
A luz ensanguentada, o urso dentro da farda?
Não te basta o massacre e o seu festim diabolico,
A Gallia sob os pés de um titan esmagada?
Pedro, Carlos, Felippe — esse mocho catholico —
E a aguia da França, altiva, em Sedan deshonrada?

Queres que a noite, então, venha cahir, de novo
Sobre Paris, que a lei mude outra vez de rumo?
Queres erguer um povo em frente de outro povo,
E soprar sobre a Europa ondas negras de fumo?

Queres, deusa do Herebo, insaciavel, rompendo
Homens, a monte, ao longe, erguer teu solio immundo,
E desencadeando o teu cortejo horrendo
De coleras cobrir de exercitos o mundo?

Queres uma floresta, em que as arvores sejam
Feitas de dez milhões de mortos e feridos,
E que os ventos do sul, que as suas franças beijam,
Vendo-a, á noite, a sangrar, fujam espavoridos?

Queres representar a tragica epopéa,
Dando causa a que o sol de broqueis cubra a terra,
E que a America seja uma immensa platéa,
A Europa — o palco, e o drama — o morticinio, a guerra?

Queres tu mesma ser autor, drama e scenario?
— Resurgir o Rosbac, vestir Blenheim de luto?
Que a arrogancia de Krupp falle alto no plenario,
E o fuzil Chassepot, de minuto em minuto,
Diga á França o que pensa e á Allemanha o que sente?

Raiva, cheia de sombra, odio, cheio de sangue,
Teu officio é matar, fria e estupidamente.
A Prussia tombará desaustinada e exangue!...
Ainda é cedo demais para que a Moral suba,
E para que o Direito á força substitua:
O que sae da razão, vem a guerra e derruba...
Pois se na propria paz a guerra tumultua!

Vê se aclimas na Europa os campos da Pharsalia.
De Sancho e Childebrando a façanha renova.
Vê se o Sarah quer vir dar um passeio á Italia...
Abre uma cova e a Hespanha enterra nessa cova.

Roma, Vienna ou Berlim... Que te custa rehavel-as?
Não te faltam razões e tens de sobra astucia:
Um só dos teus dragões basta para abatel-as!
Se está cheio o celeiro, é devastar a Russia.
Em torrentes de fogo a terra muda, cava
Um Danubio infernal dos Pyrineus ao Ganges;
Põe em sitio Aragão, e em ferros Calatrava.
Faz do Senna e do Rheno uma selva de alfanges.
Guerra no Guadarrama, ao longo do Arno — guerra!
Que o velho canibal de Roma reappareça!
E' preciso mudar a orbita da terra,
E da França cortar novamente a cabeça!...

Loucura! Ha de ser sempre a França a mesma França,
Como o oceano ha de ser eternamente o oceano,
Tendo o mundo suspenso ou da penna ou da lança,
Penna para o poleá, lança para o tyranno.

Vingança de Sileno

Era Sileno um bebedo de chapa...
Todos os dias uma carraspana...
Os demais deuses vinham, de socapa,
Espial-o. As caçadoras de Diana,
Pé ante pé, risonhas, de arco e flecha,
Pintavam-n'o de verde ou de encarnado.
No nariz enfiavam-lhe uma mecha,
E ferravam-lhe a sola do calçado,
Os egypans, marotos e roliços,
Davam-lhe piparotes na barriga;
E armados de corymbos e canniços,
Punham-lhe aos chifres pampanos e ortiga.
E o pobre velho, — aio de Baccho, — posto
Que embriagado, não perdia o tento;
Fechava os olhos e tapava o rosto,
Sem se escamar com tanto atrevimento.

Era um pagode! Toda a selva ouvia,
Rindo, o que, a rir, os egypans faziam.
Egle, de verdes parras o envolvia,
E, beliscando-o, os satyros feriam
Do semi-deus a pelle cabelluda.
Rorejada de perolas de orvalho,
Uma ondina de face rechonchuda,
Escondida entre os ramos de um carvalho,
A longa trança sobre o collo esparsa,
Atirava-lhe seixos á cabeça.
Jupiter vinha em fórma de uma garça
Beijar dessa amadryade travessa,
— Egle — os dous seios rijos e macios...
Depois, de novo, sacudindo a pluma,
Subia ás nuvens ou descia aos rios,
Brilhando ao sol, como uma grande espuma...

Porém o velho satyro que, ás tontas,
Os archadicos bosques perlustrava,
Jurou que havia de ajustar as contas
Com a deusa que aos demais avantajava
No remoque, no chiste e na pilheria.
Disse Sileno: "Hei de vingar-me d'ella;
Finge-se bôa, finge-se de séria,
Para, depois, com geito e com cautela,
Armar-me heroe de rabo e de chavelhos.
Hei de vingar-me dessa creatura
Que tem nos olhos, — como dois espelhos, —
Muita maldade e muita formosura."
Tinha um nome entre os deuses respeitavel
Esse de Baccho astuto companheiro.
Para as mulheres era desfructavel,
Mas, nas cousas de amor, bom conselheiro.

E o que é verdade é que Sileno esteve,
Sem beber oito dias, — fio a fio! —
Passava horas e horas sob a neve,
Ou sob o sol, á margem de algum rio,
A imaginar como vingar aquillo
Que elle chamava uma immoralidade.
Acontecia que era um seu pupilo.
Lindo, inconstante, e aïnda no albor da idade,
Namorado da moça, que o prendera
Em cadeias de lyrios e de parras.
Por isso o velho satyro entendera
Que o melhor meio de lhe pôr as garras,
Era, escondido, entre os sarçaes, espial-a,
Seguil-a mesmo, até que, emfim, pudesse
Com o namorado lubrico encontral-a
Sob as videiras ou por entre a messe.

Noite e dia, espreitou-os. — "Por acaso
Será mentira o que me disse Baccho,
Que aquella flôr tem Philamon por vaso?
Ou esconde-se dentro de um buraco
De modo que ninguem encontrar possa,
Sob um toldo odorifero de rosas,
Um lindo moço de uma linda moça,
Beijando as tenras carnes voluptuosas?"
Assim pensava o deus, quando, uma tarde,
Os vio, juntos, á beira de um regato.

— "Porque relutas? Em teus olhos arde
Extranho lume... Ali, naquelle matto,
Cheio de aves, de insectos e de ninhos,
Ainda ha logar, lyrio formoso e puro,
Para mais um casal de passarinhos...
Vê como a agua deslisa... o matto é escuro...
O sandalo percorre aquellas grotas,
Como uma nuvem de ouro um céu de estio,
Ou o cysne as aguas múrmuras do Eurotas...
Escutarás o vago murmurio
De aragens frescas, como ventarolas,
Pelos crespos anneis do teu cabello.
Hão de entreabrir as lubricas corollas,
Vendo-te o corpo sumptuoso e bello,
Os cravos, rubros como a tua bocca...
Deixa cahir a trança sobre o peito,
E, amorosa e divina e ardente e louca,
Rola em meus braços como sobre um leito."
Foi pouco a pouco a dryade cedendo...
No seu olhar boiava um fluido de ouro...

....

Sileno, aos dois o plano percebendo,
Tomou, rapido, a fórma de um besouro,
E segredou não sei o que ás flores
E aos satyros deitados pela relva.
— "Olha, dizia a deusa: são traidores
Os mais ermos recantos desta selva..."
— "Não tenhas medo, meu amor, descansa!
Por mais espertos que os silenos sejam,
Nem de leve terão a desconfiança,
De que meus labios os teus labios beijam...
Quanto mais que possuo este innocente
Corpo, que é o frasco do mais fino extracto!
O que fizermos hão de ver sómente
Este bosque, esta sombra e este regato."

— Psiu! — fez o astuto satyro, encolhido
Entre umas sebes, aos seus companheiros.
Não se escutava nem um só ruido
Pelos retorsos verdes castanheiros...
E, emquanto os dois, entrelaçados, viam
Sómente a agua correr, o bosque e a sombra,

E as folhas os seus beijos recolhiam
Na amollecida e murmurosa alfombra,
Sileno foi se collocar defronte
Dos dois amantes, mudos e enlaçados...
A noite já descia do horizonte,
E os rouxinóes, nos ninhos debruçados,
As divinas gargantas afinavam.
Rosas tremiam como seios de aves,
E os seus perfumes se desenrolavam
Pelas copadas, rumorosas naves.

— "Quem vos permittiu essas confianças?"
Disse o deus malicioso aos dois fedelhos...
"Nós, velhos, tambem rimos das crianças,
Quando as crianças riem-se dos velhos."

Foge o moço... ella quer fugir, não póde...
Corando, exclama: "Que loucura aquella!"
E chora, ao ver que estão, por traz do bode,
Satyros, flores, tudo a rir-se della!

Pergunta da sombra

Eis-me só. Palpo em torno... Escuridão, mais nada!...
Nem um éco responde
A's perguntas que faço aos combros desta estrada,
Sobre a qual abre o céu a constellada fronde.

Agua não ha que baste á minha sêde ardente,
Fogo não ha que aqueça os astros entanguidos.
Ai! pobre sombra! os teus labios, unicamente,
Têm por agua e por fogo os proprios ais doridos!

Ponho as mãos numa flor, e no calice aberto,
Fica das minhas mãos crucificada a imagem.
E no espaço deserto
O sangue que deixou um astro na passagem!

Esse sangue gotteja em minha espadua núa,
E pragueja depois pela bocca das chagas;
E, aos magotes, a rir, bailam no hallo da lua,
Carnavalescos djins, pesadellos zanagas.

Monstros vis, que acompanho e estrangulo em meus dedos,
Mostrando-vos o peito,
Deixai dormir em paz estes velhos rochedos
E este ascoroso verme encolhido em meu leito.

Verme, verme, como eu! Sou-lhe igual no destino,
O seu nada me iguala.
Ai! quando beijo a terra, algido e resupino,
Um halito corrupto e podre a terra exhala.

Nem sei quem fui. Talvez, um poeta, em cuja rima
Veio sonhar Shakspeare, veio gemer Catulo.
Mas vi que a minha dor era uma pantomima,
Como os hymnos de Orpheu e os versos de Tibulo.

Galrejavam-me á estrophe os soes adolescentes:
Depois, pul-a a meu geito e enchia-a de soluços.
E, com a minha vergonha e com as minhas correntes,
Arrastei-me de bruços.

Pobre de mim! Viajei pela terra deserta,
Sem ninguem ao meu lado.
O mar disse-me: "Vem!" A alma disse-me: "Alerta!"
E fiquei entre o mar e a minh'alma parado.

Quiz ter fé e rezei, mas na minha consciencia,
Alguem veio chasquear e rir dessa fraqueza,
Sem que eu visse, apezar de uma longa indigencia,
Que uma oração é sempre uma arma de defesa.

Com que odio, com que horror encarei este mundo!
Enojei-me de tudo,
Por ver andar ao léo o pudor moribundo,
— Soubrette de comedia e hoplómacho de entrudo!

No porta-voz do verso aos homens disse: "Ouvi-me.
Homens ha, como vós, que estão morrendo á fome.
Evitae mais um crime,
Que a penitenciaria archive mais um nome."

Ninguem me respondeu, ninguem me abriu a porta!
A piedade encerrou-se
Na mudez tumular desta cidade morta,
Como se a exhortação a peste negra fosse!

Homens sem coração, fechai os vossos lares.
Vosso opimo jantar é um farto cevadouro.
Ponde embargos ao sol, ponde em sequestro os mares:
Não achaes que o sol vale algumas moedas de ouro?...

Roda de Ixion

Estava a contemplar ás margens do Chebar,
Quando uma voz ouvi, sob o céu abrazado:
"Vamos gemer, vamos chorar,
Filho da terra amaldiçoado."

Essa voz era como um turbilhão de lodo,
Esse grito era como um rio nauseabundo.
Ah! meu estro, a carpir, foi de Exodo em Exodo,
E o coração de mundo em mundo...

Ezechiel! Ezechiel! Anjo ou demonio, aos pés
Desta cruz me prosterno, eu scismador tristonho.
Dôres, minhas irmãs; remorsos, meus galés,
Deixai-me em paz, eu soffro... eu sonho...

Deixai-me em paz com os meus tormentos,
Tal como sou, sombrio, horrivel, miserando;
Que valem os meus soffrimentos,
Se as larvas estão rindo e os tumulos cantando?!

Job, — faço tudo rir, mesmo o que nunca ri:
O cypreste, o epitaphio, o verme, a sepultura;
Tasso, em cuja alma triste a minh'alma entrevi
Nos estos da paixão, nos gritos da loucura.

E tu, Cassandra, e tu, Electra desgrenhada,
— Anthros escuros e insondaveis,
Vossas lamentações são uma gargalhada
Aos meus ouvidos implacaveis.

Debalde! Emquanto Dante ou Shakspeare a amplidão
Do poema e da tragedia, immensos, perlustravam,
O verme rastejava, e, em plena podridão,
Funambulescamente os corvos crocitavam.

Aguia de Patmos, — S. João — pedreiro de assombros, —
Aguia de Hartbourg — Luthero — algoz buffo e sublime —
Que, em vez da cruz, levaes a picareta aos hombros,
— Com que argilla amassaes vosso divino crime?

Biblia — bocca onde estão cem vozes a rugir,
Cem rictus a fazer o mesmo esgar de mofa;
Deixa-me rir, deixa-me rir,
Como Aretino, emquanto Hamleto philosopha.

Deixa-me rir, Edipo, ensanguentado e roto,
Deixa-me rir, que tenho fome;
Meu pequeno batel navega sem piloto,
Sem que ninguem saiba o seu nome.

Oh! divino Petrarcha — ilha casta do amor —
Adormecida em seu caramanchel de rimas,
Que os valles e os vergeis, em flor,
Com suavissimo threno, alentas e reanimas,

Poetas ha, cuja sorte é errar a vida toda
Por caminhos sem luz, por terras inclementes,
Movendo como Ixion a roda
Do proprio coração, atado com serpentes.

Morte da flôr

Nasceu junto á uma fonte e, ao fio d'agua,
Deitou dous verdes braços perfumados...
Naquelle tempo não subia a magua
Do coração aos olhos desolados.

Era o tempo feliz da mocidade,
Quando o céu de aureas brumas se apainela,
Quando a mão de ardilosa divindade,
Num mesmo engaste, prende a sombra e a estrella.

Era o tempo em que a avó recita ao neto
A poesia balsamica da prece,
E ralha, se elle corre atraz do insecto,
Que, aos pomares, em flor, zumbindo, desce.

Era o tempo em que os ternos gaturamos,
Andam nas selvas a tecer os ninhos,
E as patativas cantam pelos ramos,
E as juritys debicam nos caminhos.

Era o tempo da fé e da esperança,
Dos arreboes dourados e risonhos,
Em que começa n'alma da criança
A florescencia dos primeiros sonhos...

Cresceu a flor... A jardineira vinha
Regal-a, á tarde, e quando amanhecia;
E acariciava-a como a uma irmãsinha,
Que a gatinhar apenas principia.

Com receio do sol, trouxe-a num vaso
De porcellana para a sua alcova,
E, contemplando, á tarde, a sombra e o Occaso,
A' flor dizia: "Não faz mal que chova!

Que tem que o inverno as madresilvas creste,
Que a neve embrulhe num sudario as rochas,
Se o meu halito as petalas te veste,
E, grata aos meus desvelos, desabrochas?

Scismas, e o vago olor de tua scisma
Paira no azul sereno e constellado,
E vês a lua e o sol por outro prisma
Mais transparente e mais illuminado."

E a flor ouvia, entreacordada, a incauta
E ingenua voz da pallida senhora,
Que tinha o som mavioso de uma flauta
E o fulgor indeciso de uma aurora.

Com que prazer dormia-lhe na palma
Da mão a debil flor de niveo calix!
E com que graça e amor bebia-lhe a alma,
Como se fôra o mel dos frescos valles!

Toda a alcova da moça estava cheia
Do olor que um leito de mulher exhala;
Que é cotovia, e entre os lençoes papeia,
Que é dulia, e o culto da paixão trescala.

Parecia que a flor e a moça tinham
Um mesmo pensamento e um mesmo anhelo,
E um mesmo aroma que ellas só continham:
Uma no calix, outra no cabello.

As illusões, porém, bem pouco duram...
As manhãs de ouro, as tardes côr de rosa,
E as visões, que á volupia se misturam,
Deixam depressa a idade venturosa.

Por isso a quadra da felicidade
Da flor passou, tambem, rapida e leve,
E grasnou numa lagrima a saudade,
Como um corvo num tumulo de neve.

Já não sorria a flor como sorria,
E nem tão perfumosa se mostrava;
Em que deserto, em que monotonia,
Seu coração de flor agora andava ?

"Ingrata!" Murmurava, a sós, num canto
Da alcova. "Ingrata!" E a luz do luar entrando,
Ao vel-a, assim, toda banhada em pranto,
Enxugava-lhe as lagrimas, chorando.

Foi longa essa agonia... A todo o instante
O azul do lago vinha-lhe á lembrança.
Ella subia em scismas ao Levante
E remontava aos tempos de criança.

"A infancia, a viração dobrando as flores
Nas tardes longas e crepusculares,
E as ondas, segredando os seus amores
Na interminavel amplidão dos mares!

E a veiga, e a encosta, e a cithara argentina,
Do luar, no bosque, das estrellas, n'agua;
E hoje a terra do exilio, que confina
Com o paiz do tumulo e da magua!"

Alma sem pouso, prematuramente
Colhida no punhal de acerbo espinho,
Porque não te ajoelhas como um crente,
Na cathedral de penas de teu ninho?

O sol, havia já transposto o Occaso...
E, quando o luar abriu da alcova a porta,
Em vez de achar a flor e achar o vaso,
Viu, num caixão, uma criança morta!...

A alma é o vaso da crença, convertida
Em funereo caixão, como o da planta:
Cada esperança morta é uma ferida,
Onde a saudade geme e o verso canta.

Passeio ao bambual

E' uma alameda extensa, onde a sombra gorgeia
Pelo bico dos seus sabiás e gaturamos...
Saltam constellações dos cómoros de areia,
E escassilhos de sol das flores e dos ramos...

Um regato coleia a um canto e ri de tudo!
— De uma penna que cae, de um colibri que passa,
E no humido tapiz de seda e de veludo
Dythirambos de fogo o astro do dia traça.

Da araponga estridente o grito agudo e aceiro
Rompe do bambual a cupula dourada,
E eu cuido ver passar um principe guerreiro
Num ginete da Uckrania, á toda a disparada.

Ao clarear do dia, á beira dos caminhos,
Pelo glauco rumor das folhagens do estio,
Quando o sol tem ainda a frescura dos linhos,
A innocencia de um anjo, o marulho de um rio,

Levo-a pela cintura ao logar mais remoto
Da nossa habitação para beijal-a a gosto,
E o beijo que lhe dou, mais puro do que o loto,
Fica por muito tempo a lhe cantar no rosto.

No arrequife de uma haste a imagem lhe penduro;
Solto-lhe a trança á espadua, aperto-a contra o seio,
E mostro-lhe no céu o arco-iris do futuro,
Onde seu casto nome em sete côres leio.

Com que amor, com que febre, allucinada e louca,
Eu lhe não traço em sonho a imagem vaporosa,
E o mysterioso olhar, e a pequenina bocca,
Entre raios de sol e petalas de rosa.

Que ineffavel angustia, orvalha-me a existencia
Se a conchego, de manso, á curva de meu braço,
— Ella — o extracto mais puro, ella — a mais pura essencia,
De quantas, de manhã, vêm perfumar o espaço.

O coração lhe bate acceleradamente,
Quando lhe ponho á carne um mundo de desejos,
E faço deslisar-lhe, ao lume da corrente,
Meu garboso batel de rimas e de beijos...

Passam-lhe pela voz patativas cantando,
Como por uma longa e sombria alameda,
E o vinho que ella tem na pelle circulando
E' vinho que não mata, apenas embebeda...

Quando o sol se recolhe, ensanguentando a terra,
Como uma adarga antiga ás mãos de um ginetario,
Quando — polvo de fogo — o Poente envolve a serra,
E sobe uma oração no fumo do santuario,

Abotoando a minh'alma a um só dos seus desvellos,
Subo dos sonhos a alta e fulva escadaria,
E beijando a nudez aos seus negros cabellos,
Vejo o dia nascer á hora em que morre o dia.

Que delicia cruel, que magua apetecida
Ha na morte de amor, morte que nos conforta!
De que nos serve a luz, de que nos serve a vida,
Quando o corpo é o caixão de uma alma que está morta?

Veneza

Eil-a sobre o canal de São Marcos sonhando...
O mar lhe beija os pés, o céu lhe beija a fronte,
Não sei que inquieto e vago arrulho balbuciando.

Brunindo de ouro e prata as cryptas do horizonte
No seu igneo pavez o sol se abroquelando,
Rasga com a lança em riste o pincaro do monte.

No velho coração de pedra da esculptura
O plinto ainda soluça, o cinzel ainda grava
Uma nova paixão, uma nova tortura.

A gondola fluctua... a onda chorosa e flava
Uma canção de amor pelos canaes murmura,
Ora, como uma deusa, ora, como uma escrava.

Forçam a pedra, á luz dos candelabros de ouro,
A janella ogival, os balcões bysantinos,
E suspenso ao trifolio, um mysterioso côro

Imita a ondulação dos quebros femininos.
Quem me dera, Veneza, o teu cabello louro
Guirlandar com meus ais, incender com meus beijos!

Quem me dera lançar, á estrophe que palpita,
O carinhoso arfar das tuas brandas aguas,
Onde minh'alma paira, onde meu sonho habita.

Quem me dera, ao queimor astral de accesas fraguas,
Numa gondola, ver a amplidão infinita,
Pesada de astros, como um coração de maguas!...

E contemplar de perto a flor de Sansovino,
As estatuas calcando os pedestaes polidos,
E fazendo gemer o bronze florentino.

Berço de Tintureto e Ticiano, attrahidos
Pela mesma visão, pelo mesmo destino,
Seus dois rudes pinceis gemem com os teus gemidos...

Cresces a cada passo, a cada passo estrellas
De batalhas navaes, de estandartes fluctuantes
O feroz boqueirão dos arcos e das telas.

A tinta cose á nuca a espadua dos gigantes,
E nos fustes de pedra e no alto das janellas
Agitam-se, febris, madonas palpitantes...

Numa furia pagã a nudez alardeia
A alma de Pordenona, o genio de Ticiano,
Sobre cujo planalto a abobada se arqueia,

Sobre cujo sopé vem desabar o oceano,
Ajoujado ao tufão, que estoura e curveteia,
Ferrando os mares como as garras de um milhano.

Dobradas pelo vento, agitam-se as paysagens,
A' luz do sol que bate em chapa sobre as naves
E sobre os mausoléos gothicos das imagens...

Reina uma eterna paz naquelles doges graves,
Fechados no seu somno e nas suas roupagens,
Sem ouvir o rumor dos homens e das aves.

O doge Morosini alli sonha, alli dorme,
Entre arcos ogivaes e capiteis de acantho,
Numa attitude rija, em seu esquife enorme...

Na morte não ha dor, na morte não ha pranto,
E nem vem visitar o doge a mumia informe
Da duvida, que gera o nosso proprio espanto.

Anjos nús no balcão das telas se debruçam.
Na arcaria, que estúa, as mulheres formosas,
Com os olhos no céu, ajoelham-se e soluçam...

E os louros cherubins e as flores caprichosas,
Levam a mão ao rosto e os ouvidos aguçam,
Quando passam, rezando, as santas vaporosas...

Sonha a pedra alli dentro; o festão lagrimeja;
Palpita a arcada, pulsa o coração da ogiva,
Onde uma dor antiga ainda soluça e arqueja.

A arte o mysterio augmenta, a arte a paixão aviva,
E o torso que ella toca, e o rosto que ella beija,
Toma um geito melhor, toma uma côr mais viva.

Veneza, em cujo seio o amor esvoaça e pousa,
Veneza, em cujo olhar a fé psalmeia e reza,
De teu somno profundo acordar-te quem ousa?

Ah! loucura suprema! Ah! suprema tristeza!
Eu que trago, tambem mortos sob esta lousa,
— O coração, — não durmo e nem sonho, Veneza!

E nem hei de dormir ao pé das ondas mansas,
E nem hei de sonhar ao pé dos velhos doges,
No esquife onde fechei as minhas esperanças.

Que tem, alma infeliz, que á duvida te arrojes
Com as tuas paixões, com as tuas lembranças,
Quando, fria e cobarde, ante os meus gritos foges?

Que tem descer á cova e apalpar-lhe o mysterio?
Que tem sentir na lingua a passada do verme.
— Solitario que vai para o seu presbyterio?

Que tem que a morte gele e descore a epiderme,
Se a vida tambem é um grande cemiterio,
Onde o homem vai cahir desamparado e inerme?...

Ah! pudesse eu dormir, esquecido de tudo
E acompanhar da morte o cortejo sombrio
Das janellas de seus dois olhos de velludo!...

Qu'importa que o paiz da morte seja frio,
Que a marujada vá por esse Oceano mudo
Dentro do seu terror e do seu calefrio?

Aquella que guardei nas sombras de minh'alma,
Como guardas, Veneza, os monumentos d'arte,
As estatuas de Rizzo entre os frescos de Palma,

Mal desfraldara o dia o ignivomo estandarte,
Desprendeu-se do caule e foi, por noite calma,
Perfumar outro valle, esplender n'outra parte.

Tudo azul... Que alvoroço anda pelo arvoredo,
Que em novos laços cai, e em nōvas chammas arde!...
Resistir, como Eudoro, á tentação, é cedo!...
O pégo, como Leandro, arremetter, é tarde!...

SEGUNDA PARTE

Tristeza do Cháos

I

Tudo estava deserto! O mar não era o mar.
Via-se o tenebroso estupido a espreitar
Uma materia informe, amontoada a um canto
Do infinito. O Euphrom sonhava, o atro Erymantho
Onde o lendario herói o javali matou,
E de onde a luz, mais tarde, impetuosa, brotou
Como brota um corymbo astral no firmamento,
Era um negro titan deitado e somnolento.
Não rolava no azul o carro de Nemrod,
Nem ninguem tinha visto a escada de Jacob.
Treva massiça, larga, hediondamente extranha,
Erguendo uma montanha ao pé de outra montanha.
O Cháos só pronunciava esta palavra — Luz!
Ah! não podia mais! Tres milhões de annos sobre
Os seus olhos de mocho e os seus hombros de cobre!
Era muito. No espaço, ás vezes, um clarão
Multiplicava o horror á sua situação.

Ser o prisioneiro e ser o calabouço,
O lodo a patinhar o seu tedio-colosso!
Que esteril existencia a existencia do Cháos,
Sem Sépher e sem Job, — sem os bons, sem os máos!

"Quando me transformar n'um sol ou n'uma estrella;
Quando passar correndo em fórma de gazella;
Quando a tarde descer, quando a noite subir
Ao céu, abrindo o olhar como um cofre de Ophir;
Quando o homem segredar á mulher: — Dá-me um beijo!
E, excitando-a a beijal-o, acordar-lhe o desejo;
Quando voejar, sereno, o passaro no azul,
E abrir-se o calix como um leito de Stambul,
E a todos elles vier o colibri inquieto
— Lindo principe da India ao serralho secreto;

Quando se transformar a perola em mulher
E a estrella da manhã em lyrio ou rosicler;
Quando o sol lhe enflorar á cabeça a grinalda
De noiva, e entre um sorriso e um beijo, fôr á espalda
Do monte os bogarys e as rosas perfumar,
E entre os plátanos rir, e entre os colmos cantar,
Doudo, como a paixão, sonoro, como um rio;
Quando nos corações houver o murmurio,
Indistincto do aroma, em languida espiral,
A subir para um céu, em tudo ao céu igual;
Quando gorgear no bosque a calhandra amorosa,
E a vaga responder, monotona e queixosa,
E ficar junto a um leito, extatico e febril,
Como o terno pastor á sombra do redil,
O noivo, ao contemplar o fino cortinado,
Dentro do qual está o seu amor deitado;
Ah! quando a luz disser á treva muda: — Vem!
Tu vaes ser minha irmã, tu vaes ser luz tambem;
Quando surgir o sol no infinito profundo,
Como um besante antigo, a rutilar n'um fundo
Azul; e a creancinha e o insecto e a planta e a voz,
Que, ao sahir dos salões, possa entrar no cadoz,
Olharem-se a sorrir, cheio o labio de beijos,
De caricias subtis de incognitos desejos,
Como os que a chamma empresta á nayade, a cantar,
Loura rival da estrella, alva emula do luar;
Quando nascer tudo isto, e a sementeira de ouro
Dos thesouros, sem fim, fôr o maior thesouro;
Quando a maré subir, quando a maré descer,
E a aguia planar no Poente e o bolido correr,
O Cháos abjecto, o Cháos damnoso, o Cháos enorme,
Alma desordenada, alma bastarda e informe,
Perguntará, mudado em aves e em lacráos:
"Porventura, Senhor, deixei eu de ser Cháos?"

E calou-se. No vacuo a sua voz perdeu-se,
E a deserta prisão, novamente moveu-se,
Como se n'esse mar de lama um furacão
Estertorasse. O que hoje é bloco e irradiação
Teve no ar silencioso um estremecimento...
Pela primeira vez, dentro do firmamento,
O Cháos vio com terror uma sombra passar,
E as montanhas do céu sem esforço galgar...

"Então não sou eu só que este tumulo habito,
Absoluto como eu e como eu infinito?!...
Haverá outro ser, igualmente immortal,
No desorganizado e no descommunal?"

Era para elle — Nada — um pesadello horrivel
Haver passos na treva e um ruido no intangivel.
Quiz erguer a cabeça e o archanjo surprehender,
Rutilar a pupila em face desse ser.
Debalde! Seu olhar ficou como o de um morto,
Seus membros, sem acção, seu pensamento, absorto!...
Que tortura infernal, que anciedade cruel
Ouvir e não saber quem pisava o cairel
Do abysmo, de onde elle era o unico prisioneiro!
"Quem será este deus impavido e guerreiro
Que uma tal noite enfrenta, e, calmo, sem ninguem,
Vae pelo espaço fóra a procurar alguem
Com quem troque um sorriso ou um golpe de espada?
De que ferro será feita essa arma sagrada,
E o broquel e a armadura e o terrivel morrião?
De que antro sahiria esse centurião,
Esse outro cháos, essa outra espadua movediça
Que de rochedos e de dedalos se erriça?!"

II

Das trevas, de repente, um espectro sahiu.
— Flamivolo avejão, a abobada invadiu,
E um rumor semelhante a um estrangulamento
De trovões, todo o nada, abalou, n'um momento!
E o seu verbo cahiu na entranha universal,
Como uma pedra cáe dentro de um lodaçal.
Tremulo, o Cháos torceu-se em direcções oppostas;
Vergaram, como um vime, os morros e as encostas;
E o demonio, depois, rasgando o negro véu,
Fechou na envergadura a abobada do céu...

Dilacerando o dorso asperrimo da noite,
Como se ás mãos de ferro atros dragões zurzisse,
Com os rodicios crueis de sibilante açoite,
Atropeladamente estas palavras disse:

"Cháos — tuberculo onde arde um fogo occulto, cresce,
Desaggrega, confunde, alastra-te, subjuga.
Sobe, como o perfume, ou, como o raio, desce;
Desenfrêa o tufão e do sopé á juga

O amavio letal da loucura semêa
Com a duvida, a inclemencia, a inconstancia, o desejo
De ser lemure e sol, montanha e grão de areia,
— Beijo que apodreceu ao calor de outro beijo.

Crêa o mal, crêa o bem — esses dois gladiadores —
Disputando na arena a palma da victoria,
Ambos com a sua fé, ambos com os seus amores,
Suas noites de insomnia e seus sonhos de gloria.

Crucifica o que é puro e o que é probo apunhala!
Resolve pelo alfange os mais altos problemas;
Faze d'alma uma campa e da campa uma vala,
Onde a chamma se apague e brotem os systemas.

A intelligencia aguça e o fraco ou o nescio explora.
Põe de pé o que é falso e a verdade suffoca,
E tapa com a treva o resplendor da aurora,
Como a cegueira o olhar, como a mordaça a bocca.

Quando desabrochar a flôr na haste inclinada,
Quando der a mulher á luz, profana-as logo,
E faze que ella fuja, afflicta e desvairada,
Como se a devorasse um coração de fogo.

Crêa a lagrima e a crença, a calhandra e a panthera,
O homem para ter outro homem acorrentado,
O homem, que, pertencendo a uma tão alta esphera,
Ha de ser, como eu fui, por um monstro gerado.

A idéa! apupa-a ou insulta-a, e não te esqueças nunca
De crear o falcão, a serpe, o Tartaro, o Orco.
Que Henrique Oitavo afie a sua garra adunca
E Pantagruel entulhe o seu ventre de porco.

Carregarás o amor, como pesado fardo,
Por elle subirás a um madeiro funesto,
E rolarás, por fim, n'um chão de saibro e cardo,
A's garras de Vanozza ou de Alexandre Sexto.

A innocencia, a brincar, entrega á sanha e ao saque;
Assombra com teu vão alarido os penhascos.
E ao ouvir o estridor da abalada e do ataque,
Ri como um fauno, atrôa o Olympo com teus chascos.

Perplexo ouviu-o o cháos com redobrado anceio;
De que estertor sahira essa Sybilla insana,
Que um sol tragico e negro illuminava em cheio,
Na aterradora noite antidiluviana?

Depois, descommunal, das narinas lançando
Um furacão de fogo e enxofre, o archanjo riu-se,
E de um ponto a outro ponto estrepitante, voando,
N'uma caliginosa esplanada sumiu-se...

III

Seculos mil volveu o Cháos sobre si mesmo,
Como um cetaceo fosmeo e excentrico. De longe
Em longe, vinha um ruido a esse terreno sesmo,
Escuro como a treva ou a loba de um monge.

Porém do seio frio e secular do limbo
Lentamente surgiu — translucido velilho —
Envolvendo uma esphera, agarrada a um corymbo,
Tenue restea de luz de frouxo e escasso brilho.

Tinha lançado o Cháos o seu primeiro feto.
A vida ia crescer, augmentar, ser mais bella...
Quem diria que era isto a irradiação do preto,
E que um pingo de lama ia tornar-se estrella?

Quem poderia, emfim, calcular que essa massa,
A entulhar o infinito, ia ser mundo um dia?
E que é mais linda a flôr que um ventre de carcassa
Esverdeado serviu de vaso e de enxertia?!

Não havia fugir. A Biblia estava escripta;
O mal, que era uma parte, ia tornar-se o todo,
E mil braços lançar nessa rota infinita,
Que era feita de luz misturada com lodo.

Tudo se fez então, — o Outomno e a Primavera,
A flôr e o rato, a neve e o sol, o limpo e o immundo,
A entanha que sáe d'agua, o astro que sáe da esphera,
E o Oceano — a velha arteria illaqueada do Mundo.

Da fauce hiante do Cháos voaram enxames de aves,
E, enlaçada em paineis festivos, a materia,
Embaixo, abriu-se em váos, alou-se, em cima, em naves,
Em perfumes, em sons, em luz floral e etherea.

A serpente silvou, vendo a mulher no berço,
E o Cháos, feito ave e ninho e estrella e flôr mimosa,
Disse: "Tu causarás a ruina do Universo,
Tu que és, a um tempo, aroma, ave, ninho, astro e rosa!'

Fez-se moça a creança. Em lumaréos, em torno,
Entre roscas de incenso, inflou-se-lhe a vaidade:
Um divino furor abrazou-lhe o contorno,
Um íncubo maldito hauriu-lhe a virgindade.

Puzeram-lhe depois oleo na trança de ouro,
E o punhal de Marozia ao pé do escapulario:
Neptuno a quiz fazer dona do seu thesouro
E do seu coração desordenado e vario.

Sonora, derivava a musica dos beijos.
Sob verdes doceis, n'um arraial em festa.
Que graça no pisar, que enlevo nos harpejos,
De sonhos constellando a campina e a floresta!

Cada ser que a encontrava, olhava-a com surpresa,
Quer fosse a larva immunda ou a vaga queixosa;
E, absorta, murmurava, ao vel-a, a Natureza:
— Tu, só tu, és gentil, tu, só tu, és formosa!

IV

Alargaram-se mais os circulos da vida.
A harpa vibrou, a voz cantou. A luz erguida,
Como um pavilhão d'aço ao tópe das ameias,
Ia desde a alma humana ás densas nuvens cheias
Ou de sol ou de chuva. A lagrima revia
Do mysterio que sae da aza de uma elegia.
Começou-se a crear. O homem tudo tentava
Sem reservas. Seu largo espirito espalhava
Idéas sobre o livro e trigo sobre os campos...
Fluctuavam no azul tendas de pyrilampos;
Sereias sobre a vaga e pennas sobre os ninhos.
Ao clarear do dia, iam os passarinhos
Pelos valles afóra... Amanhecia tudo.
Começou a fallar aquillo que era mudo.
Era o Hekla um cochim de flores, o Arno um fio
De ouro; junto á montanha havia sempre um rio
Para matar-lhe a sêde ou recolher-lhe a chamma.
A panthera feroz parecia uma dama.
Vinham brincar com ella o homem e as borboletas,
Poetas, a recitar estrophes de outros poetas
No azul, no bosque, embaixo, em cima, longe ou perto,
Na relva do sopé, no oasis do deserto,
N'uma nesga de luar ou nas ramagens do olmo,
Numa torre de Mecca ou debaixo de um colmo.
Resplandecia o sol como um medalhão de ouro.
Ouvia-se no Epiro um mysterioso côro
Contando á natureza a sua propria historia.
Lia-se em cada folha esta dedicatoria:
"A' mulher, á innocencia, á candura, á belleza."
E a mulher repetia, extatica e surpresa,
O que escrevia o loxio ou soletrava a rosa.
A concha vinha á praia alva, incauta, harmoniosa,
Como a alga vem á tona e o riso vem á bocca.
Que loucura feliz, que monodia louca,
Sussurrava na selva e ia boiando na onda!
Um beijo só valia o dobro de Golconda.
Cada orchidea construia uma Alhambra no calix...
Que barulho no céu, que alegria nos valles!
Fez-se um templo onde o rio e o lago e o freixo e a messe
Ia deixar cada um o obulo de uma prece.

V

Porém, um dia, ao som de mil clarins e tubas,
Os leões do deserto erriçaram as jubas.
Pela primeira vez rugiu a fera, emquanto
A noite apparecia orvalhada de pranto.
Precipitou-se do alto a avalanche. Dir-se-hia
Que a flecha de Ahriman a abobada fendia,
E que um fulvo esquadrão de relampagos dava
Assalto ao céu. Medonha e inopinada, uivava
A tempestade, e, os cães desatrelando, abrio
Caminho pelo monte e pelo alveo do rio.
No seu carro Nemrod deu o signal de ataque.
E depois de vencer, disse: "Trovões, ao saque!"
Como ovelhas, fugia o rebanho dos astros,
Deixando pelo azul ensanguentados rastros.
Nemrod era o demonio em forma de guerreiro.
E ao pé da sua clava era o carvalho um vime;
Montava o hyppocentauro e dizia: "De crime
E chammas foi que se fez o meu corpo immenso."
A ursa dava-lhe o leite, a aguia dava-lhe o incenso.
Tinha os braços do polvo e o olhar da hecatonshira.
Com tres annos um leão d'Africa dividira
Em dois pedaços! — Rei — dilatara os dominios
Pelo fragoso Egypto em fóra... Seus triclinios
Mediam talvez mais que todo o Oceano Atlantico!
Uma noite, sorrindo, imaginára um cantico
Que abafasse o Sirôco e o Pampeiro reunidos,
Da Gorgona o tropel, do Cyclope os rugidos!
E só por isso andou correndo o mundo todo
Sem nunca achar no mundo um cantico a seu modo.

Da flecha e da armadura herculea desse bruto
Foi que se fez a guerra, o saque, o incendio, o luto.
Desde então começou a tragedia sombria,
— Este nevoeiro eterno, esta monotonia;
Esta dôr torturada, ignobil, vil, tremenda,
Que é toda a nossa historia e toda a nossa lenda.
Casuistica irrisoria! O homem foi de uma em uma,
— No arneiro, grão a grão, no Oceano, espuma a espuma,
Julgando encontrar Deus! O' loucura sem nome
Que quasi sempre acaba ou na doença ou na fome!
Cavou, febril, o ideal, em direcções diversas,
Pensando achar no céu Babylonias submersas.

Fez-se rei, fez-se mocho, aguia, leão, verme, besta.
Muitas vezes correu com dois cornos na testa
Atraz de uma esperança ou de uma femea ao cio...
Passou do arabe ao grasno e do sanscrito ao mio;
Ornejou como o burro e fugiu como a corça;
E essa estrella de argilla — a mulher — quiz á força
Pôr na esphera onde coaxa a rã e a treva pare.
E disse: "A vida é um trem e a consciencia uma gare."
Pôz em cima a Babel, pôz em baixo o serralho.
Depois de trabalhar muito, fez o cascalho,
E proclamou do dogma hieratico a excellencia.
Violentou a floresta e enforcou a innocencia,
Como uma coisa má, ou como um Judas réles.
Forrou de seda o leito e o assoalho de pelles;
Fez cantatas á lua e estribilhos á Venus.
"Nada como o calor de dous olhos serenos!"
Disse o biltre: e creou o enxurro e a prostituta.
Inventou para bem da humanidade a luta,
— Janus bifronte, negro Esaú ,Thor maldito!
E, depois de escrever que o sol era um mosquito,
Gritou: o kraken deu hoje á luz o concilio!
Mercadejou a fé, o leito e o domicilio.
Para mostrar que o tigre era bom, fez Tiberio,
Pôz-lhe garras nas mãos e offereceu-lhe o imperio.
Quiz pintar de vermelho o firmamento todo;
Fez imprimir que Deus tinha ficado doudo;
Que a baleia no ventre um propheta hospedara,
E que um soldado um dia ao sol dissera: "PÁRA!"
Inventou o demonio, e, emfim, o que é verdade
E' que o mal foi crscendo e encheu a immensidade!...

VI

Cháos! surda convulsão, desde a brisa irrequieta
Até Caiphaz — o abutre, até Shakspeare — o genio!
A materia do globo está por dentro preta,
E a massa espiritual contém Shylock e Menenio!
Cyro — o sabre que tem por bainha — Cambyses,
Serve, ás vezes, de penna a Homero e a Hesiodo;
E, acaso, não terão identicas raizes
O Gandjur e o Coran, o Zend'Avesta e o Exodo?
Essa agglomeração de cinzas e de raças

Que produz? a verdade? o justo? o bello? — Nada.
Porque esse turbilhão de lanças e couraças,
E sobre um hypogêo a Morte debruçada?
Um caminho vae ter, d'este lado, ao Eleuses;
Do outro, ao Calvario. Qual dos dois é preferivel?
Onde a materia humana acaba? onde a dos deuses
Começa? De que limo espurio do intangivel
Deriva a fonte ideal do amôr, do amôr que occulta
Um veneno subtil, a matar lentamente?...
Em dogmas a consciencia esteve e está sepulta...
A onda sussurra, a noite escuta o dia ausente...
Aqui, a lei feroz jorra das mãos de bronze
De Dracon; o erro parte, a sombra cresce e augmenta...
Ali, Saúl e Omar, além, Cosmo e Luiz XI,
Que mais sangue e mais fel ao Oceano accrescenta.
O que a razão absolve, o Synodo condemna.
Luthero e Galilêo, Huss e Savonarola
Passam, calmos no azul, jungidos a uma pena,
Emquanto um Czar qualquer a terra infesta e assola.
Triste pagina é essa onde um luar de sangue
Dos braços de uma cruz desce como um sorriso,
E onde a irradiação de um corpo inerme e exangue
Cáe sobre os lyrios, como um rúbido graniso...
Porque sempre o animal sobre o homem palimpsesto?
Porque um berço no Nilo e um astro nesse berço?
E essa visão fallaz de rosto albente e mesto,
A emigrar de manhã de um para outro universo?
Onde começa o amor, onde a paixão começa?
Que incessante loucura é essa que nos invade
A alma e que de carpir e de chorar não cessa
Sobre as desillusões da nossa mocidade?
Accumular a bruma, — eis o que o homem tem feito.
Quantas vezes, na Terra, o dogma — esse intestino —
Tem servido de esterco á Moral e ao Direito,
E viajado o condor, sem rumo e sem destino?
Quantas vezes, tambem, as linguas não têm sido
Confundidas, e o olhar, e a voz, e a prece, e o incenso,
E o que parece vir de um peito dolorido
Amortalhado a fé, como um sudario immenso?
E a mulher que nos vende o halito, a bocca e o seio,
Porque a pelle de jaspe ha de cobrir de espinhos?
E' um copo o seu beijo e esse copo está cheio
De um vinho que nos faz esquecer outros vinhos!

E porque ha de depois recordar-se, saudosa,
N'uma alcova sem luz, dentro d'agua odorante,
Como os suspiros de uma aria de Cimarosa,
As palavras que ouviu do seu primeiro amante?

VII

Tudo é pó, tudo é pó! A alma é um ossario preto
Que o sabio attento observa. E esse aposento escuro
Onde se vê luzir um phantastico objecto,
E onde está a razão como pregada a um muro,
Sem coisa alguma ver do que se passa fóra,
Esse aposento escuro és tu, ó consciencia!
O occaso sáe do occaso, a aurora sáe da aurora;
Cada um delles conhece a sua procedencia.
Mas tu, aguia, que tens por preceptor um mocho,
Dize-me, de onde veio a abobada profunda?
Apparelha a razão, que é o teu asno côxo
E em pratos limpos põe toda essa barafunda.
A mesma confusão em tudo! O mesmo grito
Na floresta e na voz humana exhausta e triste.
O infinito a recuar sempre para o infinito
A esta interrogação: "Alguma coisa existe?"
Homem! Vaes como Hamleto errar pelos caminhos
Da vida, interrogando o que ella propria exprime.
E ficas contemplando, absorto, os passarinhos
Em cujo canto a dôr fatal se embebe e imprime.
E perguntas, depois, cheio de um vago espanto:
"Será real o que ouço ou uma illusão do ouvido?"
E mudo e solitario, escutas esse canto
Na floresta sem fim das duvidas perdido.

Corolla que se expande, haste que o vento embala,
Que tortura infernal vos punge e dilacera?
Porque sobre o teu seio a lagrima resvala
E teu aroma, flôr, sangrando, se exulcera?
Porque trazemos nós, n'alma sombria e absorta,
A dôr como uma chaga e a fé como um cauterio,
E sentimos que a vida é essa lagôa morta,
Onde se não encontra agua, nem refrigerio?
Meus olhos, com terror, vêm desfilar a immensa
Cáfila de histriões, de hórridos malfeitores.
A cerração tornou-se ainda mais fria e densa:
Laceram-na a metralha e os rufos dos tambores!...

VIII

Foi então que clamei: O' sol na sombra immerso,
Ventos que n'um abraço os oceanos fechaes,
Blasphemias que rugis, mares que blasphemaes,
Sae o berço da campa ou a campa do berço?

Hypogêos de granito e tumulos marmoreos,
Tragicos, praguejando, em meio á escuridão,
Sereis, acaso, como um barco sem timão,
Ou o refugio final dos mundos transitorios?

Ossadas que gemeis por um milhão de boccas,
Céu que as portas abris, como as de um lupanar,
Que havemos de fazer? Sorrir ou soluçar?
Que havemos de fazer das nossas almas loucas?

O pó que cobre o globo é o mesmo que nos cobre?
Porque o mar lucta e o vento arroja aos vagalhões
Quilhas e mastaréos, neves e alluviões,
Cujo rude envoltorio um fragil nucleo encobre?

Infinito sombrio! Além desta espelunca,
Que premio tem o bem, que punição o mal?"
"Qu'importa?" respondeu uma voz sepulchral.
E accrescentou: "Dormir, talvez... Reviver... nunca!..."

Zenobia

Tu, Zenobia infeliz, tu, phantasma da Armenia,
Que o inferno uniu no mesmo espanto,
Mais tragicos na dôr, talvez, do que Ephigenia,
Que um augur transformou em caudaloso pranto,
E sobre o altar de um deus, inclemente e refece,
Dando-se em holocausto, o braço armou de Egisto;
Oh! sombra de anjo, em cuja aureola resplandece
Um luar de amor ainda não visto;
A tua contorsão não vale aquelle trismo,
Aquelle grito de loucura,
Que essa nobre mulher solta á borda do abysmo,
Quando um gesto do rei lhe aponta a sepultura,

O' relampagos do Eta, ó forjas de Teutates,
Busarenhos do sul e turbilhões do norte,
Dizei-me, se houve, acaso, ao fragor dos combates,
Morte alguma de heróe grande como esta morte?
Misera flôr, exposta ao golpe insano e rude,
Misera flôr, que o vento leva!
Pede um pouco de céu, dão-lhe um frio ataúde...
Pede um pouco de luz, dão-lhe um pouco de treva...
Misera flôr, que o vento arranca,
Misera flôr, que o vento açouta,
Entre os goivos, tão triste, entre as cecens, tão branca,
Se a aragem roça e affaga a constellada mouta.
Pavorosa visão, que espectaculo torvo,
Ver sobre o respaldar do leito,
Do seu leito real, empoleirado um corvo,
Inexoravelmente a lacerar-lhe o peito!

"Zenobia!" diz o mar, "Zenobia!" diz o vento.
— Fragil barco a fugir sobre a onda encapelada,
Levando o coração cruento
A' esteira do batel, como uma alga enroscada...
"Zenobia!" diz o rei, "Zenobia!" diz o alfange,
Ao rasgar-lhe do seio as carnes sumptuosas.
Vibra o regio instrumento, a augusta lyra tange,
Accorda o bosque, accorda a gruta, accorda as rosas.

Ao crebo arfar dos rôfos mares
Longas nenias cantae, turbilhonantes mundos,
Sobre esses lumaréus, sobre essas preamares
De Apocalypses infecundos.
Contorcei-vos, vulcões, cavae, cavae, coveiro
De Babylonias debochadas,
De Balbecks, de Tibours, pelo despenhadeiro
Das bacchanaes precipitadas.
Torres, templos, kremlins, pelo sol abrasados,
Colyseus que o cháos lança á pedra estarrecida,
Espiritos reveis, em montes transformados,
Em nossos corações sangra a mesma ferida!...

Porque hade essa mulher, em cujo olhar perpassa
Toda a tragedia do suicidio,
Arrastar noite e dia a esqualida carcassa
Pelo ascoroso chão do funebre presidio?...

Prophetas, vosso arauto um deus justo proclama,
Mas, quando, no alto-mar, a náo pomos a rumo,
O céu azul desfaz-se em lama,
E o vosso deus desfaz-se em fumo!

Flôr de Neve

Nem uma só palavra! A tua voz se cala
Triste como uma monja. O éco da tua falla
Como a corça ferida ao pé de uma clareira ?
Vem morrer em minh'alma errante e forasteira...
Porque te calas? Dize. A onda lançada á praia,
— Onda de um outro mar, — minha estrophe desmaia
No continente frio e morto de teu seio,
Onde os meus pobres ais vão commigo a passeio.
Não vês que est'alma espalha em torno de teu berço
Canticos e orações que as mil boccas do verso
Levam ao teu altar altissimo e odorante?
— Não vês que vae cahir, tremula e agonisante
Minha vida aos teus pés, quando passas por ella,
Fragil como uma flôr, casta como uma estrella?
Desventurado poeta! Em que região sombria
Nasceu aquella rosa, indifferente e fria,
Quasi sempre a rezar em seu claustro de neve,
Ao pé de um velho altar que a luz transpõe, de leve?
Ah! pudesse levar á raiz dessa planta,
A' pedra dessa lousa, á imagem dessa santa,
No oratorio do seu mysterio recolhida,
Com sacrificio até da minha propria vida,
O sangue que me inflamma, a febre que me exalta!...
A montanha que subo é tão longa, é tão alta,
Que não creio alcançar-lhe o pincaro altaneiro,
Onde, ajoelhada, vejo, á sombra de um salgueiro,
Não sei que dolorosa e pungitiva mágua!
Com soluços na voz e os olhos rasos d'agua,
Fito, de longe, a tua imagem solitaria.
Levando ás mãos, suspensa, a tocha funeraria,
Com que entras pelo meu coração vasto e escuro,
— Rio em cuja corrente o teu batel procuro.
Virgem formosa e pura! abre as palpebras frias,
Como um rico palacio as suas gelosias,
E deixa-me ficar numa dessas janellas,
Entre os mortos da terra e o céu cheio de estrellas...

O Distico de Dante

Basta! esquecida estás, — viva, — morta te vejo!
Teu leito é virginal, teu túmulo, impolluto!
Mas, ainda, em cada objecto, a tua sombra escuto,
E mordo, avidamente, a polpa de teu beijo,
Como a um raro, exquisito e saboroso fruto.

Tudo passou... Meus ais, — burgalhões de outro oceano,
Não me erriçam a voz, não me espumam á bocca,
Explodindo e queimando em um remoinho insano,
Como uma tempestade espavorida e rouca,
Que espirrasse, a bramir, das forjas de Vulcano.

Tudo passou... No céu os ultimos novellos
Da myrra, em que vivi amortalhado, passam...
E os meus sonhos de amor, ainda em minh'alma esvoaçam,
Num desalinho igual ao dos negros cabellos,
Que voluptuosamente os teus hombros abraçam...

O huka real que eu fumava em teus labios ardentes,
Como um velho Babou, do alto de uma varanda,
Partiu-se, e eil-os por terra os fragmentos candentes...
Trescala o olor da tarde; a onda múrmura e branda,
Lá retalha na areia as vestes refulgentes.

Quizeste acorrentar-me a um rudo tronco adusto,
E o coração, depois, traspassar-m'o de settas;
E, em supplicio mudando a ternura, que affectas,
A cinzas reduzir o mysterioso arbusto,
Que se estrella em botões nas lagrimas dos poetas.

Com as furias de Macbeth a bocca me coseste,
Applicaste-me ao verso um caustico de brazas;
E o solo de minh'alma abortou um cypreste,
Onde do infesto archanjo as formidandas azas
Vão espalhando a morte, a confusão e a peste.

Agitando o penn-baz, acicalando as hachas,
Os demonios de Avank ouço rugir, na sombra,
E emquanto o horror me invade e o exercito me assombra,
Perfida e indifferente, ás tranças entre-achas
Cavatinas de flôr e barulhos de alfombra.

Tu, mais feroz, talvez, que Uheldeda — a sanguinaria, —
Lanças-me ao coração philtros que o incendio ateiam,
Hymnos, como o cinnor, que as arvores enleiam,
No outeiro, em que branqueja a torre solitaria,
E os arcanos do céu os passaros psalmeiam...

Treguas, deusa cruel! O tragico arrepio
Que deixou em minh'alma esta febre e este anceio
E amariçou na selva o barbatão bravio,
Pareceu-me entrever no aroma e no gorgeio,
Que arrufaram, passando, a corrente do rio...

Vês aquella gaivota, ao longe, equilibrada,
No oceano, que é tão vasto, ella, que é tão pequena?
Aquella rosa, sobre o caule reclinada,
E aquelle cravo, e aquella inodora açucena
Do seu primeiro amôr tão cedo desterrada?

Tudo o que sobe ao céu, tudo o que desce á terra,
Balbucia-te o nome, e, medroso, o soletra.
Uma canção ideal repassa-o, letra a letra,
E a dulia que o repete, e o fremito que o encerra,
Pouco a pouco, meu corpo e minh'alma penetra.

Ainda julgo que o Styx é a chuva de Janeiro;
Que é possivel, Senhor, dar estio ao inverno,
Que em seus olhos accende os circulos do inferno,
E a mão fria do Dante, encimando o letreiro
De um Paraiso vão, de um Purgatorio eterno.

O Poeta e a Larva

O POETA

Canta, luar da esplanada, antro do coração,
Enche de lodo e treva esta ultima esperança!...
Ha preces pelo templo e monstros pelo chão...
Morto! desce, de novo, ao tumulo e descança.

A LARVA

Descançar! Descançar! Sabes, acaso, poeta,
Que é o corpo sob a lousa, o descanço do morto?
A morte é uma prisão, a cova uma calceta.
Ai! tristes dos que vão ancorar nesse porto.

O POETA

Nem dormir, nem sonhar!... Sobre tanta miseria,
Essa eterna agonia, esse louco desejo
De ter chamma no olhar, de ter sangue na arteria,
E cem vidas, Senhor, para as dar por um beijo.

A LARVA

Vão-se pelo horisonte os olhos rasos d'agua.
Os pés vacillam... o ar das catacumbas gela.
O que julgaveis frio, arde como uma fragua
No effluvio de uma flôr, no raio de uma estrella.

O céu ri do teu rosto, o mar lança a teus pés
A ironia mais triste, o escorralho mais sujo!
E tu, mudo phantasma, estarrecido, vês
Na orla do oceano, ao longe, um barco sem marujo.

E' o teu coração que pelas ondas vae,
Arrastado ao sabor da procella inclemente...
Quantos mundos, aqui, rolando n'um só ai?
Quantas almas, ali, gemendo na corrente...

Nem um só tripulante encostado á amurada,...
Em torno delle o vacuo, em torno delle o mar,
E enchendo a solidão a lugubre ballada
Dos ventos a carpir, das ondas a chorar...

O POETA

Propheta sepulchral, noctambulo coveiro,
Porque ris deste pó, — ventre, talvez, de um astro?
Porque hei de ser, depois de morto, um prisioneiro,
A fugir de si proprio e de seu proprio rastro?

Porque hei de ir, ó propheta, aturdir com meus males
A agua que vai cantando abeberar as plantas?
Olha, como tranquilla, anda, através dos valles,
Com as virações e o sol, tornando as cousas santas?

Porque hei de, em vão, pedir á multidão festiva
O gesto indifferente, o orgulho satisfeito,
E ver aos pés do vicio a alma rolar captiva,
E no pó do sepulchro o coração desfeito?

Ah! larva immunda e vil, quem te disse que a morte
E' o caravançarai ou a succursal da vida,
Onde, exhausta, vai ter a funebre cohorte
Que blasphemou e riu pouco antes da partida?

Quem te disse que Deus é uma velha placenta
Que deu todo o seu sangue á arteria do universo,
Que não embala o sol como o pai que acalenta
O seu primeiro filho em seu primeiro berço?

A LARVA

Se assim é, crente, volve ao teu leito e descança.
Lodo, — faze-te sol, poeira, — faze-te chamma.
Que demencia feliz, conservar a esperança,
Mesmo depois de pó, mesmo depois de lama!...

Depois do Calvario

Vamos, ainda é pouco! Alarmae-vos, ó serras
Tristes, ó serras, quasi afogadas na treva!
Que chamma vos faz ir para essas longes terras,
Dôr, onde a estryge pia e onde a velhice neva!

Que crucifixo agora o Horto envolve em seus braços?
Que Horeb ou Nepta de ouro o céu triste reflecte?
Quem com tanto clamor suja esses velhos paços,
E o mesmo corpo inerme outra vez acommette?!

Quem, de novo, elabora esse libello horrivel
E ousa recomeçar a tragedia maldita,
E o sangue derramar de um deus inaccessivel
Ao vagabundo olhar de uma raça proscripta?

Judas? Não. Caifaz? Não. Mesa ou Simão? Tão pouco.
Porque se veste então de crepe a natureza?
Parece que anda a rir... a rir... a rir um louco
Por toda a Galiléa attonita e sorpresa!...

Ruge a colméa e a fauce hiante dos jaguares
Tem gritos infantis e mel como a colméa,
E ouve-se ribombar na solidão dos mares
A voz que o homem ouviu de joelhos na Judéa.

Oh! colera impudente! oh! insulto sem nome!
Despedaças aos pés a religião de um povo!
Então porque tens sêde, então porque tens fome,
Ousas o mez de Março ensanguentar, de novo?!

Homens, a arte é um sacrario, e o Christo, antes de tudo,
Como um objecto d'arte aos nossos olhos brilha,
Quem se atreve a tocar no que o marmore mudo
Guarda, como o pai guarda a honra ou o nome da filha?

Quem, insano, lançára ao chão a estatua pura
Que soluça ou sorri na Capella Sixtina?
O homem fez a estatuaria, a musica, a pintura,
Como Deus fez o rio, a montanha, a campina.

A arte é tudo: E' um bosque, é um lago, é um campo;
— Um sonho virginal, um raio matutino.
Como a estrophe transforma um simples pyrilampo
N'um heroe de ballada, ou n'um monstro caprino!

E' a veneziana aberta a espiar para o Oriente,
A' espera que elle venha — o sol — dourar os valles;
E' a dansa em que se estorce a bacchante impudente,
Quando Baccho lhe entrega o capitoso calix!

Que iconoclasta ousára arremessar por terra
A estatua de Shakspeare? Que ónagro ousára a pata
Roçar sequer nesse antro estrellado, que encerra
O coração do Vedda, a alma do Maabbarata?!

Como entrar n'um santuario em que mora o conforto,
Com o passo vacillante e o coração exangue,
Para ver se ainda sáe da ferida do morto
Mais uma gotta só do seu divino sangue?

O homem que assim copia o codigo das feras,
Que babuja, conspurca e apodrece o que toca,
Oh! não deve, Senhor, fitar mais as espheras,
Nem ter a vossa luz, — a palavra — na bocca.

Sim, alma de Samech, irás de sul a norte,
Porque és do fogo eterno a eterna tributaria.
Viver? Nunca! Morrer? Nunca, posto que a morte
Seja para o culpado outra penitenciaria.

Duendes, em contorsões horriveis despertados,
Virão grasnar-te aos pés como aves agoureiras,
E as covas abrirão — com os uberes inchados,
— Para te amaldiçoar — as boccas das caveiras!...

Fé... ou treva

Disse o espectro, ao sahir da funebre enxovia:
"Ide-vos, gulotões, deixae-me o ventre em paz.
Esta adega de pús ficou, por fim, vasia,
E em terra, em lama, em pó, em nada se desfaz.

A matilha cruel dos goulos deshumanos
Invernou neste albergue esburacado e immundo,
E atirava-me á face epithetos profanos,
Vorazmente a morder-me o seio nauseabundo.

Estresilhado espectro, hoje vago sem rumo,
Por esta encruzilhada, onde aprendi a amar...
Como é pesada e fria esta roupa de fumo,
Que me faz de sepulchro em sepulchro ajoelhar!

Quem sou ? poeira. Quem sou ? verme que o verme enfrenta,
Chamma celestial, que se fez esqueleto,
E que andava a carpir n'uma carne opulenta,
Como Heloisa ao pôr do sol no Paracleto.

Onde estaes, illusões, merencorias noviças
Do coração humano — o mosteiro do amor?
E vós, sonhos da infancia, e vós, dôres submissas,
Por impiedosos pés machucados, em flôr?

Para onde foste, sombra errante de outras éras,
— Patativa gazil das madrugadas de ouro?
Tu, bemfazeja luz, nuncia das primaveras,
— Esperança... esperança, enlaçada ao meu chôro?

Minhas irmãs do céu — as estrellas medrosas —
Nem uma vez sequer perguntaram por mim.
Minhas irmãs da terra — as odorantes rosas —
Com receio da irmã, fugiram do jardim.

Ingratas, se uma só dellas morres e, iria
Noite a noite, rezar, dormir junto ao seu leito,
E, transida de dôr, sem medo, apertaria
Ao meu peito febril o seu gelado peito.

Cobre os paços da morte a treva e o esquecimento.
Quem volve o rosto mais para o sepulchro, quem?
Se continúa sempre azul o firmamento,
Se sempre o mesmo aroma o calice contém?

Irrisão, dôr, tormento, ancia desesperada,
Saber que nos arroja ao mesmo porto a sorte.
Seja qual fôr o barco — é custosa a jornada...
Illude-se quem crê que é um descanço a Morte.

Vamos

Então, dizes que gostas da tranquilla.
E perfumosa paz dos bosques... Vamos
Portanto, ver o espaço que se anila
E ouvir cantar as sylphides nos ramos.
Vamos! nada é mais casto que o suspenso
E deleitoso thalamo em que habita
A deusa irial que envolve o flavo incenso
Derramado da abobada infinita...

Verás como se embalam nas ramagens
Bellas moças de coifas rutilantes,
Senhoras castellãs que os bellos pagens
Levam por entre tufos sussurrantes.
Verás, furando a lurida espessura
Das arvores, o glauco olhar da aurora,
E uma loura Diana em miniatura
Seguir um cervo pelo bosque afóra...

Tonta do olor em que o vergel se inflamma
Sentirás pelo corpo um louco anceio,
Um desejo de amar, como uma chamma,
A consumir-te, a deleitar-te o seio...
Ris?! Mas não sei porque te ris... De certo
Julgas que estou brincando?! Experimenta!
Vem, apparece no meu lar deserto,
Quando desponta alva e sanguinolenta

A aurora, como corsa perseguida
Que corre... vôa, fere o espaço e o sólo,
E vae morrer, tremula e espavorida,
Com um dardo, em fogo, traspassado ao collo.
Acaso ignoras que esta esphera toda
Pódes partir nas duas mãos pequenas?
Acaso ignoras que anda a estrella douda
Por te ver entre as rosas e as verbenas?

Olha! deixa essa velha que te espreita
Como um Cerbero, e anda commigo á balsa,
Que, para te abraçar, mil braços deita!...
Anda! a luva de perola descalça.
Lança ao teu rosto um véu, com geito arruma
O teu cabello levemente louro;
Prende a liga á essa perna que perfuma
Um sangue ardente como um rio de ouro!...

Verás, deitadas sobre a relva, ouvindo
As ociosas e estridulas cigarras,
Raparigas de olhar unctuoso e infindo,
Coroadas de pampanos e parras.
Que algazarra de luz nos ramos, quando
Entrares rindo pela mouta espessa,
Em grossas vagas no hombro derramando,
O ouro da tua esplendida cabeça!...

A uma Créscida

Não me falles de assénonas, nem de urnas.
Urnas são estas. Leva-as de caminho,
Ou mette-te, em cabello, nestas furnas,
Com este alegre e branco desalinho.

Julgas que é só sorrir ou que esta lyra
E' só cantares e auroral folguedo,
E devo pôr em tudo o que suspira
O allegro matinal do passaredo?...

Não sou o ecco das tuas phantasias,
Nem o carmim faceto de teu rosto:
Eu me rio das tuas alegrias,
Qual te riste jámais do meu desgosto.

E's leviana e fragil, como fôra
Créscida — a linda, mas perjura amante.
Ella prendera, é certo, á trança loura
O coração de Troylus, — palpitante.

Mas, depois, arrastou-o, sem piedade,
Aos farilhões de lobrega voragem,
Onde, tambem, a nossa mocidade,
N'um grito, arremessamos, de passagem.

Tu, como a loura e perfida troyana,
Julgaste submetter-me ao teu imperio,
E toda a dôr da natureza humana
Coar-me nesse amavio deleterio.

Eu em cousas de amor sou velho e astuto;
Leio-as, emquanto, a custo, deletreias,
E, além de tudo, estou affeito ao luto,
Aos soluços e ás lagrimas alheias.

Depois que os teus encantos sobalçaram
E deram-te esse esplendido diadem..
Teus olhos formosissimos cuidaram
Que um plectro altivo, como o meu, se algema.
Não são de charra estirpe esses vassallos.
Que apregoaram ao sol os teus primores.
Se julgas novamente atormental-os
Com mimos e sorrisos seductores,

Enganas-te, voraz serpente, ao fogo
De mil amores, lubricos, caldeada.
Se, ebrio ou martyr, lancei minh'alma ao jogo
Do tufão e da vaga encapellada,

Hoje, saudoso, volto ao lar querido,
E beijo o ninho que meu estro inflamma,
E o coração, em nevoas envolvido.
Pelo da minha filha se derrama...

Não sou incauta mariposa afflicta
Que o teu clarão seduz e attráe, de longe,
Nem o espirito gasto que se agita
Na funeraria cógula de um monge.

Dos residuos do crime praticado
Nasce agora a palmeira da esperança;
E vou subindo ao páramo estrellado
Pelos olhos e a voz de uma creança...

A minha irman

Alma de luz no calice de um lirio,
Fragil, mimosa, transparente e pura,
Velando sempre ao pé do meu martyrio,
A vêr se abranda a minha desventura!
Como te quero! como est'alma anceia
Por te guiar os passos indecisos!
Quando sorris, meu coração receia
Que se desfolhe algum dos teus sorrisos.

Tão debil és, que a propria luz que trazes
Parece as tuas azas molestar,
E, com tocar a flôr, de leve, fazes,
Antes de tempo, a flôr desabrochar...
A tua vida é um santuario cheio
De santos, de missaes e de oblações,
Em cujo altar um dia um poeta veio
Offerecer as suas orações:

— Doces reminiscencias do passado,
Na caçoula da fé que incende o Occaso,
Dourando um arrebol, quasi apagado,
E umas ruinas de flôr, quasi sem vaso!
Ouves trilar, em côro, as aves calmas,
E eu ouço, ao longe, o prácebo dos mortos.
Que contraste entre as nossas duas almas:
N'uma — confortos, n'outra — desconfortos!

Aplacas o clamor das ventanias
E perfumas as sombras dos paineis,
Transformando em divinas harmonias
O que derramo em lagrimas crueis.
Fechas ao sol a lucida corolla,
— Lirio, cuja raiz é a propria luz —
E vaes, de barcarola em barcarola,
Desabrochar aos pés da minha cruz.

Uma revoada de anjos os teus passos
Ouve, surpresa, e a musica accelera;
E prende duas azas aos teus braços,
Como as que usa em Outubro a primavera.
Alvorotam-se as pombas, se traspassa
A tua dulia um mysterioso canto,
Que, reflectindo toda a tua graça,
Guarda, comtudo, o saibo de meu pranto.

És minha irmã. A dôr que sinto e avivo,
Acorrenta-me aos tredos escarcéus.
Se, por um lado, me retem captivo
A lembrança ineffavel de outros céus,
Por outro lado, a alma se me despenha,
Por precipicios, por desillusões!...
Não ha no mundo, minha irmã, quem tenha
Mais saudades e menos illusões!

Para que esse orbe tumular accorde,
Basta ouvir o rumor de um simples verso;
Basta que a taça do ideal transborde,
Para que frema em requiens o universo.
Em Maio, o alveareo astral constantemente
Rutila, e a luz espalha pela terra.
O coração tambem do adolescente
Esse ledo esplendor divino encerra.

Tu dormes, e eu te velo o somno e aspiro
Do casto somno o aroma celestial,
Receioso que a duvida que inspiro
A' alma dos bons, te possa fazer mal.
Eu sou na terra o bonzo da descrença,
Tu — a suprema encarnação da fé.
Teu vôo excede os páramos da crença,
O meu sangra na cruz ou na polé!...

A hostia te cerca do clarão das santas
E te enche a voz de antiphonas e preces,
Por isso, o espirito hybernal das plantas
Com pena acolhes, com piedade aqueces.
Esse recolhimento, em que te engolphas,
Essa suprema ingenuidade d'alma,
Repassados de estancias e de solfas,
Meu plectro inspira, minha angustia acalma.

Guarda estes versos que não dizem nada,
Guarda estas rimas que não têm fulgor;
São flôres que apanhei na minha estrada
Para a prónuba noite de outra flôr.
Guarda-as entre as imagens mais queridas,
Guarda-as entre os retratos de teus pais,
Pois estas urnas, uma vez partidas,
Oh! minha irmã, não se concertam mais.

Demencia feliz

Chuchurreando, bebeda de gozo,
A ingenua symphonia dos canarios,
Davas á perna e ao braço voluptuoso,
Uma attitude olympica... Os aquarios
De resedás e de caricias cheios,
Não eram mais sonoros, nem mais finos
Do que teus duros e redondos seios
Atravessados de hilariantes hymnos...

Toda a especie de passaro canoro
Vôa para esses alcantis de opala,
Onde o som da harpa, occulta em cada póro,
Pelo jardim do corpo se propala...
De tal maneira ouvem os passarinhos
Desse paiz o intermino concerto,
Que em seu remanso vão fazer os ninhos
Para estarem da musica mais perto.

Vê-se-te o sangue tropical, rolando
Da eburnea pelle ao languido clepsidro,
Como uma nuvem de ouro acompanhando
Um astro, em chammas, através de um vidro.

....

Essa alegre loucura que me arrasta
Por verdes grutas, por sombrias giestas,
E faz-me ver na tua poma casta
Passaros, bosques, ninhos e florestas,
Tambem o fogo abranda, pouco a pouco,
N'esse espumante pélago iracundo...
Sim, é feliz, muito feliz o louco,
Porque elle vê por outra face o mundo.

Tocando e dansando

Quando ella dansa a bamboar-se toda
E a violeta nos seus dedos fere
Não ha cabeça que não fique douda,
Nem coração que não se dilacere.

Tudo na sala, extatico, respira
Um delicioso ambiente musical;
E é tão forte o perfume que ella expira
Que por força lhe deve fazer mal.

Um cysne que ha no seu jardim levanta,
Para ouvil-a, o pescoço, branco e esguio,
E adormece ao sabor d'essa garganta,
Fresca e sonora como o alvéo de um rio.

As almas vão cahir-lhe aos pés mimosos,
Mettidos dentro de dois borzeguins,
Como dos jasmineiros perfumosos
Uma chuva odorante de jasmins...

Subito, pára... Um lacteo suor se estende
Pelo seu corpo que rescende tanto,
Como um frasco de sandalo rescende
De uma alcova no tépido recanto.

A aragem matinal, surpresa, fica
Horas e horas volteando-lhe em redor,
E as suas rijas pomas lubrifica
Ao mesmo tempo que lhe enxuga o suor...

Porém, depois, fazendo um ruido brando,
Sob o luar das rendas e dos linhos,
Os seus dois seios ficam palpitando,
Como a plumagem de dois passarinhos...

Duplo aspecto

A tres jovens poetas.

A vida não é só uma lampada que arde,
Poetas, junto da cruz e distante do sol.
Mergulhae vossa dôr nos effluvios da tarde,
Aquecei vossa lyra aos raios do arrebol.

Deixae ir ao sabor dos velhos cyharedos
Vossa nenia impolluta e vosso amor sublime.
Interrogae de perto os bastos arvoredos,
E o despertar do sol, que tudo e nada exprime.

Como uma aguia real, rompei vossas cadeias.
Se a estrophe é como Agar no deserto, a gemer,
Risonha e alegre traz as suas pomas cheias
Para ter o que dar a Ismael de beber.

A ambula tambem cáe das mãos do celebrante;
A chuva tambem desce ao lodaçal impuro:
No entanto, se cahir no prisma scintillante,
Não ha raio mais claro e nem floco mais puro.

Venerae essa casta e meiga creatura,
Que é sempre para nós mais anjo que mulher;
Que hoje nos delicia e amanhã nos tortura,
Sem nos deixar no peito uma illusão sequer.

E' balsamo essa chaga, é oleo essa ferida,
Como o de Heleodora e o da Samaritana.
O poeta deve ver por dois prismas a vida,
Pois, se assim a não vir, a poesia profana.

Será Thersito, acaso, a suprema verdade?
E a Moral, por ventura, a Moral de Timão?
Se de um lado se vê a vingança e a maldade,
Não se vê do outro lado a doçura e o perdão?

Uma lagrima á Ophelia e um beijo á Sulamita.
Eis tudo quanto encerra o universo sombrio,
Pois todo o coração que por outro palpita,
Tem como a natureza, um inverno e um estio.

Ironias...

Uma loucura o que me dizes, filha!
Uma loucura! Eu te esquecer?... não creias.
São teus a luz que em minha estrophe brilha,
E o sangue que percorre as minhas veias.

Deixar de amar-te ou de seguir-te, fôra
O peior dos castigos infligidos
A uma alma terna, que em teus olhos doura
Os seus immensos céus amortecidos!

E n'essa extranha irradiação elevas
Meu coração, como um ciborio aberto;
E, entre sorrisos e gorgeios, levas
Um raio de esperança ao meu deserto.

Medo não deve ter quem traz á fronte
O mais rico de todos os diademas.
Se encho de flôres o sopé do monte,
E o teu caminho de immortaes poemas,

Porque, formosa nayade, te afogas
No mar revolto de pueril chimera,
E ao vendaval das incertezas jogas
Os vinte annos de tua primavera?

Matas-me sempre que aos meus ais resistes,
Venço-te sempre que te julgas forte!
Olha, em vez de matar, dá vida aos tristes,
Essa continua e venturosa morte.

Por mais que queiras esquecer-me, um laço,
Como o que prende a cruz ao Compo Santo,
Amarra-te, entre beijos, ao meu braço,
E lança-me á corrente de teu pranto.

Tua lembrança não se apaga nunca
Dos merencorios écos de meu ninho,
E os meus trinta annos de volupias junca
Entre os fanados goivos do caminho.

Tu não me esqueces, como eu não te esqueço!
Nossas neves não são como as de Julho.
Se, indifferente e jovial pareço,
E' que acima do amor está o orgulho.

Não são voluveis, não, as brancas garças,
Nem as phalenas que, comtigo, adejam:
E essas nuvens que vês, no céu esparsas,
E a verde rama da palmeira beijam,

Amam gozar do mesmo clima quente,
Onde arde um sol, ciumento e apaixonado,
E rever-se no espelho da corrente,
E adormecer entre os jasmins do prado.

Perguntas-me se sinto ou se não sinto
O que escrevo e escrevi na mocidade?
Julgas-me um poeta ou não? Se o sou, não minto,
Pois a poesia é filha da verdade.

Foste impolluta, sim. Mas hoje, apenas
Tens da pureza o pallido reflexo,
E nas recordações, as açucenas
Proprias da tua idade e do teu sexo.

Perdeste muito do fulgor antigo,
Desse encanto que é sempre passageiro,
E em meu plectro cavaste o teu jazigo,
E em teus olhos ergueste o meu madeiro.

Não me perguntes o que soffro e deixo
Rolar por estas *Ondas* doloridas,
Se muita vez aos blásphemos me queixo,
E accórdo as musas no horto adormecidas;

Não é que julgue socegar as dôres,
Que, n'alma, aos gritos da paixão, refervem;
Pois essas musas, como certas flôres,
Só de perfumes sepulchraes se servem!

Tu és o nume inspirador das covas,
Um luar de ebano em torno de uma stala.
A' noite, minhas lagrimas renovas,
Se um hymno á morte teu olôr exhala!

Sobre uma cruz pregas-me o corpo inerme,
E os membros sem vigor, me vaes partindo.
E' um vergel de chagas a epiderme
Que dilaceras, rindo... rindo... rindo!...

O Dódona

Junto do Epiro um bosque havia, outr'ora,
Onde a voz da Sibilla se escutava.
O liz que a rosa purpura namora,
Para entendel-a, o Dódona habitava.

Ninguem sabia, ao certo, a natureza
Desses mysterios, dessas prophecias...
Lá se entralhava nos rhytões a presa,
Entre hieroglyphos, entre allegorias.

Tudo quanto na Grecia acontecia,
A Sibilla do Dódona entrevira...
Nesse bosque de espessa ramaria
De Orpheu gemera a apaixonada lyra.

Alli, o coração que á frecha aguda
Do filho de Aphrodite atravessava,
Sobre o tapiz de uma arvore folhuda
Consolações e balsamo encontrava.

Alli, Eudora — a incauta — adormecera
Do mar Ionio ao placido repouso;
Alli, do Epiro o sol tambem bebera
O vinho grego e lubrico do goso.

Alli do thracio nume o gladio insano
Desnudara, de chofre, a um gesto rudo,
Do augusto asylo o tenebroso arcano,
Do altivo roble o venerando escudo!...

Sois, meus versos, o Dódona encantado,
Onde a lyra de Orpheu geme e soluça.
De vossas aguas no crystal magoado
A ramada dos sonhos se debruça...

Outr'ora, hauristes o venario encanto
Nos serões dos segreis e dos pastores.
A poesia do campo é um vinho santo,
Sem peccados, sem coleras, sem dôres.

Como do Dódona a sacerdotisa,
Pronunciaes as vossas prophecias,
E decifraes, pelo rumor da brisa,
Os hieroglyphos e as allegorias.

Lyra sem cordas

A tres amigos.

Amigos! Como eu vos invejo! Abril não canta
Nas manhãs d'este azul, no seio d'estes valles.
Quando trina o arvoredo e a aurora se levanta,
A transbordar de fel, sempre encontram meu calix.

Chimeras pelo chão do exilio espedaçadas,
Manchas de sangue em meus broqueis de sonhos mortos,
E lagrimas de amor fugindo atropelladas,
Ao ver tanto abandono e tantos desconfortos.

Risos ceifados ao livor dos frios gelos,
Para as bodas feraes vêm vestidos de luto,
E apavoram-me o olhar e erriçam-me os cabellos,
Quando de voz querida o som longinquo escuto.

De Gower a trombeta estruge entre meus cantos,
E susta-lhes o rythmo! Uma immensa loucura
Galopa-me no olhar, petrifica-me os prantos
E espedaça-me a fé n'uma nova tortura.

Como sou fragil e covarde! O mais pequeno
Rumor me assusta. O sol resplandecente lança
A luz que traz do céu á taça de veneno,
A luz que traz do inferno á taça da esperança.

Contraste singular! Quando vós, meus amigos,
Das vossas illusões ides colher as flôres,
Eu, mysterioso e só, percorro os meus jazigos,
E aqueço com os meus ais todas as minhas dôres.

Fragilidade humana! eis-me teu prisioneiro!
Loucura, sem remedio, eis-me a teus pés prostrado!
Sou o espectro do amor, correndo o mundo inteiro
Atraz de um vago sonho, ha muito desfolhado,

D'esta jornada o termo ha de chegar em breve,
D'este infortunio o porto hei de ver dentro em pouco.
Não quero trazer mais a fronte exposta á neve,
Para que a turba alvar me não supponha um louco.

Doces sonhos de amor n'um barathro cahistes;
De vil calumnia andei amarrado ás ilhargas.
Ah! para os homens bons os céus são sempre tristes,
Para os poetas, como eu, as horas sempre amargas!

Que me resta da infancia e do primeiro beijo,
Da oração que aprendi a soletrar no berço?
Apenas a lembrança, apenas o desejo
De ouvil-a ainda uma vez para rezal-a em verso.

Mas a poesia tem tambem d'estes contrastes:
Pedis ao plectro um canto, e o plectro fica mudo.
Poetas! quando pensaes nas mulheres que amastes,
Difficilmente a penna alcança exprimir tudo.

O funerario sol que vos desvaira a fronte,
Quando comvosco abrange o azul da immensidade,
Vê com assombro, ao descer, que esse immenso horizonte
Era muito maior na vossa mocidade.

Essa angustia me mata, esse ideal me atormenta,
Attrae-me o seu fulgor, afogam-me os seus braços!
Ah! pudesse rasgar esta veste poeirenta,
E, n'uma ancia febril, transpor estes espaços!...

Meus idolos o vento arremessou por terra,
De meus labios um beijo infeccionou as bordas.
E eis o que agora tenho, eis o que uma alma encerra:
— Um leito sem mulher, uma lyra sem cordas.

Tarantula

Dizem que é um veneno extranho aquelle
Que o aguilhão da tarantula inocula:
Entra nas veias, rápido circula,
Conspurca o sangue, deteriora a pelle.

Dizem tambem que o espirito allucina
E faz a gente ter visões e assombros,
E uma vontade de trazer nos hombros
A algazarra do bosque e da collina.

Dança-se em torno de arvores folhudas,
Colhem-se rosas, como Ophelia, e, rindo,
Rindo, voluptuosamente, ao Pindo
Sobe-se atrás das musas rechonchudas.

Sonha-se côr de rosa e branco... A lua
E' como um nenuphar que desabrocha,
Entre cirrus, no cimo de uma rocha
Enamorada, castamente núa.

O coração flammeja de tal modo,
Como se fôra o sol que flammejasse,
E as madeixas de fogo desmanchasse,
Serpenteando pelo corpo todo...

Tinha vontade de sentir, um dia,
Essa demencia lubrica e exquisita,
Para beijar muita mulher bonita,
Que a volupia dos labios desafia.

E de seguir, depois, pela existencia,
Rouxinolando, sem ter ninho certo,
Tomando a cova por um céu aberto,
Ou a velhice pela adolescencia.

E ver em cada rosa a mesma rosa,
Tagarelando o idioma do perfume,
E sentir da mulher a mysteriosa
Chama, que arde no amor e no ciume!...

E entrefechar o olhar, lascivo e absorto
Na delicia de um goso que nos prende,
E cahir n'um regaço, quasi morto,
Que é como um céu que um anjo nos estende...

Ai! do prazer o insolito desejo,
Que nos levanta, que nos anniquila!
Que ha que se possa comparar a um beijo
D'essa divina e deliciosa argilla?!...

Como é bom revolver a nuvem negra
Que encobre o templo da felicidade,
E ouvir o coração — a toutinegra
Do amor — cantar como na mocidade!

Feliz quem póde substituir os prantos
Por uma nova musica de risos,
E accumular encantos sobre encantos
E paraisos sobre paraisos.

Tu, só tu, poderias, sêr corrupto,
Dar outro aspecto a esta paysagem triste:
O teu veneno é o cobiçado fruto,
Se é que o prazer só na loucura existe.

Por que?

Que mal te fiz para que assim me trates?
Qual foi meu crime, dize-me, qual foi?
Não ha razão para que me maltrates...
Essa injustiça mais que as outras dóe.

Bem sabes que em meu peito o antigo affecto
Ainda perdura vivido e animado,
Que o coração está de ti repleto
E das lembranças todas do passado!...
Está tambem dos teus sorrisos cheia
Toda a casinha branca da collina,
E a lympha, que entre as algas serpenteia,
Conserva o olor da tua mão divina...

E isto, porque, uma vez, rindo e brincando,
Roçaste uma das mãos n'agua assustada...
Hoje as crianças, por alli passando,
Chamam-n'a "a lympha da agua perfumada".

Tudo que tocas, deixas impregnado
De um perfume excitante e harmonioso;
Mas, se o cabello trazes desnastrado,
Basto, comprido, tépido, cheiroso,
Ebria de sol e amor vôa a narceja,
Desesperada por bebel-o todo,
Emquanto chilra, pula, vôa e adeja
Meu coração que quasi fica doudo.

Finges que não odeias o que odiavas,
E a quanto amavas finges que não amas.
Ouve: o pranto que d'antes derramavas,
Quando eu partia, é o mesmo que derramas.

Volta e vem de alegria encher os ares,
Que o inverno já os bosques abandona;
As nossas crenças, como nenuphares,
D'estas aguas estão boiando á tona...

Em breve voltarão ao prado as rosas
Puras e brancas, como a tua mão,
E, ao romper d'alva, frescas e cheirosas,
Vendo teus olhos — desabrocharão...

Selemno

Selemno é um rio da Mythologia,
Que uma fonte nos braços toma e aperta...
Vem lhes cantar ao pé a cotovia...
    Se a fonte está coberta
    De flôres e de ninhos!...

Argyra — a fonte — ama-o de tal maneira,
Que chegam a morrer os passarinhos
De inveja... Nunca a sombra passageira
De um desgosto turbou as aguas mansas
Do venturoso rio! Em fulvos nimbos,
Envolto o sol, anda como as crianças,
Pondo-lhe á testa rutilos corymbos...

E' ahi que as rosas vêm buscar o aroma,
E os rouxinoes a fresca melodia.
Selemno as mãos da bella Argyra toma,
Toma-lhe o braço, o collo, e, então, sombria
Nuvem os cobre voluptuosamente...
Nos ramos ouve toda a passarada,
D'esse amor arranjado á luz do poente,
A deliciosa e intermina ballada!...
Dentro da bruma, que se fecha toda,
Ha suspiros e gritos amorosos...
E a viração, a rir, como uma douda,
Tenta debalde entrar os mysteriosos
Arcanos d'essa alcova mysteriosa...
E para ser mais ideal a tela,
    A estrella faz de rosa
    E a rosa faz de estrella...

As saltitantes sylphides roliças
Vão correndo por entre os ramos, a esmo;
E, ao longe, vêm-se ellas sobre as palhiças
Com os faunos de ao pé fazendo o mesmo.
Fere a guitarra um gnomo dextro, em torno
Das lianas pelos troncos se enroscando...
Dizem que um dia de Amalthéa o corno
Toda essa flora esteve abeberando...

Pinga das verdes, tremulas videiras
O sangue da uva, fulvo e saboroso,
E sobe pelas torsas tamareiras
Da tarde o aroma, acre e delicioso...
Feliz Selemno, logo que desperta,
Vê, sorpreso, ao seu lado, a amante, rindo,
O olhar cerrado, a bocca semi-aberta,
Quasi a deixar fugir, n'um goso infindo,
A alma pela ramagem da latada,
Que o azylo das Oreades circumda.

E a agua da fonte, como alva rocada
De linho, o glauco solo rega e inunda...
Como esse rio, toda a natureza
Sente a vida jorrar de cada planta!
Para a alvorada é sempre uma surpresa
O epithalamio que ella propria canta!...

Entanto, nós, formosa, todo o enxame
Das crenças vimos pelo céu afóra!...
Que nos importa que coraes enrame
E venha fiando perolas a aurora?
Antes do outono a minha voz calou-se,
E o teu aroma só durou um dia!...
Ah! quem nos dera a nossa vida fosse
Como esse rio da Mythologia!...

Emma

Ouço e fito com um certo assombro o azul, envolto
N'uma bruma subtil. Corta a atmosphera solto
Um passaro nocturno. O luar, o luar não vem
A's giestas em flôr... e ella tarda tambem!...
De novo escuto e fito o azul... sómente a treva
No páramo, sem fim, solitaria, se eleva!
Silencio! Junto a um tronco, em tremulos festões,
Flôres de aureo matiz, em varias direcções,
Espontam, impregnando o ar de um effluvio quente!...
Ao longe, ouve-se a voz flebil de uma corrente
D'agua, que vem, de grota em grota, ao penhascal.
O lago, á dubia luz fosca da noite, o val
Percorre; e, como um luar, liquido, em torno coalha.
Com o passo desabrido o vento n'agua espalha
As petalas gentis e alvas de um bogari.
Entre as folhas, erguendo a fronte loura, ri
E esconde-se, de novo, uma dryade... Assomo
De pudor e de graça! Um pequenino pomo
Traz na boquinha, rubra e sorridente. Vá
Alguem roubar-lh'o!... Atraz della, escondido está
Um Cerbero com pés de bode e grandes cornos.
Estremece o maroto e os longos olhos mornos
Descerra; e, ebrio de amor, lambe os tenros quadris
Da moça, em cuja trança enramam-se os rubis.
E o luar não vem... e a noite os cilios de ouro fecha
No céu!... Não ha no bosque absorto uma só queixa!
Anjos passam beirando as arvores, que estão
Como harpas, dedilhando uma extranha canção...
A onda os braços estende e, voluptuosamente,
Rola como uma huri no toro rescendente.
Do avental de esmeralda, a flôr mais bella, Abril
Tira e offerece á deusa esquiva e cauta: o ardil
Surtiu effeito. — A mão nas duas mãos segura,
Incendeia-lhe a pelle, enlaça-lhe a cintura...

Nada viu o Egypan... Em toda a solidão
Nem um grito se ouviu... Nem mesmo a vibração
De um ai ou o estertor dulcisono de um beijo!
A quanto tempo amava! O seu maior desejo
Era dormir com outro e viver e sonhar,
Como sobre uma vaga um branco nenuphar,
E ir, sózinha, occultando o braço, a perna, o collo,
Procurar o mais denso e perfumoso solo,
E ahi, ao lado d'elle, abraçada, a tremer,
Ver a noite no espaço augmentar e crescer...

Ah! taes cousas pensando e taes cousas sentindo,
Dentro e fóra de mim musica ignota ouvindo,
Não notara da lua o pallido crescente
Que se erguia no azul, calma e serenamente...
A voz de Emma, porem, não longe ouvi... Rumores
Confusos e subtis pairavam sobre as flôres...
Meu coração batia apressado e minh'alma,
Como as asas um anjo, em largo vôo, espalma,
Para fugir da terra, as asas desferio
E para ella voou... Um leve murmurio
Espalhou-se em redor e agitou a folhagem...
E Emma, sorrindo em meio á tremula ramagem,
Dir-se-hia Eva escutando as vozes mysteriosas,
Que desciam do céu, que subiam das rosas...

Moeda por moeda

Vês? Um vulto atravessa o espaço mudo e triste...
E' a noite em seu capuz de estrellas envolvida.
Louca, porque partiste ?
Que soffrimento atroz! Como queima a ferida
Pelos meus proprios ais em fogo convertida!

De lagedo em lagedo, anda o som de teus passos,
O hymno de teu anceio, o rumor de teu pranto.
E na cruz de teus braços
Agonisa o clarão do meu ultimo canto.

A inveja — Caliban que a ventura do amante
Apunhala na voz de Miranda innocente —
A inveja maculou-te o thalamo odorante,
A inveja lacerou-te as carnes atrozmente,
Mal despontava a luz em teu olhar dormente.

Deus não te deu a infancia a que tinhas direito,
E, quando te encontrei, n'uma quebrada escura,
E te apertei a mão e te encostei ao peito,
"Desgraça!" disse o mundo, e eu respondi: "Ventura!"

Ventura, sim, porque perto de teu sorriso
Eu não via outro altar, nem pisava outro assoalho,
Nem, tão pouco, ao clarão do crepusc'lo indeciso,
O sol offerecer a Sejano agasalho
Ou caracterizar-se em sultão de serralho!

Timão de Athenas, róe a raiz que encontraste
Aos pés, sob um carvalho hospitaleiro e franco;
Amoeda o lamaçal, injuria o que amaste:
Quer ouro o cortezão, quer ouro o saltimbanco.

O mundo que detesta o que é puro, o que é nobre,
Exalta e lisongeia o valor e a pureza,
Mas, se se lhe depara o amor proprio do pobre,
O pobre, que não tem nem arma de defesa,
De doestos e baldões, de instante a instante, o cobre.

Pois que o mundo é assim, pois que Próculo odeia
A nossa crença, o nosso orgulho, o nosso pranto,
Mordei, mordei, mordei, Pámphagos de alcateia:
As mulheres, D. Juan, — os homens, Apemanto.

O amor é cego

I

O amor tem azas e não vê. De certo,
E' por isso que o amor
Busca, ás vezes, n'um cómoro deserto
O calix de uma flôr.

II

Mal se aproxima, cautelosamente,
Os dois labios descerra...
Que barulho de faunos, de repente,
Lá no pendor da serra!...

E, no momento em que a loucura abrange
O olhar e o coração,
Sorrindo, as cordas seductoras tange
De uma nova illusão.

Illusão! — Tecto que a miseria cobre;
Manto que a mão febril de Ariel soergue;
Sonho de escravo, lampada de pobre
A bruxolear no albergue!...

Sim, illusão, — a taboa a que me agarro
Das vagas ao furor,
Soma bebido em cyatho de barro,
Aza do verme, avena do pastor...

Tudo, indiscreto e barulhento, assalta;
Tudo enleia e fascina,
O menino beliz que Elmano exalta
Na lyra peregrina.

Aveludando as mãos, cobrindo a trança
    Com um manto imperial,
Faz do velho uma trefega creança
E da tristeza um vinho cordial.

Esvoaçando pelos arvoredos,
    Aos ouvidos das damas
Attentas, conta incognitos segredos
E desvenda-lhes ricos panoramas.

Cada mulher é para o deus formoso
    Outras tantas Psychés...
Ai! do collo innocente e perfumoso
Em que pousarem seus mimosos pés!...

Quando apparece, ouve-se um murmurio
    Semelhante ao da aragem,
Impellindo, de manso, a onda de um rio
Por uma verde e tremula folhagem...

D'aljava e flechas vae caçar as rôlas
    Nas húridas rechans,
E entre as creanças, dando cabriolas,
De Analia accorda as timidas irmãs.

III

Um mavioso sabiá não canta
    Na laranjeira umbrosa.
Como essa fresca e matinal garganta,
    Solitaria e queixosa.

De perto as bellas inexperientes
    Lhe vão seguindo a voz,
E leva todas essas innocentes
    Na sua aza veloz.

Pousa n'um ramo, ou sobre as velas pousa
    De ligeira trireme,
E, depois, vae gemer sobre uma lousa,
    Onde a saudade geme.

Pelo cahir da tarde, quando a fresca
Viração passa e ri,
Como a sua ballada romanesca
Repete o bogary!

E, á noite, quando o valle silencioso
Prostra-se como um monge,
Um astro melancolico e saudoso
Responde-lhe de longe.

E o céu se enfeita para ouvil-o, e o vento,
Ao passar junto á flôr,
Presa á haste, como a freira n'um convento,
Diz-lhe baixinho: "Amôr!"

E a flôr córa... Depois, o labio estende...
"Amôr!" soluça, baixo,
E ingenuamente a cabecinha pende,
Sem perceber o que lhe pede o riacho...

E vae assim o amôr, de rosa em rosa,
N'um coração pousar,
Promettendo á mulher, linda e vaidosa,
Azas para voar.

Fere-lhe o coração, belisca-o todo,
Como uma abelha, o fruto...
O que elle vos promette, é sangue, é lodo...
Moças, fugi desse pimpolho astuto!

Que celeuma levanta, se perpassa
Junto dos corações!...
O amor é o mensageiro da desgraça,
Dos soffrimentos, das desillusões.

Assalto imprevisto

A agua arrufou-se toda... Emma, desabotoando
O corpete de linho.
Orgulhosa, fitou o alvo collo, e, encontrando,
Entre as folhas, um ninho,
Disse: "Este é mais cheiroso e mais quente. Repara
Como o embalsama um fumo
Cérulo e tenue... Uma onda agora o agita, e clara,
Sobre elle ergue-se a prumo."
Fulgia, em cima, o céu; a agua, em baixo, cantava...
E a moça, descobrindo,
Inteiramente o seio, e mirando-o, exclamava:
"Como meu seio é lindo!"
Olhou em torno. O sol forrava de ouro o prado,
O rio estremecia,
Como o lençol que envolve um leito de noivado...
Ella, ingenua, sorria...
Havia um bosque ao pé. Devoravam-lhe os passos
Meus soffregos desejos...
Ah! quantas vezes quiz apertal-a em meus braços,
Vestil-a com meus beijos.
Tinha-a tão perto, núa, inteiramente núa.
A mirar-se no espelho
Do lago, como a aurora, ou como, á noite, a lua.
Seu pequenino artelho
A agua lambia, e o dorso, ondeando entre os junquilhos,
Ia rindo e passando...
As flôres, entre si, faziam trocadilhos,
E, as vozes concertando,
Começavam, em côro, a acclamal-a a mais pura
De todas as mulheres.
Como gostam do verso e gostam da pintura
Esses pequenos sêres!
Voluptuosamente o corpo distendia,
Como, ao sol, a serpente,
E, enroscando-se á relva, em torno d'ella, ria
Voluptuosamente...

Cauteloso, abafando os passos, embebido
O olhar n'aquella imagem
Astuto caçador, deslisei escondido
Entre a basta folhagem...
E, seguindo de perto, a onda que a arrebatava
Toda núa, aromando
O sendal que a envolvia, a brisa que passava,
Os rosaes desfolhando...
Approximei-me até beijal-a, sem ser visto
Nem d'ella, nem das flôres.
A agua escandalisada exclamava: "Que é isto,
Por aqui caçadores!?"
Como o grito de Nyssia ao ver-se surprendida
Pelo olhar de Gigés;
Ou como a ave que accorda, e, junto d'ella erguida,
Uma espingarda vê.
Tal se me affigurou o grito de Emma, quando
Enlacei-a ao meu braço...
Tanto não tremeria a estrella, ao ver brilhando,
A' noite, o sol no espaço!...
Riam de nós o bosque, a esphera e a luz que orlava
As montanhas do Poente.
Vendo que eu lhe beijava o collo e que ella estava
Núa completamente...

A castellan e o rouxinol

I

Uma avesinha! Ah! quanto uma ave encerra
De doce e meigo, de innocente e casto!...
Percorre o céu, de dia, e, á noite, a terra
Enche de um psalmo mysterioso e vasto...
Seu coração na matta frondejante
Vibra, como uma cythara saudosa,
E responde-lhe o trilo vacillante
— Prisioneiro do calice da rosa!
Quem, ao romper do dia, não tem ido
Ao campo ver erguer-se a passarada,
Ouvindo, ao longe, o tremulo gemido.
Que sae da mouta, a um rio debruçada?

Quem ao cahir da chuva nas ramagens
Ou da tarde, que aos passaros segreda,
Não se lembra das lubricas paysagens,
Do cysne branco seduzindo Leda?

Quem, ao ver n'alva um raio atravessado,
— Setta lançada ao páramo dormente,
Não rememora as cousas do passado
E não se curva religiosamente...
Quantos não têm na lagrima composto
Um castello de sonhos vaporoso?
E da linda Senhora o lindo rosto
Visto n'um quadro ausente e nebuloso?
Quantos não foram, como eu fui, outr'ora,
Chorar na alfombra em que ella riu commigo?
Ver despontar aquella mesma aurora,
Que hoje — pallida luz — de longe sigo?

Quantos não têm na alcova uma gaiola,
Onde a cantar um sabiá começa,
E acompanhado alguma pomba rôla
Por difficil estrada, abrupta e espessa?...
Quantos não ouvem, quando a rôla canta,
E rouxinola o sabiá, a terna,
Enamorada, esplendida garganta
De uma saudade, sem remedio e eterna?
A ave nos delicia, a ave nos leva
A luxuriantes, a maravilhosos
Paizes, onde não se vê da treva
Os braços longos, hirtos, silenciosos...

Lá é a florea mansão que Apollo doura,
O remanso dos zephiros risonhos,
Que entre lirios e rosas enthesoura
Os elfos, as canéphoras, os sonhos...

II

Solitaria, na torre do castello,
De arrogante prosapia e altaneria,
De olhos azues, porte soberbo e bello,
Com o velho pai, a castellan vivia.
De madrugada ia correr os prados,
Seguir um cervo, examinar a matta;
Colhia os cravos na haste pendurados,
E gostava de ouvir, junto á cascata.
Sobre a relva, entre as flôres, o segredo
Que murmura o arrebol á gruta, á alfombra,
Molle, inclinada sob um arvoredo
De bastas ramas, de cheirosa sombra...

O velho pai, para entretel-a, dava
Bellas festas, em casa, onde ao toureio
A linda moça os moços convidava,
Sem que por isso lhe batesse o seio.
Nunca se viu audacia tanta e tanta
Agilidade! A nata da nobreza
Orgulhosa, chamava-na a Atalanta.
E não havia em toda a redondeza
Quem, como essa fidalga, mais certeiro
Lançasse o dardo perigoso e fino.
Certo, em Maio, o venabulo primeiro
Do sol não era mais adamantino.

O Marquez — o Senhor Marquez — diziam
Os servos do castello, — em alvoroço
Pôz esta aldeia, e as castellãs corriam
Para vel-o passar, — fidalgo e moço! —
Contam-se delle extranhas aventuras,
Casos de arripiar couro e cabello.
Perigosas caçadas e diabruras
Que terminavam sempre n'um duello.
Por isso tem a quem sahir a filha:
Os perigos, indomita, contrasta,
E, de roldão, a rábida matilha
De perdigueiros, a latir, arrasta.

Porém, um dia, um joven de cabello
De ebano, olhar sereno, porte altivo,
Sobre um ginete, de alvejante pello,
Immovel, quedo, como a estatua viva
De epicos tempos e cavalheirescos
Episodios dramaticos de pagens
Louros — beijando os seios romanescos
Das damas, sob as múrmuras ramagens
Dos bosques, veio, e, da Amazona em frente,
Tres voltas deu ao rapido ginete...
Coruscava a estribeira reluzente
E era-lhe á fronte um sol o capacete.

Todos olharam com deslumbramento
Para o cavallo e para o cavalleiro.
Fez-se em roda o silencio, n'um momento...
Ninguem interrogal-o ousou primeiro.
"Quem sois? Por fim, lhe perguntou a dama
De nobre estirpe. Certo os altos cerros
Deste castello atravessou a fama
De que não teme nem villões nem perros."

Sorriu-se o cavalleiro... "Em vós, Senhora,
Vejo a dama mais linda e poderosa,
Disse. As vossas madeixas enamora
O ouro mais fino, a flôr mais perfumosa.
Sois a Diana que governa toda
Esta campina que se perde ao longe...

Senhora! permitti que est'alma, donda
Dos vossos olhos, negra como o monge
E solitaria como a torre erguida
N'uma encosta, distante, hoje vos diga
Que serão vossas honra, espada e vida
Se não lançar por terra a arma inimiga."

"Basta!" Tornou a dama, e, em raiva, ardendo,
A espada tira, tal como o espadeiro
D. Ruy — o avô, — e, após, célere, a erguendo
Carrega a fundo sobre o cavalleiro...
Trava-se a lucta. Duas vezes roça
Do moço a espada, firme e valerosa,
Os cabellos finissimos da moça
Que rolam n'uma quéda esplendorosa...
Pela terceira vez fere-a de frente
No braço, de onde a espada cae vencida
Junto ao Marquez, que segue attentamente
Tão perigosa e singular partida.

E, cortejando toda a fidalguia
Perplexa, o mysterioso personagem
Beija, tremendo, a mão que lhe estendia
A dama, e parte com a sua imagem...

III

Quanta saudade! Quanta dôr contida
N'alma, e nos olhos quanta escuridão!
Sua existencia — desse amor nascida —
Era outra — pobre flôr da solidão! —
A' noite, abria a verde persiana
Por onde a sombra entrava, e percorria,
Com o olhar incerto, a tremula savana
Larga, tristonha, placida... sombria.
Como a existencia muda! O sol que nasce
E o sol que morre, a merencoria luz,
Pallida, e triste, candida e fugace
A inebriar-se pelos céus azues, —
Já não trilava em sua mocidade.
Já não vinha á campina ampla e deserta!

Cada minuto era uma eternidade.
E cada estrella uma ferida aberta!
Ninguem viu mais a indomita Amazona
Galgar penhascos e descer collinas.
E que olhar lhe deitava a mangerona
Quando passava pelas balsaminas!...

Perdera a côr a nuvem do Levante,
Perdera a luz o limpido arrebol,
Porque não vens á grota sussurrante
-- Rôxa saudade — ver nascer o sol?...

De toda aquella garrula existencia,
Do epithalamio ephemero, que ouvira,
Para abrandar-lhe um pouco a violencia
A' grande dôr que o peito lhe ferira,
Só lhe restava — gozo amargo e brando! —
Só lhe restava como companheiro,
Um rouxinol que, á tarde, gorgeando,
Fallava-lhe do extranho cavalleiro,
Da armadura de prata que vestia.
Da caprichosa, negra cabelleira...
E ella, machinalmente o olhar volvia
E o céu fitava de uma tal maneira,
Que o passarinho, o proprio passarinho,
As azas recolhia, e, emudecendo
Parecia escutar o murmurinho
Do cavalleiro desapparecendo...

Pondo-o, ás vezes, na rosea concha aberta
Da sua mão, da sua mão divina,
Depois de olhar a luz da tarde incerta,
Que para o Occaso, languida, se inclina,
Quantas lagrimas não humedeceram
Do matinal cantor as pennas? Quantas
Amargas queixas não emudeceram
No vaso as flôres e no altar as santas?...

Então, o rouxinol, de quando em quando,
As mãos com terno ardor lhe acariciava,
E, emquanto as nuvens, no ar, iam passando,
Esta ballada módula cantava:

IV

Dona! Enxuga os teus cilios orvalhados,
Rasga, sem medo, a pagina da vida,
Onde estão os teus sonhos sepultados
Como n'uma jazida.

Volve, de novo, ao campo e aos valles cheios
De teus olhos, da côr azul de Maio:
Deixa os teus prantos, deixa os teus receios...
Sobe ao céu, raio a raio!...

Para que tanta anciedade e tanto
Tormento? Vive á luz quem della veio.
Rutila a estrella, bale a ovelha emquanto
Cresce a sombra em teu seio!...

Deixa que errem além, como uma prece,
Teus suspiros, que as auras adormentam...
Com fios de ouro tuas dôres tece,
Pois dellas se alimentam

As almas ternas, as essencias puras...
Volta á vida, ao torneio, á natureza,
Que o somno acalme essas visões escuras,
Que o sol espanque essa mortal tristeza.

O mar, convulso, vem rolar na arêa...
Que diz elle? Que quer? Que dôr é a sua?
Em vão, se estorce na fatal cadêa,
Misero, aos pés da lua!

Por toda a parte a aurora te acompanha,
Para que a dôr te não descore o rosto,
Ou murches como os lyrios da montanha,
A's horas do sol posto.

V

Emquanto o rouxinol assim carpia
Na sua eburnea mão, n'um nevoeiro,
Ao longe, a dama, pallida, ainda via
O alvo corcel e o negro cavalleiro...

Flôr da Jurema

Tu és a flôr da Jurema,
Flôr que embebeda e allucina.
Alma não ha que não trema,
Quando a tua voz divina
Enche o coração e o mar
De uma infinita doçura,
Que até na propria amargura
Parece rir e cantar.

Tens na corolla um licôr
Que os deuses nunca provaram,
E' que dentro dessa flôr
As tres fadas encerraram
Todo o bem que desejamos.
Mal nos humedece os labios,
Com surpresa nos tornamos
Mais creanças e mais sabios.

Quem olha para teu rosto,
Por mais que soffra e padeça,
Perde de todo o desgosto,
Perde de todo a cabeça.
E na propria escuridão
O sol fulgura e scintilla:
E' que o sol de uma pupilla
E' sol que não tem irmão.

Quando a primavera vem,
Matisando o prado e as flôres,
Teus olhos humidos têm
Raios de todas as côres;
E desatada do laço,
A tua casta alegria
Canta de noite e de dia,
Como a calhandra no espaço.

Tu és a flôr encantada,
E's o thuribulo immenso,
De onde sáe a fumarada
De cinamomo e de incenso,
Que vae subir ao altar,
Como uma prece bemdita,
Para as almas enlaçar
Na omnipotencia infinita.

Assim, pois, piedosa flôr,
Assim, pois, flôr da Jurema,
Dá-me que eu beba o licôr
Dessa ventura suprema
Que fortalece o quebranto,
E nos faz voltar á vida...
Tu és o balsamo santo
Que cura qualquer ferida.

Em cada petala tua
Sente-se aquelle carinho
Proprio das noites de lua,
Quando o barulho de um ninho
Basta para nos fazer
Desenterrar o passado
E o corpo de uma mulher
Dentro delle sepultado.

Como as aves, de manhã,
O ouvido attento despertas,
E ao lado da tua irmã,
— A aurora — de azas abertas,
Ficas no céu e nos valles,
Garrula, risonha, louca,
Dando um raio a cada calix,
Dando um beijo á cada bocca.

Vendo-a passar

Todo este espaço freme quando voltas,
Rosada e matinal, dos teus passeios;
Perfumam o ar as tuas tranças soltas.
E espiam-te, sorrindo, os ninhos cheios.

Tua pelle é tão branca, que parece
Luz de luar derramada pelos valles...
Andas como o murmurio de uma prece,
E o aroma de uma flôr dentro de um calix.

A borboleta, timida, recúa.
E diz-te qualquer phrase, quando passa,
E, entre invejosa e extactica, fluctua
Deante de tanta luz e tanta graça!

Um melisono alveolo gotteja
Da tua rubra e pequenina bocca.
Quando minh'alma, de mansinho, a beija,
Quasi desmaia, quasi fica louca!

Rosas, jasmins, camelias e narcisos,
Curvam-se para te beijar as plantas,
E confundem, de certo, os teus sorrisos
Com os das deusas ou com os das santas.

Todos julgam que a sombra que projectas,
Tem mais luz, do que a estrella vespertina,
E que gorgeiam todos os poetas
Quando gorgeia a tua voz divina.

Querem subordinar-te aos meus caprichos,
Atirar-te o batel contra os escolhos,
E que eu manche, sacrilego, em seus nichos,
As madonas crueis dos teus dois olhos.

Harpas eoleas vibram-te nas vestes,
E seguem a corrente de meu pranto,
São roseiras em flôr entre cyprestes,
E jogos infantis n'um Campo Santo.

Saudade Universal

Vem commigo... Repara que esta fonte
Nos quer dizer alguma cousa... Observa
Attentamente a magestosa fronte
Desta montanha, e estes canteiros de herva;
E este trigal maduro, tremulando
Das virações ao matinal gorgeio...
Ouve: quanto queixume traspassando
Da vaga insomne o coração não veio?...
"Mysterio!" dizes. Musica impregnada
De dôres e de lagrimas, repito!...

Vês esta lympha aos troncos enlaçada?
Vês esta flôr de calice exquisito,
E dentro d'ella um verde insecto, abrindo
As antenas, compridas como braços?
Este tremulo raio colorindo,
Com a luz da estrella, a estrella de teus passos?
Este outro remechendo na folhagem,
Como alguem que procura alguma joia
Perdida, ou como te procuro a imagem
Quando no meu teu braço não se apoia?
A nuvem no ar, louca e descabellada,
Do terno amante para sempre viuva?
A terra, agora, pelo sol tostada,
Mas ainda fresca e tumida da chuva?
Ouves todo esse estranho borborinho
Em cima, em baixo, — no vergel, na esphera?
Uma aza branca suspendendo um ninho
N'uma verde e aromatica atmosphera?
Um biquinho de passaro entreaberto
Ensaiando-se para a cavatina,
Que hontem se ouviu n'este arrebol deserto,
Mas que a cantar os passaros ensina?

Vês? Ouve, pois. Toda essa vozeria,
Todos esses alegres trovadores,
— O rouxinol, da tarde, a cotovia,
Da manhã; os longinquos esplendores
Que a alvorada por sobre a espalda estende
Dos montes; o queimor do sol do estio;
A baforada cálida que ascende
Das moutas quentes, do abrazado rio,
Que, o curso, agora, magestoso, alarga,
Depois de andar fervendo na torrente,
Ah! tudo, tudo, tudo, a doce e amarga
Saudade punge, deliciosamente.

A arvore do coração

Dentro ao meu coração
Cresce uma arvore frondente,
Onde uma triste canção
Gorgeia constantemente
Um sabiá da floresta.
Cada illusão que apparece
Pergunta: "Que voz é esta,
Que as illusões adormece?!..."

Cada folha e cada flôr
Que cáe dessa arvore immensa,
São restos do teu amor,
São restos da minha crença.
Envolta em turbidas sombras,
De seus longos e hirtos braços
Lança ao docel das alfombras
O coração aos pedaços.

Tudo que era meu perdi...
Nada me ficou de outr'ora!
— Vivo — ha muito que morri,
E se meu riso não chora,
E' que a lagrima do riso
N'outra lagrima se esconde...
— Ruina de um paraiso
Erro, sem saber por onde.

Quando vi apparecer
A minha crença primeira,
Fiquei como a larangeira
Ao ver o botão nascer.
A minha vida era calma,
Sem parceis e sem abrolhos;
Se eu tinha o céu em minh'alma,
E a sua imagem nos olhos!...

Dentro do meu coração
Cresce uma arvore frondente,
Onde uma triste canção
Gorgeia constantemente
Um sabiá da floresta...
Cada illusão que apparece
Pergunta: "Que voz é esta
Que as illusões adormece?!..."

Monotonia... recordação

Para cantar-te, filha, já não tenho
A lyra e o plectro, em chammas, como tinha.
Se uma canção, porém, fazer-te venho,
Bem vês, não venho como dantes vinha.
Canta quem tem de azul a alma replecta
E não perdeu uma illusão siquer,
Porque ella é como uma janella aberta
De onde sómente o sol se vê nascer.
Esta saudade, esta melancolia,
E' o começo de uma enfermidade.
Que em nossas almas cresce, dia a dia,
E não se sente na primeira edade.
A lagrima nos olhos apparece
Logo que morre a ultima illusão;
Brilha nos olhos e desapparece...
— Filha das sombras e do coração.

Vinte e dois annos tens e, sem que o queiras,
A pouco e pouco vaes envelhecendo,
E revês em silencio, horas inteiras,
Os mesmos quadros que eu estou revendo.
Debalde em cada flôr a alma repousas,
Debalde em cada estrella o olhar descanças;
Se estão por toda a parte as mesmas cousas,
Já não temos as mesmas esperanças.
Falta-te aquelle mysterioso lume,
Falta-te aquelle duplo resplendor,
— A virgindade — que era o teu perfume.
— O irradiamento — que era o teu amor.

Multiplas fórmas toma o mesmo objecto,
E o véu que o envolve é sempre o mesmo véu;
Mas se o olhar de illusões está replecto,
Nuvem não ha que tolde o azul do céu.

Oh! se me lembro! o céu era mais bello;
A terra inteira um vasto paraiso,
Porque os via através do teu cabello,
Porque os via através do teu sorriso.
Voltam ainda os velhos trovadores,
E com seus cantos o ar e o bosque acordam;
As suas pennas têm as mesmas côres,
O mesmo anceio e o mesmo ardor transbordam...
Falta-nos essa eterna cantilena,
Que só a infancia sabe gorgear,
Que é leve como a luz, ou como a penna,
Que cáe da aza de um passaro a cantar...

Nossa existencia era tranquilla e calma...
Meu desejo era sempre o seu desejo.
Quando n'um beijo enviava-lhe a minh'alma,
Ella a su'alma enviava-me n'um beijo.
Dos meus sonhos, na verde ramaria,
Só ficaram a morte e a solidão...
E fóra d'alma — esta monotonia,
E dentro d'alma — esta recordação.

A' meia-noite

I

Eis-me só... Alguem bate á porta de mansinho.
Alguem que já não vive,
Que commigo soffreu, que no ultimo declive
Das paixões esgotou minha taça de vinho.

Ella... a formosa, a bôa, a immaculada santa,
— Sol do inverno subindo ao Zenith do amor,
Que deixou de ser planta
Para entre os anjos ser o éco da minha dor.

Sombra; pódes entrar. Meu corpo e minha casa
Perguntam por teus pés á avenida deserta.
Ao mar! Tens uma vela, ao azul! Tens uma aza
Sobre a choça dos bons eternamente aberta.

Quero apalpar-te o collo, aspirar o perfume,
Que era a minha loucura e a menha embriaguez,
E morder este chão e estorcer-me de ciume.
Quando o céu rutilar sobre a tua nudez.

Anda, deixa-me ver se ainda tens nesse peito,
Como, sob uma lousa, aquella mesma chamma.
Deita-te no meu leito:
O amor que mata o morto á vida outra vez chama.

II

Envolve-te na branca espuma destas rendas;
Refrêa o temporal, córta a nado os lençóes...
E' preciso que o rei destes mares sorprendas,
Bella, com o teu olhar apinhado de sóes!...

Has de sentir, de novo, o que sentias d'antes:
A alma incender-te o rosto, o sangue inflar-te as veias,
E na sazão do gozo, as carnes luxuriantes,
Saborosas e cheias.

Desenrola o cabello... E's minha, ainda, és minha!
Arranca de teu corpo esse estrellado véu,
E em meus sonhos caminha,
Como n'um alcantil, um pedaço de céu.

Vês? meu leito te espera.
Põe-te núa como eu, accelera os teus passos.
Meu amor é o gigante Atlas, teu corpo a esphera
Que elle sustem nos braços!

E's minha, ainda, és minha! As ondas, em tumulto,
Repara, como, em vão, batem contra o rochedo...
E' o delirio, o furor de algum tritão occulto
Nas cavernas do pego!

E' assim o meu tormento, é assim o meu desejo;
Não pára de crescer, não cansa de chorar.
Volta e verás, então, que, ás vezes, basta um beijo,
Um só! para fazer da gotta d'agua um mar!...

III

"Incuravel cegueira! Ella está morta, louco!
Foi um duende que veio a taes horas bater
A' tua porta. Attende! um som queixoso e rouco,
Como um corpo que morre, acabou de morrer.

Entre os labios febris da tua amante morta!
Foi um duende, infeliz, foi um duende que veio
Bater á tua porta,
E a garôa da morte espalhar em teu seio.

Choras debalde! A noite a concava fruteira,
Para a festa nupcial de frutos de ouro encheu.
Que lhe importa encontrar em caminho a caveira
De uma amante que aos dezeseis annos morreu?!

Que lhe importa encontrar o espolio venerando
De seus labios sem côr, de seus olhos afflictos?
Os esqueletos como hordas de grous, passando,
Motejam de teus ais, galhofam de teus gritos!

Quem me falla? Quem és, sombra impiedosa e triste?
Enterra a tua pá,
Gower feio e galrão, no humus de onde sahiste
Com essa cara de corvo empelamada e má.

Por que vens lacerar com teu bico as entranhas
De uma pobre e infeliz lagrima tresmalhada,
Deixando a minha dôr, como a dôr das montanhas,
No thorax de granito, hirta e petrificada?

"Sim, eu sou a ave negra, o corvo máu e rudo.
Palpa-a, louco, e verás se é mulher ou visão.
Debalde! Has de estar sempre, estatelado e mudo.
Entre os dois polos d'alma — a loucura e a razão!"

Sonho apocalyptico

O sol acorrentado, a terra enferma,
Como um leproso, como Job;
A agua petrificada, a estrella, invalida e erma,
E o cruzeiro do sul desfeito em pó!

Os sacrilegos incubos na egreja
Cantando antiphonas e psalmos;
E o oceano, em cuja voz a voz de um Deus pragueja,
Callado e reduzido a sete palmos!

O Endor — cidade antiga e tragica da Historia —
Onde Jehovah forjou o eclypse de Saul,
Dormindo entre outras da mais baixa escoria,
Como um batrachio n'um paúl!...

O esqueleto infeliz de um grande rio,
Atôa, a errar pelas encostas,
E, emfim, sobrepujando o vulcão ôco e frio,
Encelado a fugir com o Etna ás costas!

Em Tenedos e em Cyrrha os oraculos torvos,
Descabellados a rugir, —
E o dialecto fatidico dos corvos
Ao globo podre a traduzir!

Os mausoléos e as covas razas,
Com os dentes sujos do banquete immundo,
A envergadura a abrir das formidandas azas
Como o anjo do exterminio sobre o mundo!

E pela cruz suspensa ao grande monte,
Quasi sem fé, quasi sem luz,
O olibano do amor que perfumava a fonte
A conspurcar o rosto de Jesus!

Os templos de Serapis arrazados,
Delphos, em chammas, Cós, num lethargo de areia,
E no mesmo jazigo sepultados
Os corpos de Herculano e de Pompeia!...

E o ogre Sir John Falstaff — esse abcesso do riso —
Sempre a roubar, sempre a beber;
E a arvore, outr'ora, em flôr, do Paraiso,
Com a serpe immunda a apodrecer!...

Deuses, reis, nuvens, céus, poeira, cinzas, fumaça,
Tudo num turbilhão passando...
E na treva uma mão e na mão uma taça
E na taça ainda os odios espumando!...

Oh! terra malferida ao pisar o tablado,
Entre Roma e Byzancio, entre a egreja e a mesquita,
Ouve: minh'alma é como um templo abandonado
Que ninguem mais procura e ninguem mais visita.

Da viçosa esperança a fronde encontro morta,
E frio o coração que a alimentou...
Deste castello ninguem bate á porta:
Desillusões e pesadelos sou.

Philosophia van — fragil batel que o vento
Das tempestades atropella!
Rolae, rolae, rolae, ondas do pensamento,
Aos embates do raio e da procella!

Fazer um carnaval da lagrima e da dor,
Vestir de andrajos o mysterio,
Oh! Deus supremo, oh! alma pura e etherea,
Dizei-me se no mundo houve crime maior?

Esperança! Esperança! Ophelia que a loucura
Veio arrastando pelas aguas...
Teu esquife é meu peito e tua sepultura
São estas dores e estas maguas...

Que me deixaste, tu, philosophia, filha
    Primogenita e ingrata da razão?
    Nada, a não ser a duvida que humilha,
E que me faz rugir e estrebuchar no chão.

E's Gomeril e és Phedra — o parricidio e o incesto,
Da côrte da razão o bôbo soberano;
Quando o sol vem nascendo, envias-lhe um protesto,
E se o oceano se oppõe, protestas contra o oceano!

....

Tubas do bosque, sons da lyra, azas da rima,
    Enchei os valles de canções;
Que o poeta ha de cantar, emquanto houver em cima,
Este azul, este sol e estas constellações.

Hymno ao amor

Ao crebro e longo arfar das fragorosas vagas
Vão sulcando o alto mar, exhaustos, semi-nús,
Velhos, cheios de cans e cobertos de chagas,
Carregando cada um seu sonho e sua cruz.

A onda que a aragem move e encrespa á flôr das aguas
No gemebundo pégo uiva sinistramente,
E conta ao viajor as redobradas maguas
Que ouviu e recolheu em cada continente.

E, ao longe, sobre a relva, uma mulher sentada
Estreita loucamente uma creança ao peito,
E, debalde, a gemer, pede á sombria estrada
Que lhe dê pelo amor de Deus um Christo e um leito.

Miseros que não têm nem perdão, nem amparo,
A que altar ides dar vossa oblação modesta,
Quando deveis saber que Deus é injusto e avaro,
Sempre que ouro da fé aos credulos empresta?

Em que hymno festival hauriste essa loucura,
O' meu sonho de amor, ó minha phantasia,
Se n'este mundo é tão ephemera a ventura,
Se n'esta vida é tão voluvel a alegria?

Barco que singra o Oceano e que deixou na praia
Tanta saudade, tanta esperança perdida,
Leva-me o coração, antes que a noite caia,
E antes que surja o sol, leva-me d'esta vida.

Balsamico delirio agita estas paysagens,
E accende pelo bosque o olibano da prece,
Emquanto, ebria e salaz, as rútilas roupagens,
Entre os vinhos da orgia, a minha musa esquece.

Sobre ossadas, sem fim, o amor triumphante passa;
A' beira de um paúl, eil-o a sonhar agora:
Quando Heloisa chora, a sua cruz abraça,
Quando Ophelia enlouquece, em seu delirio chora.

Si um meigo arrulho espanta as madresilvas castas
Oscula-as e sustem na haste que o sol devora,
E segue-te o esplendor, quando o teu manto arrastas,
O' lua, pelo céu, como Nossa Senhora...

No olhar do doce e brando Orpheu que a lyra impunha,
Para cantar da selva o magico transporte,
Com caricias de amante em cada accorde punha
Um lampejo de vida e um espasmo de morte.

De Eschylo — a immensa sombra, arremessada aos ventos,
No desmaio febril das oceanides, veio ,
Gemer da eterna dor os intimos lamentos,
E a angustia que continha o semi-deus no seio.

Grande, seguindo o povo, o poento e rôto manto
De Homero estende á vista astral dos universos,
E faz correr no Templo as ondas de seu pranto,
E nos syphuns de prata o fragor de seus versos.

Na alegria irial e lasciva de Delphos
Rasga de igneos clarões a alma da pythonisa,
E vae depois abrir com os Favonios e os Elphos
A corolla da flôr que o orvalho aromatisa.

Presto, ao sonho que o invoca, á voz da Consuelo,
Sobe em primaveril harmonia á garganta;
E inflammando-lhe o olhar, desmancha-lhe o cabello,
E incensando-lhe o altar, dá-lhe uns ares de santa.

Si um pequeno rumor o acompanha de perto,
Que alegria sem par precede esse barulho!
Na curva do horizonte a ave de bico aberto
Queima o sol com o olhar, bebe o céu n'um arrulho...

O' lindo pagem louro, ó domador sublime,
Em cuja framea de ouro o orbe inteiro flammeja,
Amei — qu'importa a mim que esse amor seja um crime,
E que esse crime tres vezes punido seja?

Qu'importa ao grão de areia o temporal que o leva?
Qu'importa á solidão o viajor que passa,
E ao tumulo que dorme o desprezo da treva,
E a um desgraçado amante uma nova desgraça?

Vendo-a a rezar

Meiga e celeste luz que me embalou na infancia,
Irmã gemea do amor que a edade não desdoura,
Quem te deu esse dom, essa ideal fragrancia
Que, como a um calix, te enche a carne tentadora?

Que divino panal teu labio adoça e molha?
Que urna queima esse incenso em tuas lacteas pomas,
E n'um banho febril os contornos te esfolha,
Se, acaso, entre os rosaes como uma deusa assomas?

Guardas, intacto, o olor que eu respirava outr'ora,
Entre as ternas canções das aves e das brisas,
E um fulgor matinal os campos te decora,
Quando os campos, a sós, affoitamente, pisas!...

Soberba, em tua fé radiosa, a alma suspendes
Aos effluvios, que, á noite, a myrrha e o nardo exhalam;
E um raio de esperança a um raio de sol prendes,
Quando a lagrima accorda e os passaros se calam...

Uma antiphona paira em toda a tua prece;
Cerca-te um resplendor, puro como o das santas,
E do céu, lentamente, um grupo de anjos desce
Para te vêr rezar, de joelhos, entre as plantas...

Mystica irradiação de suprema tristeza
Compõe a tua voz de celestes harpejos,
E é por teres reunido a innocencia á belleza
Que eu trocaria o céu por um só dos teus beijos.

Ah! a innocencia é tudo! E' o aroma ainda encerrado
Na carcerula de ouro, impervia ao sol nascente;
E' o coração no proprio extase embalsamado,
O fremito do rio, o susto da corrente...

E' a hostia onde repousa a alma olente e piedosa
Das virgens, que um desejo immenso e vago enleia,
E seguem no horizonte a nuvem caprichosa
E o reflexo do luar nos cómoros de areia.

Oh! symbolo impolluto, onde freme captiva
A virgindade, quasi a partir a carcerula,
Para se espanejar ao sol, radiante e viva,
Dando-lhe ouro por ouro e perola por perola.

Oh! segredos de Ophelia ás rosas assustadas,
Oh! mimos de Hero á vaga, indomita e bravia,
Como quereis voar com as azas amarradas
Por esse extenso mar e essa amplidão sombria?!

Não, sobre o proprio amor que te cruscia, pousa
A cabeça, Virginia, ás horas do sol posto.
Porque vais, sem razão, entreabrir uma lousa,
Com soluços na voz e lagrimas no rosto?

Pobresinhas que a fé pela duvida trocam,
Jámais n'este presidio o seu ideal alcançam,
E, pallidas e sós os soluços suffocam
E nos braços da morte, exanimes, se lançam.

Sem forças para a lucta, os golpes do destino
Vão-lhes crestando a branca e limpida corola!
Fragil roseira, o sol, constantemente a pino,
A tige lhes calcina, as flôres lhes estiola!

Rumor de um canto, beijo esquecido n'um ramo,
Como um ninho sem dono, exposto ao vento e ao frio,
Vinde aprender a amar, vinde vêr como eu amo
Sobre a relva do bosque e as areias do rio!...

O amor é um gorgeio intermino, perdido
Nas sombras do redil, na voz dos pegureiros,
E que deve tambem ser depois recolhido
Logo que uivam na matta os lobos carniceiros...

Sanie Universal

E cortará com o ferro a espessura e o Libano cahirá pelo grandioso.

IZAIAS — 34 — Cap. 10.

O horizonte apodrece!... Apodrecem as torres
Que na amplidão do espaço um deus occulto inflamma...
Debalde, urras, vulcão, lava, debalde escorres:
Colla-te a sanie á crosta o seu beijo de lama!

Sanie — a myrrha que sobe ao céu, apodrecendo;
Sanie — o musgo careando e roendo as catacumbas;
Tempestades que andaes os mares revolvendo,
Sol que a Africa e o Equador á mesma canga chumbas;

Tabas de sóes, no azul, apparelhando as flexas;
Flexas, fazendo a dor espirrar da ferida;
Guerreiro, que, ao passar, em cada porta, deixas
Uma poça de sangue e uma mulher cahida,

Hade vos decompôr a sanie do Universo;
Hade, ó sol, suffocar-te a golilha de fogo!
Desde o olhar do innocente ao olhar do perverso,
Desde a immunda enxurrada aos turbilhões, em jogo,

Em tudo a sanie como um cascavel se aninha,
E tudo o ascoso bicho apodrece e anniquila!
Desce ao mar, e sepulta a perola marinha,
Sobe ao céu, e amortalha a estrella que scintilla.

Sião — a impura — tombou, e a mão do filho de Amos,
Como um facho de pêz, abrazou-lhe as entranhas:
O carvalho abateu, sem folhas e sem ramos,
E a montanha pariu récovas de montanhas!...

A choupana não teve agua para os pastores,
A campina não teve agua para as ovelhas;
Moças iam pascer na magua os seus amores,
Sob o peso das cans como enrugadas velhas!

A vinha de Judá murchou ao sol ardente;
Em Israel a sarna appareceu no batho;
E o bello collo de Jerusalém dormente
Humilhou Jehovah, cobrindo-se de matto.

Surda fermentação da sanie, em frente aos muros
De Samaria, ao cahir do outomno, antes da sega,
N'uma terra sem Deus, por caminhos escuros,
Passou a religião dos Medianitas, cega,

Triste, rôta, de Assur carregando os destroços...
Ouvia-se o furor do mar... Tudo offegava!
A a velha religião ia arrastando os ossos
E os residuos da fé, que ainda o Oreb encerrava.

A carne, em sanie aberta, a alma, cascavelando
E nadando no pús que escorria das chagas,
Faziam retrahir as florestas, passando,
E aos choutos, de roldão, retroceder as vagas.

Engelhada ficou a abobada infinita
E o carro de Naaman, com as rodas quebradas;
E Gehasi chorou aos pés da Sulamita
Entre áleas de olivaes e vinhas sazonadas.

Mas a sanie matou o olival e a videira,
E em sangue coagulado exputava do fruto,
E quem visse rachar a corcha da amoreira
Diria uma gengiva a cahir de escorbuto.

A mulher que passou fremendo na lufada,
Sem saber como dar mais sangue aos seus desejos,
Foi entregar o corpo á sanie alcandorada
Na ramagem de um labio, enflorado de beijos!...

E a cidade que João viu surgir no alto monte,
Maior do que Sarão e do que Babylonia,
Desopprimindo a terra, alargando o horizonte,
Com janellas de sardio e atrios de chalcedonia,

Veio a sanie e derruiu os muros e as janellas,
E um furacão de pó tripudiou-lhe em torno:
A podridão é luz e destroe as estrellas,
A podridão é lama e destroe o contorno.

A bocca feminil que entontece outra bocca;
A caricia sensual que outra caricia pede;
O louco que persegue a sombra de uma louca,
E pede-lhe mais agua e pede-lhe mais sêde,

Werther, banhado em sangue, Hero, banhada em pranto,
A sanie os consorciou n'um mesmo abraço insano,
E, á tona desse rio, e ao sabor desse canto,
Dois funebres bateis voaram a todo panno.

Morte! Morte! Ouro ou sanie; Andromacha ou Timandra
— Vil batracchio que coacha, aguia altiva que vôa,
Se és Daura, em teu amor ha trillos de calhandra,
Se és Julia, o teu amor anda vagando á tôa.

Essa a quem tanto amaste, ó mestre do soneto,
Já nem mesmo palpita em tuas obras primas.
Morta está, e eu só vejo o teu primeiro affecto,
Na basta ulceração dos tropos e das rimas.

O sol ha de rolar um dia pelo espaço,
Como um feretro enorme, onde os planetas jazem.
Porque, depois de haver lutado, braço a braço,
Com a decomposição, como os brahmanes fazem,

O sol, que róe a pedra, o sol, que secca os mares,
O sol ha de volver ao novo sol, que o espera;
E o sol que o recolher na vastidão dos ares,
Como elle, ha de, tambem, tornar á uma outra esphera.

Tudo se decompõe! tudo que morre ascende,
De novo, á superficie, infiltrado de seiva:
— E' um velho candil, que se apaga e se accende
Sob um pouco de céu, sobre um pouco de leiva.

A sanie é o amor, a sanie é a fé, a sanie é o riso
De Falstaff, é a paixão de Hamleto, triste e exhausto,
A irrisão da loucura, a embriaguez do sorriso,
Que rejuvenesceu o coração de Fausto.

A sanie é o broto, a sanie é o fruto, a sanie é o galho,
Onde o sabiá pendura o seu terno alaúde:
E' o aroma da rosa, a frescura do orvalho,
A illusão que morreu em plena juventude.

Sanie, que a voz do pai suffoca e abafa; rictus
Inexoravel, fauce inexoravel de Ælo,
A ceifar no deserto os idolos e os mythos
Como espigas na sega, a golpes de cutelo.

Homens, a vida é como o banquete de Tyeste;
A podridão — é o Atreo desse banquete immundo.
Corpo, deixa essa argila; alma, deixa essa veste:
E' sanie o sonho, é sanie a luz, é sanie o mundo.

Agonia do pó

I

Já de atros avejões minhas loucuras todas
Fogem espavoridas.
As estrellas são más, as aves estão doudas,
E murchas sobre o chão as flôres mais queridas.

Tudo é treva no céu, tudo é morte na terra,
Em que vou descansar.
Torpor na solidão, lamentações na serra,
Rebelliões no mar!...

Prazeres, onde estais? Onde vos occultastes
Com os meus ultimos beijos?
Almas puras do amor, em que campa quebrastes
Meus lubricos desejos?

Como mudou o antigo aspecto da payzagem!
Como tudo faz crer
Que o destino dos bons, nesta longa romagem,
E' chorar, é soffrer!

Attrahe ainda a calhandra os corações ditosos
Na quebrada dos valles.
Ainda encontra o luar os jardins perfumosos;
Mas o loto da fé, sem aroma e sem calix.

O incenso que dourava a alma da Sulamita,
Eil-o apagado já.
Illude-se quem diz ou suppõe que acredita:
— A verdadeira crença ha muito extincta está.

Não lanceis essa injuria a mais á fronte austera
Do Creador sublime,
Que poz a flôr no campo e poz a luz na esphera,
A graça na mulher, a tentação no crime.

E' medo o que tu tens, pobre ser inconstante,
Pobre ser infeliz!
Se te faltou a luz, se te trahiu a amante,
Fez tudo isto o Senhor para seres feliz!

Uma tal oração macúla o solio augusto
E o firmamento empesta.
Corações, esperai, o Omnipotente é justo:
Pôz o sol na montanha e o reptil na floresta!

Esperai, esperai. A aurora se levanta.
A natureza é toda um hymno festival.
A mandragora canta...
Faz mal a sua voz? Deixai que faça mal.

Prosigamos. Adiante, uma serpe traiçoeira
Vos picou uma arteria... Oh! não nos assustemos.
Foi um raio de amor n'um pouco de poeira,
Tudo quanto perdemos.

A morte vos arranca a filha mais querida,
A açucena mais nova, a aragem mais subtil,
Era o sonho melhor de toda a vossa vida,
A mais bella manhã de todo o mez de Abril!...

Quereis dar a esse corpo, exanime, o bafejo
Do paternal carinho,
A graça, n'um olhar, o sorriso, n'um beijo,
E fazel-o voltar, de novo, ao casto ninho?

Pobre pai, pobre mãi! vossa filha adorada
Repousa para sempre inanimada e só...
— A creança que sonha, é uma estrella abrazada,
— A estrella que se apaga, uma nuvem de pó.

II

Emquanto, fóra, os mais folgam, preso, contemplo
O horizonte tristonho...
Meu corpo é como o chão, minha alma é como o templo,
Onde deixo á vontade espraiar-se o meu sonho...

Sou a sombra da tarde encostada á uma cruz,
Ouvindo a voz do vento e a canção dos pastores...
Para o meu pobre olhar o céu nunca tem luz,
Para o meu pobre valle o sol nunca tem flôres!...

Nunca prazeres vis me ataram á vertigem
Que os sentidos desvaira.
Do mal que me consome aprofundei a origem,
Mas sobre o eterno bem minha poesia paira.

Meu coração foi sempre um passaro a cantar
A' borda de qualquer saudade fugitiva,
Por ouvir, noite e dia, a vaga soluçar:
Até quando, Senhor, me reterás captiva ?

Com Shakspeare aprendi a arte de amar a rima,
De arrancal-a do pé, como o fruto do cacho.
Com elle contemplei a irradiação de cima,
Com elle atravessei o lodaçal de baixo.

Meu espirito leu paginas immortaes.
Como uma aguia planou nas regiões mais nobres;
E, atravessando, á noite, infrenes bacchanaes,
Foi ser bom entre os bons, foi ser pobre entre os pobres.

No castello de Hautsbourg o trovão retumbou...
Viu-se um monge sahir dessa cratera immensa,
E com a sua palavra os écos despertou,
E com a sua lição reconstruiu a crença!

Mas o espaço ficou vasio e inhabitado,
E na consciencia humana a mesma dôr secreta,
E, enchendo a vastidão do abysmo illimitado,
O horto, sem a oração, a cruz sem o propheta.

Para que serves tu, orgulhosa razão,
Sinão para crear a demencia dos sabios?
Em que hostia hei de guardar a minha solidão?
Em que divino altar hei de pousar meus labios?

Hallucinadamente ao pélago me lança
A vida que me cerca, a morte que me invade:
Se olho para o futuro, anima-me a esperança,
Se olho para o passado, esmaga-me a saudade.

Saudade do que fui, do tempo que perdi
A desfolhar canções pelo arvoredo fóra,
Vendo a rosa entregar-se ao doudo colibri,
E a calendula abrir-se aos osculos da aurora.

Saudade da estação que os velhos troncos doura,
Sorrindo á estrella d'alva e ao matinal concerto;
Saudade dessa quadra ardente e sonhadora
Em que o maior desgosto é um paraiso aberto...

Saudade desse alegre e esplendido arrebol
Que coroava o cabeço ás montanhas immensas,
E me deixava a fronte aureolada de sol,
E me deixava o peito orvalhado de crenças.

Quadras simples

A lua vinha escutar-te,
Queria esconder-te o sol;
Apaixonado o arrebol
Buscava-te em toda parte.

As crespas vagas do mar
Ao pé de ti arrulhavam,
E a tua sombra, ao passar,
Avidamente aspiravam...

A estrella d'alva, distante,
Pelos espaços azues,
Prendia um raio de luz
A' tua trança odorante.

E tu me trazias, flôr,
N'um suspiro ou n'um queixume,
Um pouco desse fulgor
N'um pouco desse perfume.

E, fitando o astro tristonho
Que a nuvem desfaz, além...
Perguntaste-me se o sonho
E' como a nuvem, tambem...

Ave, que o vento colheu,
Onde fizeste teu ninho?
Em que ramo, passarinho,
O infortunio te acolheu?

A sorte que te desterra
A mim, tambem, desterrou;
O presidio que te encerra
Não sabe o mal que causou!

Eras a rosa em botão,
Eras a gotta de orvalho,
Que procurava agazalho
Dentro do meu coração.

"Vôa!" dizia-te a lua,
Sahindo do seu docel,
"Assim mesmo, quasi núa,
Nas azas do meu corcel."

Eras um nicho a brilhar
N'um claustro dominicano;
Hero o amante a procurar,
Nas crespas aguas do Oceano...

Sóbe, não queiras que o vento
Te esmague o calice, ahi:
Sóbe mais, que o firmamento
Quer estar perto de ti.

Não sabe o mundo, tambem,
Como me pesa este lenho;
Se te fallar ainda venho
E' só por te querer bem.

Deus te quiz a outro ligada,
A mim ligado á outra quiz;
A ti, te fez desgraçada,
A mim, me fez infeliz...

A' qualquer parte onde vá
A alma febril de meu canto,
Rios e rios de pranto
O céu sómente lhe dá.

O silencio me acompanha,
A desgraça me conduz,
E caio aos pés da montanha
Ao peso da minha cruz.

Perguntam todos quem és,
Que sentença estou cumprindo,
Para que viva carpindo
E passe a vida a teus pés?

Não julgam peitos humanos
Que se ame e se soffra assim,
E que durante vinte annos
Tenhas passado sem mim!...

Pensam que minto, talvez,
Que estou faltando á verdade:
Não ha no mundo saudade
Que mate só de uma vez.

Sorte, como a minha sorte,
Ainda se não viu igual:
Receio que a propria morte
Aggrave e não cure o mal.

D'estas chammas infernaes
Nasceram as minhas dôres:
Ai! ferem mais que os das flôres
Os espinhos de meus ais!...

De um crime, que desconheço,
A pena estou a soffrer.
Ha muitos annos padeço.
Não posso mais padecer.

Exhortação da floresta

Oh! penetrar aqui neste recesso augusto,
Dilacerar-me o seio,
Deixar-me a alma a gemer, o ligneo hombro combusto,
De ferimentos cheio!...
Ser despertada, assim, a tiros de espingarda,
Ao ladrido feroz dos cães de caça!... Andar
Aos gritos, como um ser vilão, que se acobarda,
Por ouvir lá na serra a anhapóca ulullar;

Oh! desnudar-me toda e atirar-me aos pedaços
Pelos marneis immundos;
Obrigar-me a descer pelos morros, sem braços,
Com os ventos iracundos!...
Tratar-me como serva, exposta á neve fria,
Ao pó, á cerração;
Profanar, poluir minha antiga magia,
Meu culto, minha fé, meu lar, minha oração!...

Para traz, para traz, monstros de fórma humana!
Tenebroso instrumento
Da morte, a que geysér ou catacumba insana
Pediste este tormento?!
O grito atroador e agudo do milvago
Córta a montanha oval.
Segue-te com terror o duro porte o lago,
Que aclara a propria sombra e acolhe o proprio mal!

Tremem os tangarás nas pennas encolhidos,
Dormem as juritys...
Vão-me lançar aos pés os galhos refloridos,
Vão-me harpas e arrabis,
Miseros, arrancar á velha fronde altiva,
Ao imponente domo, ao secular sacrario.
O' nemuroso genio, ó poderosa diva,
Sou tambem vossa myrra e vosso escapulario!

Protegei-me e amparai-me, e, sobrestando o passo
A' turba dos incréos,
Fazei que do igneo pégo ou do damnoso espaço,
Da fauce dos vulcões, d'alma dos escarcéos,
Alguma cousa desça em fórma de castigo
Sobre tamanho crime!
Ficar o tiê sem tecto e a rôla sem abrigo;
Cahir, sem ter no solo uma haste a que me arrime,

Ou quem me oscule a fronte e me humedeça os labios
Com o nectar de seus hymnos,
Em verdade, é cruel! Caçadores ou sabios,
Não importa! são sempre os mesmos assassinos!
Risonho, o céu me traz, seus deleitosos mimos
Em róridas canções,
Garridos jacamins baixam dos altos cimos
Sobre estas solidões...

Tudo quer um logar, um recanto, um pedaço
Da marchetada sombra em que meus ninhos teço...
O doce luar brilhante em rezedás desfaço,
E em tudo, ora, appareço, e ora, desappareço...
Os sahís me vêm dar os bons dias, e tornam
Aos seus lares, depois.
Com que capricho e gosto os seus tugurios ornam:
— Tugurios para mil, palacios para dois!

E a açaíra que, a arfar, poisa o biquinho n'agua,
E está ali, vae não vae pela corrente a baixo...
Sem sentir de Menalco, a dura e acerba magua,
Sem colher de Aphrodita os frutos, cacho a cacho...
Tudo isto vae morrer, Senhor, ou cegamente
Tomar um rumo obscuro, um fadario cruel,
Porque o sabio ahi vem com o perdigueiro á frente,
Apedrejar meu solio e rasgar meu docel?

Como? Pois será vã minha soberania?!
O sceptro que me déstes,
Vão tambem, meu Senhor? Pois toda esta poesia,
Estes hymnos sem par, estas vozes celestes,
Serão por esta turba ignára injuriados,
Mettidos em polés,
Como anjos sublevados,
Mais nefandos, talvez, que o lodo das marés,

Que as escorias de Biblo e o anthro de Calahorra?
Oh! minhas aracuans, meus cónoros ruidosos,
Que tem que a ave gorgeie e a agua silvestre corra
Entre ninhos febris e frócos sonorosos?
Que tem que o sol me encontre a reparar os ninhos
    A's minhas arapongas
Barulhentas? Que tem? Elles — os passarinhos
Querem sestear a gosto em suas selvas longas...

Deixae-os, pelo amor de Deus, aqui pousados,
    Deixae-os a sonhar...
Elles têm mais que vós os corações maguados,
E são, homens, tão bons que se deixam matar.
Deixae-os que os acolha e os leve á bôa estrada,
A que, entre anjos, vae ter ao eterno esplendor!...
    Que a sombra illuminada
De tanta fé me envolva e me salve, Senhor!

Que este concerto, aqui, seja um éco distante
    Da bondade infinita,
Da candura ideal, do idylio balbuciante
    Que em todo o céu palpita.
Que tudo falle e entenda o idioma claro e eterno
    Dos primeiros christãos.
Caçadores, vós sois os ministros do Inferno:
Ha febre em vosso olhar, ha sangue em vossas mãos!

Caçadores, que mal vos fiz eu? Sou acaso
O mau guia, o mau genio, o Othus funebre e torvo?
    O truculento Occaso,
    O sanguinario corvo?
Ou o Dragão nefasto, abalando as montanhas,
Ou a Hydra de cem cabeças ourejadas?
    Lecerae-me as entranhas,
    E as frondes decepadas;

Tirae-me as virações, as ledas primaveras,
O orvalho sideral que eolea mão conduz;
As lyricas visões, as fúlgidas chimeras,
Que deslisam, subtis, sobre flocos de luz,
Mas concedei-me a graça, o dom piedoso e egregio
De commover a Terra e os duros horizontes,
Dando-lhes, em vez de ouro, em meu dominio regio,
O mel dos meus sabiás, a agua das minhas fontes,

Passeio da terra

I

Tudo é unidade, tudo é grandeza no espaço,
Um concerto admiravel!
Da obra infinita o ingente e facultoso paço,
— O rio arguto e rofo, a aurora incomparavel,
O tronco duro e secco, o fio d'agua escasso,
São para a lente humana um bloco impenetravel.

A machina do mundo, a solidariedade
Dos antros constellados,
Não guarda o mesmo albor, não tem a mesma idade.
Mas as constellações de seios abrazados,
De que vivem senão dessa fraternidade,
Dos restos desses sóes no vacuo soterrados ?

Um diaphragma e um pulmão para todo o infinito!
Ouve-se em cima o cavo
Resomnar de milhões de orbes. Velho precito,
Sente o sol que se obumbra, o primitivo travo
Na babugem do mar, na crosta do granito,
No thalamo real, na pocilga do escravo!

A cadencia estellar conserva as mesmas notas,
A mesma urna inflammada.
E o divino rumor das orbitas remotas
Foi a Terra aprender no alto daquella achada,
Indo por andurriaes e paragens ignotas
Com o trajo em desalinho e a coma desnastrada...

Como o alto cedro sae da semente bemdita
Um astro sae de outro astro,
E percorre a luzir a abobada infinita
Com os fulvos gorotis a estralejar no mastro.
Aqui, o vento impelle a náo que periclita;
Alli, Venus desnuda o collo de alabastro.

A assombrosa attracção nega o repouso e o somno
Aos pélagos profundos.
Alguem que tudo vê do rutilante throno,
Dando alma ás solidões e aza aos vermes immundos,
Agazalha e protege o homem. como um colono,
Que vae depois de morto explorar novos mundos!

De apparatoso tyro e pedras caprichosas
Um dia ornou a Terra:
Perfumou-lhe a epiderme e as tranças luxuriosas.
A' fonte deu mais agua, ao valle deu mais serra,
E fez gemer o mar nas vagas salitrosas
A inexoravel dor que o peito humano encerra.

Não se apagam do genio as memorias augustas,
Não morre no ar a chamma.
Lobo feroz, debalde, o cordeirinho assustas!
Pois o teu rude — Não! a eterna fé proclama.
O seu poder é immenso, as suas leis são justas:
Aqui arruga, alli despréga, além recama.

Refulgem, de repente, os seus signos obscuros
No ar, no polen, no orvalho.
Destróe a traça a idéa, o lichen cobre os muros;
Deforma a phyloxera os parreiraes maduros;
A ferrugem voraz a picareta e o malho;
A lingua o ferro em braza, a orgia os labios puros!

Deus dá a tudo um raio, a tudo uma alma prende,
Como ao aro o diamante.
Um vivo e claro lume em cada olhar accende...
Sorri, se vê passar a nayade inconstante,
Que aos desejos do sol amoroso se rende
Sobre o dorso da vaga esmaltada e arquejante...

As Ménades dansando, os faunos de alcatéa,
A bocca, o riso, o momo;
O marzuco ou o truão, que faz rir a platéa;
A membrana que envolve o doce cardamomo;
Tudo o que encanta e atrae a prófuga napéa
Tem na arte excelsa a lã, o fogo, o zimbro, o domo.

Que barulho e que festa! O sol do Eleuzes orna
Tudo de ethereas côres!
E' o PIMANDER, o deus que o oleo sagrado entorna
Na aza dos Seraphins, nas plumas multicôres
Com que a Terra, ao partir, para outros céus se adorna
Com o esmeraldino manto a transbordar de flores...

Satisfeita, sorri. Tremula, embevecida,
Não pára nunca, segue...
Acha esplendida a altura, acha bôa a subida.
Se não pesam, que tem que as montanhas carregue;
Que perca o seu tear, que perca a propria vida?
Que tem o pó que o amor a envolva, a excite, a cegue?

A mão da Natureza, impaciente, cava
Grandes sulcos no espaço.
Sirio, acóde, radiosa, Hercules, toma a aljava;
Corre apressada, espreita e lança ao Touro o laço.
E, depois sobre o Cysne os igneos olhos crava...
Quem lhe arruinou a messe e, ora, lhe embarga o passo?

Alvoraçada a Terra, ao atrio egregio assoma!
Que tumulos sumptuosos!
"Isto aqui é melhor e maior do que Roma!"
A' agua, ridente, aborda os campos deleitosos!...
Com que amor cada sol cultiva o seu idioma,
E honra-o nas libações aos seus heróes famosos!

Como sou fraca e vil! murmurou tristemente
A aguia orgulhosa e altiva!
Tudo galhofa e ri da minha aza impotente,
Do meu vão esplendor, da irrisoria invectiva,
Com que, bláphema, sujo o solio omnipotente,
Se o cariz da manhã do seu albor me priva.

Um olho do Dragão vale mais do que eu valho,
        Eu, o misero argueiro,
Eu, que andava ao linhal, eu, que batia o malho,
Nunca fui senão isto: — um lavrador grosseiro,
Um ogre, um aleijão de cabello grisalho
Que ia as almas ségando e pondo-as num celeiro.

Hoje é que vejo e apalpo o átomo, a omnipotencia
        Que o limbo astral tempera!...
Dobra a cerviz o sabio, em vão, perscruta a sciencia.
Se aqui o frio é muito, é subir á outra esphera,
E' passar a estação naquella outra eminencia,
Onde a vida é mais sã e mais pura a atmosphera!

A filha de Cassiopéa

II

"Albumazar!" Alguem de cima clama. "Temes,
Por ventura, o meu disco?!
Faz-te mal meu olhar, meu nimbo? Porque tremes,
Albumazar! A mim chegou-se o cervo arisco:
Vieram beijar-me o manto as velas das triremes,
A pedra do altar-mór, a agulha do obelisco.

Sou de Cassiopéa a filha bem amada,
A diva mensageira.
Quantos astros não vão na rutilante estrada
Rojar-me aos pés o escudo e a lança aventureira?
Sou no espaço infinito e na órbita estrellada
Uma serva, tambem, mas sem picote ou ceira.

Arreiam-lhes o porte as vestes mais brilhantes;
Guirlandam-lhes a testa,
Rosas, ainda em botão, em laços roçagantes,
Como um epithalamio ou dádiva celeste,
Feitos para enleiar dois corações amantes
Ao começar do sonho e ao terminar da festa.

Como vês, tudo aqui tem mais pompa e nobreza:
A aza do escaravelho
E' maior, bem maior do que tu que andas presa
Ao arbitrio de um deus folião e esfervelho!
Cuidas que o firmamento, achas que a natureza,
Que o verdadeiro Deus só estão no Evangelho?!

Cuidas vir, entre nós de Gomorrha — a impudica
Glorificar o enxurro;
Ou a ode alçar a Baccho, ou o véu erguer á rica
Tibur? Torna ao teu fundo e rebalsado esturro
Que o Apostolo condemna e o Satyro deifica,
Anjo — com olhos de stryge, aguia — com pés de burro!

E's uma atra, tortuosa e humida albergaria
Terra, esquecida e baixa!
Desces como um galé á masmorra sombria,
Que o tempo e o vendaval bramante esvurma e racha...
Porque, tolhida e só, vás sem cajado ou guia,
Sobreexaltando o algoz que te sachola e sacha?

Sóbe a enfesta abrazada, embraça o escudo torvo,
Manda accender o archote,
Goulo gordo e lambaz, cujas azas de corvo
Te envolvem como um longo e sórdido capote.
Aborda o azul, é só amiudar o trote,
E, em lá chegando, zás! é tragal-o de um sorvo!"

Resposta da terra

III

"Caminha!" — respondeu a Terra· "O braço de Horus
Sustem-me neste abysmo.
Deus deu á Creação ouvidos para os córos,
Bronze para os heróes, agua para o baptismo;
E quando o pincel trouxe os bulcões e os meteoros,
A tela escabujou n'um longo paroxismo!

O que teus olhos vêm alapado em cafurnas,
O que a marcha te apressa,
E vôa ás saturnaes, e, em coréas nocturnas,
Córta a amplidão serena e o arreo fóco atravessa,
Todo o páramo azul ronda em maltas soturnas!
Ah! tudo a sazonar e a florescer começa!

Buscam as virações, Eros, os teus affectos;
Partem, folgando e rindo.
Param, banham-se, além... já longe dos insectos,
Nos lagos sideraes e múrmuros do Pindo,
Em que os gnomos subtis, os genios irrequietos,
Dão mais rumor e brilho ao paraiso infindo.

No ouro fôsco da tarde a cortina cerulea
Abre-se, ondula, esplende!...
Quem quer que seja, observa, ergue-a com mão herculea!
Que perfume ideal dessas noites rescende!...
Sóbe melhor o incenso, arde melhor a dulia,
Que pelo obscuro templo espiritual se estende...

Pela vasta amplidão, á noite, a rêde lança:
Irradiam os astros...
Em refulgente tóro a cabeça descansa...

Desmancham-se-lhe aos pés os fulgurosos nastros...
Sulcam constellações a onda dormente e mansa,
— Faustosas náos furando o céu com a prôa e os mastros.

Calmas, haurindo o flavo effluvio, as manhãs ledas,
A graça campezina
E a coifa arremedando, entram as alamedas
Que vão ter a chilrar a uma extensa campina,
Onde a lympha está só, entre taliscas quedas,
E o esco e rugoso tronco o grosso talhe empina...

E's maior do que eu, sim! Tua planura é vasta.
São candentes teus cumes.
E's boa, és rica, és bella, és seductora, és casta...
Emquanto, que sei eu? Carrego estes negrumes,
Os arvicolas, e o ar — que a treva e a morte arrasta,
Com todos os seus djins e todos os seus numes!

Sou a filha bastarda, inhospita e refece;
Sou o turbilhão e a morte,
Que ao pé de uma arribana, em ruinas, adormece.
Sou do bravio oceano o muro e o contraforte.
Quem ouviu meu clamor e acolheu minha prece,
E assim me expôz, sem dó, aos temporaes da sorte?!

Sou Endor, sou Balbec — a tripode e o sacrario,
O soldado e o proscripto.
Fui eu que com Jesus subi o Horto e o Calvario,
Que sangrei minhas mãos, que recalquei meu grito!
Fui eu — reptil immundo — o rei e o caudatario,
O peccado e o perdão, o propheta e o interdicto!

Fui eu — o Trimegisto — o Hermes omnipotente
Que viu do Attrida, á noite, o alfange reluzente,
Nú, relampadejar no peito agonizante
Do rei, impio e cruel, que a lenda incongruente
Enalteceu e alçou na pyra fumegante!

Meu incenso, porém, não queimou só nas choças,
Não ardeu só nas praças,
E as espheras que, agora, insolente, alvoroças,
Não dão, como bem vês, ouvidos a chalaças,
Nem applaudem, tão pouco, as descabidas troças,
Que, insólita e folgaz, em epigrammas traças.

Bem sei que levantei e destruí cidades,
Que andei sulcando os mares.
Se não fui sempre a mesma em todas as idades,
Porque arrazei e ergui Pompeias aos milhares,
Acaudilhei vulcões, ventos e tempestades,
E, feroz, persegui os deuses e os altares;

Tambem do amor preguei o culto e, ao lado estive
Do proscripto e do pobre.
Da soberba ambição as incursões contive.
Preconiza, insensata, a tua estirpe nobre.
O sol, que no ar, na flôr, no álveo e no musgo vive
Sabe como teceu o manto que me cobre.

Entrelacei a luz ao redolente calix,
E amorosa tornei-a.
Fil-a sorrir no ramo e cachinar nos valles;
Fil-a dourar a bractea, a aresta, o fio, a teia,
O antro dos Geriões, o solar das Omphales,
Que a lua beija e affaga esplendorosa e cheia...

Da incauta e deleitosa união de Clio e Apollo
Nasci excelso vate.
Ajudo aos aldeãos a cultivar o solo.
Sou grande no perdão, sou brava no combate.
Se me ferem demais, tudo devasto e assolo,
Após vertiginoso e estrupidante embate.

O negro Eschmiadzin meu genio augusto ensombra,
Meu buril sangra e grita;
As cúspides assalta, o Cruack livido assombra.
Quem estes paços entra, orgulhoso, acredita
Que o que medra lá fóra é tojo, é bolha, é sombra,
Que a aragem matinal funebremente agita.

Filha de um camponez, mas valente e guerreira,
Fui dada em holocausto.
Quem, como eu valerosa, investiu a trincheira?
Quem, como eu, desprezou a pompa, o luxo, o fausto,
Sob um céu frio e máo, sobre um chão rude e infausto?

O heróe de Wittenberg não tem como João uma ilha.
Sim, Waltbourg é um protesto,
O rastilho, a fagulha, a propaganda, a pilha
Electrica. Um ranger de dentes contra o incesto;
Um soturno clamor contra o alfange e a golilha,
As coleras da bulla e as extorsões do aresto.

Na modesta Capreso entreteci de rosas
Um berço pequenino,
E osculei-lhe, sorrindo, as rendas caprichosas.
"Toma." E dei a provar o alvéolo florentino
A' creança gazil, de feições vigorosas,
Toda a desabrochar n'uns olhos de rabino.

Um dia, eis-me a sulcar o Oceano, grosso e cavo,
Eis-me de velas soltas.
Fito a bruma inconstante, além... do leme travo...
Em neptunaleos véus ainda estão envoltas
As Nereidas, que dispo, as Nereidas, que lavo,
Ao romper da manhã, sobre as vagas revoltas...

Em Lepanto, em Madrid, vi Miguel de Cervantes:
Achei-o lindo e guapo.
Distinguira-se e muito em pelejas brilhantes.
Em vez de um manto real lançou-lhe a Hespanha um trapo;
Lustrou mares sem fim, correu terras distantes,
E deu luzes a um louco, e maximas a um sapo!

Mas, incende-se agora a ribalta. Quem passa?
Quem governa este imperio?
Quem com o dedo na sombra outros arcanos traça?
Quem a outros mundos leva o espirito sidereo,
O rutilante enxerto, a luminosa massa,
A vida, a eternidade, o sonho vago e ethereo?...

Shakspeare — a irradiação, o berço, a sanie, a cova,
O oceano, o amor, o crime,
O astro que se refaz, a dôr que se renova,
O humus exacerbado, a espuma, o germe, o vime;
O que irrompe do solo, o que a pedra desova,
Quando o esculptor a inflamma e pallido a comprime!

O azul desse horizonte immenso se constella.
Visto de perto attrae, visto de longe aterra!
Mas quem deu rosa e chamma á peregrina estrella?
Quem a fez ir cantar lá no tope da serra?
Quem a elevou tão alto e t'a mostrou tão bella?
Fui eu — irmã — a Terra!

TERCEIRA PARTE

Arco do triumpho

Mas... se somos ainda um éco solitario,
O transumpto infeliz da universal fraqueza,
O phantasma, a expressão, o pensamento vario
Da mesma luz fugaz que envolve a natureza;

Se perseguimos ainda o mesmo ideal obscuro,
O fumo de algum sonho, a voz de alguem que passa;
Se ainda ao verso me prendo e ao pégo me aventuro,
E enlevo-me a brunir um pouco de argamassa;

E' que, como a esse Stello, a dôr me engelha o rosto
N'uma atra convulsão de instinctiva revolta:
O sorriso tem sempre o fel de algum desgosto
No sonho mais pueril, n'alma mais desenvolta.

Quasi que o homem perdeu todos os santos numes
Do seu altar d'outr'ora. Um longo olhar perdido
Nas chapadas azues, nos arrelvados cumes,
Deixa-lhe a alma sem fé e as cousas sem sentido.

O homem! Que tens de mais, fragil mónada errante,
Fátuo e vaidoso pó, atirado aos espaços,
Sempre injusto e cruel, sempre frio e inconstante,
Com terror de uma cruz que te cahiu dos braços?

Mónada errante, sim! No afan a que te entregas,
Perdes a côr, o andar, os dentes e o cabello.
Animal, com que custo o proprio ser carregas
Por este chão de fogo e estas rechans de gelo!

Em torno ao mesmo sol a mesma noite fria,
A mesma confusão, a mesma creatura.
Pascal tenta amparar a fé, mas... que ironia!
Salta-lhe a rir da penna uma caricatura...

O mystico esplendor do culto a que se eleva,
Debalde o aquece. Ha nelle a sempiterna fonte,
Producto da razão, do cháos, da luz, da treva,
Que apaga um cirio n'alma e abre um sol no horizonte.

E o sabio, ante o céu calmo e frio, o ouvido attento,
Sem lograr comprehender o tenebroso arcano,
Pergunta: "de onde vens?" se ouve passar o vento,
"E tu para onde vais?" se ouve bramir o oceano.

E' o seu ultimo grito, é o seu ultimo arranco...
Mas a porta fechou-se, inexoravelmente!
Enruga-se-lhe a face e o seu cabello branco
Dá-lhe um tom monacal ao rosto indifferente.

Eis, ahi está, portanto, o passo a que chegamos.
Nada entrevimos, nada. Onde fomos, em summa?
Que váo ou ponte ou cerro ou selva atravessamos?
Que memorias do *Além* trouxemos nós? — Nenhuma.

Nenhuma? E o viajor que andou medindo os astros?
E o que sondou o oceano e o céu amplo e remoto
E apagados deixou os vacillantes rastros
Na impérvia solidão do firmamento ignoto?

Bellos dias de sol, fagueiros e risonhos,
Coados em leve crivo, ao trom das vagas mansas,
Como cégos correis atraz dos velhos sonhos,
Das velhas illusões, das velhas esperanças!

Em mendaz coração as azas abrazastes;
Sentistes rutilar uma pupilla extranha
N'um ponto do infinito. Anjos, apregoastes
Seu nome ao rio, ao vento, á floresta, á montanha.

Revolvestes o cháos, desvendastes mysterios.
Para aclamar o raio, accendestes o arco-iris,
E a flamma que aqueceu os Triões e os Cimerios,
E, pallido, prostrou o egypcio aos pés de Oziris.

Vão esforço, porém. Annos, lustros, edades,
Como articulações de um mesmo corpo exhausto,
Prendem ao rudo sócco as velhas divindades
E o invicto herói a um signo amaldiçoado e infausto.

E' o terror do fraco essa fatalidade!
Do forte é o hymno, o sangue, o deus, a vida, a gloria.
Abate-lhe o vigor toda a immobilidade,
Toda a chimera van, toda a fé transitoria!

E á terra? que tocou á terra que definha
Obscuramente sob os seus balcões de flôres?
Um barco ao lume d'agua, e a pobre alga marinha
A sonhar, a pedir outros céus e outras dôres.

Luctar contra o tufão, oppôr-lhe um braço herculeo,
Não foi por certo, dado á flôr meiga e impolluta...
Quer no calix fechar o horizonte ceruleo,
Quer florir no vergel, quer conhecer a gruta;

Quer ouvir cachinar o sol nas manhãs claras,
Sentir no coração a febre das alturas,
E comsigo dizer: ,Oh! que lindas searas!
Como os lagos são bons, como as aves são puras!"

E' assim a natureza, é assim o poeta. O rude
Retinir dos broqueis deu-lhe contrastes novos.
Foi por isso que amou o heroismo e a virtude,
A justiça nas leis, a nobreza nos povos.

Dessa combinação espontanea de idéas,
De odios, de collisões, de queixas, de lamentos,
Vieram rompendo o cháos todas as epopéas,
Todas as religiões, todos os monumentos.

E' o grande cyclo. A terra abre-se, o gosto medra
A semente; a expressão embelleza a obra d'arte:
E emquanto o cinzel vai amotinar a pedra,
E procura-se o som e a côr por toda a parte,

O estylo se transforma. As escabrosidades
Da rima o poeta aplaina. O desenho é traçado.
Surge o homem. *Alleluia!* Em pouco, as divindades
Vão deixar para sempre o altar abandonado

Mensageiro da musa e mólimen de tudo,
O rythmo é o coração a sangrar do Universo.
Porque, então, consentir que qualquer homem rudo,
Indifferente, exclame: "Ora escrever em verso..."

Sábel-o, emtanto, Mevio: é preciso que o poeta
Reuna a dignidade á graça, a fórma ao fundo.
Esmerila-a d'est'arte, — e a obra será completa:
Brilhará como o sol, viverá como o mundo.

Passam as gerações, rúem os montes, corta
O meteóro fugaz a atmosphera sombria...
Póde rolar, sem rumo, a lua semi-morta,
Mudar-se em cinza, em pó, em lodo, em neve fria;

Póde o rio seccar, mumificar-se o Oceano;
O fogo devorar campos, aldeias, casas;
Póde o raio ferir o fragil ser humano;
Póde o condor perder as suas grandes azas;

Póde a sanie assolar o homem e os monumentos,
As grandezas de outr'ora, os templos sem destino,
E arrancar á essa carne os ultimos alentos,
E a esse velho metal o timbre crystallino;

Viverás, obra d'arte, emquuanto o sol no espaço
Ajudar a viver a terra fraca e inerme.
Mas, quando, emfim, morrer teu derradeiro traço,
Terá morrido, ha muito, o derradeiro verme,

Ama

Relendo Ariosto, revocando Tasso,
Outros mimos meus olhos visitaram.
Toda a celeste altura, espaço a espaço,
Minhas azas de archanjo perlustraram.

Quantas estrellas pelo azul esparsas,
Quantos idolos, novos e risonhos!
Em baixo, o mar, coalhando-se de garças,
Em cima, o céu, colmando-se de sonhos.

Vieste, e a chamma tornou ao labio frio,
A' choupana que fica ao pé do mar,
E das aves ao terno desafio,
Vi-te, a um tempo, sorrir e soluçar!

A fé, acaso, torna á prece extincta ?
Acaso, irei, de novo, a cruz beijar ?
Ah! que aroma, que luz darei á tinta
Com que te quero as graças exaltar ?

Que estrophe te hei de pôr nos olhos doudos,
E nessas tranças, onde o amor conspira,
Se encontro, agora, desbotados todos
Os namorados madrigaes da lyra?

Que te hei de dar, leve e amorosa endeixa
Que inclemente estação privou do orvalho,
Rosa em botão, que a primavera deixa,
Em plena festa, emurchecer no galho.

Que te hei de dar se, ingrato, o céu se obstina
Em me occultar a sua face ideal?
Que póde a folha solta na campina,
E a vela arremessada ao temporal?

A esperança, que um doce lume accende,
Olha, brilha, de novo, no rosal.
São outros já teus olhos, já se rende,
Como ao calor de um fogo virginal,

Teu coração, que é todo amor e graça,
Teu coração, que é todo idyllio e anceio...
Ouve: entrega ao viajor, que, agora, passa
Todo o thesouro que contens no seio.

Amar! E' só o amor que empresta ás aves
Esse canóro e alado tresvario,
Essas mysteriosas, essas suaves
Notas que o vento vem lançar ao rio!

Ouve; quando a palmeira a alegre espatha,
Airosa, entrega ás virações do sul;
Quando a acauã na solidão da matta
Contempla, absorta, o firmamento azul,

Um fremito as agita docemente...
Canta baixinho o passaro taful...
Que harmonia na vaga e na corrente,
Que anciedade na estrella e no paúl!

Amar é a segurança no que é vario,
E' a inconstancia de tudo o que é constante,
A lua que prateia o campanario,
A onda que geme no alcantil distante...

E's tu — a força reunida ao medo,
A belleza ligada ao soffrimento,
O gemido da rôla no arvoredo,
A hesitação da luz no firmamento...

Victor Hugo

Ce Titan se roua joyeux, dans la tempête.

(Victor Hugo — *Pleine mer.*)

I

Como a arvore transmitte ao fruto o seu mysterio,
A aguia humana transmitte ao verme humano a seiva.
O genio é um consolo, a arvore um refrigerio;
O humus deve ser bom e acommodado á leiva.
Os dramas de Shekspeare, são o alto relevo
Da natureza. O seu pincel ou a sua adarga,
N'um largo traço ou golpe, apanha o éco longevo
De uma quadra fatal que nos foi seva e amarga.

Tudo aqui golpha e estila a ironia ou o assombro!!
Cyclope e Caliban nascem do mesmo attrito,
São da mesma familia.
Que lhes importa Deus, quando elles têm um hombro,
Um globo, um signo, um sonho, uma apostrophe, um grito,
E companheiros como a loucura e a vigilia?

Qu'importa a Ixion a roda, e a Prometheu o abutre,
A contorsão, a febre, o figado sangrando?
Como os monstros, o genio é disso que se nutre:
Tambem tem febre o sol, febre que o está matando!
Mas não morre o sol nunca! Outro sol carinhoso,
Numa esphera maior, ha de um dia acolhel-o;
E, ha de, com a mesma febre, ignivomo e orgulhoso,
Alçal-o á nova cruz, á nova cruz prendel-o!...

O genio a tudo impõe um plintho, um molde, um rosto.
Amassa o barro e o ferro, escolhe a chamma e o espaço.
Em toda parte, ouvi-me!
Faz de um grosseiro bloco um Priamo a seu gosto.
Aqui, o mesmo brilho, ali, o mesmo traço:
Hyssope para o bem, alfange para o crime.

São excessivos, sim. Tambem o é o horizonte.
Manipular o cahos, é um bem e uma loucura.
Que vai ser desta larva? — Insecto, copa ou monte?
Anjo, Thiade ou astro, a resplender na altura?
São excessivos, sim! Como é o oleo sagrado,
Como é o Horto, a hostia, a fé, a religião, a morte,
Morte, que é estrella d'alva a illuminar o prado,
Tão serena e tão só, tão fragil e tão forte!

Hugo era tudo, em tudo estava, em tudo um hymno
Punha. Era a concha, a vaga, a enseada, a escarpa, o cume!
Que thuribulo que é a rima,
Incensando uma estrophe, indo comnosco ao pino
Da fama, onde a demencia, o fausto, o orgulho, o ciume,
Relampadejam, como o atro elemento em cima!...

Sonhemos... Quanta luz! Quanta melancolia
Não lhe turvam o olhar, não se lhe esparzem n'alma!
Como o oceano, a estrugir aos pés da penedia,
Tem o fluxo e o refluxo, a agitação e a calma.
Toda a fecundidade e toda a seiva herculea,
Que ao mundo real empresta a carne, a côr, o brilho.
Desfazia-se ,após, no fumo de uma dulia,
Na meiga voz do pai, no doce olhar do filho.

Superbe il pleine avec un hymne en ses agrès.
Et l'on croit voir passer la strophe du progrès.

(VICTOR HUGO — *Plein ciel.*)

II

Sim, sonhemos, Senhor. Eil-o marujo agora.
Em pleno mar... Que é isto! E' Leviathan que passa,
O horrendo, o hispido, o bruto,
Que serviu de modelo á escuridão e á aurora,
Ao esplendor boreal, á lympha algente ou crassa,
A' arvore, ao tronco, ao cerne, á folha, á flôr, ao fruto.

Em pleno céu? Pois bem. As seis azas espalma,
Azas de Seraphim pelo horizonte escampo.
Faz do lirio uma estrella e da perola uma alma,
Um rio, um bosque, um lago, uma clareira, um campo...
Desgalga o abysmo; o insomne astro desconhecido
Da noite — attento, inquire; o oceano, aspero, sonda,
        Se o vê grosso e sanhudo.
Vergasta o dorso nú ao leão enfurecido,
E pergunta depois: "Porque flagellas a onda,
        Aquilão rouco e rudo?!"

Do harmonioso instrumento as almas peregrinas,
Como alegres visões, rindo e cantando passam;
E o velho, absorto, aspira as auras matutinas,
Que o recem-nado Phebo, insolitas, abraçam.
O Othus pia no espaço augusto e silencioso;
        Desbruma-se o horizonte...
Vem a aurora nascendo, o ar de effluvios se banha.
Deixamos longe o Albordg e o passo tormentoso...
Já nos não mette medo o barulho da fonte,
Nem o espreguiçamento obscuro da montanha!...

A noctua espreita a balsa. O flórido caminho,
Tufado, aqui e alli, de aspérolas e rosas,
Tem bençãos para o sol e risos para o ninho,
Quando os vê a folgar com as nymphas voluptuosas.
Vamos. O velho entôa um hymno agora á Terra.
        Tudo, extasiado, o escuta...
Tudo se prostra, tudo o inspira, o exalta, o encanta!
Que assombroso condão possue! Fazer da serra
Um incensario idéal que o envolve e se transmuta
Em culto para amar e para dizer: Canta!"

Que alma vibra e soluça enlaçada a esse nume
De tão flebil arrulho e tão altos accentos?
Que corolla lhe deu o mystico perfume
Que anda agora no céu levado pelos ventos?...
Ninguem tamanha força e graça deu ao plectro:
        Ninguem, como elle, deve
Tantos dons á natura! E' o orgulho de seus olhos.
Quiz ser grande — deu-lhe o ostro, o annel, o throno, o sceptro.
Quiz ser simples e bom, — fez-lhe a alma côr da neve,
E vasta como o oceano a reboar nos escolhos!...

Enchem-lhe a solidão borboletas e pionias,
Templos, missaes, bureis, antiphonas e harpejos;
E, a miude, encontro, envolta em finas lans ionias,
Sua musa a corôar ás Clodones de beijos...
Que perfeição, que geito,
Põe nas flôres que engalha!
Se é chamma, de manhã, á tarde, é sombra olente...
E' o mantem do altar-mór, é a hyperbole, é o conceito,
Que a suggestão aviva e o termo escande e entalha
Numa onomatopéa altiloqua e imponente!

Anediando o dorso á loba, a fauce acalma!
Tem gemidos de sino e subtilezas de hera.
E, ao acaso, sem mesmo o haver querido, uma alma
Accende em cada caule e insufla em cada esphera.
Diz, passando, ao Senhor: "Dá ao cedro mais sombra!"
E, depois, a sorrir: "Dá ao alcantil mais cume!"
Quanto maior é o véu, mais deleitosa a alfombra,
Quanto mais puro o altar, mais cubiçado o lume.

Se ouve da althene o grasno aceiro, a egregia lyra
Muda em canoro carme,
E o mel, dourado e novo, em orações e psalmos.
Hoje, é assese ou festão; ámanhã, orno ou pyra,
Transformando em radioso hallo o mesquinho adarme,
E os uivantes tufões em cytharedos calmos!...

III

Não esqueceu do Sudra o canto mesto e rude,
Nem a espada do Katria. O glorioso arauto
Vai proclamando a crença, a justiça, a virtude,
Com a imponencia do Dante e o atticismo de Plauto.
Como o Gama ou o Colombo,
Imprime um novo rythmo ao cahos que um nucleo anima.
Lustra a babuge ao mar, transpõe o teso alpino.
Ouvi: do velho roble o pesado ribombo
Estua no hemistichio e retumba na rima!

Do rito scandinavo os gigantes ferozes
Com as lanças e as adargas
Combatem corpo a corpo. E' um campo de guerra
A ode que o manto terça. Os rugidos atrozes,
As blasphemias crueis, as previsões amargas,
Amotinados vão pelos covis da serra!...
E' a hecatombe, é a grita infrene da procella,
Os corvos conduzindo ao mercado de Turno;
E' a lua ao penetrar no fundo de uma cella
Com o seu passo de freira abafado e soturno...

Sim, eil-o, o patriarcha austero e bom. A tudo
Deu um sopro de vida, um claro pensamento.
O que escreveu no exilio, os astros decoraram.
Foi da fraqueza o escudo,
O machado que corta, o acerado instrumento
Contra os que, a ferro e fogo, os irmãos trucidaram!...
Em qualquer parte, onde haja um velho ou uma criança,
Sua musa reflecte a mesma claridade:
Para os que pedem luz, Victor Hugo é a esperança,
Para os que pedem pão, Victor Hugo é a piedade.

Depois de vinte annos

Ah! quantos beijos te não dei na bocca!
Na bocca, sim, no melodioso escrinio,
Onde tu'alma, caprichosa e louca,
Ergueu seu casto e virginal dominio.

Tomava-te nos braços, como um Deus,
E ia comtigo morros, valles fóra...
"Vê, tu, que ledos ninhos... não são teus ?
Não serão teus tambem o sol e a aurora?

Tinhas nos pés, ó linda rezendense,
Azas, como Psyché — da côr do dia;
Pois se eras nesse tempo a fluminense
Que, entre tantas, mais dotes reunia.

A voz, o gesto, o porte, o andar, a côr,
Punham pasmas no eirado as camponezas;
Na pelle fresca escoava-se um rumor
De rosas, de caricias, de incertezas...

Os teus cabellos negros pareciam
Longos, vastos, immensos paraisos...
Que é que os meus labios, dize-me, faziam
Enroscados, assim, aos teus sorrisos?...

Ah! dize-me tambem que abelha ideal
Era essa que em teus labios fabricava
Um mel, que em vez de bem, só nos faz mal,
E, que em vez de curar, a febre aggrava!

Mas, por Deus! Não tornemos a esse sonho
— Fumo que sóbe psalmodiando á serra...
Fumo bemquisto por um sol tristonho,
Fumo abençoado pelo bem que encerra.

O' fados! Que loucura, novamente,
Tornar da adolescencia ao terno arrulo,
Espalhando a aurea myrrha transparente
Sobre o leito de Clodia e de Catullo!

Que loucura! teus labios ourejar
Com cs lascivos quebrantos de meus beijos;
Com a insania que a mandrágora ulular
No arco dos seus violinos malfazejos!...

Que loucura correr valles e serra
E marchetados cómaros dispersos,
No tenue raio que suspende a Terra,
No doce nardo que contém meus versos!...

Porque havia este mar, damnoso e vão,
De arrebatar-me perola tão cara?
De que serviram minha imprecação,
Meus doces carmes, minha voz amára?

Debalde! O avaro bem, que te é vedado,
Em vez de te acolher com ledas graças,
Ha de o passo tolher-te, ha de amarrado
Lançar-te ao riso e ao babaréo das praças!

Hade. E depois que a turba te esquecer,
Erguendo hozannas e entoando psalmos,
Te levará, como um truão qualquer,
Para o teu Escurial de sete palmos.

Insistencia

Rosa entendeu agora, Rosa — a ingrata —
Que é pouco, ó céos! o que lhe digo em verso,
E, por isso, de novo, me maltrata
Com o seu olhar incredulo e perverso.

Os amavios mais subtis ordena
Naquelle seio em que a volupia avulta,
E apraz-se em prelibar a minha pena
Que, embalde, est'alma com terror occulta.

A indifferença é a arma predilecta
Dessa orgulhosa e pallida deidade,
Que não se dóe de vêr ferido um poeta
Com o seu rigor e a sua crueldade.

Faze de mim o que quizeres, faze,
Bocca que encerra uma alma perfumosa,
Porque entreabro, ouve bem, o véu de gaze
Que carrega o teu corpo côr de rosa.

Lança-me ao fundo de cruel desterro,
Põe-me longe das festas e das gentes;
Que eu viva a acompanhar meu proprio enterro
Por luras tristes e areaes candentes:

Que as carnes traga em terebrantes dores;
Que o veio d'agua se transforme em chamma;
Que tudo, emfim, reserve os seus furores
Para augmentar o anceio que me inflamma.

Bem sei que a dôr não te commove, embora
Seja branda a estação. Teus olhos frios
Fitam-me, e elles que brilham como a aurora,
São para mim austeros e sombrios.

Quero-os, porém, assim, máos e impiedosos,
De uma graça beluina engrinaldados,
Levando os seus caprichos criminosos
No mais bello dos surtos arrancados!...

A ultima noite de um conjurado

O preso está recostado em uma cama grosseira. Depois de sub[illegible] o panno, dirige-se para a bocca de scena.

O CONJURADO

Seria sonho, acaso, ou meu cerebro, em fogo,
Quer que em cada palavra o meu martyrio imprima?
Discorre a noite... sangra a argila que interrogo...
E a brenha astral que me olha e me espreita, de cima,
Com medonho fragor desaba em mó de espectros!
Sonhos, que me quereis? Que me queres, mysterio?
Ideal! Ideal! Ideal! Amarrado a dois sceptros,
Comprimido, ao nascer, pela mole do Imperio,
Que me queres?
O' patria, augusta e lacrimosa,
Cuja ferrea oppressão ha de tornar mais santa,
Dilaceras os pés na rota procellosa.
Rebaixaram-te muito! Emquanto se levanta
A lua, emquanto a estrella o manto azul, ferindo
Com o clarão que irradia em seu divino flanco,
Vae pela noite fóra um canto desferindo;
Emquanto morre o dia, e, num supremo arranco,
Tremulo, quem quer que é, parou ao pé do solio
Em que está ruminando o rei, sinistramente,
Com os olhos empolhando o ensanguentado espolio
De uma raça execrada, inerme e imprevidente,
Cuido, ao longe, entrever, numa atmosphera espessa,
Glorioso, atravessar o sol da liberdade!...

Esta vaga de fogo a abrazar-me a cabeça;
Esta idéa constante, esta necessidade
De amar; este soffrer sem treguas; este sonho
Crebro e insano; este abysmo e dentro esta agonia
A exhaurir, a mirrar o astro em que os olhos ponho;

Esta immunda, esta escura, esta estreita enxovia,
Ha de crescer com o tempo, ha de alçar-me a memoria,
Como um vexilo, após haver tocado ao cumulo:
Condor, que a casca parte ao tenebroso tumulo
Para ir, de vôo em vôo, atravessando a Historia.

Mas, se fôr sonho o lodo ignivomo da estrella?
O humus desabrochado e que tão pouco dura
Na haste e na mente humana? E, se fôr sonho aquella
Existencia ideal, sem dôr e sem tortura,
Em que os raios do sol têm um fulgor mais doce,
Em que um beijo qualquer é uma estrella que fica?
E se a morte que assombra e amedronta não fosse
Outra vida melhor, outra zona mais rica,
— Florestas sem outono, infancia sem velhice,
Trescalando ainda ás lans purissimas do berço,
Unindo ao que ficasse a alma do que partisse,
E ao teu amor, Jesus, todo o amor do Universo?

Sobre a equorea amplidão a abobada se arqueia...
Sáe da sombra uma mão livida e ameaçadora,
Que, ligando-me os pés, meu rosto esbofeteia!
Ouvi: no areal deserto o oceano arqueja e chora...
Insomnias de gigante, urros de condemnados,
Que a récua dos tritões vão conduzindo á morte,
Alli, monstros incréos, timoneiros sem norte,
Pela colera ultriz dos ventos açoitados;
Golpes da ingratidão que a pútrida gangrena,
Desde o throno imperial á esgrouviada miseria,
Com o bafo decompõe, com o sorriso envenena!
Oh! a bocca salaz da inveja deleteria!

Pausa

Não é justo lançar dentro de um calabouço
Um homem, por pedir mais luz e mais espaço,
E transformar-lhe o sonho em tábido arcabouço
E inhibir-lhe a palavra, e acorrentar-lhe o braço!...
Que hordas desbaratou o stéropes que apaga
Em cada coração o fogo que o aviventa,
E reprimir procura a embravecida vaga,
Subjugar o tufão, embridar a tormenta?
Quem acclimar pretende hoje esse Apocalypse
Na alma de cada ser, no ideal de cada povo?
Quem, assim, a razão submette a um longo eclipse,
Tolhendo ou mutilando o pensamento novo?

Que despota extorquiu á resplendente aurora
O sumptuoso palacio ogival do Levante?
E os tufões desatréla e as naves desarvóra,
Testo, furioso, sobre o pélago ondulante?
Será a liberdade alguma Erinie hedionda
Que tudo quanto toca apodrece e asphyxia,
Que, se roçar, passando, o regaço de uma onda,
Em macabro furor transforma a calmaria;
E aos labios suspendendo harpas apaixonadas,
Ao contacto da luz, ao conchego dos linhos,
Presto, ao vibral-as, deixa em crepe amortalhadas,
Como uma haste sem flôr, e uma arvore sem ninhos;
Cujo olhar nos attráe, como a perfida chamma,
Numa noite hibernal, attráe a mariposa,
E o nosso esforço exalta e a nossa fé proclama
Com a innocencia do berço e a quietação da lousa?
Será a liberdade o Kremlin que dardeja
Todo o fausto imperial, todo o esplendor antigo?
O braço que apunhala, o raio que lampeja,
O ventre de Molock, a orgia do jazigo?
De onde vem? Quem lhe pôz á fronte o nimbo augusto?
Quem lhe deu essa voz que os évos atravessa,
Esse soberbo entono, esse tronco robusto,
Esse gesto, essa altiva e fogosa cabeça?
Deusa, é como o vulcão do Etna. Esplendente e louca,
O que lhe nasce ao pé, fecunda como um rio.
Queima-lhe a braza o peito, enche-lhe o orvalho a bocca,
Se, acaso, a relva sécca o abrazador estio.
Os crespos macaréos rebolcam-se na espuma;
Referve a praia, ao longe... Estranho vulto, em meio
A' espessa cerração, muda em meteóro a bruma,
E o arro do volutabro em claro e undoso veio!...

Quando se a vê passar, num lance d'olhos, perto,
Montando um valoroso e tragico ginete,
E galgar a montanha e engulir o deserto,
Tendo o incendio na fronte em vez do capacete;
O ginetario audaz na corrida arriscada,
Que a força ao animal multiplica e accelera,
Leva na mão direita a temerosa espada
E, com a outra, sustenta a rutilante esphera!...
Quem será? Deus, talvez. Não importa quem seja.
E' alguem que contra o mal arremette, de novo.
E' bello vêl-o forte em meio da peleja,

Remittir o inimigo e enobrecer o povo!...
E' essa legião de phantasmas sombrios,
Que embrandece o clamor ao pelago iracundo,
E muda os corações em caudalosos rios,
Que vae regando a terra e fecundando o mundo.
Sou um co-réo, tambem, dessa legião sagrada
Que rasga a pedra e põe-lhe uma chamma no peito,
E colhe ao galho a flôr para depôr num leito,
Se a que o habitar, acaso, amanhecer fanada.

Com desanimo

Porque a mão que me ampara, agora, se retira,
E, feliz, noutra fronte orgulhosa descansa?
Tal como o fogo sáe de dentro de uma pyra,
Foge-me o coração, — todo amor e esperança! —
Homem, sombra que passa, em que pouso dormiste?
Em que altura, condor, as azas descansaste?
Na curva do horisonte intérmino, que ouviste,
Quando desabrochava o plenilunio na haste?
Quantos sóes accendeste em tão longa romagem
Desde o Pagode, na India, ao Vaticano, em Roma?
Glorioso galé, quem te esculpiu a imagem?
As lagrimas de Sparta, a chuva de Sodoma,
O beijo que acorrenta, o philtro que envenena,
O castigo do justo, a absolvição do crime,
O filho que ao punhal a propria mãe condemna,
A ostentação que avilta, a offerta que deprime?
Que te deixaram, louco, essas pugnas sem termo,
Essa ambição fatal que te arroja ao martyrio?
Que te ficou de tudo? Um coração enfermo,
E a fé a bruxolear como um funereo cyrio!
Porque, cego, creaste ao lado de uma aurora,
Cordelia, o atro furor das irmans? A loucura
De Goneril; o fogo horrviel que devora
Os labios de Regana, hallucinada e impura!...
Oh! deixa nos covis os monstros acoitados,
E a alma no coração adormecer tranquilla.
Reparae como estão os bosques desnudados!
Como a lua no céu nostalgica scintilla!
Porque desde o Hymalaia ao Mississipe um côro
De dores que a ninguem comprehender foi dado?
Que Amazonas excede esse rio que o chôro
Humano vae cavando através do Passado?
Quem nos baixa ao Nadir? Quem nos alça ao Zenith?

Porque o pulpito préga o cárcere e a fogueira,
Fazendo com que Roma outra vez precipite
Sobre Paris dormente o incendio e a gargalheira?

Atravessa o palco lentamente. — Com exaltação

Porque reter-me aqui dentro desta enxovia
Se têm fome lá fóra as aves de rapina?

Com doloroso accento

Quando a aurora descer aos brancos domicilios,
Cheios de amor e paz, cheios de aroma e sombra,
Com um raio do sol nado a lhe dourar os cilios,
Depois de andar abrindo as rosas pela alfombra,

Animando-se

Minh'alma irá, talvez, como o perfume agreste,
Que se evola da flôr, numa manhã de estio,
Ou, como d'aza errante o brando murmurio,
Suja, ainda, do humus vil, ter a mansão celeste!...

Abre-se a porta da prisão. Entra um velho padre

O PADRE

Approxima-se, irmão, a hora fatal. O dia
Aponta; sóbe ao céu o incenso das caçoulas
Em tremula espiral. Na aba da serrania
Vêm, contentes, pousar bandos de pombas rôlas...
Venho erguer a vossa alma e recebel-a pura
Na patena que encerra o corpo de Jesus,
E arrancar-vos, por fim, desta immunda clausura,
Onde não entra a fé, onde não entra a luz.

O conjurado fita-o

Ides morrer. Morrer! A chamma não se apaga,
Continúa depois desta vida outra vida,
Como a vaga no mar continúa outra vaga...

O CONJURADO

Approxima-se, então, a hora da partida...

O PADRE

Irmão, a hora solemne, a jornada infinita
Na qual se tem por guia uma constellação;
E' a hora em que a alma sóbe a essa estação bemdita,
Tão simples no lavor, tão grande no perdão.
Deus vos escuta. A fé é o laço que prende
As lagrimas da terra á clemencia divina.
Quando succumbe o corpo, a alma, tranquilla, ascende
Ao céu, como o clarão da estrella vespertina...

O CONJURADO

Em que Olympo se occulta o Jupiter sublime,
Esse Deus, que é do escravo a lobrega mordaça,
Esse Deus que me açoita, esse Deus que me opprime,
Com a sua negra cruz e a sua hedionda graça?!...
Porque foi que rasgou um rio em cada peito,
E do Styge feroz na torrente infernal,
De um lado pôz Luiz XI, e disse: "Eis o direito!"
Do outro, Alexandre VI, e disse: "Eis a moral!"
Porque, porque teu Deus do alto do firmamento,
Crêa Attila e Macbeth — o raio e a tempestade?!
E num pôtro de bronze enjaula o pensamento,
E aos braços de um madeiro amarra a liberdade?
Porque põe sobre o throno um papa, um doudo, um rei?
Porque para ser justo augmenta a sobrecarga
Com esta santa trindade: "o dogma, a espada e a lei?"
Porque em Paris conspira e em Roma delibera,
E lança ao mundo, como a um circo, — essa damnada
Messalina? Esse abutre, Alonso, e reverbera
Sobre a consciencia humana a rubra espumarada
Que lhe golpha das mãos como o sangue de um flanco
Apunhalado? Padre, eu não creio em teu Deus,
Vês? Minh'alma está fria e meu cabello — branco!

Depois, ironicamente

Para onde vão, meu padre, as almas dos atheus?

O PADRE

Blasphemaes! Blasphemaes!

O CONJURADO

Sim, blasphemia, odio insano
Contra o que é falso, iniquo, absurdo e deshumano.

O PADRE

Acalmae-vos.

O CONJURADO

Acaso, ó velho, comprehendes
O que é o homem na terra — a noite antes do sol?
Olha; essa mão que aperta essa outra que me estendes,
Da campa ha de sahir como um grande pharol
Para guiar no futuro a derrota a um navio
Tripulado por dez sec'los de soffrimento!

E a marinhagem negra e o piloto sombrio
Hão de vencer o Oceano, hão de domar o vento.
De que é feito esse estranho e phantastico rumo
E o nevoeiro que rasga o navio phantasma?
De brados, de clamor, de odio, de cinza e fumo,
Dessa miseria immunda e desse immundo miasma,
Que o espirito apodrece e a alma de sangue tinge;
Que a razão crucifica e a colera suffoca
E sepulta o ideal no ventre de uma sphinge,
Aferrando o betilho á cobiçosa bocca!
Miseria! Funda gehena, aza de corvo aberta,
A vêr se a luz lhe deixa a côr menos escura,
E que, ao transpor a lua a abobada deserta
Conspurca-a com o seu sopro e a sua baba impura!...
Miseria! O cháos do ventre os Césares bolsando,
— Job, no fumeiro, Omar, na bocca do excremento,
Ainda um craneo a roer, ainda um sceptro empunhando,
Livido, abjecto, nú, esqualido, sangrento!
Padre! Teu deus e o mocho estão na mesma bruma,
No mesmo fojo espiando o homem que se levanta
Para lhes atirar ao rosto a amarga espuma
D'alma e gritar-lhes: "Sim, a nossa causa é santa!"
Queres que a liberdade, o astro que agora esconde
Sua face por traz dos montes encobertos,
Ceda o logar ao rei que sahiu não sei de onde
E que a Asia envie á Europa os seus areaes desertos?

Mudando de tom

Tens, acaso, sonhado uma patria mais rica,
Uma França a brotar do solo americano,
Exalçando o que agora apupa e crucifica,
— Artes, Industria, Sciencia, atirando ao Oceano,
Em formidandas náus, — Babylonias maritimas,
Taes como Leviathans bufando por mil boccas,
Sem ouvir ulular tantos milhões de victimas,
A remexer na treva os arcabouços, roucas,
Núas, desconjuntando as cabeças e os braços
Numa dansa macabra horrivel de esqueletos,
Nas ruas, arrastando os troncos e os baraços,
Nos cárceres, rangendo os incisivos pretos?!...

O PADRE

Meu irmão, Deus é justo, eu vol-o trago. Tendes
O cerebro em delirio!... E' Satanaz quem falla.

O CONJURADO

Não distingo entre Deus e Satanaz, entendes?
Se um crêa o inferno, padre, o outro inventa a senzala.

O PADRE

Ajoelhae e que eu possa a voss'alma abatida
Leval--a a Deus mais sã...

O CONJURADO

Treguas! Treguas, ao chasco!
Não me colles a bocca á bocca da ferida!
Acompanha-me á forca, e pedel-a ao carrasco.
Não tapes nunca o sol a quem não tem peccados.
Sim, a fé é uma força. A esphera constellada
Deixa do caminheiro os olhos offuscados...
Qu'importa? Outros, tambem, foram como eu lançados
Ao cadafalso e á cruz.

O PADRE

A scentelha ignorada
Rompe o envolucro e ri na bocca purpurina.
Esse nobre alvoroço, esse impeto medievo,
Quem vol-o insufla, meu irmão, quem vol-o ensina,
Senão aquelle em cuja adoração me enlevo?
Deus é a vaga e o tufão, Deus é a orvalhada e a fronde,
Que outros mundos, sem fim, atraz do nosso esconde;
Que o obscuro, esteril, vão e cego pensamento
Parte, como o batel arremessado ao vento.
Ouvi: as mãos lavae no arroio solitario
Que entre cascalhos flue no cimo do Calvario...
Lavae. E as mãos, depois, erguei aos céus risonhos...
Embaixo, no sopé, deixae os loucos sonhos
Que a vossa phantasia anda a construir na areia.
Vence quem menos falla e menos alardeia,
Quem, através do tempo, a semente lançada,
Sabe esperar, tranquillo, a eclosão desejada.
Sim, possa a pobre ovelha, á hora do sacrificio,
Resistir, sem temor, ao tremendo supplicio.

O CONJURADO, distrahido

Para que serve a tiara, o caftan, a corôa,
E uma fronte de rei a apavorar espectros?
Um braço que apunhala, uma mão que abençoa,
Os diademas reaes e os carcomidos sceptros?
Porque esse eclypse sobre a Hespanha? O Escurial.

E essa bacchante? — Alhambra. E o Rœmer? — esse poço.
E sobranceando o orgulho o juizo final,
E o lichen sobre um muro e a larva sobre um osso?
Carlos II, aqui, fugindo á propria sombra:
Mais além, num casebre, a sordida indigencia,
Que o viajor afugenta e o brucolaco assombra?
E a peste na lareira e a nódoa na innocencia ?
De que ovo sáe grasnando esse cruento Abril
Nos tumulos a roer ossadas verde-negras,
A embeber-nos no corpo um veneno subtil,
A desfolhar vergeis e a espantar toutinegras?
Que é que o rei chama um crime e o papa — um sacrilegio?
Desobstruir o solo, elucidar o pleito?
Não ha delicto, então, quando o punhal é régio,
Ou quando o tigre traz um crucifixo ao peito?
Não lhes basta Wolsey? Não lhes basta João Huss?
Quantos sulcos de pranto em teus degráos, ó throno!
Quantas manchas de sangue em teu santuario, ó cruz!
Quanto sorphãos sem pão, quantos mastins sem dono!

Pausa

E esse padre me vem fallar de um Deus clemente,
Do radioso diadema a illuminar-lhe a fronte,
Da justiça final, da vida transendente,
Além desta prisão, além deste horizonte...

Animando-se

Ah! pudesse a blasphemia o alto céu penetrar,
Como, aos poucos, um seio o punhal acerado!
Pudesse eu submetter, pudesse eu subjugar,
Que vingaria, e já, os crimes do passado.

Pelo postigo entra um raio de sol

O CONJURADO

Vieste, chamma, enxugar-me o derradeiro pranto,
Com o teu fulgor ungir-me a longa barba branca...
Pódes entrar, ó sol, conversemos, emquanto
A cabeça do corpo o algoz me não arranca.
Como és feliz! Risonho e gárrulo, percorres
Tumultuosamente os valles e a floresta,
E escondes-te por traz de um bosque, em flôr, e corres
Através o esplendor da natureza em festa!
E's na rosa — perfume, és no perfume — rosa;
Pureza, na mulher, no homem, amor supremo!

Não fulguras na fronte insomne e criminosa
De um rei, quando é chegado o seu momento extremo.
Nunca ninguem te vio, ó bom Samaritano,
Curar as almas vis, a mão sanguinolenta,
Ou aturdir com o vento o taciturno Oceano,
Ou vergastar com o raio o furor da tormenta!
Nunca ninguem te vio baixar do firmamento,
Para vir aos festins do rei Sardanapalo.
No emtanto, amado Sol, vens no ultimo momento
Estancar esta dor que em lagrimas exhalo!...
Ouve: quando meu corpo andar por estas ruas,
Como um trophéo maldito, espedaçado e frio;
Quando, sobre a calçada, entre as creanças núas,
Meu sangue espadanar como as ondas de um rio,
Leva, ó Sol bemfazejo, a alma deste Calvario
Para o teu coração, como para um jazigo;
Traze-lhe a extrema uncção, traze-lhe o antiphonario,
Tu, que semeias, entre os bons, o psalmo e o trigo.

Abre-se a porta do calabouço e entram os soldados que vêm buscar o conjurado

O CONJURADO, com voz firme

E' a hora de partir para o imperial festim.
As aves de rapina esperam-me lá fóra.

Com exaltação

Existencia cruel, vaes acabar, porfim,
Antes que desça o sol, antes que suba a aurora.
Adeus, patria, familia, amor — extincta chamma!
Morte, partamos; noite, estende os negros véus...

Quasi a transpôr a porta, com voz dolorosa

Patria, familia, amor — extincta chamma, — adeus!

Hontem

Hontem o céu de galas se enfeitava,
Hoje de escuras sombras se povôa!
Que luz a que teu rosto derramava
No mar, que, aos nossos pés, bramia, á tôa!

Eras Julieta no balcão, sorrindo,
A viva chamma que perpassa em tudo,
Toda a ventura que te estou pedindo,
Com as mãos em prece, recolhido e mudo.

A vaga anciosa como te seguia!
Como te acompanhava o luar no espaço,
Se alguma estranha e doce melodia
Ias, terna, a cantar, pelo meu braço!

Que arrulho nessa graça e nesse anceio!
Que timidez de gesto e de postura,
Linda morena, que ha dous mezes veio
Toda a treva espancar desta clausura.

Que nome trazes ? Quem te pôz na estrada
Sobre estas rubras e candentes lavas ?
Que flôr ou haste ou garça tresmalhada
Póde o embate arrostar das ondas bravas ?

Ouve: volta, e, de novo, ao mar tornemos,
A'quella esconsa curva do caminho:
Os raios do luar serão meus remos,
E o mez de Maio teu faustoso ninho.

Beija-me... é só amor o que me derem
Teus brandos labios, nunca profanados.
Que tem? Se elles, acaso, desfizerem
A sombra de meus olhos desolados?

Que tem? Se acompanhando o ledo enxame
Das aves seu canóro harpejo imite,
E na cratéra dos vulcões me inflamme,
E no abysmo do mar me precipite?

Que tem se o teu amor a tudo obriga
Com este divino aceno enamorado?
Sou teu, — que um bem egual nos prenda e siga,
Depois de tanto sonho esperdiçado!...

Centenario de Rezende

Minha amada Rezende, ó flôr do Parahyba,
Encanto, graça, enlevo, anjo dos namorados,
Dá-me que em tua riba
O verso cante e chore os seus lustros cançados!

São cançados, bem vês, meu Altar, meu Consolo,
Abrigo em cuja sombra o estro olympico estúa!
Ah! deixa-me em teu collo,
Sob a prata diluida e diaphana da lua,

Resplender o meu hymno, a minha estrophe amára,
Que engrinalda o Itatiaya e a Egrejinha dos Passos!
Ouve, estende-me os braços,
Tu, que não és cruel, tu, que não és avara.

Deus te deu esse brando e indolente queixume,
Deus te deu a visão alta dos seus arcanos,
O extase, a febre, o ciume,
Mãe sempre virgem, Mãe, pubere de cem annos!...

Enlaça-me, tambem, á doce claridade
Dos teus festões de Outubro, á musica indizivel
De uma louca anciedade
De accordar e pungir uma estatua insensivel!

Quérulo rio, um dia, ao sonoro marulho
Das tuas aguas, um anjo de tranças pretas,
Como medroso arrulho
De meigos resedás, de timidas violetas,

Veio ao meu coração, e, como quem, de leve,
Bate á uma porta incauta, alegre e hospitaleira,
Maldosa como a neve,
Fanou, — que crueldade, a rosa na roseira!...

Sim, fanou-a, em botão, fanou-a, passaredo,
Aquella, que, a sorrir, te exaltou, manhãs fóra,
        A' sombra do arvoredo,
Ao divino esplendor da sua eterna aurora!

Mas que queres, Rezende, era a deusa, era a amante,
Gloriosa castellan, como Hermia, da pureza,
        O fulgor odorante
Que mui difficilmente alcança a natureza.

Accordei, ao seu lado, os ninhos ainda cheios,
— A moita, a veiga, o campo, o céu festivo e mudo...
        Oh! que divinos seios,
Que cuidado no andar, que perfeição em tudo!

....

Não, Lysandro! E' soberba e indomita a postura
Desta pedra tenaz, destes rochedos rudes!
        Em cima, na planura,
Casam-se á voz do vento os sons dos alaúdes.

Itatiaya, meu rei, velha alma de creança,
Em cuja cathedral tantos orgãos sonharam,
        Dou-te agora a lembrança
Da ephemera illusão que os meus annos choraram.

Leva-me á encosta obscura, em que a agreste existencia
Passam o estio ardente e o atro inverno tristonho.
        Conta-me como a ausencia
De uns olhos poude em mim colorir tanto um sonho?

Como, negro rochedo, o astro que era o meu guia,
Para tão longe foi? Que terras illumina,
        Fulgindo como o dia,
Quando, alegre, em teu seio o aureo busto reclina?

Sob a abobada azul, que te emoldura o berço,
Ao pé do Parahyba, ao ribombo das fraguas,
        Viu a luz o meu verso,
Em plena adolescencia, ao som das suas aguas...

Foi o teu porte altivo, a tua immensa coma
Que me abrazaram o estro, á hora em que o sol se esconde...
        Que segredos, que idioma
Ensinaste-lh'o tu, e em que remansos? Onde?

Quando uma tarde andava a conversar as flores,
A' guarda de um jardim, muito zeloso, entregues,
        Oh! que olhos tentadores
Douraram longamente o roteiro que segues!

Deus de pedra, ahi vão elles para Rezende,
Tão lindos, como outr'ora, illuminar teus paços.
        Para a Senhora estende
O mimo paternal dos teus potentes braços.

Não têm, talvez, o brilho apaixonado e ardente
De um continuo arrulhar entre aves e perfumes,
        Nem a graça innocente
De fingidos desdens, de encantadores ciumes!...

Não têm. Repara, o sol, que é o sol, declina e morre;
A veiga murcha, o mar secca, as arvores crestam,
        E a lympha, que ora corre,
A lympha, que os reptis e os insectos molestam,

Vae deixando o rumor pelos penhascos frios,
Vae perdendo a graciosa ondulação das linhas.
        Itatiaya, teus rios
Proclamam, como outr'ora, acaso, o ardor que tinhas?...

Não, elles estão, vê, agora mais tristonhos...
Foram os annos... Ah! desolados, deixamos
        Todos os nossos sonhos
Pelos raios do luar, pelas folhas dos ramos...

Se é triste o pôr do sol, ainda mais triste é a idéa
De que, pobres de nós! vamos envelhecendo!
        Vêr destoucar-se a aléa,
Ao pé de um velho bosque, ha annos, emmurchecendo, —

Em verdade, é cruel! Vamos, sonho da infancia,
O agro chôro applacar áquelle rio amado,
        E, de novo, a fragrancia
Colher naquelle céu, haurir naquelle prado...

Hymno aos Aedos

I

E disse, quando a luz lhe alçou, de novo, a fronte:
Fundos dédalos, rico estuario, aspero monte,
Que é do Euro da montanha, a rosa caprichosa,
O diluvio insensato, a tormenta furiosa,
Que vae do caule á fronde e do negrume ao floco?
Deu linho á choça, aqui; deu gloria, além, ao bloco.
Da abobada ou da torre onde judeus estranhos
Acclamavam os reis, maldisse dos rebanhos.
Adolescente, ainda, elegante e amoroso,
Toma á deusa que passa o beijo criminoso
E vae com elle tentar a invejosa Sybilla,
Em cuja infernal bocca o oráculo fusila.
Virgem má, arrastando em rebalsados leitos
Faunos quasi senis, ogres quasi desfeitos,
Domina a multidão, e, erguendo o olhar insano,
Condemna ao fogo eterno o pobre corpo humano.

Oh! lá! deuses de pedra, as altas serranias
Já não vão perlustrar as vossas phantasias!
Nosso amor da amplidão, nossa febre da altura,
Um esforço qualquer alquebra e desfigura.
Em plena primavera as cans nos sorprenderam.
E um funéreo clarão nos olhos accenderam;
E quem julgou poder a ara incensar de novo,
Reconduzir a fé galvanizada ao povo,
Tombou, amaldiçoando a velha cruz da Egreja,
Cujo aspero perfil a ampla nave negreja!...

Os valles são tambem cousas sagradas. Dorme
O escolho á flôr do mar, como um rhapsodo informe...
O horizonte, escutae-o, é um immenso idyllio...
Que poeta o ande a aurejar? Meleagre ou Virgilio?

Meleagro — o jardim grego — uma leiva encantada,
Em cuja glauca selva, em sonho celebrada,
Gádara acompanhou as deleitosas musas,
Ao fascinado olhar das Piérides confusas:
— Demo, Timarion, Zenophila, Anticléa!
Oh! voluptuosa myrrha, oh! varanda de Scéa,
Em que fremendo estão os dardos imprudentes
Do Cupido; oh! canções, fadas de azas luzentes;
Oh! vinho embriagador que o tyrio seio exalta,
Como de tudo, vê, a poesia resalta!
Eil-a Cós — a risonha — onde Fania suspira,
Onde do nauta errante a amedrontada lyra,
Propicio vento impreca ao torvo Erebo impuro.
Vamos, novo roteiro e novo palinuro.
Na haste do somno a linda Heleodora repousa.
Não n'a vás despertar, incauta mariposa!
E' Heleodora, cuidado! — a musa predilecta,
Que ali está a sonhar com os madrigaes do poeta.
Saibam-n'o: a antiguidade é uma flôr caprichosa,
Cujo aroma possue uma acção mysteriosa:
Ora, é o Styge lustral, ora, o frondoso Epiro.
Pelo que sei de mim, só amo quando a aspiro.

Quanta luz, a sorrir, em cima, na planura,
Do entreaberto botão na transparente alvura,
Nas cabanas, no ar puro e alacre das campinas,
Nas tuas mãos, Orpheu, ás horas vespertinas,
Quando, angustiosa, bale a tresmalhada ovelha,
E o doce mel fabrica a murmurante abelha!
Horacio a agua da fonte enche de obscuras vozes,
E azas amarra aos pés dos seus corceis velozes!
Lisongeiro pastor, toma, de novo, a flauta,
E, suspiroso, esparze os sons por sobre a incauta
Damon, que Melibêo de louros corôava.
De envolta com o rebanho, as festas celebrava
Mantua — o cysne, que ainda hoje, o amado filho chóra,
Ao descambar do dia e ao despontar da aurora.
Mantua, que ao som da lyra os leões embrandecera
E do nascente vate os fogos accendera,
Eil-a, no cimo alpestre, estactica, escutando
O que teu mago incenso ia no ar propalando.

Cornes trôam, o ar vibra... Os cervos acossados,
Loucos, de escantilhão, passam precipitados!...

Dá-lhes azas o medo. Os ventores ferozes
Ladram horrivelmente, e as discordantes vozes
Enchem dos mattagaes os ambitos escuros.
Salve! Salve! campeão, que os carcomidos muros
Transpões, trazendo á bocca a espuma da matança.

E' como a tenra lebre a prófuga esperança.

A ultima, eil-a do cão mavortico alcançada.
Ribas desceu sem conto. Alcantis, adextrada,
Subiu. Acuada a um tronco, olhos de sangue tintos,
Sem refugio encontrar, aos rábidos instinctos
De voraz corredor, semi-morta, entregou-se...
Emfim, minh'alma, emfim, teu tumulo fechou-se.

....

II

O luto de Aristheu não foi tamanho! Males,
Mil e mil escondeu nos luxuriantes valles.
Tanto que a vi partir, os sombrios recantos
Abalei com meus ais, compungi com meus prantos.
Entrelaçado á flôr, que a neve abate, eóleo
Fumo sóbe exalçando o pobre e secco espolio.
Distante do logar, entre tufos, um lago
Sonha como um vizir e falla como um mago.
Ephemeras manhãs deram alma a este mundo,
A estes troncos rivaes que eu de églogas inundo.
Sem queixume, em segredo, as arvores distantes
Dobram pesadamente as copas verdejantes.
Mas, depois de colher, de clima em clima, as messes,
Homem frio e cruel, estas ribas esqueces.
Esqueces, sim, depressa, os paços de Vertumno,
Tu, não de Apollo irmão, mas de Dyonisio alumno.

Tu, que facticios bens preferes aos thesouros
Destes amplos doceis, de onde virentes louros
Sóbem entre festões e fulgidos penachos,
Envaidecendo Chio e deslumbrando Naxos.
Vamos, lança ao baixel a tua sorte, e parte.
Pódem tudo outros ter, tu, só tens a tua arte,
Só, para o teu amor, só, para a tua gloria.
Esbraveje o escarcéu, será tua a victoria.

Rumor insano e vão! De tantos sonhos fica
Apenas o fulgor longiquo. A altiva e rica
Ramagem, secca, tomba. O curvo ferro abate
O que escapar logrou á sanha do combate,
Se rosea manhã traz novo e almejado alento
De gelo continúa o esteril elemento;
E, em vão, Phebo, que o fogo á lampada renova,
Tenta erguer este tronco e aquecer esta cova!
Porque ha tempos, a sorte, inconstante, porfia
Em tirar a este céu a pureza e a alegria?

O contrario destino, os duros desenganos,
Corôaram de cans meus procellosos annos.
Curvo, entretanto, Outono, ao peso das ramagens,
Vae as pennas compondo aos cónoros selvagens.
Ah! que um calor egual sempre na estancia dure,
Embora o sol, de novo, outra estação procure.
Quantas flôres, meu Deus desbotadas tombaram!
Quantas esses lethaes espinhos laceraram
Entre beijos febris, na moita sussurrante,
Quando o luar desgalgava a encosta rutilante!
Os ermos sorrirão por entre as fontes claras;
Monacalmente o incenso esplenderá nas aras.
E, depois, cobrirá um triste esquecimento
Minha obscura visão, meu cego pensamento.

Sim, esquecido. O bronzeo arauto das cidades
Do homem, soberbo e avaro, apregoando as vaidades,
Passará pelo chão da tua sepultura,
Sem as portas abrir á albergaria escura,
Em que teu frio espolio empoeirado descansa!...

Vae-se a ambição, tambem, com a ultima esperança.
Do cão feroz de Bavio os latidos te ultrajam
O metro. A audacia e a inveja aureos vestidos trajam.
Na penuria a opulencia o ferreo dente enterra.
Insidioso truão, sinistramente a guerra
Nas ruas apregôa, e nos salões affronta!
De ascoroso senhor a abjecta historia conta.
Exprobra o desvalido, injuria o indigente;
Mas, se preciso fôr, o despota insolente,
Vil, as plantas beijar, é só gritar-lhe: "Beija!"
Como qualquer bufão, as vitualhas fareja.

Chama com lingua audaz esteril e plagiario
Bocage — o luso Ovidio, o insigne lapidario,
De cujo estro immortal Calliope se orgulha.
Na envenenada bocca, estagnado, borbulha
Fétido lodaçal, que o ar corrompe e infecciona.
Tudo amesquinha e argúe; tudo, a um tempo, ambiciona!
Furia ou dragão, a peste engendra, a serpe engorda.
Instiga a assuada; affronta o brio; e, corda a corda,
Parte o inulto instrumento ás musas aprazivel.
Do Hymalaya apostrópha o cimo inaccessivel,
Emquanto pelas mãos da verde primavera
Se vestem de ouro e nardo os templos de Cythera.

III

Esperança! Esperança! Ah! debalde te chamo!
De saudades crueis minhas canções enramo.
Desfaz-se em madrigaes o lyrico instrumento,
A' noite, quando o luar prateia o firmamento...

De que me serve atrás de aventurosos dias
Alvoroçado andar, se as minhas alegrias
No sopé da montanha, esquecidas ficaram!
Gozos, compartes meus, meus annos deleitaram,
Minha estulta visão das coisas reviveram...
Commigo os tremedaes humanos percorreram;
Agras penhas subi; molhei meus labios frios
Na corrente interrupta e esqualida dos rios,
Que de rastos vão ter ás cidades pestosas!...
Corrompiam o espaço os calices das rosas.
Sordida geração que o egoismo atormentara,
Minha fé desluzira e minhas mãos manchára.
Aos apodos salvei meu ideal e meu plectro.
Fui na sombra e no crime o relampago e o espectro!
De prisão em prisão, de nateiro em nateiro,
Abastardado andou meu genio forasteiro.

Cysne, aspirei de Elmano o estylo egregio e terso;
Lancei como um clarão, minh'alma em cada verso;
Amei como Petrarca e senti como Tasso,
Num curto beijo, toda a agitação do espaço...

Indifferente aqui, ali, de horriveis sombras
Turbado o olhar, que tu, velho Caronte, assombras,
Deixei ir pela esteira azulada das aguas
Meu velho coração com as suas velhas maguas.

Hoje a terra acordou tão triste e tão nublada,
Que a minha companheira, a minha doce alliada,
Triste, tambem, fechou as róridas persianas.
Gemem, frias, lá fóra, as virações serranas.
Para que pôr mais crépe em cima destes montes,
Dentro desta palhoça, em torno destas fontes?
Somos tão cegos já, que melhor fôra a terra
Não vêr só com essa luz que a obscuridade encerra...
Mas, sim, com o teu clarão, prelucido Nascente,
Do pyreu sideral portico resplendente.
Sim, com a tua visão, assombroso Isaias,
Mixto de austeridade e de bufonarias;
Com o teu raio espectral, Paulo, com a tua intensa
Pupilla dilatada e fixa sobre a immensa
Aureola da Iduméa, ó velho Job sublime!
Ticio, menos que tu, a dôr humana exprime.
Que agua lustral beber que o ardor viperio apague?
Como ao braço que vibra o triplice azorrague
Suster o impeto? Como, enfurecidos numes,
Deste implacavel céu espancar os negrumes?
A alma já não impreca, em desolados rogos,
Que o oleo samaritano aplaque os vivos fogos
Que os restos da existencia, inflexiveis, lhe gastam?
Tristonhos e claustraes, os éculos devastam
Esses do alado povo escabrosos asylos.
Pescador, não logrei as perolas de Tylos
Colher, como Lucrecio; o hymno de Tadamóra
Me não verteu no leito a perfulgente aurora.
Sim, retoma o teu gladio; abre mais fundo a chaga.
Carpe, rebrama e lança a putrida veniaga,
Carne tua chamada, ás chufas e ás blasphemias!
Corróe na haste o botão, damna o úbere das femeas!
A honra e o amor envenena em teu laboratorio;
Canta nas lupercaes e exulta no Pretorio.

Casco á fronte, e, empunhando a sanguinaria espada,
Afugenta do bosque a estridula revoada!
O homem que não tiver, nem pão, nem pardieiro,
Esmaga como o sapo a bota do romeiro.

Quando um tragico olhar aos demonios prostrados
Lançares; quando as mãos nos membros regelados
Das turbas, com pavor, na escuridão, manchares;
Quando ao crebro estampido horrisono dos mares
Fôres com febre e assombro incendios reconstruindo,
Enormes aluviões de crimes resurgindo,
Ao horrivel clamor dos orphãos e das viuvas,
A antros e bamburraes golfados pelas chuvas;
Quando, da idade escura, o portico transpondo,
Entrares, desvairado, a memoria compondo,
A tanto sangue, a tanta ossada, a tanta ruina;
Quando sentires perto a garra vulturina
Desse penoso instante horrivel e implacavel,
Erguendo o olhar turbado á abobada insondavel,
Cujos gonzos mortal nenhum moveu, por certo,
Clama com voz amara em meio do deserto:
"Possa a carcassa humana a perpetua inclemencia
Do alto affrontar; banir su'alma e sua essencia;
Bater com os pés, gritar e rir como um possesso;
Ser, do que é, já por si, exorbitante — o excesso;
E, depois de abalar a esphera annosa e dura;
Depois de escabujar na propria sepultura,
Possa, emfim, num assomo augusto e sobrehumano,
Entre a igreja e o serralho, entre o sacro e o profano,
Semi-deus ou demonio, anthistite ou proscripto,
O coração ao céu arremessar, num grito!

Carne divina

Maravilhosa carne aromatica e pura,
Quasi a desabrochar, quasi a amadurecer!...
Perfuma tudo, em tudo arde, canta, fulgura,
Antes do azul sorrir, antes do sol nascer.

Rosea, tenra, febril, em sandalo embebida,
Acaricia o linho alvissimo, que a enlaça;
E, tremula de pejo, esgueira-se aturdida,
Se pelas tranças de ouro um osculo perpassa...

Que medo o seu! Depois, fizeram-na tão casta,
Que a aza de um beija-flôr basta para a assustar.
E, com um leve mover de mãos, corando, afasta,
Entre as roupas do leito, os beijos do luar...

E' o Eden essa carne, a se evolar num canto,
Pelos rosaes que um Euro apaixonado inflamma,
Dando aos olhos, que a vêm, um mystico quebranto,
E a cada alma, que a aspira, uma celeste chamma.

Arrebatada esvoaça entre as folhas e os ninhos,
Acorrentando o sol num extase febril;
E um novo timbre empresta á voz dos passarinhos,
E um perfume mais forte aos resedás de Abril.

Os sentidos exalta e num só gesto enfeixa
O que ha de mais perfeito em toda a natureza;
Ou, para amar melhor, em cada calix deixa
Um pouco de sua alma á alma das flôres presa.

Paphos sorri-lhe á nuca e á petrina fremente...
O luar como á Engaddi aos seus dois olhos vae,
E esparze-lhe no corpo um cantico indolente,
Como os de Salomão, á hora em que a noite cae...

Espumam-lhe os lencóes em fervidos desejos.
E irrompe como a aurora entre nuvens e raios.
Ah! quem me dera um dia abrazar-me em teus beijos
E acompanhar-te ao céu num desses teus desmaios!

O arredondado seio eboreo onde se enflóra
Lactea manhã, fatal ao infeliz cantor,
Um flavo e tenue brilho, inacessivel, róra
No calice odorante e virginal da flôr.

Aos contornos lhe subo, em ancias agarrado;
E, antes de descobrir o que essa carne encerra,
Sou ás trevas, tambem, como Satan, lançado
Por invisivel mão que me subjuga e aterra...

E emquanto essa paixão maldita me desvaira,
E a febre da loucura em meu clamor flammeja,
Em pleno firmamento a sua imagem paira,
Em plena adolescencia o seu sorriso adeja...

Ah! não poder jámais tocar naquelle fruto,
Nem de perto esse olor satanico aspirar!
O brilho dessa luz é o meu eterno luto,
O pudor dessa carne é o que me vae matar...

Lar sem luz

Mais docemente... a alcova está tão fria...
Falta-lhe o somno matinal de alguem;
— O barulho, o gorgeio, a melodia
De uns leves passos que apressados vêm.

A linda alcéa não tem mais candura,
Nem perfume que eguale o seu perfume.
Era o mimo, era a graça, era a doçura
De um lyrio aberto em remansoso cume.

Seus longos cilios, negros, abrazavam
O marmoreo perfil dos versos meus,
E, com um timido anceio, entrelaçavam
Os meus amores aos amores seus.

O melodioso par que o ninho abraza,
Não cantava tão bem, como seus beijos,
Que enchiam de volupia a nossa casa
— A magia ideal dos meus desejos.

"Mas, porque assim tão bella me appareces",
Disse-lhe um dia. "Canta o teu olhar,
Helena, — a excelsa escada de ouro desces,
E Córa — pelo amor trocas o altar!"

Meigo genio embalado em fino berço,
Entre custosos e rendados folhos,
Dize-me: "Hei de hoje andar de verso em verso,
Sem o calor de uns labios ou de uns olhos?

Dize-me que serena claridade
A' minha noite logrará descer,
Quando é certo que o jugo da saudade,
Por menos duro, só nos faz soffrer?

Dize-me com que adorno, enfeite ou gala
Hei de um psalmo vestir, em dôr desfeito,
Se a luz fugiu de dentro desta casa
E o coração de dentro deste peito?

Agora, uma alma fria, um lar sem lume,
E, envolvido em sudarios, o arrebol!...
Como hade a flôr abrir e dar perfume,
Se ambos, perfume e flôr — me pedem sol?...

Visão tragica

Musa! Tora ao carcaz as settas mais fulgentes,
— Raios, como os de Apollo, olympicos, ardentes.
Lança a sombria rêde e na urdidura prende
Tudo o que, acaso, á flux, a inspiração accende
No aerolitho que passa ou no antro que fumega.
Préga o amor pelo amor, o bem pelo bem préga.
Lança á cova a carcassa humana, e a luz que encerra,
Deixa no ar esplender, deixa andar pela terra;
Deixa sorrir, sonhar, flôr delicada e pura,
Numa alegre expansão, numa immensa loucura!...
Que o passaro levante a cabeça do ninho;
Que em cada verso, como um terno passarinho,
A rima cante até morrer nos céus, cantando.
Que os archanjos, que vêm pelo azul, psalmodiando,
Desçam para embalar os berços das creanças,
Com seus olhos febris e suas esperanças,
Com seu casto palôr e seu doce heroismo;
Que resôe o enozigeo anhelo pelo abysmo;
Que a voz seja um gorgeio e o olhar uma alvorada;
Que a ruidosa opulencia, em crepe amortalhada,
Imponente resurja, envolta em régio manto,
Alma insuflando ao tronco, azas prendendo ao canto;
Que o filho ampare a mãe, e a mãe bemdiga o filho;
Que alma, estrella, botão, ardam no mesmo brilho,
No mesmo aro, no mesmo hastil, na mesma corôa;
Que os ventos da montanha, enrugando a lagôa,
Não afflijam, com seu queixume, os ares calmos.
Deixem, com David, seus melodiosos psalmos
Esparzirem-se á voz solemne dos oráculos.
Despojos immortaes encham os tabernaculos,
A' simples, á benigna, á rude magestade
Das selvas, festejando a annosa puberdade!...
Que a razão possa estar unida ao sentimento,
No horrivel, no final, no tragico momento,

Que o braço sirva só para abraçar e a bocca
Para beijar sómente; e que essa turba louca
De numes crie a flôr, mas sem crear espinhos;
Que os sonhos sejam como os rouxinóes nos ninhos,
Tendo a vida no canto e nas pequenas azas;
Que a innocencia ande a rir em derredor das casas,
Como um raio de sol em derredor de um calix;
Que os nossos corações floresçam como os valles;
E o homem busque a mulher para erguel-a e amparal-a;
Que seja delle só tudo quanto ella exhala,
Tudo quanto deseja e tudo quanto pensa,
E accende em sua fé e extráe da sua crença;
Que ella possa voar por este espaço fóra,
Leve como a andorinha e pura como a aurora;
Illudindo com o olhar as paixões e as chimeras,
Que brincam nos panneis e fulgem nas espheras...
Pelas corollas corra a scentelha divina
Que lampejou na torre e floriu na campina;
E se ouça, ao longe, absorta, ignota, indefinida
Nova canção de amor preludiando a vida...
Que a poesia, ora intensa e ora, ineffavel, suba,
Numa mão tendo o plectro e noutra mão a tuba,
Os limites transpondo ao coração humano,
Que ondas, torvo, encastella, e ondas como as do Oceano.

Musa! toma qualquer homem que passa, e o estuda.
De minuto em minuto, ouve, de instinctos muda,
Como muda de côr um camaleão. Repara
Se o que no peito tem é um cadafalso ou uma ara.
Este é principe, aquelle é revolucionario.
Do primeiro o segundo é simples corolario.
O que um quer é ficar no logar que o outro occupa,
Para estar do orçamento agarrado á garupa,
E de opiniões mudar como muda de roupa.
Na assedagem do linho, olha, somos a estopa.
Cada bocca que ri, á sorrelfa, te accusa.
Amarra-te o cilicio a mão que beijas, Musa!
Nossas imprecações, nosso dorido chôro,
Como qualquer instincto, ou mugem como um touro,
Ou como os escorpiões, só instillam veneno.
Vamos! Dize-lhe — não! ou faze-lhe um aceno,
E verás como a besta aos corcovas desanda.

....

Mas cheguemos do ideal á esplendida varanda...
Como tudo ahi scintilla e se desfolha em astros,
Mesmo áquelles que só pódem andar de rastros!
Tudo se transfigura em Kremlins. O ar gotteja
Estrellas, como a rosa o fresco orvalho. Adeja
Aqui, uma gaivota ,além, uma phalena,
Buscando, anciosa, a bocca humida da açucena...
Sorridente e infantil, surge a Terra das aguas,
Como uma naide a rir. As soluçosas mágoas
Fogem do coração, como nimbos do espaço.
Cuido levar a esphera entrelaçada ao braço.
Tomo da penna, escrevo e julgo que o meu verso,
Como a lyra de Orpheu, enche todo o Universo!...
Que paysagens sem fim! Que Alhambras fulgurantes!
Irrompem do papel esquadrões de gigantes!
Orbes rolando vão... Todo o cortejo immenso
Dos sonhos em minh'alma esváe-se como o incenso.
A estrophe no ar, solemne, agita o aureo thuribulo...
Phebo as iras aplaca ás serpes no latibulo...
Nas chammas, sem gemer, vamos queimando aos poucos,
Em meio da tormenta, os devaneios loucos.
Tenho o infinito aos pés, tenho á fronte o infinito,
As torres do Scorpião, as furnas do Cocyto.
O mundo, novamente, afoga-se no escuro...
Uma voz sáe da treva e conta-me o futuro...

Sabes o que é o cháos? Longo silencio horrivel!
A proliferação dos germens no invisivel.
Tragedia negra, sem personagens, sem luas,
Por gambiarras, sem roseas Clodones núas.
Cadaverico, informe, o Universo jazia
Numa vasta nudez de membros. Escorria
Um humor viscoso e escuro. A força á força oppunha
Força maior ainda — a Inercia! Que compunha
Os cometas, o céu, o ar, a terra gelada,
Sem lume, por tão fraco influxo arrebatada?
Tremenda confusão! Hecatombe tremenda!
Noite fria, ermo esconso, inextricavel senda,
Que partindo do abysmo, ia acabar no abysmo,
Ora, na estagnação, ora, no cataclysmo.
Impossivel transpor aquelle passo extremo!
O globo era tambem réu como Polyphemo.
Não iniciára ainda o luminoso gyro...
Não se ouvia uma voz, não se ouvia um suspiro.

Singular attitude a do immovel! O oceano
Recalcava no peito o tenebroso arcano...
Tudo era visgo, lodo e abafeira no mundo.
O Othrix, de colossal envergadura, o immundo
Ventre rojava nesse horrido sorvedouro!
Selena era mais nova, Helios, talvez, mais louro.
O sabiá não cantava, a perola não vinha
A' tona; não se via a prófuga andorinha
Na festiva estação demandar outro pouso.
Tudo era solidão, tudo estava em repouso.
Não bradára ainda o abysmo ao vasto firmamento:
"Jehovah Shammah!", que a sombra e os écos repetiram
Pelos seculos fóra... Ereos dragões rugiram,
De subito, no cháos. Cousa maravilhosa!
Refloria em canções a abobada radiosa...
Um Niagara de luz rasgou os duros montes...
A Terra appareceu dentro dos horisontes
Guirlandada, cheirosa, a rir como uma douda...
Os Euros, em cardume, iam beijal-a toda...
Sabei-o, nymphas, era o seu primeiro cio!...
Que volupia, que ardor, que ingenuo tresvario!

Borboletas no bosque; insolitas colmeias
Os favos fabricando. Esplendidas Almeias
Os collos entregando aos Faunos que passavam...
Que barulho, na selva!... Os cabellos rolavam
Em soberbos anneis, pelo plaino deserto.
Cada flôr era um seio, apenas, entreaberto:
Bandos de corpos nús, pasmosos, delirantes,
Madornavam, ao som das auras murmurantes...
Parecia que tudo era divino, tudo!
A Aphrodita formosa, o Satyro versudo,
O cómoro, a planura, a silva sussurrante,
Os espectros de Ticio, os heróes de Timante.
Entornava-se o Poente em lúcida cascata...
A montanha era de ouro, o rio era de prata.
E a luz, como sorria! E a onda, como cantava!
Como o céu repetia o hymno que acompanhava
A multidão canora e aligera dos valles!
Para dormir, o insecto ia buscar o calix
Mais tépido e amoroso, e o calix o acolhia,
Espalhando-lhe em torno uma vaga harmonia...
Cada magnolia aberta era um thalamo immenso,
Cheio de um casto olor, cheio de um brando incenso.

Não havia ainda o espinho, — o ciume da rosa:—
A mulher perpassava, incauta e vaporosa,
Sem saber para onde ir, sem saber onde estava,
Porque tudo no céu e na terra a acclamava,
Ora, com a voz da côr, ora, com a voz do aroma.

O homem não tinha ainda imaginado Roma,
A cnemide e o tridente, o martyr e o tyranno.
Com uma táboa e uma vela empolgava-se o oceano,
Porque o oceano era bom e os ventos eram calmos.
Lá iam pela praia, entre lôas e psalmos,
Carregando no dorso ou nas azas abertas
O humus fecundador das turfeiras desertas.
O cume do Joppé rutilava, de longe,
No seu nimbo de luz, nos seus trapos de monge.
Via-se Deus sorrir através da alma humana:
Era como um palacio a rustica choupana.
De cada bocca obscura uma égloga brotava,
E, aérea e zumbidora, as mattas penetrava.
Todo o ser tinha o seu caminho de Damasco;
Não tecera ainda Aleto o cesto do carrasco.
Sobre o rio Kemar os ossos dissecados
Não bradavam; nem vinha a voz de illuminados
Prophetas resurgir cidades mortas, éras,
No eterno turbilhão, rolando como espheras...
Ah! na equórea amplidão, a rocha prisioneira
Tinha sempre sentado um anjo á cabeceira,
Onde o doce alimento, a ardente Cytheréa
Propinava aos heróes do drama e da epopéa,
Ora, da tenda ao fogo, ora, do rio á tona...
Mourejavam lá cima os moços de Pomona,
E a crosta sideral, com sachos revolvendo,
Em fecundos talhões andavam convertendo.

Porém um dia o sol appareceu no espaço,
Triste, como quem vem de algemas e baraço.
A noite havia sido horrivelmente escura.
Quem fizera no céu tamanha arranhadura,
De onde um sangue, ainda novo, em borbotões golphava?...
Desconjuntara-se o eixo? O Universo rolava
Negro, desorbitado, em bulcões arrastando
Mundos cheios de espanto, attonitos, clamando
No impátulo recinto. Um genio omnipotente
Arrebatava o globo, igneo, rábido, horrente,

Ora, em áscuas subindo, ora, em cinzas descendo.
Que ventre concebera esse corpo estupendo?
Depois, tornou, de novo, ao firmamento a calma...
Mas o orbe resurgiu numa amplidão sem alma!
Márcida flôr, — ao longe, a estrella refulgia;
Marulhoso, na praia, o oceano se estorcia...
Annosas cinzas o ar em nuvens percorreram,
E os vegetaes no lodo estanque apodreceram.
Deram á noite um ar de velha galeria,
Onde todo o vigor de uma mythologia
Engilhara do inverno ás rispidas lufadas,
E ao cimereo livor das covas entulhadas;
E começou então uma série infinita
De odios na humanidade esqualida e proscripta!...

Depois do odor do incenso o halito dos ossarios;
O ulular dos leões á porta dos santuarios.
Monstros vieram construir cidades monstruosas,
Babylonias, Balbechs, Ninives assombrosas,
De chammejante olhar e horrisona palavra.
Dentro a miseria; fóra, onde afofava a lavra,
O escravo semi-nú, velho, tropego, immundo,
Na leira a sacholar, sob o sol moribundo!
Misero! Carregando a temerosa carga,
Docil, do nume aos pés depõe a sorte amarga.
Archeláus é um heróe e Cassandra uma louca.
Corre o pez a ferver da escancelada bocca.
Lampeja o raio e escorre um vomito de enxofre
Pela raucisonante abobada, de chofre;
Torce-se, engrossa e, após, em tumulto, deflagra,
De fojo em fojo, de antro em antro, de agra em agra.
Que rochedos, que mar, que perolas aquellas!
Estão roídas de lepra as almas e as estrellas;
O vento iroso açoita o cimo alpestre e bravo:
Cheira mal a virtude, o amor tem sempre o travo
Peculiar do galho, em que, enganoso, cresce.
O que o espirito incuba, o espirito embrutece.
Aos vinte annos se está completamente velho.
Atassalha o impostor as folhas do Evangelho.
Juvenal condemnou e apostrophou, no entanto,
Arrastando lá vão o esplendoroso manto
Os mesmos reis, a mesma gente, o mesmo clero.
Este a rir, como um clown, quebra o busto de Homero,
Põe na fronte imperial a corôa radiosa,

E os meneios copiando á escrava licenciosa,
Entre gritos, dansando, apparece na arena.

Confunde-se com o rei o gladiador em scena!
Olhae, olhae em torno, ó deuses tutelares!
A hieratica fumaça, envolvendo os altares,
Occulta-os ao fervor do instincto humano. Ulula
Nos mastros o tufão; o oceano, em baixo, ondula
Cavo, horrivel, no seu tormento de Procusto.
Seu orgulho estouraz nos lamarões, a custo,
Escabujando, arrasta. Em confusos, medonhos
Roncos a ardente estancia espiritual dos sonhos
Alvoroça; ignea torre horrido fumo espalha:
Brontea massa, a fundir-se, atrôa na fornalha.
Velha allucinação, por seccos, longos annos,
Com rubras explosões e acerbos desenganos,
Abalou brutalmente os hemispherios calmos!
Traficou-se com a lei, vendeu-se a terra aos palmos.
Tetrico Apocalypse, immensa angustia, cheia
Do sopro, que transforma o bloco em fogo, a areia
Em lagrimas, por cem gerações derramadas,
As almas estão como os corpos — dissecadas!
Rabelais definio numa palavra o mundo:
— Pantagruel — glutão, Pantagruel — rotundo!
Negreja em cada leito o espasmo de Lucrecia:
Roma acaba por fim onde acabou a Grecia.
As civilizações começam no monturo:
Para a consciencia humana hade ser sempre obscuro
O termo, que, em vão, busca, o deus que, em vão, espera.
Do azul sáe sempre o azul, da esphera sempre a esphera:
A vida é uma canção, a morte é um estribilho.
O proprio sol, cantor, já vae perdendo o brilho!
Gargantua, Grangouzier! bellos symbolos! Pensa
Se ha nesses ventres fé, se ha nesses ventres crença!
Um encerra o outro como um tábido arcabouço:
Que sonda alcançará o fundo desse poço?
Ouve: a inveja e a virtude, a piedade e a crueza,
São do espirito humano a enxurrada e a represa.
Esquadrinha num asno, homem, a tua essencia.
Astral, — quem sabe? E, após, da parca intelligencia
Mede o calor; compõe-lhe o recacho invisivel,
E intensifica, amplia o fóco inextinguivel:
Não vale a musa, poeta, o que o argentario vale;
Que ella, pois, docemente, o ultimo carme exhale;

E vamos vêr depois por este mundo fóra
Se o que chora é que ri, se o que ri é que chora.

Vi, flammejante, abrir-se uma bocca no escuro:
Na abobada massiça havia como um furo,
Onde vermes glutões os corpos remexiam;
Dous grandes olhos no ar, medonhos, reluziam;
O raivoso Typhão os clarins assoprando,
E os brutos vagalhões turgidos, assaltando,
Bramava. Era feroz o aspecto das montanhas!
Encelado e Typheu rugiam nas entranhas
Do solo. Vasa immundo era o que via em tudo.
Bramia o mar, e o céu quedava arido e mudo.
Um espectro passou as vertebras torcendo;
E as azas colossaes, batendo e rebatendo,
Descerrou lentamente as palpebras immensas.
De novo, interrogou-me a voz: "Falla, em que pensas?
Vamos d'ahi. A noite as sombras agglomera
No vasto coração, como na vasta esphera..."

"Não, respondi-lhe, parte. A tua voz me assombra,
Plenipotenciario horrifico da sombra!
Esse ambiente sem luz, sem ar, que me suffoca,
Dardeja-te na fronte, estruge-te na bocca!
Caim nasceu, talvez, de uma palavra tua!
Floresta, que sussurra, onda, que tumultua,
Pérfidas barbacans, horripilantes covas,
O regougo escutando aos monstros que desovas,
Em novellos de pó, buscam allucinadas
O conchego floral das selvas ultrajadas!...
Rio de sangue, véo de brumas, côro hediondo,
Accommettem, com furia, apostropham com estrondo!
Desces dos cimos, como o Othus á escura nave:
Cala-se o éco, o ar fusila e, na plumagem da ave,
Ha uma tal vibração, um tão dorido anceio,
Que a infeliz vae cahir moribunda no seio
Da arvore que a ensinou a suspirar no berço.
Tua face é a porção espectral do Universo!"

E o avejão respondeu: "Hei de damnar o Oceano
Com o veneno do teu proprio sangue! Profano,
Minha profanação ha de fazer do mundo
Um algar torvo, frio, inabordavel, fundo,
Como o meu angustioso e tragico bramido,

Mais confuso, mais louco e mais bronco que o ruido
Das vagas! Ao tufão direi: "Sóbe mais alto!
Sóbe mais, ainda mais... E as montanhas, de um salto,
Galga, oceano! E, depois, sóbe mais alto ainda!
E em teus rudos frisões varre-me essa berlinda
Envolta no fulgor olympico dos astros...
Ao fim do temporal, que resta á não sem mastros?
E na amplidão do mar ao piloto sem leme?
Louros não colhe quem raios de Jove teme.
Ha de o mais forte ser o vencedor.

Na informe
Sombra o trasgo sumio-se. A' Terra multiforme,
Doce, pallido, o luar desceu, como uma prece...
Ah! finalmente, o orvalho as folhas humedece...
Os morros envolveu uma aureola ineffavel...
Que pretendia, emtanto, esse monstro execravel?
Disse. E fitando o mar e a noite erma e sombria
E o pégo insomne e a espuma e a lucida ardentia
Comecei a pensar no eterno movimento
Do astro que sae do azul, da voz que sae do vento,
No insensato furor, no erótico transporte
Dos horridos Geriões de gigantesco porte!...
Meu espirito foi como um condor subindo...
Archanjos immortaes, as palpebras abrindo,
Na sideral mansão ouviram espantados
O dialogo. O rumor dos sonhos, despenhados
Do alto, vinha accordar a solidão profunda.
A montanha escondera a asperrima corcunda,
E os cedros colossaes e os passaros dispersos,
Ouviram com terror meus dementados versos.
A noite parecia um tumulo deserto,
E a abobada do céu um pensamento incerto,
Que ia aos pólos — ao norte, ao sul, por valle e monte,
Sem seu destino achar no infinito horisonte!...

Ninive resurgiu das cinzas, e o poeirento,
Allucinado olhar esgueu ao firmamento,
E as quatro azas, depois, no páramo sombrio,
O anjo Zorobabel triumphalmente abrio.
Galopava, ululando, a legião dos demonios!...
As nuvens eram como alados pandemonios;
Fauces a vomitar escassilhos de fogo;
Gritos e maldições dos vendavaes, em jogo,
Perturbavam, Senhor, a funebre gehena

Que succumbia ao sol de fome e de gangrena!...
Sépher e Barrabás, — cortantes como espadas, —
Mulheres de Israel, sombras esgrouvinhadas;
A barca do Ararat, entre trovões e incendios,
As proscripções, de um lado, e, do outro, os vilipendios
Tudo vi desfilar — cortejo monstruoso! —
Nessa agglomeração de abysmos, em repouso!...

Vinha raiando a aurora, alva, serena, pura...
As ramagens do bosque, a tremula verdura,
Apollo, —o dextro e louro alchimista, — mudava
Em dourada urdidura. O monte rutilava
Muito ao longe, no tom marcial dos capacetes.
A serra desfraldava os amplos galhardetes.
A natureza como a Phenix resurgia
Mais bella ainda. O Oriente a áurea cortina abria.
E a noite mysteriosa, o manto sobraçando,
Lá ia o ethereo armento a outras paragens guiando...

Aclarou-se-me a fé. Vidente, embora, obscuro,
Da cellular prisão, por fim, transpondo o muro,
O denso véo rasguei ao destino das cousas.
Homem! que adormeceste e tranquillo repousas
Ao pé d'agua a arrular, tão flebil e tão branca,
Faze do coração a hostia suprema e espanca
A duvida; que a fé — pomba biblica — torne
Ao teu lar e, outra vez, a tua fronte adorne.
Volte ao mar, que é o seu berço, a imprecação de Hamleto.
Porque não ha de ser a esperança o amuleto
Que se traz sempre unido ao coração e aos labios?...
Ah! sob o beijo taes e tão crueis resabios!
Sob o casto sorriso um tão longo martyrio!
Porque não has de ser, Eros — sempre em delirio,
Como esse amado rei que vae do valle á serra,
A's aves ensinando a enaltecer a Terra,
E nas azas de neve e de ouro carregando
Os sonhos de Miranda e os beijos de Fernando?
Não deixemos partir o que não volta nunca...
Causa horror vêr passar com a sua garra adunca
O amor! O amor, ouvi-me: é casto, é meigo, é forte...
Não n'o cresta a nortada, e não n'o extingue a morte.
Adultera, qu'importa? Helena é sempre pura,
No thalamo nupcial, nos estos da loucura!...

Sonhemos ao rumor festivo das palmeiras...
Ha tanta irradiação, á noite, nas clareiras,
Que, dir-se-ia, que algum trecho da velha Athenas
Anda a aligera chusma errante das camenas
Alvoroçando ao som das frautas e dos sistros.
Não fallem rudemente os lugubres ministros
Que o pó dos mortos céus sobre os altares lançam.
Senhor, de tanto orar os corações já cançam.
Perlustram a amplidão, o infinito os desvaira!
Do primitivo sonho a fria imagem paira,
Segundo a rotação de cada globo em chammas.

Deus não foi, nem será aquelle que proclamas,
Cakya-Mouni! O que a alma aspira no ether calmo,
E' esse perpetuo engano, esse divino psalmo,
Que se ouve ao pé do altar, á escassa luz da nave. —
E' esse anceio de vaga, esse revôo de ave,
Descendo aos mattagaes, subindo ao firmamento...
E' a fronde, é o rio, é a vela, a palpitar ao vento,
A' hora crepuscular, quando tudo é um mysterio
No tormentoso mar, no páramo sidereo.
Sim, mysterio, — estructura e substancia das cousas, —
Illuminando o espaço e obscurecendo as louzas,
Em que marulho, em que rudez de rocha viva
Tornarei a encontrar a crença primitiva?
Dize-me: em que lufada estólida do inverno
Surprenderei do mal no movimento eterno
O eterno bem? A vã philosophia a bruta
Alma humana adextrou no berço para a lucta.
De um instincto feroz, num alvoroço estranho,
Das ovelhas armou o timido rebanho.
A cortadora espada invencivel, ó numes,
Afiou, e deu-a ao vôo igneo dos vagalumes,
A' polpa que annuncia o delicioso summo...
Para uma tal visão, tudo é pó, tudo é fumo!
— Pó, — a chamma immortal dos arrebóes risonhos,
— Fumo, — a planta a peccar e a florescer, em sonhos!...

Não, arvores, vós sois o claro lume, a clara
Fonte, onde a mente obscura haure a sabedoria;
Sois a antiphona, o pálio, a therma, o pouso, a seára,
Toda a revelação, toda a philosophia!

Meu palacio de ouro

Meu beijo para te beijar, formosa,
Sobre teus labios turgidos, se ajoelha,
E zumbe e as azas bole, como a abelha,
No perfumado calice da rosa.

A aragem matutina em torno chalra,
E as invisiveis plumas meche e freme...
Nella tambem uma saudade geme,
Nella tambem uma esperança palra.

Quando das cepas fulvo insecto rompe,
Lembra um sol microscopico e brilhante,
Que da liquida opala do Levante,
Entre frouxeis e púrpuras, irrompe...

Tambem teu louro busto romanesco
Rompe desta saudade que não finda
Para sonhar, para viver ainda
Na meia luz de uma pintura a fresco.

A tua bocca, levemente arqueada,
Tem o mesmo rubor, o mesmo riso
Mysterioso, como o Paraiso,
Que guardou Eva intacta e immaculada.

Um dia, descerrando o véu de brumas,
Que o sol aos meus desejos occultava,
Ergueste sobre um chão, que o mar banhava,
Um palacio de conchas e de espumas...

Foi nesse glauco e excentrico palacio
Que vicejou a minha phantasia,
E ouvi, como uma vaga melodia,
As canções melancolicas do Latio...

Foi alli que de alegres crenças cheio
Provei do amor o doce e amargo favo;
Foi alli que a volupia, travo a travo,
Queimou-me as mãos e conspurcou-me o seio.

A's vezes, uma vaga escura, em baixo
Do parapeito da janella estava
A vêr se pela astucia arrebatava
Do teu cabello o perfumoso cacho.

Eu, que os seus movimentos não perdia,
Punha-me em guarda, rindo-me da empreza;
E, assim que a vaga ia tocar a preza,
Fechava-lhe na cara a gelosia.

. . . .

E cauta, a estrophe os bosques perlustrava,
Arrebatada no mais lindo sonho;
E, após, num quarto, de um rumor tristonho,
Em ledo surto, borboleteava...

Emtanto, o meu palacio de ouro, agora,
Vive esquecido — é como um templo em ruinas; —
Enche-n'o a sombra immensa das collinas,
E a dôr que o mar continuamente chóra...

Alma de gelo

Corres e passas, passas e não voltas,
E não voltas porque?
Não te beijam os pés as vagas soltas
Porque trazes uma aza em cada pé.
Se as não trouxesses, certo, correrias,
Sobre um mar, não de vagas, mas de beijos,
E cercando-te todos, ouvirias,
Sabes o que? — Harpejos!
Harpejos, só? Não vê!... Arias mais bellas,
Mais harmoniosas que as das ondas cérulas,
Como só ha no céo entre as estrellas,
E no mar entre as perolas...

Entre crepusculos apparecendo,
Ora, em trama, ora, em fino raio de ouro,
O sol murmura, ao vêl-a, estremecendo:
"Que esplendido thesouro!"
Emtanto, dizem, que essa formosura
Tem só por fóra, só...
Que despreza os amantes e os tortura,
Sem piedade e sem dó.

Que é retrahida e má, fria e impiedosa,
Para os que, em vão, procuram entendel-a.
Tambem o aculeo, fere a mão que a rosa
Colhe, e, de perto, queima a luz da estrella.

De certo, o espinho a mão que a rosa toca
Ha de ferir, de certo.
Para que um labio furte áquella bocca
Um beijo, o labio deve ser esperto...
Deve furtal-o, sem que ella o perceba,
Como uma flôr a um vaso.

E, sorvendo-o, em pequenos goles, beba
O vinho, que ha de rir, por fim, do caso.
Que graça! Má! só, porque a gente a admira!
        Quem manda que ella tenha
Aquella rubra bocca de hetaira
Que mais inflamma quanto mais desdenha!

. . . .

Eu cá por mim respondo não resisto
Ao teu olhar vulcanico e incendiario.
Nem sei, se o vira, que diria o Christo,
Quando subia a estrada do Calvario.
Sei que te zangas, quando te procuram
Meus olhos. Dá que seja assim, que tem?
Já que os teus, sem piedade, me torturam,
Sem piedade, torturo-te tambem.
Por ouvir sempre a tua voz celeste,
Minh'alma como um rouxinol papeia...
Mas, se queres que eu fuja e te deteste,
Arranja um meio de ficares feia.

Timo

Dona de olhos tão negros e imprudentes
Como os das trevas, como os dos atheus,
Colma-os o céu de sonhos innocentes,
Das rimas loucas que ha nos versos meus.
Cuidado! Em cada flôr em que pousardes,
Vêde que mundos esse mundo encerra:
Se ao veneno monastico das tardes
Que encrespa as aguas e adormenta a terra,
Se casa o igneo clangor do estio ardente,
A febre, a ancia, a volupia, o ruido, a côr.
Vêde bem, se nas cordas, docemente,
D'alma de Timo, harpeja o meu amor.

Com que paixão o enleio entresachando
A' rima, o coração que em vós renasce,
Vae-me a pobre existencia acorrentando,
Sem que ao meu zelo outro roteiro trace!
Timo, se a branda claridade acolhe,
Com terno agrado, uns passos mal seguros,
Tu que és luz, como a luz, toma, recolhe
Alenta e aquece com teus beijos puros,
Uma alma que, aos durissimos espinhos
De tredo sonho condemnada foi!...
Ah! o saibro feroz destes caminhos
Na lembrança, em que o guardo, ainda me dóe!
Um longo grito, que resoou no espaço,
A funerea mansão mais fria pôz;
E assim, por precipicios, passo a passo,
Fui arrastado pelo meu algoz.

A rudez do granito os pés sentiram;
Ao fogo as mãos e os braços se affizeram,
E com tenaz empenho resistiram
Meus sonhos — tudo que ao nascer me deram!

Esses espectros hórridos que a brida
Tomam nas trevas ao ginete audaz,
Sentio-os na garupa espavorida,
Rindo de tudo que ficava atraz!...
As cruezas vorazes do cyclope,
Que ante as fórmas de um joven se abrazava,
Rugiam arrastadas no galope
Que aos nossos pés se desencadeava...
Quanta amargura em toda essa chiméra!
Quanto sonho erradio, insano e vão,
Que a festiva estação, mendaz, trouxera
Entre um beijo de amor e uma canção!...

Vinho melhor que o nectar capitoso
Que as edonicas amphoras inflamma:
Vinho ideal, vinho delicioso
Que pelas nossas almas se derrama...
Poesia immortal, que o feiticeiro
Carinho entece em rútilos festões;
Voz do deserto, voz que o marinheiro
Acompanha nas frias solidões!
Irmã de Phebo, doce astro indolente,
— Celibataria da celeste altura —
Diana de rosto pulchro e alvinitente,
Graça da rima, enlevo da pintura!
Púbere sempre, o esplendido contorno
Do collo exalça o olympico perfil...
Recatada de mais, inquire em torno,
Vergonhosa do sol e do buril!...
Segue-lhe a ronda de selvagens numes
Por entre luxuriosos paraisos.
Bosques, onde ella achou tantos perfumes?
Deuses, onde encontrou tantos sorrisos?

A brisa agita as ramas offegantes;
Quebra a dureza ao plectro dessas musas;
E, emquanto, ao longe, os Euros hilariantes,
Entre as névoas do dia, ainda confusas,
Iam cantando de Diana a graça,
O heroismo, a belleza, a força, a luz,
O incauto caçador erguia a taça
Que á cimerea mansão, por fim, conduz.
Todo o ar sonoro e alacre das montanhas
Traz-lhe a vida balsamica das flôres;

Eclogas de ouro, musicas estranhas,
Que embalam, rindo, as Graças e os Amores.
No cotejo das fórmas peregrinas,
Ao apressado arfar de um seio inquieto,
Como o das aves, como o das boninas,
Que um nimbo envolve num fulgor discreto,
Ella, que a rima engasta aos verdes folhos,
Que em mimos e caricias se destouca,
Nunca perde o clarão que tem nos olhos,
Nunca perde o sabor que tem na bocca.

As Almeias do Cairo, as feiticeiras
Da Bohemia, a Willis phantastica, a dansar
Na herva pallida e fria das clareiras,
Ou num raio feerico do luar;
As mandrágoras loucas do Oriente;
As legendas de musgos e de ossadas
De Scandinavos reis; o decadente
Culto salaz das mumias empalhadas;
As Ondinas, mirando-se nas fontes;
A Fada, a Nympha, os Ogres, os Anões;
Os Pelles-de-Asnos, como mastodontes,
E os Homunculos, como Geriões;
O Raksahs, da India, o Cyclope, de Homero;
O palacio da *Belle-au-bois-dormant*,
A sandalia de Rhodopo, o *salero*
Da Andaluza; o pincel de Zurbaran,
A tudo o plectro soberano imprime
Um rythmo, um porte, uma attitude nobre:
Se é grande o poeta, nobilita o crime,
Mas deslustra a virtude, se fôr pobre.
Sim, a poesia tem esse direito
De dar ás cousas más brilho e valor,
Muda ou transforma, mesmo o que é perfeito,
Se o assumpto o exige, se preciso fôr.

A antiphona da tarde, a voz do vento,
Tem em seus hymnos um logar sagrado:
Como póde conter esse instrumento
O rio e a estrella, o firmamento e o prado?!
Ao mais pequeno insecto, á mais modesta
Aza de colibri que o lyrio esflóra,
Azas immensas de condor empresta,
Ao pôr do sol, ao despontar da aurora.

E' a mais alta expressão do genio humano;
Corre-lhe, á flux, a vida universal;
Tem rugidos de vaga, como o Oceano,
E segredos de amor, como um pombal.

De maravilha em maravilha passa
A sua altiva e olympica figura,
E não é só mysterio o que ella traça
No velho panno de uma noite escura.
A' medida que os seculos se escôam,
Maior é o seu poder e o seu dominio.
Todas as vans memorias se esborôam...
Nada resistir póde ao exterminio,
A' assolação, á guerra, ao rudo embate
Do tempo, cujas forças seculares
Nos anniquilam antes do combate,
Quer nestes cerros, quer naquelles mares.

Ama e verás que novos horisontes
Teus lindos olhos descortinarão!
Verás novas florestas, novos montes...
Um suavissimo olor sahir do chão...
Sahir... correr atraz de um niveo collo,
Do teu, em cujo claustro as graças fechas,
Timo formosa, para quem o solo
Só tem caricias e importunas queixas!
Della vive tambem o espinho bravo,
A candura da alcéa, o ai da bonina...
Enche de aroma o calice do cravo,
Enche de flôres a alma da campina...
Anda só pelos rios, pelos valles, —
E, como Eudora, descuidosa e núa,
Diz ao poeta immortal: — "Dá-me teu calix,
Bem vês, quero ser mais, quero ser tua!!
Quero surprehender no verde galho,
Ao luar, ao doce e mystico pallor,
O dialogo do passaro e do orvalho,
Os suspiros do zephyro e da flôr..."

. . . .

Eil-a a poesia, Timo, eil-os expostos
Os contrastes das suas aventuras;
Ella supporta todos os desgostos,
Ella desculpa todas as loucuras.

Demo

A' noite, Demo, á lampada orvalhada
Do luar, que o côro dos rosaes anima,
Sobes-me, a rir, pela alma illuminada,
Num trophéu voluptuoso, rima a rima.
Toda a Syria entre hosannas te acompanha
No tyrio plectro... As amphoras fumegam...
Vão-te no encalço as sombras da montanha,
E as estrellas que do alto se despregam.

Sim, Meleagro sonha... A cada passo
Rompem hymnos das cupulas implexas,
E açoita e junge o Satyro devasso
Ante os olhos das Thyades perplexas
Bella, ardente, teus olhos queimam, Demo!
Enchem-te o collo sensuaes anceios,
E, ao som dos sistros de Cythera, gemo
E ardo na labareda de teus seios.
Morte de herege, que transformo em gozo,
Que tu, nobre Stesichore exaltavas;
Mudando o cidonio cyatho amoroso
Numa taça de beijos e de lavas.

A sombra cresce... As graças Menippéas
Os écos destas selvas escutaram...
Aqui, dos glaucos numes as napéas
Os sitibundos labios abrandaram.
Ali, febril, o attico sonho lança
A rêde aos mundos que se tresmalharam!
Senhor, meu estro de sorrir não cança,
Senhor, meus sonhos de brilhar não param.

Demo, rival de Timo e de Heleodora,
De que insano cinzel te despenhaste,
Como Eloá, quando rompia a aurora
No transparente, luminoso engaste?

Este, acolhe Timarion que arde em zelos;
Aquelle, acalma Timo, que está louca:
Uma, por invejar os teus cabellos,
Outra, por não possuir a tua bocca.
Loucas, ciumentas, o ar que ambas respiram,
Da mancenilha o toxico inocula:
Do orgulho as vestes lubricas despiram,
De Eros, no templo, a flammula tremúla.
Eros o ar abrazou; trama sumptuosa,
Prendes, Demo, os cantores attrahidos.
"Acorda!" ao pé, a aragem perfumosa
Murmura: "Accorda"! Ao longe, confundidos
Com as abelhas do Ménalo, mil beijos
Vôam, molhados no ouro do Pactolo;
Da estrella d'alva os tremulos lampejos
Chegam, já frios, ao pronáo de Apollo.
Demo, de argenteos tons Divania escarcha
O tenue e verde crivo dos caminhos;
Dos capricantes satyros a marcha
Assusta as flôres, desatina os ninhos.
Lá brilha no alto throno, lá fulgura
A pedra em que o cantor esculpio Papho,
Vencendo em graça, em supplica, em ternura,
Os luxuriosos camapheus de Sapho.

Cós, que ainda é joven, toma ao seio o tyrio:
Beija-lhe a fronte e os nastros lhe destouca.
Amar assim, — que esplendido martyrio!
— Lhamas nas azas, perolas na bocca.
"Demo! Demo!" Eis que brada amor, as settas
Ao versuto carcaz furtando. Claros
Dias, emfim, resumbrem das inquietas
E olentes noites estivaes de Paros.

Tredos espectros moram nesta torre
Com que o cego destino me punira.
Os écos bramam pelos ares: "Morre,
Misero escravo, que a paixão servira!"
Ai! do infeliz viajor a estrella extincta,
Ai! da estrella orgulhosa, a que confiara
Toda a ventura que Virgilio pinta
No lusco-fusco em que verdeja a seára!...
A ambição de possuir-te ao pó volvera;

Pó, sepulchro ou fanal que nos governa,
E o seio das cavernas accendêra
Com as surdas ancias de uma dôr eterna!

Vêde, estes lichens, estas silvas brotam
De milhares de antigos amargores!...
Aqui, vicejam, púrpuras, desbotam,
Além, as mesmas caprichosas flôres.
Mas todas nascem desse torturado
E exuberante pó, que é tambem alma,
E arvore e sombra e espirito aterrado
Pelo mesmo furor e a mesma calma.
Ao já de Ticio horrifico tormento,
Impios, accrescentaram mais um cravo.
Ironia cruel! Teu proprio alento
Te fez um deus mortal, um deus escravo!
Jungem-te ao poste, flámine humilhado,
Flámine, sem galero e sem talares!
Que pretendes oppôr ao vento irado?
— O ouro do templo? o fumo dos altares?

Cerram-se os véos do Eleuzes... Lentamente,
De preces vão se enchendo as altas frondes...
Que rumo é o teu, estrella do Occidente
Que na etherea morada, ora te escondes?
Ferve a calema nos parceis distantes,
Silvam os austros, varejando os fossos.
Estas serras, outr'ora, eram gigantes,
Ruiram, como montanhas, estes ossos.
Sobre os carandahys a aragem desce,
E ri como a palheta de Terencio,
E pela fimbria da latada esquece
Os dramas do barulho e do silencio...
Quantos festivos ou luctuosos lances
Vos não depara a muda natureza
Nos seus idyllios e nos seus romances,
— Aspectos da alegria e da tristeza?

Quantos... A' margem de vernal corrente,
Da mandrágora a voz enfurecida
Do sanguinario despota insolente
Prostra, fremendo, a lamina homicida!
Brando, evola-se o aroma... As madrugadas,
De envolta com os deuses vaporosos,

Accordam as Oreades e as fadas,
Aos suspiros dos zephyros queixosos?
Tudo é um canto, alegre ou triste, Demo.
Tudo é contraste, é fumo, é sonho, é astro,
Mas, sobretudo o espirito supremo
Imprimio, ao subir, seu claro rastro.
Estrellas, a fulgir como mesquitas,
Espheras, onde outras estrellas rolam...
Esplendidas payzagens infinitas,
Que no fundo do mar se desenrolam,
Dizei, dizei á incréa Demo: "Ascende
E verás como em toda a escuridade,
A haste que cresce, o bloco que resplende,
São maneiras de ser da divindade."
Ella é o riso, a cadencia, o sopro, a chamma,
Que te conduzem, através da balsa,
O carro de Plutão, que o espaço inflamma,
O symbolo de amor que Ovidio exalça.

Lá no santo penhasco, abrupto e ardente,
Que ainda guarda o divino prisioneiro,
Minha lyra no fogo impenitente
Temperei como o ferro no brazeiro,
Para igualar-te á deusa caçadora,
E á essa que um novo ardor no leito instiga,
E volta á Sparta, altiva e triumphadora,
Sopeando a rédea á rapida quadriga.

A um artista

J'eus toujours de l'amour pour les choses ailées.

(VICTOR HUGO.)

Pictoribus atque poetis.
Quid libet audendi semper fuit aqua potestas.

Temos em nós, artista, um pouco desse Latio,
Theatro immortal dos mythos e das lendas;
Anthro de Catilina, halo do grande Horacio,
Fervendo em retezias e contendas.
Vio-se convulsionando, em rubras labaredas,
O Tibre, que, bramindo, o leito corta;
E as soubrettes de Diana, immáculas e ledas,
Que o olhar da deusa incita e exhorta,
Núas, a percorrer os glaucos aposentos,
Ataviados de ricos artefactos,
Ao leve sopro austral dos sonorosos ventos
Que andam garrindo pelos mattos...

Fomos e somos ainda, os Ramnes solitarios,
Cujas obras o Olympo insufla e esmalta;
Os pregadores, não os santanarios
Que um culto incompto aterrorisa e exalta.
Somos a lucta, o esforço, erguendo Capitolios,
Como os Salios na Roma primitiva.
Tu refreias, superno, os zephyros eoleos,
Tu trasladaste a alma meditativa
Do Oriente para aqui, onde um leve requeime,
Tão grato ao paladar do engenho brasileiro,
Pule melhor a graça e o bello. Queime
Embora, o sol as frondes, altaneiro,
Sobrestante dos astros, o igneo influxo
— Illapso até então desconhecido,
Cresta o marulho á vaga, e o seu fluxo e refluxo
Acachôam no bronze arrefecido.

Sobre ti, numa noite illuminada,
O divino Karisma, onde ha a graça suprema,
Desceu como uma esplendida ballada,
Fulgiu como um esplendido diadema.
Pobre, mas ouro vale essa pobreza,
Porque, se o livro é ouro, em ouro te desarmas.
E' a espada da conquista, é o estarcão da nobreza,
Artista emerito, é a melhor das armas.
Oh! bájulos da prosa e da poesia,
Carregadores vis de insulsos tropos,
Quando ao torneio um Cid apparecia,
Oh! não lhe iam reptar nem cevões nem farroupos.

Reptam-se glorias, reptam-se os que sabem
Trazer o arremessão, a aljava, o escudo, a farpa.
Não faz mal que os zoilos desgabem
A's esconsas, artista, da tua harpa.
O que é certo, porém, é que vaes triumphante,
Construindo Parthenons e Minaretes; falla
Aqui o bronze, ali, o carcão rutilante,
E o aroma que, á sonoite, o heliotropo trescala.
A tua penna é uma palheta estranha
Com lascivias de passaros e harpejos,
Nichos de santos, chanfros de montanha,
Graça, deliquio, sonho, amor, cólera, beijos...

Ha choros de oceanitides e enleios
De ondinas e rumores de folhagens,
Deuses viris que alçam os copos cheios
Ao estrondo dos crótalos selvagens.
Ha lagos de crystal, ha absides luxuosas,
Cantaros, Céramos e Pithos,
Vinhos gregos e Thyades ruidosas,
Monges senis e reprobos malditos.
Oh! é nobre, sem duvida, esse arrojo,
Essa bravura, esse denodo,
Atravessar o constellado bojo
Da arte, atirando perolas a rodo.

A's varias fontes da loucura humana,
Pediste já, artista, os mais atros assombros,
E no Orco horrivel dessa dôr insana,
Ao rictus sepulchral desses escombros,

De tal sorte pintaste a dôr dos infelizes,
    A communhão dos ninhos e das hastes,
Que é curioso tocar todos esses matizes,
E difficil reter todos esses contrastes!...

Pan ensinou a Baccho a cadencia do passo,
    E os segredos do vinho capitoso;
Fêl-o aspirar o céu, que mal contém o espaço,
    Fêl-o adorar o Oceano procelloso,
E amar, e amar, e amar hallucinadamente!...
Da alma humana infeliz arranca, espinho a espinho;
Depois, dá-lhe a beber, soffrego e impaciente,
Mestre, as tuas lições, escansão, o teu vinho.

Nyssia

"Causa-me horror, disseste, a rosa pura!"
Oh! por mais que propales,
Ha de ser sempre a rosa a alma, a candura
Dos jardins e dos valles.

Como és má, Nyssia! Horror só causa a planta
Que nos mata e atormenta!
Mas não o aroma ideal que nos encanta,
Não o sol que o alimenta!

Da atra noite chuvosa a horrenda face
Póde infundir-te medo,
Mas o vôo do passaro fugace,
A sombra do arvoredo,

O queixume do corrego distante,
Jámais, formosa minha!
Tudo isso é a voz de uma illusão constante,
Que nos falla e acarinha;

Que nos recolhe, que nos diz baixinho:
"Ama, é o tempo das flôres...
Anda feliz o leve passarinho,
Andam, rindo, os pastores..."

A égloga quebra o envolucro dourado...
Vôa... parte, espaneja...
Quer luz. Deixal-a voar... E' o bem amado
Que a procura, que a almeja.

Eil-os. Tomam os dois outro caminho...
E' tão pequena a terra!...
Onde irão elles esconder o ninho,
Pintasilgo da serra?...

Que estrada ou rumo é o delles? Que procuram
    Nesse roteiro incerto?
Num longo beijo os bicos se misturam...
    Ah! vão morrer de certo!...

A casinha dos dois vae ser, — que encanto!
    Toda feita de seda,
Erguida em verde galho, num recanto
    De sombria alameda...

Com breve passo o sol por uma fresta,
    Penetrando num raio,
Virá ornar-lhes a casinha em festa
    Com resedás de maio.

Como ha de o amor gozar a luxuriosa
    Sombra do ameno estio,
Ouvindo a voz da frauta suspirosa
    Numa volta do rio...

Tudo em torno do mystico instrumento,
    Tudo perplexo e quedo:
— A lua, o bosque, o rio e o firmamento,
    Enlaçado ao rochedo!...

Um barulho de luzes e de côres,
    Cahindo sobre a terra.
De onde vêm todos esses beija-flôres,
    Pintasilgo da serra?

Emtanto, é noite... E elles, á noite, apenas,
    Nas azas perfumosas,
Descem aos ninhos, concertando as pennas,
    Cheias do mel das rosas.

Na medrosa bonina transparece
    Cuido que algum despeito!
E porque?! (Caso estranho me parece!)
    Não tem ella o seu leito?...

Não tem do ledo zéphyro inconstante
    A estouvada caricia?
E do almo beijo, tremulo e odorante,
    A mórbida delicia?

Que mais queres, vaidosa? O céu ordena
    Essas cousas ouvires.
Maior peccado commetteu Helena,
    E a divina Themires!...

Que tem que a mão affague os niveos seios,
    Abrazada em desejos,
E que eu leve de Nyssia os labios cheios
    De capitosos beijos?...

Que tem que a mariposa incauta e louca
    Morra, as azas queimando?
Que tem? Faz mal a bocca que outra bocca
    Enamorou, passando?...

Bem sei, preferes os salões luxuosos,
    A pompa, o fausto, a gala,
Ao ruido dos valles mysteriosos,
    Ao canto da zagala.

Tu admiras apenas o que é falso:
    — Ouro, joias, recamos...
Rezas, não sei rezar; walsas... não walso...
Emtanto, Nyssia, como nos amamos!...

O fogão do gaúcho

Repechámos, a custo, o ingreme arrampadouro...
Pleno luar, plena paz... Infindos seivos; baixas,
Sangas, barbeitos, váos, tudo como um thesouro
Ou larario esquecido... Ao fundo, arroios, faixas
Liquidas, serpenteando, enroscando-se aos velhos
Troncos, onde ainda se ouve o segredar dos evos.
Negros monesteiraes curvados sobre os joelhos,
Rezam e, após, alteando aos chapadões longevos
O rugoso perfil, o amplo espaço interrogam.
Chegam, trauteando, os reis das cochilhas. Tranaram
Rios; bridões, sem Deus, com o pampeiro dialogam,
E, loucos, de roldão, os itaimbés galgaram.

Perto, um lageado sôa; está longe o redil...
E' então que o homem presume apalpar o mysterio,
Que esparzindo na flôr o perfume subtil,
Precipita no sol o turbilhão sidereo.
A extensa cordilheira é um vasto facistol.
No aperado ginete o peão contempla-o, mudo;
O peão que alçou com o gado ao romper do arrebol,
E fez do proprio peito um temeroso escudo.
Crente, só crê n'um deus unico — o seu corcel;
Cavalleiro, abandona a alma na disparada,
E, aos sopelões do potro, altaneiro e revel,
De laço e chiripá, surge rente á manada.

Desmontam. Sobe o fumo. E' o fogão do gaúcho...
Tralha o luar nos rincões, verdes como esmeralda...
Laços, bolas, asnis relampejam num luxo
Campesino e folheiro. A' mão, nem uma espalda
Ou socairo. O horizonte — inaccessivel nume —
A terra enche com a sua infinita saudade...
Pampas sem fim, paineis sem vida, ortos sem lume,
Sonhos vãos, fórmas vãs da impervia obscuridade.
Pyrilampos, á volta, accendem as lanternas...

Nuvens não ha no céu. Como cistas suspensas,
Fulgem serenamente as estrellas eternas,
Arrastando outros soes nas orbitas immensas...

O fogão do gaúcho é, a um tempo, o hymno folgaz
Do guerreiro e a canção do pastor. E' a loucura,
E' o idyllio, o terror, o odio, a hecatombe, a paz,
O perfume da prece, o odôr da sepultura!...
Os campeiros, depois dos labores crueis,
Desafogando a viola em canticos frementes,
Sonham como os heróes e amam como os segréis
Os passaros do céu e as flôres innocentes.
Quem já os igualou na collisão atroz?
Quem com maior bravura investiu as trincheiras,
E varou como um raio o quadrado feroz
E abateu os balsões e arrazou as fileiras?

Camponezas, mostrando os vestidos singelos,
Bellas, fortes, sorrindo aos namorados, dansam,
Sentindo-lhes o ardor dos lubricos anhelos,
Ouvindo-lhes o arfar dos peitos, que não cansam.
Que garbo no mover dos quadris! Que elegantes
Meneios! Sem cultura, emtanto, quanta graça
Lhes enfeitiça o quebro e as fórmas luxuriantes!
Que insondavel mysterio os olhos lhes traspassa!
Que deliciosa estancia ao sonhador promettem,
Se em torno da fogueira, as almas approximam!
Os homens, com furor, as hordas accommettem...
Ellas, porém, depois, com mimos os reanimam...

O fogão é o adueiro, a sorrir e a cantar;
E' o fragor espectral das cruzadas avoengas,
A caterva, aos galões, jorrando do albacar,
A canção longamente a ecoar por cerros e engas...
Em momentos fataes, delle, sedentos leões,
Em busca do inimigo, horrificos, saltavam,
E, invenciveis, além, no meio dos sertões,
Com Raphael Bandeira as hostes dizimavam.
Ageis, fortes, sorrindo ao minuano, rivaes
Desses bravos que outr'ora os gryphos combatiam,
Eil-os cysnes, agora, e cysnes immortaes,
Consolando os que a ferro e fogo accommettiam.

Lá, o invasor sinistro atropellando, infestos,
Lá o armigero heréu da fronteira expellindo!
Campeadores, tornando á casa, por enfestos
E rapadouros vão cantarolando e rindo.
Trophéus, horrivelmente épicos, ao astuto
Hespanhol, com furor, tomam na arremettida.
E' de mister transpor aquelle fosso. Abrupto
E' o passo, arduo o entrevero, asperrima a subida!
Avante! Raphael Bandeira á frente arranca.
Vôam, firmes no arnez. Como hetérices, rompem
O trambolho, que, embalde, o caminho atravanca.
Salve! Do lado opposto, alfim, eil-os que irrompem!

Dilatados rincões, cerros do Camaquan,
Planicies que o Jacuy serenamente banha,
Tudo que as virações abrem pela manhã,
Tudo que ao sol sorri com uma affeição estranha,
O herôe com o seu amor aqueceu e abençoou.
Quem, como elle, transpoz estreitas entaladas?
Quem, com tamanho ardor, as hostes desafiou,
E, após, as conduziu, submissas e humilhadas?

Um dia, em Santa Tecla, uma cachópa ideal,
Prisioneira de guerra, a alma lhe arrebatara,
E, então, sorrindo, vio o caudilho immortal,
Que da espada, outra vez, a mulher triumphara.
Sagrou a Egreja a união. No valoroso peito
Do heróe a alma irrompeu como um renovo agreste.
O poncho, a espada, o arnez serviram-lhe de leito,
Foi-lhes tecto nupcial a abobada celeste.

. . . .

Vêde, junto ao fogão, dois espectros conversam.
A infinita amplidão contemplam... Os lampyros
Sulcam a brenha. O fogo as manalhas dispersam
Dos que andam pela noite a errar como vampiros.
Silencio! Outros tambem chegam. Que plano assentam?
Um, o olhar imperioso ainda conserva. A espada
Traz segura ao talim. Todos o lume attentam...
E' um tapete de neve a sombria explanada...

Simeão Barreto — o rijo e ousado portuguez,
E' um delles. O outro, o heróe do Seival. O outro, o forte
E nobre Canabarro, em cuja intrepidez
Se reflectia o velho orgulho da cohorte.

Ouvem-se cainhar as áduas sepulchraes...
Bento Gonçalves fixa o olhar nas sentinellas...
Que estão a planejar? Que louros querem mais,
Se no Pantheon da historia esplendem como estrellas?
A cavalhada nitre; as margens do Cahy
Rebôam... Garibaldi, olympico, terrivel,
Com seus quatro lanchões vara o Capivary!...

Visões, apenas. Ronca a torrente inflexivel
Pelos carraboiçaes... São mortos, sim. Os bardos,
Como os que Erik, em meio ás lanças, exalçavam,
Os exalçam, tambem. Seus feitos, como dardos,
Zunem, minazes, no ar que os cavallos turvavam...
São visões que ainda vêm, requeimadas do estio,
Aquecer-se ao fogão, que, outr'ora, espavorira,
Nas longinquas Missões, o barbaro gentio.
Desapparecem. No alto o plenilunio expira...
Enche o campo o vozeiro alegre dos catubas...
Foram-se... Mas ficou em derredor da pyra,
Silenciosa e espectral, um fremito de jubas...

A paz

Veroneso é quem deve illuminar esse átrio;
Dar sorrisos de páschoa ao monumento patrio,
Ao fuste, ao capitel, á abobada a fulgir:
Que a tinta aplaque, em vez de excitar ás refregas,
E, em vão, por bamburraes de arremetter, ás cegas,
Contra o céu que se espelha em bençãos, no Porvir.

Role, inéxcito e rouco, o Oceano pela praia...
Do Amazonas até ás grimpas do Hymalaia
Gozem os olhos o ouro e o esplendor das colheitas.
O rumigero albor alvoroçe as choupanas
Com alfaias ruraes, com laureis e campanas,
Com o fremito e o estridor das aves satisfeitas.

Mensageiro veloz leve ás plagas distantes
O concerto que enleva as copas sussurrantes
No recesso da matta ou no alto do alcantil.
Que não fique no campo o signal da caliga,
Nem a trompa belaz, nem o pó da quadriga
Nem tu, evecto heroe, de arrogante perfil!

Tambores e clarins, paveses e penachos
Passaram ao fulgor dos bellicosos fachos
De Tolbiac, de Rocroy, de Ulm, de Austerlitz, em brazas!...
Sonho, mysterio, bruma ou sombra, a vasta arena
Deflagrava em Moscow ou ribombava em Iena,
Misturando o clarão dos olhos ao das azas.

O massacre feroz, o espectro da carnagem,
No sangue dos heróes, ensopando a roupagem,
Tomba, no chão rojando o mavorcio furor!
A aguia de Eylau e Wagran a rija envergadura
Abre sinistramente ao fundo da planura
E succumbe, depois, aos pés do vencedor!

A vaga tumultuosa, o labor inclemente
De invadir, de vencer, de algemar friamente
Roma inteira e lançal-a ás prisões de Bolonha;
A tempestade, o incendio atear nos santuarios,
Ou na esconsa caverna armar os sagitarios,
Porque Ourestella chora ou Cleopatra sonha;

Ou porque Fulvia, o sangue, em lavas, borbotando,
Do guerreiro amoroso a ambição excitando,
De outras plagas aponta o tormentoso mar,
Dizendo: "o globo, o escudo, a vela, o leme, o mastro
Toma, guerreiro, parte, e o rumo obscuro ao astro
Traça com a tua espada, antes do sol raiar",

E' vertigem que passa, é visão que se apaga,
Como a luz do meteóro e o estampido da vaga,
Ao longe, no esplendor de ephemera fumaça...
A gloria de Chalons, de Marignan, de Arezzo,
E' no horizonte escampo e infindo do progresso
Uma nuvem que a França ainda escurece e ameaça...

E' outra a myrrha, é outro o rito, é outra a crença.
Outro cantor acorda os bosques de Florença,
Outro enxame, eil-o já, em Túsculo, a esplender.
Aguia de Clovis, aguia épica e valorosa,
Retoma o surto... Alli, mora a Scythia famosa,
E a Cilicia, o algodão finissimo a tecer.

Mais além, o lavor das pedras preciosas:
A umbrella, o espelho, a cycla, em purpuras luxuosas;
Tudo o que o Evodo empresta aos anneis e ás armillas,
Tudo o que a aia depõe ás plantas da senhora,
Tudo o que urde a manhã, tudo o que o amor devora
Nas boccas dos leões, nos olhos das Sybillas!...

Vae-se a lucta cruenta. As arvores já pódem
Florescer sem temor. Ledas aves acodem
Ao reclamo auroral. Namorados pinceis
A louca embriaguez de seus amores traçam
Nas collinas azues, nos ramos que se enlaçam,
Ao clarão do arrebol, no fundo dos vergeis.

O trigo o pobre alente; os campos se desvelem
Em dobrar a colheita; os galhos se constellem
De encantados botões, de frutos saborosos.
Ah! que fareis, se, acaso, a amargura semeardes
Por esse espiritual crepusculo das tardes,
Por esses virginaes recessos mysteriosos?

Eva a santa nudez offereça, de novo,
A este asylo innocente, onde o aligero povo
O ar transmitte do céu em limpidas canções...
Paz! a safra no enxugo e na mólha, sorrindo;
Ao celleiro commum cidades conduzindo,
Ao romper da alvorada, através dos sertões!...

Paz! Germe ignoto e obscuro, a levantar emporios,
A romper penhascaes, a adquirir territorios,
Sem ferir, nem matar: — com sairés e folguedos!
Oleo sagrado a rocha offerece ao viajante;
Dos alegres aldeãos o exercito brilhante
Vem de amanhar o gado e de empar os vinhedos.

A Natureza extráe, quando na estancia ardente,
Magestoso, o sol rasga as nuvens do nascente,
Para a mais leda flôr o seu melhor matiz.
O astro diurno, jámais ao somno afeito, entrega
O animal ao arado, o vegetal á rega...
Com que zelo, então, falla o Azio á prole feliz?

Salio! A uma obra de amor o nome vinculaste:
Na ardente Lupercalia o espirito inflammaste
De uma geração triste, obsessa, inexcrutavel...
Mas de tal monumento o aspecto encanta a vista!
E' assim que se constroe, é assim que se conquista!
Quem ousára ligar ao grilhão execravel

O que a escolher andasse, entre os mimos de Céres,
O linho que a mão fina e dextra das mulheres
Urde, gramado e puro? Ah! quem ousára o sol
Conturbar no seu curso, a grilheta de Calles,
Arrastando, outra vez, por montes e por valles,
Ao sopro do favonio, aos raios do arrebol?

Das delicias da paz o vestibulo augusto
Abriste ao patrio anceio. Intemerato e justo,
O alvo pendão plantaste em meio ás baterias.
Tua penna, que irrita os discolos tacanhos,
Vale, de certo, mais, ah! muito mais, Paranhos!
Do que a lança de Herval e a espada de Caxias.

Doce e rutilo, a um tempo, o soberbo argumento
Presta ao árido solo o provido elemento
E do Aventino aos pés lança o *sublicius pons!*
Desenterra e acautela os thesouros occultos
Que, ha seculos, estão nos matagaes sepultos
Sob compactos véos de caprichosos tons.

Do alto progenitor á aureola inextinguivel
Trouxeste um raio a mais. Ao nucleo incorruptivel
Arrebataste a força; e o divino modelo
Irradia da torre ao recesso da matta,
Quando no velho mundo, egregio diplomata,
Vejo em victorias mil, resplandecer o sello,

Que é todo o nosso enlevo e todo o nosso orgulho!...
O ennoziogeo clamor, o horrisono marulho,
Pronuncia o teu nome, ourando no alcantil!...
Livre de qualquer seita, attingindo ao fastigio,
Uma enorme extensão de terras em litigio,
Sem exercitos, só, restituiste ao Brazil!

Ha quem te inveje, sim! Pantanos ha cevando
Do misero a materia. O aggravo exacerbando,
Ha quem, rouquenho e vil, Cicero reproduza.
Eia, vaidade! a lingua audaz afia, inutil;
Macúla o arminho, rasga a tunica inconsutil:
Viboras ha quem crie, aguias ha quem conduza.

D'alma, obesa ou rasteira, embarrilla a peçonha:
De trevas socio, em vão, com a luz dos astros sonha:
Seus magros jaguanés açula como leões!
O' indigencia! ó baixa inveja deleteria!
Seculos ha que o seio espremes da miseria
E te extorces no solo em torvas convulsões!

Do bafo empestador, fóra do ambiente impuro.
Contemplo-te; do plaustro as rodas de ouro, o escuro
Trecho transpõe. Attende, immortal brazileiro:
Horizonte mais vasto abriste ao patrio ninho;
De luxuoso tapiz constella-se o caminho,
De singular fulgor abraza-se o roteiro!

Eil-o o mais amplo dom que dos thesouros póde
O destino extrahir. Essling, Arcole, Lodi!
Apagados calrões, ephemeros laureis,
Que sois, senão delicto ou luctuosa memoria?
A planta que germina e floresce na historia,
Não enflora canhões, adorna capitéis.

Terra invisivel

Lá de tenue carão se veste o poente,
Lá foge o dia, lá se ensombra a nave...
Sobe a angustia das cousas, lentamente,
Do mysterio da fronde ou da architrave...

Ao longe, o mar se exhaure n'um queixume...
Como as almas dos rios e dos mares
Adormecer n'uma onda de perfume,
E acordal-as, depois, por estes mares?

Como o brando alimento da esperança
Dar á tanta afflicção no tecto escuro,
E o veneno da insidia e da vingança,
Indignado, impontar do calix puro?

O castigo é tambem conquista e messe:
Converte os homens, quando exacto e justo;
E o perdão a seara em que floresce,
Terra, o thesouro que buscaes, a custo.

O thesouro que os olhos dos prophetas,
Com divinos mysterios, constellaram;
Pouso de redempção, cujas secretas
Vozes contra a mentira, em vão, clamaram.

Contra a mentira, contra o abominavel
E iniquo instante, em que se transformara
A hostia impolluta, em ferro inexoravel,
E a divina corôa, em negra tiara.

O' diabolico sopro, a cujo embate
Mal se sustem nos polos o Universo,
Quem logrou sahir vivo do combate,
Quem rolou pelo chão, em pó disperso?

O homem, não, esse é lume que vasqueja
Entre os da vida parcos elementos:
Olhae-lhe o coração como flammeja
Em alegrias, em padecimentos...

Aqui, prostrado, é a sombra do que fôra,
Alli, perpassa em rutilo cortejo,
E de toda essa febre abrazadora
Ficou-lhe a cruz como ultimo lampejo.

Cruz, colheita de bens em solo avaro,
Phanal que vae á frente do navio,
Os rios entornando em leito claro
— No amor dos homens, — que é tambem um rio.

Pensamentos, que sois senão caminhos
Que vão ter a paizes mysteriosos?
Vêde que hão de ir tambem lá ter os ninhos
Através dos seus cantos dolorosos...

Sim, a terra é aquella que não vemos,
Terra que os bens corôam de esplendores,
Que tentamos vencer com os nossos remos,
Que buscamos ganhar com as nossas dôres.

Pensando nella

Sonhas, emquanto em meio do caminho
Vejo calçado o chão de urzes e escombros...
Tu vaes — passaro exul, — de ninho em ninho
E eu, como o Christo, levo a cruz nos hombros.

Sigo-te absorto, pelo espaço fóra,
O vôo errante, que no azul se eleva...
Tu vaes e voltas, como volta a aurora,
Eu vou e volto, como volta a treva.

Como rompe o granito a stalactite,
E a vaga os rofos e hispidos escólhos,
Rompe a tu'alma — esplendido zenith —
A lagrima de amor que te enche os olhos.

Quando a alva surge, abres os longos cilios,
E um cheiro de astro pela alcova deixas,
E, em ronda, os dythirambos e os idyllios,
Beijam-te as soltas e humidas madeixas.

Costumas dar, ás vezes, uns passeios
Pelas estrellas e pelas espheras,
E, quando vens, trazes os olhos cheios
De madrugadas e de primaveras...

A' tua prece o temporal se dobra,
E torna o sol mais rapida a carreira;
E eu me enrosco aos teus pés, como uma cobra,
Em torno ao tronco de uma trepadeira...

Como a orvalhada que a corolla cobre
Da agreste planta, que o favonio excita,
Tal o róssido alvor scintilla sobre
Teu niveo corpo, que um tremor agita...

Cruzam á noite, os horizontes vastos,
Teus sonhos, num alegre desafio,
E vão beber luz nos teus olhos castos
Como as narcejas vão beber a um rio...

Versos á C.

Amas-me, sim, que esses olhos
Nunca mentiram, bem sei.
Percorri ondas e escolhos
E só hoje o rumo achei.

Vagos e ternos... Que encanto
Ha na ancia de os comprehender!
Promethêo, o fogo santo,
Eil-o em seus olhos, a arder!

Dize-me, leve andorinha,
Onde teu ninho vaes pôr?
Em que risonha casinha,
Em que dourado pendor?

Vôa, é tua a etherea estrada,
Morena de olhos crueis!
Beija-o, é o orvalho d'alvorada
Que desce aos caramancheis.

A praia accordou deserta,
Perdida em scismas, sem fim...
Que lhe dirá a onda incerta
Que sae de ti e de mim?

Que dirá? No casto seio
Encerras todos os dons,
Nympha, que vives no meio
De perfumes e de sons.

Move os labios, deixa o leito
Arder no incendio voraz;
Has de vêr como meu peito
De quanto amor é capaz.

Não creio que alguem consiga
Teus encantos olvidar,
Canção de Hebe que me obriga
Tambem a rir e a cantar.

Busca o passaro agasalho,
Embora fulja o arrebol;
Precisa o fruto de orvalho,
Precisa o orvalho de sol.

Que fallas na correnteza
Do dia ao pallido albor...
Que é que quer a natureza,
Se ella nos fez para o amor?

Tens as mãosinhas tão quentes,
Tremulas e virginaes...
Se me amas? Debalde o tentes!
Por força me beijarás.

Eu não sei já o que faça
Neste mundo avaro e vão,
Para exalçar tua graça
E possuir teu coração.

Teus doces labios propinam
Um amavio subtil;
Os passarinhos afinam
Sua avena pastoril...

Teu nome as flôres traduzem,
Teu nome, que é uma flôr,
Engrinaldam, reproduzem
Do plenilunio o fulgor.

Ouve: é a ventura que aponta,
Que, rindo, ao teu collo vem.
No azul Apollo desponta
No seu claro palafrem.

Por ora, quanta esperança!
Tens medo? Medo de que?
No mar, o sol se balança,
No lago, o luar se revê.

Está mais linda hoje a terra;
De aves o páramo encheu.
Mas o perfume que encerra
E' menos casto que o teu.

Partamos. A noite vela
A sua face immortal:
Maio tornou-te mais bella,
Tornou-te o céu mais ideal.

Juro-te! é toda a existencia
Que te lanço, humilde, aos pés.
Como são na tua ausencia
Meus pensamentos crueis!...

Não ouço, e só sei que vivo,
Quando me fallam de ti.
Ando algemado e captivo
Desde o dia em que te vi.

Meu espirito, meu rosto,
O logar por onde vou,
Guardam o mesmo desgosto
Que o pobre Werther matou.

Esperar! Que sorte dura!
Esperar, não é viver!
E' numa prisão escura
Envenenado morrer.

Do mundo ambos esquecidos,
Descerraremos o véu,
Longe, mar, dos teus bramidos,
Do teu furor, escarcéu!

Não se dá a gotta d'agua
Fragil calice a sorrir?
Dêm-me que eu possa esta magua
Em teu regaço extinguir.

Será este amor, acaso,
Ephemero noctiluz,
Trescalando como um vaso,
Pesando como uma cruz?

Oh! destino infando e rude!
Oh! soffrimento sem par!
Andei desde a juventude
A maldizer e a chorar.

A dôr foi o meu vagido,
Tu, exilio, o meu pregão:
Vi o valle desflorido
Emudecer no sertão.

Tambem, tu, musa estimada ,
Cala-te, cala-te, sim.
Vamos, parte, desgraçada,
Tuas algemas, por fim.

Depois do desastre

Pódes, Hespanha, crêr que são sinceras
Estas estrophes, de promiscuas côres:
Não menoscabam, porque as tuas dôres
São grandes como as glorias de outras éras.

Não menoscabam, não; que, raio a raio,
Te fulge á fronte a aureola que fulgia,
Quando a lança belluina de Pelayo
Barbaras hostes, célere, abatia.

Esse sanguineo lumaréu que, agora,
No immenso occaso de teus olhos sentes,
Se se debulha em lagrimas ardentes,
Guarda, comtudo, a irradiação de outr'ora.

E's nobre sempre, caprichosa dama,
Guirlandada no amor de tantos poetas;
Tens ainda no peito, a arder, a chamma
Das tuas mil vaidades indiscretas.

Despenham-se, como uma catadupa,
Teus milhões de cavallos alfarazes,
Com seus duros guerreiros pertinazes
A relampadejar-lhes á garupa!...

E' o que vejo, em sonho, heroica Hespanha,
Patria de Hercilla, berço de Moreto,
Habituada a trazer — que cousa estranha!
O arremessão ao lado do amuleto!

E a fumaça da carne dos herejes,
E o hereziárcha Jesus, perdoando o abutre
Que te devora os flancos e se nutre
Dos que com tanto empenho e ardor proteges?

E os amores infieis da Renascença?
E a Catalunha ás artes interdicta?
E os desvarios dessa fé immensa
Pelo genio de Cordova descripta?

Mas perdoam-te tudo, porque guardas
Do heroico Cid o olympico lampejo,
Embora enfraquecesses no manejo
Das tuas ponteagudas alabardas.

Chamam-te o espoliario, onde Toledo
E outras terras mais altas agonisam,
Alma de bronze, peito de rochedo,
Que os Egypans da Egreja canonisam!

Vimos-te, ha pouco, Hespanha, nos tornilhos
De uma guerra infeliz arremessada.
Choram ainda os tesos de Granada
E a gloria immarcessivel de teus filhos!

Os artimões já não cruzavam, ledos,
Dos longos mares as sonoras vagas,
Rasgando, aos olhos pasmos dos rochedos,
Novos caminhos para novas plagas.

Trocaste a lança pela castanhola,
O terrivel broquel pelo pandeiro,
E vergastou-te o rispido pampeiro
Que as nações fracas cruelmente assola.

Abateram-te o orgulho a flamma viva,
Que foi do heroico povo a heroica traça,
Não n'a apregôa mais a voz altiva
Do clarim, da bombarda e da fumaça.

Vás revessando, dolorosamente
A alma como uma lampada mortuaria,
A vasquejar na encosta solitaria,
Sob um amieiro, ao pé de uma corrente...

Tua cotta de malhas, em pedaços,
Parece, antes, um sordido abanico:
Eil-os já rôtos todos os baraços
Que estrangulavam Cuba e Porto-Rico.

Injusto fado, porque assim condemnas
A tão duro tributo alma tão nobre?
Porque hoje a deixas abatida e pobre
Tanto ultrage curtindo e tantas penas?

Porque, céu amarissimo, arremessas
Um velho povo que ajudaste tanto,
A' bocca, em fogo, das cruentas peças,
Indifferentes ao gemido e ao pranto?

Com que dôr, com que angustia lancinante,
Não te acompanha do funereo leito,
Rigido, tésto, impavido, direito,
O intemerato e valeroso Infante!

Do americano a impavidez serena
Teu nobre sangue pelo oceano espalha,
E a prosapia de seculos condemna
Ao repasto da rábida metralha.

Que mais deshonras te reserva a sorte,
Após tanto amargor, tanta desdita?
Um lar sem luz, uma nação proscripta,
A morte devorando a propria morte?!

A carniça a implorar dos corvos fartos
A mercê de a tirar d'aquelle anceio,
E arremessar-lhe os velhos troncos hartos
Para outro solo, menos rudo e feio?!

Os duros montes á miseria postos,
O convivio da fome e da loucura,
A covardia, o panico, a bravura ,
No mesmo leito sepulchral expostos?!

Que horrivel pesadello, que anciedade,
Vêr de sangue ensopado o chão da Europa;
E, invadindo cidade por cidade,
Da bellicosa morte a iniqua tropa!

Cuida de ti, da liberdade, agora
Assentada no viso de teus morros;
Que a luz que o povo pede corra a jorros,
Aventurosa Hespanha, Hespanha á fóra!

Sim, que haja luz e livre seja a terra,
Que no culto da patria se acrysola.
Qu'importa o temporal, qu'importa a guerra,
— Pródromo da Republica hespanhola?

Povo cavalleiresco, alma de ferro,
Que um duro jugo injustamente opprime,
Ouve: Se a monarchia é sempre um erro,
Na nobre Hespanha a monarchia é um crime!

Margarida roxa

Triste como uma viuva,
Noite e dia a suspirar,
Eil-a molhada da chuva
Ao pé de um rio a scismar.

Pobre Ophelia! O céu da roça
Tem variegado matiz;
Se elle é bom e tu és moça
Porque te fez infeliz?

Como a do Fausto, teu rosto
Só innocencia contém!
Não sei que fundo desgosto
Teu peito encerra tambem.

Na penhascosa vertente,
Se fallas, tão doce é a voz,
Que abranda o sol mais ardente
E o coração mais feroz!

Teu perfil, obscuro embora,
Deixa no chão tanta luz,
Como o daquella que chora,
Ainda hoje, aos pés de uma cruz.

Rainha, sem caudatarios,
Escrava, mas de Deus só,
Aqui nestes solitarios
Paços, onde o noitibó

Teceu o seu pouso agreste,
O seu nicho e o seu altar,
Mais de um lyrôdo celeste
Desceu para te adorar.

Teu olhar brando e sereno,
Posto no azul da amplidão.
Lembra o olhar do Nazareno
Erguendo o morto do chão.

O coração de Ephigenia
Palpita dentro do teu,
Fórma immortal de uma nenia
Que o céu na terra escondeu.

Múrmuro, terno abandono,
Enche-te o calix febril,
Quando, ainda tonto de somno,
Entra o bosque, o mez de Abril.

Margarida, Margarida,
Para colher-te aqui vim:
Vem commigo, flôr querida,
Minh'alma tambem é assim.

Dramas na selva

I

DUAS MOÇAS, caminhando apressadas

São horas já de recolher, irman.
O mysterio da noite ás cousas desce...
Dizem que por aqui, ás vezes, Pan,
Atraz de incautas nymphas apparece.

E que tem pello e chifres como um bode,
Como um bicho qualquer:
Gosta do vinho e do pagode
E, sobretudo, da mulher.

PAN, por traz de umas arvores

Que dois demonios! Que ar cheiroso e fresco
Transpiram ambas! Já não piso bem...
Deve ser um refresco
Delicioso a que na frente vem...

Uma, é clara, outra, morena...
As morenas são mais quentes.
Feliz de quem se envenena
Em duas taças ardentes.

Conto, é certo, milhares de aventuras...
Não longe, agora, me abrazando está
Uma dessas formosas creaturas,
Como em terras de Satyros não ha.

Sou tudo pelas damas, que ainda o sol
A tenra pelle não tostou,
E eu que não valho um caracol,
A propria vida por dois olhos dou...

Amantes tenho tido que me chamam
O cavalheiro mais gentil de Roma,
    E que nos beiços me derramam
    Beijos que embriagam como o Soma.

Indo ao encontro das duas moças

    Então viestes passeiar?
    Que lindas sois! As estrellas
Não brilham tanto como o vosso olhar,
Que me recorda as languidas novellas
Do tempo em que era cavalleiro o luar.

AS MOÇAS, com voz tremula

Senhor Pan, nós temos pressa...

PAN, emphaticamente

Sim, o filho adorado de Cythera!

UMA DAS MOÇAS, á parte

Meu Deus, que dentes! que barba espessa!
Nunca esta vasta e fulgurante esphera
    Vio uma cousa tão feia!
    Anda-me em roda a cabeça
    E o terror de mim se apossa!

PAN, com exaltação

De que vale a primavera
Ao pé deste anjo que atêa
As chammas do amor mais puro?

A' parte

E' mais bonita a mais moça...

Alto, dirigindo-se a esta

Deponho aos vossos pés o meu futuro...

AS MOÇAS, á parte

Que monstro!

PAN

Que lindas sois!

A' mesma

Podemos ficar os dois
Neste retiro sombrio.
Os passaros cantarão,
Saudando a nossa união
Por este ameno e deleitoso estio...

UMA DAS MOÇAS

Fujamos, minha irman, fujamos lestas,
Como as lebres perseguidas,
Por estas verdes florestas...

PAN

Não fujam, minhas queridas!

A mais velha consegue fugir, a outra é agarrada pelo deus, que a beija

Porque luctar? Verás como, em tornando
A' casa, todos te acharão mais linda.
Só mesmo a gente amando
E' que consegue ter
Algum consolo ainda.
Porque, de resto, viver,
E' a cousa mais natural...
Se bem nenhum nos faz, tambem não nos faz mal.

Derrubando-a na relva

Agora, quando o amor entra na vida,
Aduba-a de tal geito,
Que a alma fica mais nutrida
E o coração mais perfeito.

UM CAÇADOR, vendo-os luctar

Que patife! Já te ensino.
Vives a espreitar as damas,
E no meio de tanto desatino
Fazendo troças e epigramas,
Comes do bom e bebes do melhor.

Ouve-se um tiro. Pan larga a moça e cae ferido.

Estou ferido mortalmente...
Ah! caçadores brutaes!
Tambem com estes chavelhos pela frente,
E com tamanha cauda atraz,
Como não ser logo reconhecido?
Quem traiçoeiramente,
Por um tiro attingido,
Se não ha de lembrar, em prantos, do momento
Em que ia os dons do céu colher na terra?...
Levae, brisas da tarde o meu lamento,
O ultimo sonho que meu peito encerra.

O CAÇADOR, *cantarolando*

As raparigas formosas
De olhos ardentes e cabello fino,
Pódem descer ás fontes, descuidosas:
Morreu Pan — o famoso libertino!

PAN

Morro, sem a ter gozado,
Morro, sedento de vinho,
Como um milhafre apanhado
Fóra do ninho.
Toma-a nos braços, agora,
Parte esse fruto na bocca,
Fruto que o ardente Hypolito enamora...
A luz é tão pouca...
A luz da tarde que nos cerros mora.
O amor é a vida a palpitar em tudo;
E' a caricia invisivel das estrellas,
A armadura de prata e de velludo,
Manchada ainda do sangue das donzellas.

Tudo! Sonho, clamor, hostes, templos de Pallas,
Que serieis, se, acaso, a luz do amor faltasse,
Se nos rochedos asperos seccasse
O marulhoso Oceano e as delicadas alas
Dos favonios o Tartaro abrazasse?...
Haure-lhe, pois, o perfume,
Enamorado cultor:
Que vaso tem o seu perfume?...
Que fruto tem o seu sabor?...

II

UM COLIBRI, mirando-se

Qu'importa saber porque
As flôres me querem tanto...

AS FLÔRES

E's lindo e discreto... Vê
Como fulgura o teu manto!

UMA FOLHA SECCA

De desgosto já murchei...

AS AURAS

Pobresinha, murchou! Ah! como a vida é van!

O COLIBRI

Princezas, sou o vosso rei.
Nada eguala o meu reino, de manhã.
Minha existencia é um sonho,
Errante, feliz, risonho...

UM PASSARINHO

Se a sua garganta entoasse
Um hymno ás aves e ás flôres,
Ai! daquella que escutasse
Esse volatil Don Juan!...
Quantos suspiros traidores
Nesta morada pagan!
Quanto sol na serrania,
Quanto azul no firmamento!
A' margem do rio o vento
Os insectos espantando;
E, em cima, o aligero bando
Que os bosques enche, de dia,
Com seu brando pensamento.

UMA CAMELIA, ao colibri

Beija-me a bocca e furta-me num beijo
O coração que as pennas te namora.
Um soffrego desejo,
Meu amor, o devora!...

A LYMPHA, passando

Pobre louca! Pobre louca!

A GOTTA DE ORVALHO

Certo, não tem pudor
Quem offerece a bocca
Ao criminoso ardor
Dos que em procura de aventuras vêm.

UMA VOZ

Pudor! Mui poucos o têm:
Em qualquer campo ou cidade,
Para ser feliz, convem
Ter pouca moralidade.

III

Duas moças chegam ao bosque. Uma dellas, dirigindo-se a um sabiá

A MOÇA

Canta, é um consolo a musica, sabiá!
O poente abraza os cómaros copados...
Entre as flôres, tambem, dize-nos, ha
Queixumes e suspiros abafados,
Um não sei quê que ao pensamento traz
Uma ancia, uma saudade indefinida?
E isso tudo que, em summa, é a nossa vida,
Quem o faz e desfaz?

A OUTRA

O amor?! Quem é? Onde nasceu e quando?
Quem n'o tornou subtil como o perfume?
Quem n'o andou algemando,
Entre lamentações, aos pés de um nume,
E lançou-o, depois, louco e inconstante,

Por estes verdes páramos ridentes,
Dizendo-lhe num gesto triumphante:
"Leva o peccado, ave inconstante,
Ao coração dos inexperientes?"

O SABIA'

Vós mesmas, lindos beija-flôres,
— Corbelhas humidas, suspensas,
Cheias de perfumosas flôres,
Cheias de mysteriosas crenças.

Vós mesmas que aos crepusculos de Abril,
Viveis no fogo como a salamandra;
Alma de harpia em corpo feminil,
Serpe que imita o canto da calhandra.

Vós mesmas que um rumor febril de beijos
Espalhaes pelo frio campanario,
E accordaes todos os desejos
Em nosso peito solitario.

Vós mesmas que, n'alcova adormecidas,
Como um ciborio alabastrino e puro,
Encerraes as nossas vidas
No passado e no futuro.
Vós mesmas que, reunindo a graça á astucia,
Em negras furnas vosso amor lançaes,
Vosso amor, sol do inverno, sol da Russia,
Sepultado entre steppes glaciaes.

UM PINTASILGO

Entre nevoeiros, como o de Inglaterra...

AS MOÇAS

Somos, então, criminosas,
Nós que vivemos na terra,
Como as rosas?

O PINTASILGO

Vossos suspiros levam-nos a alma
Para um paiz longinquo e aromatico,
E ella fluctua nas ondas, calma,
Como uma gondola no Adriatico.

Porém, depois, formosas damas,
Com as mãos geladas e a alma inquieta,
Longe de vossas luxuriosas chammas,
Ajoelhamo-nos como um velho anachoreta.

UM BANDO DE POMBOS

O coração da mulher,
Homens, é um tumulo aberto;
Pobre daquelle que quizer
Arborizar esse deserto!

Ascenção do Mago

Absorto, o olhar que um sabio e omnipotente lume,
Guiando está pelos máos e ermos caminhos gastos,
Tenta do velho bloco espancar o negrume
E dar mais luz ao sol nos horizontes vastos.

O obscuro e infimo grão, arremessado ao campo,
Que se transforma em haste ou em comprida antena,
Em gotta crystallina ou doudo pyrilampo,
O mesmo olhar conduz como um actor á scena,

A vida multiforme e sideral dos astros,
Revolvendo-se no ar, colhe num lance de olhos;
E do atro e crebro Hyriêu, acompanhando os rastros,
Dá chilros aos vulcões e enleios aos escolhos.

Aldebaran com o seu famoso estema; o egregio
Rosto da pressurosa e loura Cassiopéa;
Pégaso de ignea crina, Orion de manto regio,
Do azul, sem fim, cruzando a rumorosa aléa,

Ao som dos arrabis, pelos verdes pendores,
Tiram o ar solitario aos cómoros tristonhos:
Que é que nos dão, sorrindo, estas campinas? — Flôres.
Que é que nos dão, brilhando, estes espaços? — Sonhos.

A esperança dá todo o aroma e toda a graça
A' planta e ao feminil contorno albente e leve;
A' sensual palmeira, amorosa, se enlaça,
Quando o brumoso junho a vem cobrir de neve.

O escassilho de um mundo agreste e abandonado,
Apanha, classifica, expõe, disseca, estuda.
"E' com certeza, diz, um astro desgarrado
De alguma esphera fria, avelhentada e muda."

Manes de Esdras, de Mog, talvez. Nunca se chega
A revelar a essencia omnimoda das cousas.
Parece que a alma humana ainda ficou mais cega
Ao descobrir mais soes, ao revolver mais lousas!...

Galga-se com terror o prodômo da morte!
Tange o ráfalo infrene o dorso da levada.
O solo é liso e abrupto, o odôr, insano e forte:
Vê-se á esquerda um lenteiro e á direita uma estrada.

A que terras vão ter esse atalho e esse poço,
Perdidos em tão frio e ermo logar distante?
Pois haverá quem possa adormecer num fosso,
Onde, estanque, agua eructa um limo horripilante?

O bamburral contorna uma especie de monte.
Não se percebe o que é, nem mesmo assim, de perto.
Não ha planaltos, vêde, ensombrando o horizonte,
Nem oasis, olhae, abrandando o deserto.

Ha craneos pelo chão e ventos flagellando
Do tenebroso Amenti as sandápilas núas;
E segue-se com horror o procérrito bando
Dos magros djins rondando as infestadas ruas.

Do damnoso paúl de treze boccas hiantes
Largo sudario envolve as purulentas hostes,
Os miseros, que vão com os passos vacillantes,
Torcer-se nas polés, desossar-se nos postes!

Devora-me, Jesus, o oleo que me propinas,
Para do insito mal amortecer as chammas:
Com voz ungida e pura, um novo rito ensinas,
Com um gesto vago e triste um novo amor proclamas.

Que visão é essa que hoje a todos nós aterra,
E a força multiplica aos mundos na carreira?
Que hei de pôr como um deus no meu altar? A Terra?
Que hei de reter nas mãos e interrogar? A Poeira?

Como tirar de toda esta simplicidade:
— Fibra, caule, botão, ricos vergeis floridos ?
De uma columna de ar tanta electricidade,
E tanta alma a sorrir dos nossos vãos sentidos?

Para que caprichar em velhas cousas falhas,
— Mizena, em teus anneis, Lacinia, em tuas vestes?
O austero céu etrusco em novos dogmas talhas,
Pastor, nas cathedraes, coveiro, entre os cyprestes.

Porque ao verde do campo e ao rofo azul das vagas
Côres varias de opala e escarlata misturas,
E atravessas, febril, homem rudo, estas plagas,
Em grosseiros galeões, em toscas náus escuras?

Não és mais lodo vil, dil-o outra vez Wallace,
Mas a gravitação espiritual dos mundos.
Deus falla em tua voz e brilha em tua face!
Dormi tranquillos, pois, philosophos profundos!

De toda a varia fórma inexpressiva e abjecta,
Que reveste e disfarça a vida subalterna,
Somos a alma immortal, a relação secreta
Entre a immobilidade e a agitação eterna.

Somos o eixo central, o nucleo effervescente,
Que a deslocada força espiritual condensa;
Que proclamou a fé num Deus omnipotente,
E conferio a graça, unificando a crença.

Renasce o amor. Em tudo um novo rythmo ensaia,
Honrando e enobrecendo o fragil ser humano,
— No Oceano que o lançou inanimado á praia,
— No barco que o tufão desmantelou no Oceano.

Ascensão ideal! O homem contempla e sonda
As Tempestades, o Ar, o Erebo, o Styge, o Savo.
Vai á praia e acharás, surdo, quem te responda,
Vai a Paphos senhor e voltarás escravo!...

O mundo nasce, canta; — é um passaro, é a aurora,
Achilles, pela sorte, um dia, emfim, trahido.
Olha; entrega esta taça á pobre Agar, que chora,
E este bordão, belluario, ao gladiador vencido!

Fabula, historia, sciencia, hypothese, chimera,
Compõe Homéro — o enigma illustrado por Danco.
Rompe na haste o botão, renasce a primavera,
Com um lindo véu á fronte e um verde manto ao flanco.

A Eneida, o Paraiso, o Rolando, a Pharsalia
E os Luziadas são satellites de Homero.
A Hellade engrandecida appareceu na Italia,
Nos ciumes de Aristhêu, nas prophecias de Hero.

Job é o embryão colosso, o mal que o bem provoca;
Um sol de meio-dia entre ulceras e moscas.
Que é que essa carne exprime e essa immundice invoca,
Em apólogos vãos e parábolas toscas?

Flagello e obscuridade. A' sublime demencia
Job ascende e prepara o drama do Calvario.
No olhar, quanto perdão, na voz, quanta clemencia
Não vos estão ungindo, ó viajor solitario?!

Eschylo tumultuoso e vario como a espuma,
Embrandece a torrente e as Oceanides loucas.
Com a incorruptivel flamma as amphoras perfuma,
E arrebata num beijo as cobiçosas boccas!

Jehovah conclama em Job; Pan em Lucrecio assoma;
Lucrecio — o pescador das perolas de Tylos,
Da côr, do som, da lava a tunica retoma
E sobre o Bosor lança a horda negra dos Psyllos.

O espondêo fabuloso e áspero de Lucrécio,
Como o elephante vai tambem beber no Oronte.
Um deus arrasta-o, um sopro omnipotente aquece-o,
Quer appareça, quer decline no horizonte.

Oh! de Segher — a Santa — o perfumado incenso!
Oh! cume de esmeralda, Smaragdhú chamado,
Vivos, ardeis em mim, se, acaso, ausculto ou penso,
Nessa montanha abrupta ou nesse antro abrazado.

Rescende nos crystaes a alma de Tadamóra;
Do arabe errante a esparsa, o épodo, a melopéa:
E' com teu sangue, Cós, que a natureza enflora
A agonia do drama, o estertor da epopéa.

Lucrecio observa o espiolo e interroga os espectros,
O Cytherum abrazado e os caniços do Naxos,
As grimpas colossaes de mais de dez mil metros,
Sangrando nos grilhões, rugindo nos espaços!...

Viajor detem a marcha. A galera sanastrea
Do altiloquo pelagio o eburneo disco apaga.
Cheiroso nardo espalha o vento... os remos a astrea
Prôa impellem, subtis, mergulhando na vaga...

Labareda a poesia em torno do Aventino!
A grave e austera voz de Juvenal flammeja.
Que faz esse gigante, a badalar num sino,
Se os heróes ainda estão cansados da peleja?

Tacito — o historiador — suppre o poeta violento.
Se um condemna, o outro pune os Césares malditos,
No meio do festim, no altar sanguinolento,
A' chufa dos bufões, aos pés dos favoritos.

Tacito é a humanidade, o ferro em braza, o açoite,
Que retalha dos reis as carnes luxuriosas,
O sublime carrasco assombroso que, á noite,
A's victimas enxuga as lagrimas copiosas.

Uma obscura poesia espectral acompanha
A alma no seu fadario, o astro no seu roteiro:
Dá mais sombras ao bosque e mais lume á montanha,
Onde, pallido, Alguem sangra sobre um madeiro!...

O Apocalypse — o quasi insensato idéalismo,
Que uma explosão genial de horrivel castidade,
Tornou o doce e atroz poema do paroxismo,
Esboça antros e sóes na mesma obscuridade!

João de Patmos soluça... O cynismo elegante
Da lyra grega o affronta em seu tristonho poente.
Uma philosophia acerba e allucinante
Brota e ferve em cachões no baratro inclemente.

Deus desenha-lhe, á luz da lampada mortiça,
A estrada que vai ter do Hebron ao Paraiso,
E o apostolo proclama a igualdade e a justiça
Com o seu ar enigmatico e o seu gesto conciso.

Arrogante, eil-o agora a fitar de Cobares
A barbara postura immovel e violenta.
Eil-o em Paros prégando, eil-o scindindo os mares,
Onde Jehovah melhor seu claro rosto ostenta.

Paulo é o grande prodigio entre o divino e o humano,
Porque é a conversão — esse soberbo espanto! —
Enche-lhe o duro olhar um clarão sobrehumano,
Alguma coisa mais do que o esplendor de um santo.

Soffrer aos pés do Christo, acompanhar a meiga
E ineffavel visão que o Evangelista inspira;
— A sombra, a aurora, o raio, a illuminar a veiga,
Que entre beijos sorri, e entre canções suspira,

E' a suprema ventura, o bem nunca alcançado,
Que tu, homem cruel, nas orações exhortas,
Em cima, no torreão do castello assentado,
Ouvindo o mar que lembra a voz das cousas mortas...

Mas que somos, emfim, no turbilhão radioso,
Que vem de Roma e Orphêu a Ferdousi e Calvino,
De Babylonia em festa, a Rimini em repouso?

Nós, o barro, Senhor, vós, o oleiro divino.

O Berjacote

O berjacote é um figo saboroso:
A fina pelle um nectar lhe avermelha.
Não ha, talvez, fruto mais delicioso
Do que esse fruto que põe tonta a abelha.

Embebeda os insectos, como um vinho,
A espumejar em purpurina taça.
A' tarde, quando volta o passarinho,
Como audaz caçador que vem da caça,

Traz nas azas o sangue desse fruto,
A embriaguez que as tyrses amadorna;
E o berjaçóte púrpuro e impolluto,
Mais impolluto e púrpuro se torna.

Tua bocca é da côr do berjaçóte,
Sobre rubis e perolas se arqueia...
Beijo não ha que a sua taça exgotte,
Porque ella está constantemente cheia...

Tanto que o beijo a polpa lhe belisca,
O vinho jorra, incende-se o horizonte!...
Triste daquelle que a beber se arrisca
O doce mel que corre nessa fonte...

Mysterio

Rosea nuvem fugaz, solta no espaço,
Acolhe o sonho que me afflige e exalta,
Quando cuido depôr-lhe no regaço,
Com o meu coração, a minha falta.

Amo-a... e ignora-o decerto. Ah! sei que o ignora...
Fallar-lhe nisso o proprio amor se obstina.
Eil-o, no emtanto, no fulgor da aurora,
No sussurro da aragem vespertina.

Vive tão só, tão fóra deste mundo
Que é loucura buscal-a ou pretendel-a:
Debalde! Em baixo estronda o mar profundo
Serena, na amplidão, refulge a estrella...

Como fazer chegar o meu suspiro
Aos seus castos ouvidos desattentos?
Quem ao recesso do sagrado Epiro,
Em carmes, levará meus soffrimentos?...

Oh! não! Recalque o peito as duras maguas;
Não saiba a flôr o que o favonio aspira.
Calem os écos, calem estas aguas
O doce nome que meu estro inspira.

Vencida

Um beijo! Toda a vida universal
Rindo, cantando, em extase, em delirio!...
Veneno que faz bem, em vez de fazer mal,
Eden no inferno, gozo no martyrio!

O doce e claro céu arde, scintilla, estúa
Na tua voz, na tua bocca, em chammas.
Ao sabor da corrente a nayade fluctua...
Dormem os Euros pelas verdes ramas.

"Assim, mais um... mais outro..." Ao longe brilha
A estrella da manhã, de aureo lampejo.
"Anda, não temas, filha!
Que tolice insistir depois de um beijo!...

Alcéa

Que sons á orchestra de meus versos dar,
Quando, como um levita, erguer o calix
Para em teu nome o espirito saudar
De quem por estes montes e estes valles
Anda tão lindas cousas semeando?...
Surge, repara, atraz de um morro, a aurora...
O bom Deus pela mão a vae levando,
Como docil menina — estrada fóra.
Que rumor nas colméas e nos ninhos!
Tudo ri, tudo canta, tudo brilha,
A estrella d'alva — a irman de minha filha!
Quando accorda no bosque os passarinhos

Ciume

Tu, que o insensato olor do Averno trazes,
Polen, que queima, aroma que enlouquece,
Rugir, chorar, morrer nas chammas fazes
Quem de amor vive, quem de amor padece.

Ciume de Othelo, a flammejar na treva,
Entre broqueis e lampadas quebradas,
Manto de Nessus, ancia que nos leva
A alma e a vida n'um grito arrebatadas,

Feliz quem tão damnoso incendio atêa
Em branca neve, em rocha deshumana,
E num calix de flôr desencadêa
A colera de Juno ou de Diana!...

Fructo prohibido

Tenra gramma, não longe, tasquinando,
Dois carneirinhos de alvo pello estão.
Canta um corrego ao pé... vae declinando
O sol na immensa e rútila amplidão.

"Que lindo cacho!" E ia apanhal-o. "Espera,
Espera, louco; é o fructo do peccado.
Teus fogos susta, teu ardor modera;
Tem dó de um fraco peito enamorado..."

Depois... Eil-o colhido o pomo de ouro.
E, vêde, o sol, tambem, morreu no accaso.
Onde o crime occultar? Como o thesouro
Fazer, de novo, florescer no vaso?

A collina

Da sua trança a languorosa essencia
Coava-se em lenta e múrmura cascata;
E em su'alma abrigava-se a innocencia,
Como uma Biblia, num tachim de prata.

Ledos, transpondo o roseo Oriente, vinham
Tingir-lhe as faces arrebóes dourados,
E as madresilvas o halito continham
Para lhe não marear os pés nevados.

Os mais cheirosos lyrios do caminho,
Por um olhar, davam-lhe todo o aroma:
E doudejava o sol de ninho em ninho,
Lançando ao vento a desgrenhada coma.

Desabotoando o pecego escarlate,
A tenra polpa turgida, pedia
Que ella o escondesse dentro do açafate,
Onde guardava os frutos que colhia.

....

Fiz do meu coração uma collina,
Adornada de flôres caprichosas,
E encerrei essa estrella pequenina
Num pequenino carcere de rosas.

Chamavam-n'o o jardim das esperanças,
O paraizo dos adolescentes,
Em que, juntas, a rir, duas creanças
Misturavam seus beijos innocentes...

Tentilhando, entre as arvores, dobradas
Em leque, sobre as múrmuras cachoeiras,
Ficavam pelos galhos penduradas,
Como em Dezembro, as mangas nas mangueiras,

As esperanças, que, ao romper do dia,
Em grupos, vão pelo horizonte fóra,
Ouvir no olmedo a voz da cotovia,
Onde o pudor de Eloá, soluça e chora...

Tumultuosa e estridula revoada,
Anhelante de sol e de carinhos,
As arapongas, pela madrugada,
Ledas, sahiam dos sonóros ninhos.

Leves fremitos de azas, perfumosos,
Do ether o manto diaphano moviam,
E os sitibundos passaros saudosos
Amor nas fontes lacrimaes bebiam.

Pelo rulo das pombas, mansamente
Nos floridos laqueares acoitadas;
Pelo fulgor das aguas e do Poente,
Rutilando entre nuvens abrazadas;

Subiamos os dois ao Paraiso,
Abraçados no mesmo pensamento:
Que noites de luar em teu sorriso!
Que sorrisos no nosso firmamento!

Por isso, á noite, quando, a sós, percorro
Esse pomar, de sonhos despovoado,
Aos poucos revivendo, aos poucos morro,
Com as recordações do meu passado...

Sotainas

Era de vêr Borgia entre as damas núas!...
Cesar — o papa, o amante, o vario, o forte!
Ledas, na dansa, hordas de amantes suas,
Riam de Deus, da prédica e da morte!

Riam!... As gottas de rubi nas pomas
Ganhavam lume estranho entre os convivas!
Que cheiro alacre, que infernaes aromas
Das taças voavam entre urrahs e vivas!

Era um banquete nupcial. Lucrecia,
— A mais garrida deusa da luxuria —
Rival da insigne barregan da Grecia,
Tomada ao toast de amorosa furia,

As roupas despe... Ha contorsões na mesa!...
Folga o papa, ardem carnes pelo ambiente!...
"No thalamo és a olympica princeza,
No altar a mesma divinal serpente!"

Disse Cesar. A orgia se avoluma...
O fulvo sangue da uva o enleva e exalta.
A canção de Lucrecia entre *ohs!* espuma.
Tocam-se as mãos... incende-se a ribalta...

Vão os écos da festa até Ferrara...
Não, toda a Italia os ouve. O mar convulsa.
A noite, em pouco, se tornou mais clara,
E com longo fragor Arezzo pulsa...

As mulheres ainda são mais loucas
De que os seus impudentes namorados!
O vinho accende mais paixão nas boccas...
Eil-os já sobre púrpuras deitados...

Gozam á luz de velhos candelabros...
Que furiosa nudez a desses pares!
O lodo afflue como nos volutabros...
Gemem as flautas, queimam os altares!

....

Vêde, Senhoras, como em Roma, os frades
Em sordidos alccuces vos lançaram,
Correndo ruas e saltando grades!...
Oh! como a ardente Hespanha apostemaram

Esses ferozes bispos e primazes!
Quanto ouropel sobredourando o incesto!
Quantos monges foliões, como rapazes,
Vos não polluiram nesse asylo infesto!

Quantos, miseras, quantos! Seus amores
Ainda hoje em voluptuosos leitos ardem!
Deus de clemencia, ouvi nossos clamores,
Que os castigos os fados não retardem!...

Vêde Turim, Florença, Milão, Roma,
Napoles, tudo, em chammas, se contorce!...
Se a Egreja, pois, vive como Sodoma,
E' justo, oh! céus! que o mundo se desforce!

Que o mundo pelo seu direito insista;
Que o homem, de novo, afie as armas do odio;
Que conspire, que incite, que resista,
Morrendo, mas matando como Harmodio!

Vêde Paliano — o negro e horrendo forte! —
O Balze e o Ceppi, mais cruel ainda;
A dôr atroz de Batistelli, a morte
De Gazzi, que, entre horridos gritos, finda!

Vêde, Senhor, Buononi e Dominico
E o covil de Sonino, onde uiva a fera
Antonelli — gastronomo e impudico —
Que a Italia em lodo e sangue andar fizera.

"Oh! Sonhos de Antonelli! Oh! serões ternos,
Oh! caricias na alcova perfumada!
Teus olhos fervem como dois infernos!
Como me abrazam, minha doce amada!

Qu'importam hostias junto destes seios,
E o crucifixo ao lado destes braços?
Meu sangue, meus suspiros estão cheios
Do divino furor dos teus abraços!...

Beija-me a bocca, affaga-me em teu collo...
Assim... Morram a Egreja e os seus altares!...
Morram... que eu só adoro um santo, é o solo
Que, deslumbrante e esplendida, calcares!...

Ama-me, louca, ama-me, o céu o ordena!
O amor é o pallio, é o nardo, é o oleo puro;
Tudo o mais, ouve, é planta que envenena,
E' fraqueza, é demencia, é esconjuro!"

Assim fallou o cardeal. Amando,
Como ninguem, o leito luxurioso,
Ia a incasta existencia atravessando,
Calmo, feliz, sereno, descuidoso...

Eis a imagem de todo o clero: bôa
Mesa, beatas, vinho a rodo, em summa.
Entre as gentes, na rua, o ar abotôa,
E, qual a sua religião? — Nenhuma!

Nenhuma?! Sim, nenhuma. A fé que inspira
Aquelle culto vão é deleteria.
Pois bem, homens, varrei essa mentira
Que vos vae corrompendo a alma e a materia.

Lyrio profanado

Na alva casinha que emmoldura a rocha,
Plantada á beira mar, ella habitava,
E alli, onde a bonina desabrocha,
Seu coração, tambem, desabrochava...

Pelo verão as andorinhas vinham
Ninhos tecer e esvoaçar em roda,
Ah! que perfumes némuros continham
Todas as flôres, a floresta toda!...

Linda payzagem, pelo campo fóra,
Dava uns tons de esmeralda á cada gruta.
Sorria o vento que nas ondas chóra...
E eu, entre beijos, lhe dizia: "Escuta!

Escuta! Ha tanto olor na planta, ha tanto
Queixume solto pelos arvoredos...
Ha citharas nas folhas do amaranto
E rouxonóes nas pontas de teus dedos..."

Feliz quadra foi essa em que, correndo
Pelos vergeis, passavas e sorrias!
Tudo, porém, foi desapparecendo
A' proporção que desapparecias!...

Com que avidez meus olhos devoravam
A miniatura de teu tornozelo!
E, depois, com que uncção se debruçavam
Para beber na onda de teu cabello!

Quanta vez minhas lagrimas andaram
Pelo teu hombro, em busca de um abrigo!
Quanta vez no teu lenço não rolaram
— Pobres despojos, dentro de um jazigo!

Hoje, teu corpo, onde relampadeia
A volupia que o espirito calcina,
E' para o meu olhar, como uma Egreja,
Edificada sobre uma collina...

Conselho

Vem: tens aqui, gorgeando o sol, junto do lago;
Tens aqui, o teu nicho e o teu altar, querida;
Debruçados ao longo da avenida,
O beijo, o olhar, o céo com que te affago,
O rythmo de meus cyprestes,
Como os trasgos de Hamleto, ou os duendes de Orestes.

Vem: tens a lagea fria, o derradeiro lume...
Palpa bem este chão, palpa bem esta porta.
Quero ainda o teu perfume;
Quero-o, apesar de pó, quero-o, porque estás morta!
Meu coração é um predio em ruinas:
Entra, sem despertar as outras inquilinas.

Misera! Por aqui, sem ninguem a taes horas,
Fechando corações e tumulos abrindo!
Em que casebre pobre e triste moras,
Triste e pobre creatura,
Gargalheiras e algemas conduzindo
Por esta estrada tortuosa e escura?!

Volta... Não andes só por estas ruas...
A mulher que anda só, quasi sempre tropeça
N'um beijo de D. Juan, perfido e rebalsado!
Depois, o vinho e o amor... depois, as fórmas núas...
Um epitaphio á mesa, um diadema á cabeça,
E, impassivel, de pé, a miseria ao seu lado.

Prazer dos Deuses

Da sombra do leão, timida e apavorada,
Foge a linda Tisbéa. E's tu que ao meu tormento,
A' branda luz do luar, nos bosques derramada,
Foges, lançando o véu e niveo e revolto ao vento.

Sou eu que subo, á noite, o alto muro troyano,
Para lançar em frente ás tendas dos hellenos,
Toda a dôr que é capaz um coração humano
De fundir em soláos, de retalhar em threnos.

Vê, sou Troylus e tu, Créscida adormecida,
Em cuja voz o céu um terno fogo accende;
Créscida, para quem a belleza da vida
Em tudo falla, em tudo anceia, em tudo esplende.

Juras? Qu'importa? A festa ouvio-as, hontem, ledas,
Risonhas, ao clarão primaveril, fulgindo.
Psythia da ociosa Idalia, em cujas labaredas
Tibullo andou gemendo, Ovidio andou sorrindo.

Eu Tibullo imitei na ternura e na queixa,
Na anciedade febril com que ia entretecendo,
Nessa hora de ouro e azul, a lacrimosa endeixa
Que toda a alma contém, ou gozando ou soffrendo.

Que loucura espalhou esse incenso em teu nicho,
E lubrica, t'o alçou, depois, como uma oblata?
E, assim, te fez rolar de capricho em capricho,
A esse andrajoso anciar que o tumulo remata?

Arrogante, bizarra, entufando-se na haste,
A corôa vernal ao rude estio ornavas.
Quanta lama, infeliz, pelos salões deixaste?
Quanta, no leito impuro em que te rebolcavas?

Leito inflammado, como o coração de Marte,
Pelo filtro infernal de Venus, a que estranhas
Forças confiaste, insano, a espada e o talabarte
De quem por ti vencera esgarrões e montanhas?

Louca! aos meus pés, agora, as carnes deturpadas,
As mãos febris, a voz arquejante e submissa,
"Perdão!" murmuras. Louca! e as horas angustiadas
Que arremetti os céus e deprequei justiça?

Soffre, e as miseras mãos, que dois lustros mancharam,
Cosam o sindon frio: a lampada mortuaria
Accendam, que o ar, o fogo e o altar que profanaram,
Não profanarão mais na tumba funeraria!...

Que nectar delicioso a tua dôr propina!
Que conforto ha na augustia horrivel que te agita!
A vingança, em verdade, é uma graça divina,
E o saber desprezar uma força infinita!

Ramo preferido

Sim, deste lado... O sol, que, do alto, inflamma,
Os morros, não te creste o floreo alento;
Não te confunda na abrazada trama,
Luz — mistura de flôr e pensamento.
Como no bosque o passaro canóro,
Vôa, o perfume dos vergeis buscando,
Longe... teu seio carinhoso imploro,
O soluço das aguas imitando.
Longe... meus olhos perdem-se no espaço...
Buscam, em vão, o ethereo paraiso,
— A divina mansão do teu regaço,
— O celestial jardim do teu sorriso...

A nevoa, o insecto occulto na brómelia,
Guardam do augusto olhar a infinda gloria:
A folha que murchou ao sol, constelle-a
Da nympha infiel a tragica memoria.
Barulhos d'agua, fontes mysteriosas
Pelos dominios apollineos, desçam.
E no tope das serras luminosas
Seus véos arranquem, seu pudor esqueçam.
Não da Tauride filhos, mas do rito
Que a florescente Samos adormenta.
Sois, a um tempo, a esperança do proscripto,
E o delirio que Cypres aviventa.
Cypres, núa a sorrir, Cypres que Marte
Retem nos braços, languida, dormente,
Não cesse o louro pagem de adorar-te,
No sólo adusto, na lustral corrente!
Outras, que a doce voz de Anachreonte
Nos verdes galhos acordou. mais cedo,
A canção nupcial ouçam da fonte
Que a luz dos olhos apagou do aedo.
Sim, do barbaro a escura divindade
Trama vinganças e planeja insidias:
Em vão: Venus transpõe a eternidade
Num pedaço de marmore de Phydias.

Vamos, és como a deusa que Vulcano
Nas finas malhas surprehendeu, ditosa;
Venus de Milos, perola do Oceano,
Que ó Olympo exalça na onda sonorosa.
Vamos, do novo aedo o lume apaga,
Não com esse gesto, com esse brilho falso,
Mas com o fulgor dessa promessa vaga
De quem, tres vezes, se perdeu no encalço.
Eis o termo da estrada, eis o remanso,
Em celestes arminhos, escondido;
Eis a ambição, por cuja escada lanço
Meu cantico, meu sonho, meu gemido.
Numes e turbilhões radiosos vastos
Plainos matizam, celebrando a aurora,
A aurora, a irmã dos teus amores castos,
Que o Eden grego de marmores enflora.
Virgens, tambem, atropeladas, correm
Pelas revoltas, salitrosas plagas,
E os venturosos naufragos soccorrem,
Ao embate dos ventos e das vagas.

Vamos, o Idyllio hellenico eternisa
No verso, no painel, no som, na pedra:
Verte na estrophe a lagrima de Heloisa,
No bloco accende a colera de Phedra!
Quem teu culto exalçára? Quem teus beijos
Em tão formosas linhas insculpira?
Quem te inundara de eternaes harpejos,
Na ave que geme, na onda que delira?
Quem, Helena, mais ternos amavios
Possue na voz, que a propria neve inflamma?
Quem a uma alma sem fé e a uns membros frios,
Restitue o vigor, a fé, a chamma?
Tu, amphora sagrada, a cujas bordas
Cheguei meus labios tremulos, sedentos;
Lyra, que os doces sons de Evandro acordas
Em meigos e divinos pensamentos...
O flavo mel, que Corydon colhera
Entre os labios de aligera Camena,
Aqui, nas alvas carnes accendera
Da prófuga Orethya, o gozo, a pena...
Aqui, clara manhã, múrmura, sôa
De um nome a branca e sideral cadencia,
E, após, nos corações das aves, vôa
No mesmo azul, na mesma adolescencia...

De Helena o terno ardor os arvoredos
Cantem, lá, onde a chamma etherea mora;
Lá, onde as aguas nos penhascos tredos
A's lyras tangem, mal desponta a aurora.
E tu, radiosa Thetis, que o infinito,
E gemebundo mar, lubrico, abraça,
Leva-me o coração, tambem, que afflicto,
Nos recifes do amor se despedaça.
Leva-m'o. O sacro nume e a sacra flamma
Restituam-lhe a fé, que se extinguira.
Como, sem ella, o tom mudar á gamma,
Com que Orpheu os penedos compungira?
Foi tão rapido o instante! O plenilunio
Pelo verde das frondes se embalava.
Não sei que ar era aquelle de infortunio
Que por todas as coisas se espalhava...
Não sei. Seus merencorios olhos davam
Um aspecto sagrado á alcova, em sombras...
Suspiros mysteriosos acordavam
O infinito silencio das alfombras...
Ah! mais um dia só, e eil-os dispersos
Meus idolos, meus sonhos, meus amores!
Que ides colher, ó flôres, nos meus versos?
Que ides, ó versos meus, haurir nas flôres?

A fé que nasce nas regiões ethereas,
E em nossos olhos humidos resplende?
Que entre beijos e lagrimas sidereas
Seu véu de estrellas sobre a Terra estende?
Bem sei, que te não dóe minha lembrança,
Bem sei. Bemdigo, emtanto, a crueldade
Com que me vaes urdindo na esperança
Os tristes fios de ouro da saudade.
Tristes, como as capellas funerarias,
Como o estema de Ophelia amortalhada.
O' fria tumba, as notas solitarias
Desta canção, deixa ficar na estrada.
Ali, onde entretece o berço ledo
O innocente e mavioso gaturamo.
Faze, tambem, plectro, como o arvoredo,
Que em lamentos se esvae por um só ramo.
Seja a saudade o ramo preferido.
A' orla da estrada, onde farfalha o vento,
Todo o inferno exhalado num gemido
Pela bocca de um unico instrumento.

O fakir

Macerado fakir, constantemente
A' neve, á chuva, ao sol, ao fogo exposto,
Das rugas pelo curso indifferente,
Quanta saudade não te sulca o rosto?

A pelle rôxa pica-te o moscardo,
E a cobra, aspera e mole, em torno, ondeia
De teu corpo, deitado sobre o cardo,
Ou sobre um combro de candente areia.

Prostras-te, mudo, á beira de um jazigo,
Como se a alma te houvera abandonado,
E da contemplação do teu umbigo
Voltas, sem ter dormido, nem sonhado.

De esborcinada nave o ser arrancas,
Como um verme do fundo de uma chaga,
E o odor feral das tuas barbas brancas
Pelas ruinas do templo se propaga...

Em que ciborio, mysterioso e santo,
Guardas o coração — hostiario de ouro; —
Sem que a corrente augusta de teu pranto
Entôe o hymno de amor que sáe do chôro?

Quem surprendera no vernal anceio,
Agitando-te o corpo inerme e exangue,
Um beijo ardente alvoroçar-te o seio,
Um sonho impuro corromper-te o sangue?

Nada te prende á terra, alma impoluta,
Com outros olhos outros céus devassas,
E, longe da ambição, longe da luta,
Não conheces nem gosos, nem desgraças.

Tudo te chama á placidez ignota
De uma existencia ao peccador vedada,
E sobre a margem dessa luz remota,
Feliz, esperas a hora desejada.

Porém, nós outros que não conhecemos
Da religião a terra santa, andamos
Tão humildes, tão tristes, que trazemos
No rosto a côr das dôres que choramos.

Infelizes que somos! A esperança,
Que é o batel que nos salva na procella,
Já na crista das vagas não balança
A silhueta de enfunada vela...

Transpondo, alfim, o túrbido carreiro,
Juntos chegamos ao funereo porto.
Quem tem, fakir, mais sangue no madeiro?
Qual de nós foi o vivo, qual o morto?

Tu ás espheras rútilas te elevas
Entre flôres e canticos risonhos...
E, emquanto a minha cella enchi de trevas,
A tua, ao luar, desabrochava em sonhos...

. . . .

Se uma oração, ao menos, conseguisse
Rezar o meu espirito descrente,
Talvez minh'alma nunca mais sentisse
Tudo o que sinto e que o fakir não sente.

Prece

Já me não sobram lyricos momentos
Para seguir dos sonhos o rumor.
— Rumor que abranda a colera dos ventos.
— Echos do meu amor.

Mysteriosas folhas agitadas,
Ao sabor das aragens matinaes,
Porque vos vejo frias e fanadas,
Como cyrios claustraes?

Acaso, com as tuas companheiras
Abandonaste, Rosa, este rosal?
Que te fizeram, dize, estas roseiras.
Fizeram-te algum mal?

Não vês que quanto sabes, aprendeste
Nos muitos versos que te offereci.
E, que, nascendo tu, como nasceste.
Para te amar nasci?

Como querem teus labios impolutos.
Que encerram, como a aurora, tanta luz.
Que sejam só de lagrimas os frutos
Que esta arvore produz?

Fazes-te, ingrata, surda ás minhas preces.
E assombra-me essa perfida mudez:
Se me não queres mais, se me aborreces,
Mata-me de uma vez!...

Falla, qu'importa ao navegante a trilha,
Se o mar o vê desprevenido e só...
E ser, sem teu amor, o astro que brilha,
Ou um pouco de pó?

Tem piedade, uma vez, cruel! Concede
Que, livre, o meu soluço aos teus pés vá:
Ou, então, ao Senhor, de joelhos, pede
Que me leve de cá.

Chamma espiritual

Dadiva, sim, que aspiro e affago e aperto e enleio
Numa das chammas em que vou morrendo e amando;
Ou num sonho em que verto o que póde num seio
Estar sorrindo, estar soffrendo, estar cantando...

Com que beijos teceste esse obulo divino?
Com que almas fabricaste esse mel celestial,
Que, haurido numa estrophe, abraza como um hymno,
E num raio de sol, cheira como um rosal?

Canção, canção de amor é tudo quanto pisas,
Quanto teu vôo arrasta em musical transporte,
Misturando ao rumor dos lagos e das brisas
A nossa vida, o nosso encanto... a nossa morte!...

A nossa vida, sim, a nossa vida errante
Por infindos cardaes, alvos, sobre alcantis;
Ou dedilhando, absorto, ao selenta distante,
Suas lamentações em trovas pastoris.

Morte, que em floreos dons eternos exhubera,
Morte, que novos céus e novos mares creia,
Ouvindo em cada raio a mesma primavera,
E achando em cada flôr a mesma taça cheia,

Faze que essa visão de orbes desconhecidos,
Que esse estranho rumor de terras, ainda em brumas,
Pelos duros parceis psalmeiem confundidos
Com o macabro sairé nocturno das espumas...

O' linda rosa que a manhã em tenues laços
!Com lascivo desvelo entreabria a sorrir.
A que cruz docemente entregarás teus braços.
E a que céus, como um anjo, irás depois subir?

Amar! Subir do mago enleio de Tibullo
Ao Cytherum, que um sopro olympico desgrenha;
Confinar com o archanjo e a larva; ir n'um arrulo
Do óvalo á torre, da haste á fronde, do horto á brenha!

Amar! A urna verter de Cynthia na espaldeira,
A que se enflora o idyllio, a que se enrama o luar;
Voar no sonho de Leda e refulgir na esteira
Que deixa o barco pela immensidão do mar!...

Ou de Ovidio a ternura, em módulo queixume,
Levar ao leito em que arde o corpo de Corina...
E estremecer na vaga e esvoaçar no perfume,
Onde, vivida, estúa a lampada divina!

O' cantico, ó suspiro, ó lagrima, ó desejo
De sopitar da carne o anhélito pagão,
E reaccender a chamma espiritual do beijo
Em teu collo, Stambul, em teus labios, Sarão!

O profanado barro ás celestes planuras
Sublimas; o furor do pélago quebrantas,
E enlevas a sorrir todas as cousas puras,
E evocas a sonhar todas as almas santas!

Do Thabor

Eil-a, impura, a carpir nos sombrios espaços...
Para que ara inflammada ergues, anciosa, os braços,
Terra esmarrida, terra em brazas, terra em ossos?
De que herculeas paixões foste, acaso, os destroços?
De que refertas, o orco, a arena, o adarve, o fojo,
— A deshonra de pé, a virtude de rojo?
Sim, de refertas, Terra, altareira e arrogante!
Mostras, como um prognata, a mandibula hiante,
De cuja alma procaz o velho instincto irrompe,
Qual da candida flôr que Neptuno corrompe.
Da abegoira ao fulgor astral, o mesmo orgulho!
Em cima, a irradiação dos astros; o marulho
Das ondas, de roldão, pelos parceis, em baixo.
Agitas, polinctor, nos tumulos o facho
Que a morte te confiou, e esperas, silencioso,
A alma cheia de horror, o instante tenebroso
Em que, tambem, os pés e as mãos atadas, frio,
Sentirás pelo corpo o mesmo calefrio.
Velha e estulta obsessão a tua! Andar aos roucos
Mares a descantar anceios vãos e loucos!...
Que te vale, ante Deus, a pórfira festiva,
O triumpho pagão, a Grecia rediviva,
Ou todo o amplo caudal invisivel dos sonhos
Grosso, escuro, a espumar em barathros medonhos?

Que te vale arrastar ouropeis pelas salas,
Se vaes rolar, depois, na podridão das valas,
Postular o perdão, aturdir o presidio
Com a lembrança da festa e a projecção do excidio?
Oh! numes, que alentaes a seiva incandescente,
E nas tumbas vibraes o latego inclemente,
Não a deixeis morrer, quando findar a dansa,
Entre um beijo de amor e um raio de esperança.
Fazei que a pedra sinta e comprehenda que encerra,
Não a porção rocal e inanime de terra,
Mas alma, como tu, Nestor, como tu, Paris,

Vaniloquos, lá vão, de praia em praia, os mares,
Com os seus idolos vãos, com os seus anceios rudos,
Seus soluços, seus ais, seus pensamentos mudos...
Mas a que ponto incerto irá ter esse obscuro
Instincto de construir tambem no lodo impuro
A sua liberdade e a sua omnipotencia?!
Alta revelação, vaga clarividencia
Do ser e do não ser... Assombro a assombro inquire,
Quem com mais nobre afan o grande cyclo admire,
Em que se preparou a sideral mudança,
E a onda esqueceu na areia, auricerulea e mansa,
Um cantico que ouviu um anjo entoar no Empyreo.
De tudo trescalava a pureza de um lyrio.
Bronteu, que é do trovão uma caricatura,
Vaso a que o theatro grego, horrisono, mistura
A aljava em fogo, a lyra anciosa, o peplo ardente;
Bronteu, de Œdipo o enigma, astábulo inclemente,
Turba-multa espectral, horda de busaranhas,
Deixava, ao transmontar a escarpa das montanhas,
Flôres, sonhos, canções e aljofres rutilando...

Era feliz! O ardor das pugnas preparando
O poeta: o bardo após o heróe. A força e a graça
Sahiam da mesma ignea e mysteriosa massa,
Do mesmo hymno, do mesmo impulso, da mesma ara.
Contra as rochas Titan as correntes quebrára.

Nescio, volvera ao fundo exangue da materia.
Contemplava-a, e, tacteando, em vão, seguira a etherea
E elevada noção da vida. Agora, estulta,
Tua mesma memoria o velho pó consulta,
Ou nas tintas de Tory, ou na cruz do santero.
Que apostolo, Senhor, substituir a Luthero,
Que transformou o psalmo em pão de cada dia,
E do fundo do claustro, olympico, irrompia
Para clamar, sorrindo, ao povo: "O' bôa gente,
O lenho em que expirou o Cordeiro innocente,
Jorra em ondas de luz sobre as nossas miserias,
E magnanimamente ás almas deleterias
Nova trilha apontou na angustia do Calvario!
Jesus — symbolo vivo, arroio solitario —
De onde todo o esplendor universal promana,
Embora os temporaes que da inclemencia humana
Desabem sobre o mundo, á carencia, á seccura

Do ideal religioso oppoz essa doçura
Que é toda a sua lei e toda a sua gloria?
A expressiva illusão da vida transitoria,
Monumental, mas fria, apaixonou-o. Deu-lhe
Um rythmo delicioso. O idyllio embeveceu-lhe
O harmonioso instrumento. A's viçosas paragens
Da Galiléa, ouvindo-o, as múrmuras aragens
Sua voz, seu fulgor, seus sonhos transmittiam."

Triste Jerusalém, que as rôlas recolhiam
Ao calor virginal das suas azas mansas;
Melros azues, doceis, verdes como esperanças;
Paiz de églogas, sol de ouro, pulchro e divino,
Em que a oblata de Silo, e o oleo do peregrino
Pareciam descer da celeste morada,
Não deslustreis no pó a estringe immaculada.
Triste Jerusalém, viuva de tantos poetas,
Da sagrada collina as aves predilectas,
Manda que, recolhendo as lembranças de Tiro,
Num enlevo infantil, num canóro suspiro,
Esse delicioso e incomparavel drama,
Que em nupcias se engrinalda e em pastoraes se inflamma,
Revivam, confundindo os homens e as serpentes,
Do sagrado Jordão nas ribas florescentes.
Jerusalém renasce outra vez para o encanto
Das herdades, onde anda o lume sacrosanto
De Ginea, a alegria e a oração repartindo
Com a sua voz celeste e o seu candor infindo...

Por entre a populaça e as flôres que se abriam,
Bethzaida e Corazim, os hymnos recolhiam
Do ineffavel pastor. As montanhas, as terras
Do formoso Tell-Hum, de verdejantes serras,
Esplendente arrebol e froculos de neve
Na verdura louçã misturavam, de leve.
Lá, debalde o demonio islamita tentara
O fruto apodrecer, que ao calor sazonara
De martyrios sem conto, ora, empecendo a fronde
De lançar para os céus a ramaria, de onde,
Em extasis, a seiva hieratica subia
Ao influxo floral da nova lithurgia;
Ora, as fraldas do Hermon, de lendas inundando,
Lendas, com que os pagãos andaram captivando
As arvores do Euphron e as fontes da Bethania.

Que ventura sorrir a essa divina insania
Na barca, em pleno mar, como Simão Barjona,
E vêr, depois, em fogo, a alma subir á tona,
E fluctuar e esplender aos frústulos suspensa
Por duas forças só — a Caridade e a Crença!

Oh! terra decahida, oh! Galiléa em brazas,
Quem de arro vil manchou o ouro das tuas azas,
O estema em que fulgia a parábola santa,
Que ainda hoje o passaredo, ao romper d'alva, canta?
Contemplae, contemplae o firmamento augusto,
Purgatorio do hereu, paraiso do justo.

A religião christã é um remanso florente,
Feito de aroma santo e de graça innocente.
Mas as torres carpindo, e os austros ullulando,
Viram-na penetrar no carcere execrando,
De onde, ás levas, depois, os martyres divinos,
Ao toque dos clarins, ao repique dos sinos,
Lá iam, réus sem culpa, as mãos acorrentadas,
Ensanguentar o chão revolto das estradas.
Fôra, de facto, a infancia — a ingenua omnipotencia —
A alegria, o candor, a doçura, a innocencia,
A carcérula ideal que um novo mundo encerra,
Que em raptos virginaes, tomou posse da terra.
"Pae celestial, revela o segredo aos pequenos,
Põe mais luz, mais calor em seus olhos serenos,
E o teu reino, que é todo indulgencia e humildade,
Esparze em cada choça e accende em cada herdade.
Os pequenos, que são os grandes auditores,
Perfumaram-me os pés, ungiram-me a cabeça.
Que teu ósculo, Pae, sobre elles resplandeça
E illumine o porvir, como uma aureola santa.
Aqui, como no céu, ama-se mais a planta
Que, espontanea, reponta, e, sobriamente enfeita
A obra do homem, que é sempre illusoria e imperfeita.
Nada me alegra mais do que o louvor da infancia:
Muita sabedoria ha na sua ignorancia.

Ah! não n'a offenderia a esteril aspereza,
Se soubesse que força encerra essa fraqueza!
Nas aldeias, em festa, as creanças, sorrindo,
Ledas, commigo o mel, em favos repartindo,
Osculavam-me as mãos. e, ao longo dos caminhos,
Iam, depois, saltando entre as flôres e os ninhos."

Jesus assim fallára. Um casto irradiamento
Ia-lhe matizando a phrase e o pensamento.
Oh! vós, que á chuva e ao sol ides tão carregados,
Buscae-o e sentireis os hombros alliviados.

Eis o lado sublime e moral da doutrina.
O oasis de Jerichó — a lareira divina —
Lavou-lhe os pés, ouvio-lhe a voz, teceu-lhe um canto,
Que um dia lá foi ter ao mystico recanto,
Onde estava a scismar, de pé, como um vassalo,
O sycomoro, ao qual Zacheu, para saudal-o,
Ao surgir o cortejo, attonito, subira...
A belleza ideal de Jesus attrahira
Para esse obscuro valle em que Caná descança,
Toda a luz que é capaz de conter a esperança.

Sóbe a oração ao lar augusto, e o claro incenso
Espalhado em redor, doba-se, oscilla e intenso
Fulgor adquire, e, após, aromatico, passa,
Em tenuissimo fluido, em mystica fumaça,
Entre azas e canções, até chegar ao solio,
Onde canta a Ara-Cœli e esplende o Capitolio.
Ser-vos-ha concedido o que com fé pedirdes;
Se o barro que habitaes, com as proprias mãos partirdes,
De novo tornareis ao mesmo barro impuro,
Gemereis sem soccorro e velareis no escuro.

Os castigos estão na proporção da falta;
Não tragas, homem cego, a cabeça tão alta.
Se queres ser perdoado, ah! começa perdoando
O ministro insolente, o despota vitando.
Sim, voltarás ao bem, lustros embora, passem,
Embora sobre a terra as trevas despejassem,
Com medonho alarido, as infernaes potencias!...
Da humana ingratidão aos golpes e ás violencias
Sorri serenamente; a piedade e a virtude
Começa a praticar na tua juventude.
Não te affastes de quem o manto da miseria
Abriu para mostrar-te a chaga deleteria.
Continúa a semear mercês e beneficios,
Embora ingratos só brotem dos sacrificios
Que neste horrivel passo, ás occultas, fizeres.
Deus multiplicará o óbulo que lhes deres.

A ingratidão, sabei-o, é, sobretudo, a escola
Que nos ensina a amar cada vez mais a esmola.
Quem viveu e morreu fóra da caridade,
Debalde buscará por toda a eternidade
A salvação e o ceu. A avareza nos veda
Tudo quanto nos possa erguer depois da queda.
A fortuna, recebe-a antes como um castigo;
E' do espirito, em prova, o maior inimigo.
Thesouros amontoaes, Cresus, mas eis que um dia,
Sem que o previsseis, Deus a morte vos envia.
Onde ireis esconder todo esse ouro maldito,
Que vos está rasgando o coração afflicto,
Como agudo punhal inexhoravelmente!...

Haja o que houver, será castigado o que mente,
O que odiar e trahir, o que fôr pelas ruas
Os seus sonhos de amor e as inclemencias suas
Lançando á mesma tumba e ao mesmo árido veio.
A lampada que a fé traz accesa no seio;
A arvore á cuja sombra um anjo se assentára,
E aos fogos do nascente os frutos esmaltára,
Com o perenne esplendor que os bens celestes guardam;
Os que o Juizo final tranquillamente aguardam,
Verão brotar do pó cidades afamadas,
Umas, cobertas d'aço, outras, engrinaldadas,
Chocalhando ainda no ar o riso dos petauros,
Que o tempo amortalhou com os titans e os centauros.
E unidos cantarão os phónobos e os poetas,
Todos, sem excepção, egualmente prophetas;
E pelo mesmo olhar conduzidos na terra,
Verão, tambem, que os sóes que a immensidade encerra,
Valem menos que tu, se, arrependido, amparas
Quem, aos pés, cruelmente, humilhado, prostráras.

Almas Piedosas

Emquanto, longe, tróa o canhão e o furor
Das hostes recrudesce, e o lucto, e o sangue e a dor
Rasgam sulcos no chão e enchem de horror as almas,
Vós, santas, sob um céu, menos revesso, calmas
Piedosas, levantais um novo altar á fé.
Quem vos trouxe ? Que mão vos collocou ao pé
Da orphandade, sem pão, da miseria, sem tecto ?
Aqui, o lar sem mancha, além, o leito abjecto,
O assalto proditorio, a mesa farta, a lei
Do mais forte. A innocencia a confessar: "Errei!"
E errou porque ? Porque não lograste, sublime,
Na lucta desegual, entre a virtude e o crime,
Vencer, sem macular as asas no paul ?

Nescios! Interrogai á viração do sul
Porque não traz, agora, o aroma que trazia.
Ainda é a mesma a estação, no emtanto, a ventania
Carrega de visões tragicas o painel
Que sangra no arrebol e canta no vergel.
Oh! não interrogueis á luz por que rolára
De tão alto; ou porque o que era incenso ou ara,
Osculo puro em pleno ardor primaveril,
Se transformou em sanie, em charco, em lodo vil!
Sim, tornemos á paz, á alegria, á humildade,
Pois sem esta não ha nem fé nem caridade.

A caridade, sim; a caridade, a aurora,
A sorrir pelos céus, a cantar pelos vales;
O calor que o horisonte
Empurpurece; o tom, a magia que enflora,
Acaricia o mar, desabotoa o calix
No pincaro do monte.

Não é na esmola só em que consiste a graça:
A caridade e a fé são a essencia, a estructura,
A força e o movimento.

Expansão, direcção é só a fé quem traça;
Ella é quem tece a luz que os corpos transfigura,
Ao impulso, ao calor de um mesmo pensamento.

Do hyssope ao libatorio o mesmo rythmo. A chamma,
A irradiar; a fagulha a florir na campina,
A medrar no granito.
Quem tamanho poder ostenta ? Quem derrama
Esta aura multicôr que os mundos illumina
Pelo espaço infinito ?

Quem sobe do rumor insólito das vagas
A esse refuste astral que outras terras aquece,
Outros orbes povoam ?...
Alma humana ou rocal, nascem nas mesmas plagas,
Liga-as o mesmo amor; e, quando uma emudece,
E a outra os ecos atrôa,

Com o seu clamor e o seu queixume, ouvi: um dia
Haverá em que, eguaes, surjam na eternidade.
E quem as egualou ? Quem foi á terra fria
Levar a agitação e a seiva ? — A Caridade.

O sonho de Kotciusco, a colera do Cid,
O remigio invisivel
Do archanjo, além... a voz de Tirthêo, o revide
Brutal do Oceano contra o vendaval terrivel,

O que chamais virtude, o que chamais constancia,
Cegos, tudo na fé tem o seu fundamento.
Tomai a flor... sorvei-lhe a angelica fragancia,
Que no pistillo, embora, é sempre o pensamento.
Que diz ella ? Que quer ? Que sonho é o seu na estancia

De luz em que floresce, ou de amor em que pena ?
Oh! crença que não morre, oh! ancia, que não finda,
O que parou no bloco e resurgiu na antena,
E' a caridade ainda.

E' o calor, é a vida. E, antes de estar na esmola,
Andou a levantar das ruinas os imperios,
E erguendo uma prisão ao lado de uma escola,
E caravançarás ao pé dos cemiterios,

Fez que no mesmo plano a mesma luz brilhasse,
E que o homem comprehendesse o seu orto e o seu norte,
Que o verdadeiro albor começa no trespasse,
E a verdadeira fé só vem depois da morte.

A fé — o jugo suave, o peso leve... Ouvi-a
Nos rugidos do Endor, na voz da Pytonissa:
Da desordem dos cahos extrahiu a harmonia,
Da execração do escravo o culto da justiça.

Vinde, a Mesa está posta. Ha alguem á cabeceira...
Que olhar o seu!... Notai-lhe o gesto, a fronte, as mãos.
E' o mesmo que Zaccheu viu do alto da figueira,
E, que, agora, outra vez, vos vem fallar, christãos.

"Pois bem. Ide á mansarda e ao vosso irmão dizei:
O' nunca é iniqua a pena e nunca injusta a lei.
Sem ella, como achar o barco que a esperança,
Depois do temporal, solicita, vos lança?
O prostibulo, entrai. Quantas vezes, ali,
N'um corpo, em chaga viva, a innocencia sorri!
Relevai; e amparando a fronte dolorida,
Que o infortunio abateu no alvorecer da vida,
Fallai-lhe com brandura, ouvi-a como irman,
Pois não póde ser outra a religião christan.

Vinde a mim os que vão ás festas e aos certames,
A's garras arrancar dos phariseus infames,
Viuvas sem assistencia, orphãos sem protecção.
Não são elles, sou eu que vos estendo a mão.
Para se amar a Deus, deve se amar, primeiro
Quem anda á chuva e ao sol, cavando o dia inteiro.
Deixar sem leito o irmão, em verdade, é cruel!
Se lhe achardes a taça a transbordar de fel,
Ponde na vossa um pouco e me tereis servido.
Quanto sonho desfeito, em meio do alarido
Que a falsa caridade, em solo esteril, faz!
A ambição é feroz, a usura contumaz.
Essa que me attrahiu, porém, á vossa festa
Não é espuria, não. As suas mãos não cresta,
Quando as almas sacóde um desejo infernal,
Nas labaredas do odio ou nos brandões do mal.
Sim, é grata á minh'alma e ao meu amor infindo:
A sua voz é meiga e o seu olhar é lindo....

Póde bem ir ao céu, subindo á minha cruz,
Pois só no soffrimento é que se encontra a luz.
Os corações, aqui, brilham como um sacrario;
Vinde glorificar todas o meu Calvario,
Pelo auxilio prestado a quem vol-o imprecou.
Não ha de minha voz, que o tempo não turvou,
Apesar de rugir com furia o furacão,
Calar-se, quando os bons a reclamal-a estão.
Nem tão pouco a esperança o seu manto estrellado
Do trafico monstruoso aos pés espedaçado
Com terror heis de ver. E nem tão pouco o céu
Suas portas fechar á sanha do escarceu.
Vinde todos a mim, todos quantos em meio
A' matança feroz, ainda guardam no seio
A fé com que sellei o meu martyrio. Sim,
A verdadeira Egreja ha de surgir, por fim."

Não podieis achar no banquete da fé,
Quem melhor levantasse um *toast* ao vosso intento,
E mais presto accudisse, irmans, ao vosso brado.
Se é a Elle que servis, vosso dever qual é ?
Qual deve ser o vosso unico pensamento,
O vosso empenho, o vosso rumo, o vosso arado ?

Como em meio ao travor da ambição e da usura
Se unem os corações n'um mesmo anhello! O altar
Accende-se O mantel é de esplendente alvura...
Oh! transfiguração! A terra, ha pouco escura,
Assim que Elle partiu, começou a brilhar.

Que mealheiro opulento ha em tudo quanto vejo,
— Nesta reparação, nesta volta á humildade.
Tudo canta, scintilla, ama e exulta nos céus...
Lagos, montanhas, sóes, tudo é o mesmo lampejo,
E' sempre a mesma força, é sempre a Caridade,
A mesma essencia pura e luminosa — Deus.

Guilherme II

I

Não haviam ainda os eccos accordado
Da furia de Mavorte ao horrisono assalto.
Bois pasciam nos campos, lado a lado.
O alegre bando dos pardaes cantava no alto
Das frondes que um macio sopro ondeava...
Festins campestres, effusões nascentes,
Tudo as almas no mesmo anhelito abrasava...
Nos seus ardores innocentes
Quem presentir pudera a borrasca inaudita ?
Era abundosa a messe,
A mão que sacholava o alqueive, alma e bemdita...
Cada aldêa, dormia envolta n'uma prece...
Do pronáo da Ara-Cœli ao podio da Mesquita
A mesma paz, a mesma segurança.
O homem solemnisava o fervor da vindima.
Em baixo, na semente, o esto, o fogo, a esperança,
A mesma profusão e a mesma calma, em cima.

A flôr que Anacreonte e Horacio engrinaldavam
Com o seu ardor e o seu queixume;
Que as camenas e as dryades buscavam
Quando mais pura é a côr e mais furtivo o lume;
A verdura,
Os doceis novedios;
O alvor da neve, a mystica doçura
Do pôr do sol, a enleiar, em extasis, os rios;
As corollas, a lyra em que Petrarca andára
A ervar o seu idyllio, a esconder o seu sonho,
Tudo, de selva em selva, ou de ara em ara,
Descuidoso e risonho,
Parecia annunciar a paz. De Evandro a flauta
Novos descantes com as auras aprendia.
Era o esmalte da planta o que a choupana incauta
A's devesas trasia...

Corava o sol as aguas do ribeiro;
Passavam, um após outro, rentando as rosas,
A Oreade versuta e o Satyro folheiro.
De Pan e Apollo o glauco asylo as caprichosas
Deosas buscavam, loucas.
E as flôres nos vergeis e os passaros nos ninhos,
Pediam beijos a essas boccas,
Sonhos a essas visões, vozes a esses caminhos.

A esses, sim, de canções Propercio ungira
E seus carmes confiára. Em floreas urnas
Depoz a lyra,
Onde vinham gemer as virações nocturnas.
O' que horror! Estes campos verdejantes,
Estes talhões, estas paveias,
Estas serras, sem fim, altas e luxuriantes,
Não logrando reter as espumosas cheias,
Verão os seus asylos inviolaveis,
Invadidos, manchados !...
Barbaros inexhoraveis,
Pela mesma obsessão lubrica arrebatados,
Vossos altares, vossas leiras fartas,
Em torrentes de sangue, afundarão, sem pena !
E, além, nuvens de fogo altitonantes e hartas
A pique de rolarem pela arena.

Funda tristeza invade os Monumentos...
Arvores mudas,
Ao perpassar dos ventos,
Presas do mesmo horror, ás aldeas desnudas
Mostram num gesto extranho e tragico as campinas
Em flôr, a terra fôfa; os tumidos barbeitos
A lusirem ao sol. As aguas cristalinas
Nos barrocaes desfeitos,
Repetindo, não já os velhos themas,
Mas um novo pœan ao céu sombrio entoando.
Attingidas da Historia ás cuspides supremas,
Quem vai marchar na frente e assumir o commando ?
Quem do Etzel o alarido intempestivo, agora,
Ouve, e seguro da victoria espera ?
Quem á fé dos Pelagios se incorpora ?
Quem á Moral austera
Traça um novo roteiro ? Atila enfurecido
Vê-lhe a força augmentar ao cabo da chacina,
E, com espanto, surgir do solo revolvido,
O espectro de Salamina.

Quem, pois, venceu, quando, em setenta, ás hostes
De Moltke fogos e arraiaes tomaram,
E, em vólta dos balsões, e em deredor dos postes,
Seu insano furor, ebrias, desencadêaram ?

Oh ! do Státano já a trombeta furiosa,
"Vigança!" clama. A terra está coberta de ossos,
E as arvores de sons... Uma voz lastimosa
Alarma estes cardaes, compunge estes destroços!...
O vencedor foi ella, e não, tu, Allemanha,
Apesar de Sedan. Gloria a quem poude, arcando
Com tamanho gravame e provação tamanha,
Expulsar da fronteira o inimigo execrando.

Baluarte em que descansa o direito. Não treme
Se os dentes de Medusa
Mais aguçados vêm das forjas do alfageme,
Ou das de Thor que o raio, a cada instante, crusa...
Teu tragico destino, ó Guilherme, levou-te
A este sangrento e lugubre Aquilarre !
A sphynge-Omar, a sphynge-cháos, a sphynge-noute,
Tudo quanto a visão das cousas santas varre
Da nossa natureza,
Eil-o no teu altar, na tua fé se exalta.
Do orgulho foste, ao mesmo passo, a presa
E o abutre, a onda que o ráfalo arrebata
E, de encontro aos recifes estraçôa...

Cantões em chammas e cidades convelidas;
Serras que a furia dos clarins atrôa;
Abaladas, recontros, investidas
As selvas e os penhascos sacudindo;
A rapina, a impudencia, o incendio, o estupro, a insania
Pelas ruas a Morte conduzindo,
Como ás feras da Ircania,
Tudo entregaste, n'um assomo louco,
A' assolação e ao saque.
Funambulo procaz, estólido marzoco,
Desamparou-te a fé ? Causa-te medo o ataque ?

II

Immensos tratos, vastidões immensas,
Jazem na ruina e na esterilidade !
Veneração pelas alheias crenças,
Pela innocencia, pela virgindade,

Não n'a conhece o barbaro inflexivel.
Reencarnação do Huno feroz, Guilherme,
Teu braço, ha pouco, impávido e terrivel,
Cáe sobre o arção, inerme...
Uma guerra de opprobrio e captiveiro
E' o que a Allemanha está fazendo á Europa,
Que se vê nesse vasto taboleiro,
Que um sangue rubro e generoso ensopa ?

De um lado, a liberdade, a justiça, o direito,
A luz, que é a lei de Deus, e que as nações dirige;
Do outro, o ponto de vista apaixonado e estreito,
Se o orgulho, assim o impõe, se o egoismo, assim o exige.
As hostes liberaes, onde é maior o anceio
De ver o mundo congraçado,
Depois da collisão, do assedio e do bloqueio,
Mais fortes surgirão do solo ensanguentado.
Do vandalo Deus fez um coripheu sublime,
Do sanguinario alfange um raio de esperança:
E a Europa ha de sahir desse execrando crime,
Para uma nova fé, para uma nova aliança.
Era mister essa carniçaria,
Esse furor, esse encarniçamento.
O furacão que o mar enfurecia,
Tornando-o mais cruel com o soffrimento,
Brando, ás flôres trará com a bonança, o sincello,
Com o homem á relheira, a semente e a abundancia...
Ah ! como o sol ha de sorrir, ao vel-o
A refazer a vide, a melhorar a estancia !

Esse atro revolver de entranhas; essa furia
Belluina; esse rilhar de dentes pelas trevas;
Esse mixto de insania e de luxuria,
Que se não vê, nem mesmo, entre as visões medievas,
Ao teu macabro genio, ó Kaiser, o devemos.
Desse espantoso e tábido holocausto
Transfigurados todos nós sahiremos,
Embora o mundo tombe exinanido e exhausto.

Qu'importa a solução dada pelo destino ?
Seja o lucto qual fôr, nosso maior empenho
Deve ser desdobrar um manto esmeraldino
Sobre essa galeria de Carrẽño.
Quando é grande a celeuma, e a religião, tão pouco,
Logra galvanisar o coração exangue,

Deus manda á terra, quasi a sossobrar, um louco
Que a salva pelo incendio e a expurga pelo sangue.
Mantua, Verona, Brescia, ainda brandam aos ossos
"A pé ! Sinos tocai, rufai tambores ! vêde
Como ainda estão sangrando estes destroços,
Como estas boccas ainda estão com sêde !..."

Que odio nesses oplons, que rictus nestas faces,
Que a morte transformou n'um cháos horrendo !
Estas vagas são más, estas brumas mendaces,
Almas, que ides, além, no turbilhão gemendo...
Montões de entulho a cada passo.
— Arras em cinzas, Lierre em ruinas, Reims em chammas.
Do passado esplendor nem um só traço !
Quem foi, Guilherme, o autor de todos estes dramas ?
Todas as convenções, todas as garantias,
Que resultaram do convenio de Haya,
Não passaram de meras utopias,
Que a guerra, como o mar, lança, rugindo, á praia.
Posto assim em farrapos o direito,
Pela invasão é o gladio. "Ao Trocadero,"! exclama.
Extenuado, porém, tomba, rasgado o peito,
Quem contra aquelle urdira o pavoroso trama !
Barreira decisiva, ó Belgica, oppuseste
A essas hordas brutaes, a essas álgaras rudes,
Que entre as nações christans, são como Atrêo e Thieste:
— A crystalisação de todas as virtudes...

Tu foste o braço ingente, o intrepido baluarte
A vomitar lavas como crateras.
Teus gloriosos canhões ceifa-as por toda a parte,
Por toda a parte se ouve o escabujar das feras...
E' preciso vencer a todo o transe.
Firme na sella, á frente de seus bravos,
O grande Alberto, sem olhar o lance,
Sobre esse mar de fogo e essas legiões de escravos
Precipita-se. Quem mostrou mais animo,
E na pugna feroz maior pujança ?
Salvaste, sim, salvaste, rei magnanimo,
A civilisação, salvando a França.

A França — a iniciativa, a generosidade, —
Possue hoje, tambem, thesouros de pasciencia.
Como a encontrou essa fatalidade ?
Segura de que nunca é injusta a Providencia.

Que bello gesto ! Offerecer á Historia
Um holocausto mais. E, em meio da metralha,
Calma, ás nações sorrir, como quem a victoria
Tem certa no direito e certa na batalha.
Ha de o teuto morder, como Thersito,
O seu odio procaz, e a sua inveja estulta.
Pois a sua derrota, era o que estava escripto
No livro que o destino á nossa vista occulta.

III

Falas em Deus, Guilherme, a cada instante.
Não no Deus de Moysés, o Deus que a França invoca,
Que nas visões terrificas do Dante
Muito acima dos vãos sentidos se colloca.
Não foi elle que o facho de Volfanus
Accendeu nos celleiros de Termonde,
Na alma dos teus dragões, duros e deshumanos.
Onde o viste a sestear com os scelerados ? Onde ?
Tão pouco foi, em plena tyrania,
Da Roma de Catão á Roma de Loyola,
Para lançal-a, após, de novo, á barbaria,
Com o punhal a sangrar no fundo da sacola:
Ou prostituir-se ao ouro de Jugurta,
Ouro que a contumelia e a prodição açula,
Ouro que trapacêa, ouro que furta,
Que Verres delapida e Scaurus accumula.

O Deus em que Jesus fez concentrar-se a essencia
E os nossos corações, em trevas, illumina,
Guilherme, esse não foi, por certo, a Providencia
Que te precipitou nessa carnificina.
Não foi. Do sanguinario e horrifico elemento
No Divan tenebroso, obras como ministro,
A cuja voz fatal, como o bramir do vento,
Pallas mostra, de novo, o seu perfil sinistro.
O iconico fulgor que no solsticio attinge
O maximo poder e o maximo destaque,
Em teu peito depara um coração de sphynge,
Indifferente á dôr e indifferente ao saque.
Não é o Deus do justo o que a teu povo inculcas
E em teus palacios mora. e em teus brasões abrigas:
Deus, que a diplomacia abarrotou de esculcas,
Deus, que o universo inteiro entreteceu de intrigas.

Do lorario maldito, eil-o o avatar, de novo,
Insolente, a fitar a multidão perculsa.
Levanta-te, Israel, põe-te de pé, ó povo,
E o aventureiro audaz dos teus casaes expulsa.
Pelo solo empapado o vinho em lavas, jorra...
Na taça de Dietrich o huno selvagem bebe...
Qu'importa fenda o raio o tronco, e a seiva escorra,
Ao lado da albafeira, entre o carril e a sebe ?
Vamos ! Foi desta vez mal jogada a partida.
Confessa. Tinhas certa a victoria. A Inglaterra
Prostada. A Russia aos pés; a França malferida:
— Senhor de toda a Europa, algoz de toda a terra !...
Até que ponto póde uma obsessão constante
Levar um coração, cuja vontade é fraca,
Cuja veia loquaz, cujo genio arrogante
Fagulha no marnel e estrondo na resaca.

IV

Pasciente, os arsenaes de obuses entulhaste.
Ao festim de Kriemilt os povos convidaste.
E' um quadro a Gessler, um banquete a Borgia. Torvo,
Feliz, os olhos pões nos corpos amontoados,
Nos campos, nos lavrados,
Qual nos flancos da rez, crava as garras o corvo.

Remittidos, porém, o delirio e a matança,
Um dique á innundação, por fim, opposto, ó França,
O mundo inteiro exultará,
Povos, que o orgulho não desluz, depois da guerra,
Uni-vos para a paz, pois só na paz, a terra
Novos germens vitaes encontrará.

Estareis para sempre ao abrigo das hordas
Que vos tolhem a marcha e vos retem ás bordas
Do abysmo em que a ambição lança, ao acaso, os povos!
Dessa hecatombe, como da tormenta,
Que, em revoltos cachões, as represas rebenta,
Mais pingues e louçãos, brotarão os renovos.

E, tu, Germania, tu, que ao pensamento
Sobrepuseste a força, e ao mal, como ninguem,
Déste um tão grande e insolito incremento,
Porque não has de ser livre e feliz tambem ?

De um barbaro seguiste a aventurosa traça,
Para, depois, sem elmo, e, em lascas, a couraça,
Ao peso succumbir dos seus caprichos loucos.
Que te deu elle, dize, elle que, em vão, procura
Ao mundo subtrahir os rombos da armadura,
Que o inimigo tenaz lhe vae causando, aos poucos ?

Não; das ruinas do Imperio solapado,
Ha de, livre, surgir outra Federação.
Pois é desse estendal, rubro e desmesurado,
Que hão de sahir as vozes de perdão.

Vozes que querem ver a Allemanha impedida,
Não pela escravidão, mas pela liberdade,
E retomar seu posto onde for grande a lida
De remodelação, de solidariedade.

Não sucumbas, consciencia, alma, não te desoles,
Se foi profundo o golpe e incrivel o revéz:
O tufão que varreu Thebas e Persepolis
De seiva saturou as leiras e os semeis.

Nas mãos da França, pois, depõe o teu fadario.
Confia o teu direito á sua toga augusta:
Mas aquelle que a mão ergueu como Clotario,
Deve em sangue acabar, como acabou Locusta.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE